

Os Destemidos

Mary Canon

SAGA O'HARA – Vol. 3

Clássicos da Literatura Romântica

Título original: **The Renegades**

Copyright: Mary Canon

Publicado originalmente em 1982 pela

Worldwide Romance, Toronto, Canadá

Tradução: Cecília Florence Borges Rizzo

Copyright para a língua portuguesa: 1988, 358 p.

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.

Av. Brigadeiro Faria Lima, 2000 — 3º andar

CEP 01452 — São Paulo — SP — Brasil

Esta obra foi composta na Editora Nova Cultural Ltda impresso na Cia Lithographica Ypiranga

Outras edições:

Clássicos da Literatura Romântica

São Paulo: Nova Cultural, 1988, 356 p.

As melhores Histórias de Clássicos Históricos nº 25

São Paulo: Nova Cultural, 2000, 315 p.

PROJETO REVISORAS

Este livro faz parte de um projeto sem fins lucrativos.

Sua distribuição é livre e sua comercialização estritamente proibida.

Cultura: um bem universal.

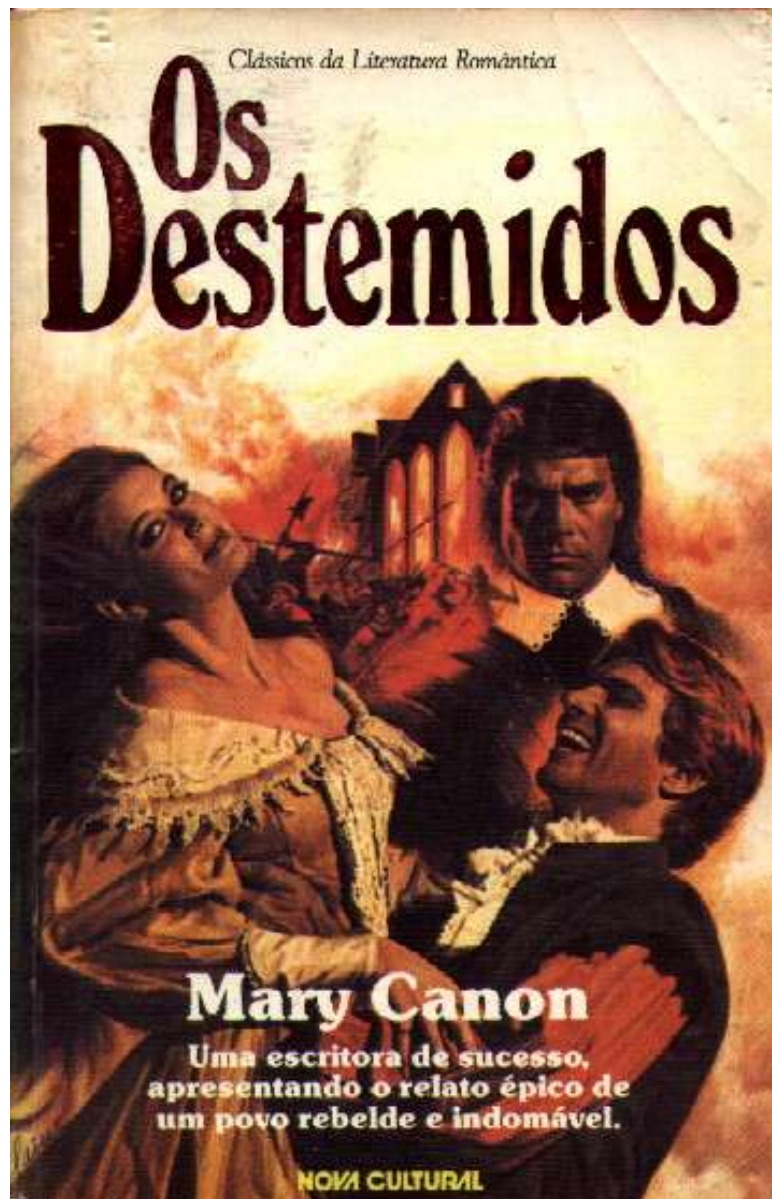
Disponibilização: **NutriRosangela**

Apoio: **contribuintes da caixinha**

Digitalização: **Palas Atenéia**

Revisão: **Cynthia**





**TRAÍDOS E EXILADOS, ELES ERAM OS GUERREIROS DE UMA
ESTIRPE DE HERÓIS.**

Sob a tirania de Oliver Cromwell, os irlandeses lutavam pela liberdade...

... de seguir sua religião!

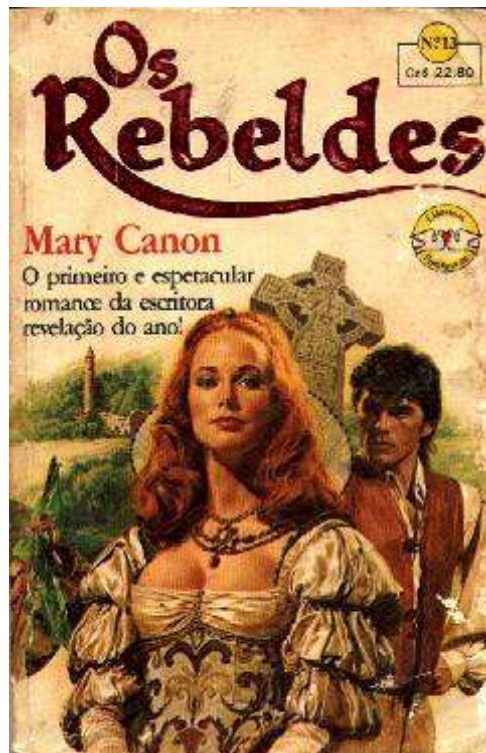
... de ter soberania política em sua terra!

... de viver e amar em paz! Os ingleses cobiçavam suas terras e a paixão de suas indomáveis mulheres, dispostas a não se entregar sem luta. Era preciso defender a vida, o amor e a linhagem do clã!

A LIBERDADE DE AMAR E A CORAGEM DE LUTAR POR UM IDEAL.

Outros livros da série:

SAGA O'HARA – 01 – Os rebeldes



SAGA O'HARA – 02 – Os aventureiros



A autora e sua obra

Mary Canon

Atriz experiente, Mary Canon conquistou a admiração do público, tendo mesmo se destacado na Broadway, no musical *Cyrano*. Nos últimos cinco anos, Mary trabalhou com o marido, Jack Canon, nas pesquisas e editoração dos manuscritos dele. Finalmente, estimulada por Jack, resolveu dedicar seu talento à própria carreira de escritora. O espetacular resultado foram os três volumes da dinastia O'Hara, a magnífica e apaixonante saga do povo irlandês, cujo último volume publicamos com o título de *Os Destemidos*.

PERSONAGENS:

OS O'HARA DE BALLYLEE

RORY O'HARA (The O'Hara): Chefe do clã, ele é um dos líderes da rebelião irlandesa, que almeja reconquistar as terras usurpadas pela Inglaterra e livrar o povo do jugo inglês.

AILEEN O'HARA: Esposa de Rory, mãe de Conor e Brian.

CONOR O'HARA: Um guerreiro lutando ao lado do pai.

BRIAN O'HARA: Irmão mais novo de Conor, exilado na França.

OS O'HARA TALBOT

SHANNA O'HARA: Irmã de Rory, viúva do escocês *sir* David Talbot. Uma rebelde, defende o castelo de Ballylee, o orgulho do clã.

MAURA O'HARA TALBOT: Filha de Shanna e David. No início da rebelião irlandesa é mandada para a França a fim de cuidar das crianças do clã.

PATRICK O'HARA TALBOT: Um grande guerreiro, irmão mais novo de Maura.

OS O'HARA DE BALLYHARA

DONAL O'HARA: Primo distante de Rory, casa-se com Maura.

MARGARET (MAGGIE) O'HARA: Vive na França, com Brian e Maura, no início da rebelião irlandesa. Retorna à Irlanda aos treze anos e se apaixona por Conor, seu companheiro de infância.

OS O'HANLON

KATHLEEN (KATE) O'HANLON: Arrendatária de um lorde inglês, apaixona-se por Patrick.

TIMOTHY O'HANLON: Irmão mais novo de Kate.

ELIZABETH, LADY HATTON: Inglesa nobre, cria o neto, Robert Hubbard.

ROBERT HUBBARD: Filho ilegítimo de Rory O'Hara e Brenna Coke Hubbard. Ao descobrir que tem o sangue dos O'Hara, luta para se apossar de Ballylee e reivindicar sua herança.

ELANA CLAYMORE: Filha de lorde Claymore, é uma espiã a serviço de John Redding.

SIR JOHN REDDING: Um espião valioso para as forças protestantes na Irlanda.

OLIVER CROMWELL: Alcança o poder como oficial do Exército Puritano do Parlamento. Conquista a Irlanda.

PRÓLOGO

OUTONO DE 1649
DROGHEDA — IRLANDA

O espectro da morte pairava sobre a cidade como uma mortalha, Há muito que o ribombar dos canhões havia cessado e não se ouvia mais pelas ruas o ruído estridente do aço contra o aço das espadas. Uma quietude terrível envolvia o lugar, quebrada apenas pelos gritos agonizantes dos feridos, pela cadência solene da marcha dos soldados nas pedras do calçamento, pelo choro de algum bebê abandonado ou pelo ruído seco de mais uma casa que tombava, destruída pelo fogo.

Uma força de vinte mil soldados havia desembarcado na baía de Dublin e, inexoravelmente, marchado para o norte através de estradas precárias e por entre castelos em ruínas e fortes incendiados. Ninguém se atrevia a interceptar-lhe a passagem, pois a sua reputação a havia precedido. Todos se acovardavam ao contemplar as túnicas dos soldados, rubras como sangue, que se destacavam, contra o verde brilhante da vegetação dos campos. Sem um desafio sequer, eles haviam alcançado os portais do lado sul de Drogheda e, embora a cidade fosse defendida por três mil homens da elite da nobreza da Irlanda, conseguiram abrir uma brecha nos parapeitos de defesa, na terceira tentativa. O massacre que se seguira fora rápido, impiedoso e total.

Agora, o capitão Robert Hubbard, do Novo Exército Inglês reorganizado por Cromwell, encontrava-se no arco do portal Duleek, acima do pátio da igreja de St. Mary. A luz bruxuleante das chamas espalhadas pela cidade refletia-se no seu peitoral e no elmo com viseira. O rosto de feições bem-feitas mostrava determinação e, sob as sobrelanceiras escuras, os olhos negros brilhavam como brasas.

Robert Hubbard observava, impassível, os irlandeses derrotados que seguiam em fila pelo portal e se amontoavam como gado no pátio da igreja.

— Está feito — murmurou ele com voz grave — e, no entanto, está apenas começando.

O governador da cidade, *sir* Arthur Ashton, havia dito que quem conseguisse tomar Drogheda poderia conquistar o inferno também.

“Ótimo”, pensou Hubbard, “o inferno foi tomado”. Agora era apenas

uma questão de tempo para o resto da Irlanda cair sob o domínio da espada dos puritanos.

Drogheda seria uma lição para as tropas rebeldes irlandesas menos fortes. Poucas, ou nenhuma, se atreveria a suportar um cerco sabendo que o Exército de Cromwell não teria misericórdia. Em Drogheda, frades e padres tinham sido executados à espada assim que encontrados; nenhum homem de uniforme, ou portando armas, fora poupado. Civis apanhados no caminho dos soldados ingleses também haviam recebido morte impiedosa e todos os corpos foram saqueados. Os poucos que se esconderam foram descobertos e chacinados sem compaixão.

Inclemência constituía a lei marcial e a colheita sangrenta daqueles que haviam semeado a rebelião.

— Não considerem o que fazemos como algo monstruoso — o general Cromwell proclamara —, pois o sangue que derramamos é o trabalho de Deus feito por nós em seu santo nome.

Robert Hubbard sorriu e pensou consigo mesmo: “Pois eles que façam o trabalho de Deus porque eu farei o meu.”

Mais uma vez o olhar dele percorreu a massa humana comprimida no pátio da igreja e a fila que se perdia muito além do portal Duleek até quase as margens do rio Boyne. Um a um, os prisioneiros, homens, mulheres e crianças, caminhavam com morosidade até uma mesa junto ao portal, à qual se sentava um sargento inglês envolvido por uma grossa capa preta. Em frente a ele estava um grande livro aberto.

O processo parecia interminável. Cada rebelde irlandês era obrigado a declarar nome, idade, lugar de nascimento e religião. Só depois de anotar os dados no livro, o sargento ordenava em tom monótono:

— Em frente — e a pessoa se juntava às outras, no pátio da igreja. Enquanto observava indiferente o desenrolar vagaroso da cena, Robert

Hubbard viu uma criança de uns cinco anos parar em frente à mesa. A expressão dela não denotava culpa nem remorso e o capitão imaginou como morreria esse “rebelde”, à espada, ou de fome.

— Exterminem hoje as crianças e amanhã vocês não terão rebeldes contra quem lutar — os oficiais de Hubbard haviam repetido com freqüência.

O raciocínio possuía lógica, pensou ele ao ver a criança desaparecer entre os irlandeses segregados no pátio.

O capitão já se retirava para seus aposentos quando um rapaz robusto, de ombros largos e cabeleira ruiva encaracolada, parou em frente à mesa do sargento.

— Nome?

— Conor O'Hara — soou a voz forte e grave de barítono, o que fez Hubbard parar e retroceder ao posto de observação.

— Lugar de nascimento?

— Ballylee.

— Idade?

— Dezesete anos.

— Religião?

— Irlandesa.

— Irlandesa, o quê?

— Homem irlandês livre — foi a resposta insolente.

O braço do sargento desenhou um arco no ar e a mão vibrou sonora e com força no rosto do rapaz, atirando-o ao chão. No mesmo instante, uma mocinha, aparentemente da mesma idade da vítima, de feições lindas e delicadas, cabelos também vermelhos, correu e, ajoelhando-se ao lado dele, tomou-lhe a cabeça entre os braços.

Com brutalidade, os dois foram separados por soldados, todavia, O'Hara conseguiu se desvencilhar e atirou-se contra o sargento.

A atitude insensata não obteve êxito, apesar da musculatura avantajada do jovem. O sargento, homem também forte, desviou-se e o rapaz caiu ao chão, sendo logo imobilizado pelo primeiro. O soldado puxou a adaga e a mocinha gritou.

— Sargento! — Robert Hubbard chamou com voz imperiosa lá de cima do seu posto de observação.

— Senhor! — respondeu o outro, conseguindo transformar o gesto de ataque numa continência.

Hubbard desviou a atenção para a menina. Seu rosto agora mostrava-se melhor iluminado pela luz dos archotes. Ele podia ver que, de fato, era lindíssima, com as maçãs do rosto altas e largas e os olhos verdes brilhantes sob cílios longos e densos.

— Seu nome? — indagou ele.

— Margaret O'Hara — foi a resposta em tom límpido e orgulhoso.

— É irmã do rapaz?

— Não, somos primos. Pertenço ao clã Antrim O'Hara de Ballyhara. Os lábios de Hubbard curvaram-se numa sombra de sorriso e um arrepio de antecipação percorreu-lhe o corpo. Mal podia acreditar na boa sorte.

— Esse rapaz, Conor, é filho de Rory O'Hara de Ballylee?

— É, sim — Margaret respondeu e franziu a testa um tanto perplexa.

— Sargento — gritou Hubbard —, ponha o rapaz e ferros e leve a mocinha a meu alojamento.

Ela pôs-se a protestar aos gritos, mas Hubbard, que já descia as escadas em direção ao pátio, não lhe deu atenção. O pensamento corria lépido, imaginando o dia em que o Exército de Cromwell alcançaria Ballylee.

Nesse dia, ele tomaria posse daquilo que considerava seu por direito de nascença, e o jovem Conor O'Hara estaria a caminho de Barbados, como escravo.

“Como seria bem mais fácil”, Hubbard ponderou, “reivindicar Ballylee sem o desafio da presença do meio-irmão na propriedade.”

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO I

JULHO DE 1641
BALLYLEE — IRLANDA

Durante o verão, oito anos antes do massacre de Drogheda, o tempo na parte ocidental da Irlanda era excepcionalmente bom. Banhada pelo sol acariciante, a terra coberta de vegetação abundante assemelhava-se a uma mulher reclinada, de pele macia e seios firmes, erguidos em direção ao céu azul. Acima do arco dos quadris, ficavam as ondulações férteis de Ballylee, a moradia ancestral do clã O'Hara. Ali o sol parecia brilhar mais, os pastos mostravam-se mais ricos e a aveia e a cevada cresciam mais altas.

A mansão de Ballylee, metade um castelo normando e metade em estilo Tudor inglês, engastava-se na cintura da mulher. Brilhava como uma jóia de pedra cinzenta e vidro, com o mar às suas costas e mais de vinte mil acres de terra estendendo-se por trás das muralhas de proteção.

Das janelas abertas no terceiro andar vinha o som alegre de vozes e risos femininos que se espalhavam além dos pomares bem cuidados e jardins floridos. Levado pela brisa, o som alcançou os homens que trabalhavam na reabertura do fosso, inutilizado anos atrás.

Dois deles interromperam a tarefa e ergueram as cabeças em direção à janela, onde surgira uma moça alta e loira, com um vestido verde-esmeralda. O sol transformava-lhe os cabelos sedosos em fios de ouro e cobria-lhe a pele alva de uma leve tonalidade rosa. Ela viu os rostos dos homens voltados para cima e acenou-lhes.

— Quando será o grande dia, *milady* Maura? — gritou um deles ao retribuir a saudação.

— De amanhã a um mês — respondeu ela com um sorriso revelador de dentes brancos e perfeitos.

— Como é linda — murmurou um dos homens ao outro.

— Tanto quanto a mãe, *lady* Shanna — concordou o segundo, com entusiasmo.

— Esse casamento unindo as duas famílias O'Hara, vai ser uma coisa muito boa — comentou o primeiro.

O outro sacudiu a cabeça e fitou, com aprovação, parte do corpo de

Maura O'Hara Talbot que a janela baixa deixava à vista.

— Os seus quadris são bons para ter filhos e os seios fartos para alimentá-los. Logo o castelo de Ballylee será pequeno para abrigar todos os O'Hara.

— Queira Deus que haja muitos deles para defender Ballylee a fim de que o castelo não tenha o mesmo fim de Ballyhara — retrucou o primeiro.

Ambos fizeram o sinal-da-cruz e voltaram ao trabalho. Não puderam ver o leve franzir de sobrancelhas da jovem quando seus olhos azuis desviaram-se deles e fixaram-se nos outros homens, que trabalhavam do lado de fora da muralha.

Há muitos anos, quando Maura era ainda criancinha, seu pai, *sir* David Talbot, mandara aterrar o fosso.

— Não existe mais necessidade disso — dissera ele. — Os tempos mudaram desde quando os malditos ingleses nos forçavam a procurar refúgio atrás de fossos e em torres de pedra. Os O'Hara e os Talbot estão em Ballylee e eu quero que vivamos com a mesma dignidade dos lordes ingleses.

O amado castelo de Shane O'Hara, um dos heróis sacrificados pela liberdade da Irlanda, encontrava-se em ruínas quando os filhos dele, Rory e Shanna, retornaram da França, depois de mais de dez anos de exílio. Atraídos pelo amor que alimentavam pela Irlanda, Shanna e o aventureiro escocês, David Talbot, haviam se apaixonado e casado. Com o auxílio de Rory, eles reconstruíram Ballylee, dando-lhe a grandeza e magnificência atuais.

Após o assassinato de David Talbot, em Paris, por um maníaco invejoso, Rory O'Hara havia continuado a reforma da propriedade. As terras de Ballylee foram aumentadas de dez mil acres para quinze mil primeiro e, depois, para vinte mil. A fortuna dos O'Hara aumentara dez vezes mais além do que era, até o nome se transformar em símbolo de poder, respeitado por uns e invejado por outros. E durante a infância toda de Maura reinara a paz.

Todavia, agora, o tio Rory O'Hara, o senhor de Ballylee, tinha ordenado a reabertura do fosso à volta do castelo. Só poderia existir uma razão para tal atitude: como todos na Irlanda, ele pressentia a iminência de uma guerra.

Um arrepio de medo perspassou o corpo de Maura ao pensar nessa possibilidade. Ela havia nascido em 1621, dezoito anos após a última batalha da rebelião do grande O'Neill e catorze depois da fuga dos condes para o exílio na Espanha, França ou Itália. Sua mãe Shanna e The O'Hara não passavam de crianças na época dos dois eventos, porém jamais os esqueceriam. Quantas vezes Maura e Patrick, seu irmão mais novo, tinham ouvido a mãe, *lady* Shanna, contar histórias sobre batalhas, o heroísmo

irlandês e as vicissitudes enfrentadas no exílio.

Contudo, sendo criada num ambiente de paz e prosperidade, Maura não conseguia imaginar a perspectiva de guerra, ainda mais quando faltava apenas um mês para o seu casamento.

Os filhos e filhas que esperava ter gozariam do mesmo amor, cuidado e alegria de viver que ela desfrutara até então. Ou seriam eles apanhados pelas atribuições e sofrimentos da guerra, como os O'Hara do passado?

Sempre existira uma tensão oculta entre católicos e protestantes na Irlanda e a recusa dos ingleses e irlandeses de confiarem uns nos outros. Porém Maura não se lembrava desses dois fatores terem sido tão evidentes e perniciosos como nesse último ano, quando a ansiedade disfarçada se transformara em alarme óbvio e palpável. Tinha-se a impressão de que as chamas do ódio logo voltariam a se erguer da fogueira adormecida que era a Irlanda.

Seria, então, essa a época adequada para contemplar a perspectiva de casamento e de filhos?

Maura sabia que a resposta era negativa, porém não se importava. Estava apaixonada e cada dia que a aproximava da consumação de seu amor inundava-lhe mais o coração de ternura e o corpo de desejo. Seu olhar percorreu as colinas a sul e leste. Logo, talvez hoje ainda, o irmão Patrick e o noivo Donal O'Hara cavalgariam de volta por aquelas ondulações verdes. Que notícias trariam?

Os dois jovens tinham sido enviados por Rory O'Hara ao castelo de Dublin, em atendimento a um pedido de James Butler, conde de Ormonde, que desejava uma reunião. Maura desconhecia detalhes da missão, mas ouvira conversa suficiente no grande salão de Ballylee para imaginar as razões principais do encontro.

O rei Charles da Inglaterra estava prestes a provocar uma revolução contra o Parlamento. Se surgisse a guerra civil, o soberano precisaria contar com o auxílio de tropas irlandesas para garantir a coroa. Todavia as esperanças que tinha a esse respeito eram nulas, pois sabia que a Irlanda se aproveitaria de suas fraquezas políticas para se rebelar contra ele.

Durante anos, os irlandeses, tanto os donos de terras como aqueles que as haviam perdido através da colonização inglesa, tinham suplicado ao rei que lhes garantisse o direito de propriedade e a liberdade de religião. Como lhe era característico, Charles havia vacilado em atender os pedidos dos católicos irlandeses, temeroso de, com isso, alienar os protestantes ingleses na Irlanda. Contudo, agora, a ameaça de uma guerra civil o forçava a tomar uma

decisão.

Ulick de Burgh, conde de Clanricarde, recentemente, apressara-se em ir à Inglaterra falar com o rei em nome dos nobres irlandeses e da antiga aristocracia inglesa. A missão dele era instar com Charles para garantir aos católicos irlandeses e ingleses os direitos de religião e propriedade. Se de Burgh obtivesse êxito em seus propósitos, tudo estava a crer que a rebelião irlandesa se deflagaria, permitindo à nobreza apoiar Charles contra o Parlamento e os puritanos.

No entanto, restavam duas incógnitas: o rei atenderia às exigências estipuladas? Em caso afirmativo, os líderes irlandeses acreditariam nele? Charles Stuart, assim como o pai, o rei James, não era conhecido por manter a palavra empenhada, muito menos em relação a causas irlandesas.

Maura sentia-se orgulhosa pelo fato de o tio, The O'Hara, ter escolhido Donal para ser o emissário dele, mas, ao mesmo tempo, estava muito amedrontada.

Um ano inteiro havia se passado desde o dia em que Donal O'Hara cavalgara pátio adentro do castelo de Ballylee, trazendo na garupa a irmãzinha Maggie, uma menininha de cabelos cor de cobre. Até hoje, Maura podia lembrar, com clareza, os mínimos detalhes da chegada deles.

O manto desbotado e gasto de Donal, os borzeguins esfolados e as calças justas axadrezadas davam-lhe mais o aspecto de camponês do que o de um lorde da nobreza. Os olhos escuros afundados no rosto de feições bem-definidas e bonitas transmitiam amargura profunda.

— Deus abençoe todos aqui — foram as primeiras palavras dele enquanto Rory O'Hara se aproximava e respondia à saudação logo em seguida.

— E que a graça dele resplandeça sobre você e a menina.

— Sou Donal O'Hara, filho de Cormac, lorde de Ballyhara, e esta é minha irmã Margaret.

As feições de Rory O'Hara demonstraram o choque sentido, porém ele se esforçara por disfarçá-lo e apressara-se em fazer os recém-chegados sentirem-se à vontade.

— Seja bem-vindo, primo. Apeie-se e os O'Hara de Ballylee lhe mostrarão a sua hospitalidade.

A família inteira reunira-se no grande salão a fim de ouvir a história dos viajantes. Porém, só depois de eles terem sido alimentados e a irmãzinha já estar deitada, fora que Donal, em frases curtas e precisas, mas cheias de angústia, a tinha contado.

Muitos anos antes, ainda durante o reinado da rainha Elizabeth, os escoceses tinham ido para Antrim e, com autorização da coroa, requisitado as terras. Cormac, o pai de Donal, se vira impotente para deter os invasores que, pouco a pouco, apossaram-se de quase toda a propriedade de Ballyhara. Os filhos mais velhos fugiram para as montanhas, onde se transformaram em assaltantes de estradas. As irmãs também tinham partido, umas para se casarem e outras para as ruas de Dublin.

Dois anos antes, em 1639, o velho Cormac O'Hara havia morrido. Na mesma época, o lorde tenente da Irlanda, Thomas Wentworth, aparecera com uma doação de Ballyhara, feita pelo rei James, a um tal William Parson. Para reter o pouco que restava da propriedade, Donal teria de pagar quinze mil libras a Parson e, como isso fosse impossível, o que sobrara de Ballyhara passara para as mãos de Wentworth.

Ao final da história, as mulheres choravam e Rory O'Hara sacudia a cabeça, numa atitude de compreensão. Ele conhecia bem o esquema aplicado pelo lorde tenente. Da mesma forma, o homem se apossara das terras dos O'Byrne e O'Toole em Wicklow, dos O'Brien de Cahir e dos O'Hanlon de Armagh. Assim, o ambicioso lorde tenente que, antes de transferir o apoio ao rei, não passava de um simples fazendeiro em Yorkshire com certa influência no Parlamento, conseguira uma grande fortuna.

— Eu e minha irmã somos o que resta do clã O'Hara de Antrim. Como meus irmãos, eu também fugiria para as montanhas a fim de ser salteador, porém esse não seria o tipo de vida que desejo para minha irmãzinha. Em Erin, correm histórias da prosperidade de Ballylee e por isso vim até aqui, primo Rory, para lhe pedir que me arrende um pequeno pedaço de terra. Trabalharei com afinco, como um criado seu, a fim de que Maggie também não vá parar nas ruas de Dublin.

A reação de Rory tinha sido imediata e sincera. Levantara-se e colocara as mãos vigorosas nos ombros do rapaz.

— Meu primo jamais será um arrendatário. Você é um O'Hara, como tal, compartilhará conosco de tudo que existe sob este teto.

E, então, Rory apresentara Donal a um por um dos parentes afastados.

Maura sorriu ao lembrar-se do momento em que aqueles olhos tristes fitaram os seus pela primeira vez e em que tivera certeza de que Donal O'Hara, um dia, seria mais do que um primo distante.

Agora, um ano depois, faltava apenas um mês para que se casassem.

Durante esse tempo, quase toda a amargura de Donal tinha desaparecido. O amor dele por Maura surgira e crescera a ponto de fazê-lo

esquecer a vontade de rebelar-se e reconquistar Ballyhara.

Será que a viagem dele e de Patrick ao castelo de Dublin traria de volta a velha amargura?

“Deus queira que não”, Maura desejou com fervor. “Deixe que os outros em Ulster, Munster e Pale briguem, lutem e até se matem, contando que aqui no oeste, em Ballylee, continuemos a viver em paz.”

— Ora, menina, pare de sonhar acordada à janela. Isso não apressará a volta do rapaz. Vire-se e veja o que temos pára você.

O pensamento de Maura voltou ao presente e a fez lembrar que sua mãe e Aileen, a irmã por parte de pai, tinham lhe pedido que mantivesse o olhar para fora do castelo até que elas lhe preparassem uma surpresa. Virou-se depressa e não pôde conter uma exclamação de alegria.

— Ai, mamãe! Aileen! Este é o vestido de noiva mais lindo do mundo! — confessou enquanto passava a ponta dos dedos pela renda finíssima que cobria o cetim, do decote à bainha. — E o corte é tão moderno que vou me sentir como se fosse a noiva mais elegante de Paris.

— Não tão exagerado como os que são usados lá — Aileen contradisse, rindo. — Este aqui vai deixar alguns mistérios para o noivo desvendar mais tarde.

As mangas eram curtas e franzidas e o decote, embora baixo, disfarçava-se com mais renda terminada à volta do pescoço, com acabamento de fita delicada.

— Você será uma noiva lindíssima, minha querida — Shanna afirmou, com os olhos escuros brilhando ao ver a expressão de alegria no rosto da filha.

— E digna dos O’Hara — Aileen acrescentou. — Se, ao menos, papai estivesse aqui para ver.

O olhar de Shanna sombreou-se e Maura abraçou-a depressa e com carinho.

— Ele vai assistir ao casamento, você sabe disso. Não se passa um dia sem que papai esteja conosco. Sentimos a presença dele para onde quer que olhemos em Ballylee.

Shanna recuperou o ar de alegria e concordou.

— É verdade, ele jamais nos abandona e se estivesse aqui, vivo, seria o mais alegre de todos. O maior desejo de David era que sempre houvesse O’Hara em Ballylee. E que melhor solução para isso do que uma O’Hara Talbot casar-se com outro O’Hara?

— Ora, mamãe, você fala como se a nossa união fosse incestuosa —

Maura protestou ao mesmo tempo que corava.

— Como assim? — Shanna inquiriu indignada. — Examinei nossa árvore genealógica e vi que você e Donal são primos, pelo menos, em quarto grau.

— Eu sei mas...

— Deixem de bobagem — Aileen interveio. — Vamos lá, Maura, tire esse vestido verde e experimente o de noiva. Quero ver se fiz um bom trabalho com a minha agulha — acrescentou, sacudindo a cabeleira loira e ondulada.

— Agora você mais parece tia do que irmã — Maura reclamou, provocando o riso das três.

Na verdade, o parentesco entre Aileen e Maura era pouco comum. Rory, The O'Hara, tio de Maura, havia se casado com Aileen Talbot, filha de David e fruto de uma aventura amorosa deste na mocidade. Portanto, Aileen era tia e meia-irmã de Maura ao mesmo tempo.

Às vezes, a situação ficava um tanto confusa, especialmente para o entendimento das crianças pequenas. Porém todos encaravam a questão com bom humor, pois o importante era a união que mantinham em nome da família O'Hara.

Enquanto Aileen ajudava Maura na troca de vestidos, Shanna encaminhou-se até a janela. A referência a David havia lhe provocado mais do que um simples aperto no coração. Que saudades imensas suportara durante esses anos de viuvez! Sentia falta do calor dos olhos cinzentos com que David sempre a fitara e das carícias das mãos dele em seu corpo. Até hoje, embora já passasse dos quarenta anos, Shanna sentia o lampejar do desejo quando se recordava dos momentos de amor vividos por ambos.

Ela sempre fora uma mulher ardente, David, porém, lhe estimulara a paixão de uma forma delicada e romântica. A verdadeira prova de seu grande amor por ele constituía no fato de nunca mais, desde a morte de David, ter sentido atração por nenhum outro homem.

David tinha sido um marido excelente e lhe dera uma filha lindíssima e um filho bonitão, embora um tanto impetuoso. Todavia, o presente maior dele, que Shanna valorizava mais do que a própria vida, fora o retorno do exílio na França para a Irlanda e o seu amado Ballylee.

Os O'Hara possuíam agora um pequeno império no lado oeste de Erin. Quinhentos arrendatários cultivavam a terra, o gado e os carneiros enchiam os pastos e as colheitas abundantes, além de alimentarem a todos, ainda eram exportadas.

“Não importa o quanto a família cresça”, Shanna ponderou, “Ballylee sempre poderá alimentar a todos”.

De repente, o riso límpido de crianças chegou aos seus ouvidos e ela desviou a atenção para o pomar logo abaixo. Viu, por entre as árvores, os dois filhos de Aileen e Rory, Conor e Brian, que corriam perseguidos por Maggie O'Hara. A cabeleira da menina brilhava como cobre polido quando ela saía das sombras e se expunha ao sol.

Como sempre, Conor, o mais velho dos três, conseguiu ganhar distância. Porém, mesmo com o empecilho da saia e anáguas rodadas, Maggie aproximava-se mais e mais de Brian. Finalmente, com um grito de triunfo, pulou nas costas dele.

Embora ambos tivessem oito anos, Maggie era maior e mais forte do que Brian. Como se fosse um menino também, ela o derrubou ao chão e montou-lhe o peito.

Shanna riu alto ao ver a expressão mortificada de Brian. Ele era um ano mais novo do que Conor e sempre se via derrotado em primeiro lugar em qualquer das brincadeiras em que os três se empenhassem. Ao contrário do irmão, cujo corpo já prometia proporções avantajadas, Brian possuía constituição esguia, quase delicada, como a de Aileen.

Quando se tornasse adulto, Shanna imaginava, Conor seria como o pai, Rory, com ombros largos, pernas e braços grossos cobertos por musculatura rija. Brian, por outro lado, seria mais alto, com o corpo flexível e resistente como o do avô, David Talbot. Já agora, os olhos do menino, de pálpebras baixas quando ele se esquecia da vida pensando em alguma coisa, lembravam a expressão do avô.

Brian tinha herdado também de David a mente aguçada e brilhante. Ele podia ser derrotado nos jogos que exigiam perícia física, mas era sempre o primeiro em se tratando de aulas e lições. Apesar da pouca idade, o menino já se iniciara nos estudos de filosofia, teologia e matemática, além de dominar três línguas diferentes.

Conor era justamente o oposto. Quando cavalgava, parecia fazer parte do animal e provocava exclamações de espanto nos lábios de Aileen e Shanna. Em vez de sentar-se à mesa e dedicar-se aos livros, ele preferia atravessar os campos de Ballylee à procura de algum arrendatário que tivesse sido soldado ou espadachim.

— São muito diferentes estes meus dois filhos — Rory admitia com frequência —, mas isso é muito bom, pois para dirigir Ballylee no futuro vai ser preciso tanto capacidade física como mental, conhecimento das artes marciais e sensibilidade para lidar com as pessoas.

— No que está pensando, mamãe? — Maura indagou com suavidade e

interrompeu o devaneio de Shanna.

Esta virou-se e os olhos ficaram úmidos de emoção ao constatar a beleza da filha no vestido de noiva.

— Você está radiante, minha querida — murmurou ela com voz embargada.

No mesmo instante, as três mulheres se abraçaram comovidas, as mãos trêmulas e os olhos rasos d'água.

— Temos tanta sorte — sussurrou Shanna — de podermos contar com o amor em nossas vidas.

— E isso — acrescentou Aileen — é a maior preciosidade de que poderíamos desejar.

Deitada na grama, ao lado de Brian, Maggie respirava ofegante por causa da façanha física que acabara de realizar. Um pouco mais adiante, encara-pitado numa árvore, Conor ria.

— Ela pegou você outra vez, Brian — caçoou ele.

— E daí, Maggie não consegue isso sempre? — retrucou o irmão, sem rancor.

Maggie sentou-se e sacudiu a cabeleira ruiva.

— Eu não o peguei, o coitado tropeçou.

A defesa que ela fazia de Brian provocou novo acesso de riso em Conor. Maggie sempre se esforçava para vencer o companheiro mais fraco e depois arranjava desculpas para sua vitória. Ele parou de rir e perguntou com fingida seriedade:

— É mesmo, você tropeçou, Brian?

Este sacudiu os ombros e sorriu meio sem graça.

— Acho que sim. Na verdade, não me lembro.

— Grandíssimo mentiroso — Conor replicou, pulando da árvore com a agilidade de um gato. — Vocês dois sempre tentam me tapear. Vamos brincar agora de piratas. Eu roubo a princesa e você, Brian, vai salvá-la de minhas garras lá no meu covil — sugeriu ele ao mesmo tempo em que agarrava Maggie e a atirava sobre um dos ombros como um saco de batatas.

Aos gritos, a menina começou a espernear e a bater com os punhos cerrados nas costas dele enquanto Brian discordava.

— Nada disso. Meu peito ainda está doendo da correria da última brincadeira.

Antes que Conor pudesse insistir, ouviu-se o som distante e melancólico de um berrante. Os três calaram-se e Maggie escorregou para o chão sem ser impedida. Ansiosos, fixaram o olhar para além da charneca e viram o grupo

de cavaleiros tomar forma e aumentar de tamanho.

— É The O'Hara — Maggie disse.

— É, sim, é papai — Conor gritou. — Vamos nos encontrar com ele!

Como sempre, os três dispararam juntos, porém, em pouco tempo, Conor distanciava-se à frente. Ele atravessou o campo de urzes, os joelhos levantando-se bem alto e os ombros movendo-se em cadência perfeita com as pernas. Sem parar, ultrapassou os estábulos e ganhou velocidade na trilha de terra batida.

Os cavaleiros agora se encontravam a menos de quinhentos metros de distância e Conor podia distinguir a silhueta do pai, que encabeçava o grupo.

— Papai! Papai! — gritou ele quase ao se encontrarem.

O'Hara sorriu, os dentes brancos realçados pela barba negra, e freou o galope do garanhão.

Só então, quando a possante montaria com o corpo atarracado do pai na sela separou-se do grupo, foi que Conor notou os dois cavalos no círculo formado pelos cavaleiros. Cada um portava um corpo atravessado na sela de madeira, com os pulsos amarrados aos tornozelos sob a barriga do animal.

— Olá, meu filho — O'Hara saudou com a voz possante e estendeu o braço forte em direção ao menino.

Este agarrou-o e viu-se içado, com agilidade, para a garupa do cavalo.

— Então, que diabruras o meu filho andou fazendo?

— Tantas quanto pude — Conor respondeu, rindo.

O'Hara virou a cabeça para trás e sorriu de novo ao fitar o menino. A expressão de Conor traía sua tendência às travessuras, o que sempre provocava exclamações desaprovadoras das mulheres e previsões pessimistas dos padres. Todavia os cabelos cor de ferrugem e os olhos azuis davam-lhe um ar de inocência enganadora.

— Se causou problemas para sua mãe, vou deixar a pele do seu sentador da cor dos seus cabelos — Rory prometeu.

— Não, de jeito nenhum, só causei problemas para Brian e Maggie e um pouquinho para o velho O'Higgin.

O'Hara fez que não ouviu, mas teve vontade de rir. Desde bem pequeno, Conor não perdia a oportunidade de provocar Dermott O'Higgin. O pobre meirinho resmungava e fingia não gostar quando o menino mexia-lhe na barba e cabeleira desgrenhadas, contudo, bem que gostava. Ele via nos filhos de O'Hara os dele próprio, mortos há tantos anos, durante as lutas da rebelião irlandesa.

— Você matou ladrões de ovelhas, papai?

— Matei, sim — O'Hara respondeu, sério. — Eles preferiram lutar em vez de fugir.

— Que bobalhões! — Conor comentou com naturalidade.

O'Hara já ia repreender o filho pelo comentário insensível, mas controlou-se e maldisse os tempos em que viviam, quando uma criança de nove anos dava tão pouca importância à morte. Mesmo assim, aconselhou-o de uma forma diferente.

— Filho, não faça mau juízo desses pobres coitados. Estão mortos e não podem mais se defender. Além de tudo, eram irlandeses como nós.

— O'Higgin diz que são malandros porque roubam seus patrícios — Conor argumentou.

— Olhe, meu rapaz, quando o umbigo de um homem se junta à espinha, ele não é mais capaz de reconhecer quem é amigo, ou não. Ah, meu Brian e querida Maggie!

As duas outras crianças, com a respiração entrecortada, finalmente encontravam o grupo, de cavaleiros. O'Hara parou a montaria e ajudou-as também a subir para cima do animal. Brian acomodou-se entre Conor e a sela e Maggie aninhou-se de encontro ao peito de Rory. A barba negra roçava-lhe o rosto e isso a fazia rir, alegre.

— O seu irmão e Patrick já voltaram, Maggie?

— Ainda não — a menina replicou e, em seguida olhou para trás. — Aqueles dois estão mortos?

— Estão — O'Hara respondeu com certa relutância.

— Eles são irlandeses?

— São, minha menina.

— Que pena — Maggie disse baixinho enquanto os olhos verdes se enchiam de lágrimas. — Sabe o nome deles?

— Não, pequenininha.

— Hoje à noite vou rezar o meu rosário pelas almas deles — prometeu ela num sussurro.

Rory O'Hara sentiu um aperto no coração. Nesse ano que se passara desde a chegada de Donal e Maggie e Ballylee, ele aprendera a amar a menina como se fosse sua própria filha. Lamentava muito vê-la exposta à brutalidade ocorrida fora de suas terras, mas sabia que essa era uma experiência necessária. Se amanhã o mundo lá de fora invadissem Ballylee com força esmagadora, seria preciso que as crianças de hoje enfrentassem a luta como adultos a fim de sobreviverem.

— Reze mesmo por eles, minha queridinha, e explique a Deus que não

tinham muita culpa pelos pecados cometidos — O'Hara aconselhou com suavidade.

Logo depois, o garanhão entrava pelo pátio do castelo, onde as mulheres do clã O'Hara esperavam para dar as boas-vindas ao senhor de Ballylee.

Aileen respirou fundo o ar da noite, refrescado pela chuva leve que caía, e levantou as mãos trêmulas para fechar as venezianas. Mal terminava de correr o trinco quando ouviu os passos pesados de O'Hara no chão de pedra do corredor em que ficava o quarto deles.

Depressa, ela foi sentar-se no banquinho coberto de veludo em frente à mesa de toalete. Ouviu a porta abrir e fechar. Quando a silhueta enorme do marido refletiu-se no espelho, Aileen escovava os longos cabelos loiros como se estivesse fazendo isso durante as duas últimas horas.

Contudo, ao erguer os olhos e fitar os do marido, percebeu que ele adivinhava seus temores. Desde o início havia sido assim entre ambos. Não precisavam de palavras para transmitir as emoções sentidas, pois um simples olhar, ou o leve levantar de sobrancelhas, serviam para uma comunicação perfeita. Era isso que acontecia agora.

Donal e Patrick haviam regressado um pouco antes do jantar. A efusividade da recepção amainara logo quando todos perceberam, pela expressão sombria dos rapazes, que as notícias não eram boas. Mesmo assim, à volta da mesa, ninguém se atrevera a tocar no assunto, já que competia a The O'Hara questionar os recém-chegados.

Terminada a refeição, o chefe do clã pedia aos rapazes para acompanhá-lo à pequena sala de trabalho de O'Higgin, no último andar do castelo, onde o velho meirinho os aguardava.

Durante duas horas tinham ficado lá, conversando e fazendo planos.

— Quais são as notícias? — Aileen perguntou, sem desviar os olhos das feições de Rory.

— Nada boas, menina — respondeu ele desanimado. — Na minha opinião, nem os mais exaltados as receberão com tranquilidade.

Rory livrou-se da túnica de couro e acomodou o corpo já não mais tão jovem, porém ainda ágil, numa poltrona de encosto-alto em frente à lareira. Enquanto desamarrava os cordéis da camisa de lãzinha, comentou irônico:

— Bendita seja a Irlanda. Mesmo em pleno verão precisamos acender a lareira para afastar a umidade.

— Seria essa umidade a única coisa que enregela os ossos dos irlandeses? — Aileen comentou pensativa enquanto, abaixada, ajudava Rory a se livrar das botas espanholas.

Finalmente, ele ficou apenas com os calções justos que se assemelhavam a uma segunda pele sobre os músculos fortes das coxas. Aileen serviu-lhe um copo de aguardente e, em pé, de costas para a lareira, admirou o homem a quem tanto amava. Sua vida revolvía-se inteiramente à volta dele que, há muitos anos, amara uma outra mulher e, no entanto, aceitara o seu amor, proporcionando-lhes a oportunidade de serem felizes.

Um arrepio perspassou-lhe o corpo ao lembrar-se da noite distante em que ficara na balaustrada da fortificação, lá em cima do castelo. Seus pensamentos e sua afetividade tinham sido tão claros e definidos como eram agora.

O'Hara havia voltado definitivamente para Ballylee, deixando para trás a França e a mulher que amava. Ele considerava a filha do amigo David Talbot como não mais do que uma criança. Aileen, porém, sabia que a realidade era diferente e, enquanto o fitara naquela noite, seu coração dissera:

“Não sou mais uma criança, Rory O'Hara, e sim uma mulher com paixão no corpo e amor no coração. Sei das lágrimas que você verteu e das mágoas que suportou. Acredite em mim, O'Hara, quando afirmo que poderei curá-las.”

Em voz alta, Aileen havia dito:

— Eu jamais farei com que se esqueça dela, mas você nunca se arrependerá por eu ter tomado o seu lugar.

Agora, ao admirar as feições bem-feitas, que o passar do tempo tinha deixado mais atraentes ainda, e o corpo seminu e forte, Aileen sentia-se segura de ter alcançado seus propósitos e mais ainda. Rory O'Hara a amava de corpo e alma e se, alguma vez, se lembrava da linda inglesa de cabelos negros, Brenna Coke Hubbard, a viscondessa Poole, era apenas por causa do filho nascido daquele amor.

Robert Hubbard devia estar com quinze anos agora e Aileen sabia que Rory, com frequência, pensava no filho que gerara mas não chegara a conhecer. Todavia, a preocupação dele com isso não interferia na vida conjugal de ambos em Ballylee, pois ela dera a The O'Hara dois filhos fortes e lindos, a quem ele adorava.

— Sabe que a luz das chamas atravessa sua camisola? — Rory perguntou em voz baixa, mas vibrante e sonora.

— Pensei que o seu olhar fosse de desânimo — Aileen disse com um sorriso.

— De desejo e de desânimo — Rory explicou rindo. — Desejo por você e desânimo pela estupidez e teimosia dos meus compatriotas.

Aileen teve vontade de se aproximar do marido e afagá-lo a fim de dissipar-lhe as preocupações. Porém notou-lhe o desejo de se abrir, por isso ficou onde estava.

— O nosso soberano pusilânime voltou toda a força da tirania dele sobre o seu próprio povo e está disposto a trair os que o cercam para salvar a própria pele. Ele assinou a sentença de morte de Wentworth.

— Então... — Aileen murmurou, atônita.

— Isso mesmo, Wentworth está morto, É o primeiro golpe de John Pym e do Parlamento contra a coroa. E, na minha opinião, o início de muitos outros.

Os olhos escuros de O'Hara encheram-se de sombras e a testa franziu-se preocupada. Aileen sabia e compreendia os pensamentos dele. Não existia um único irlandês que não houvesse odiado Thomas Wentworth, conde de Strafford e implacável lorde tenente da Irlanda, até um ano atrás, quando fora chamado a Londres para ser primeiro-ministro do rei. Mesmo assim, membros da aristocracia irlandesa, com mais senso de responsabilidade, sabiam que Thomas, durante o seu governo, tinha conservado a Irlanda para a coroa e impedido a rebelião.

Rory O'Hara pertencia a esse grupo. O raciocínio claro e inteligente mostrava-lhe que, se rompesse a guerra civil na Inglaterra, a única esperança para a Irlanda seria posicionar-se ao lado do rei. Caso este não saísse vitorioso, até o último dos católicos irlandeses encontraria uma sorte muito pior sob o governo dos puritanos no Parlamento. O líder deles, John Pym, ex-assessor de Somerset e advogado, era conhecido pela atitude inflexível e impiedosa na companhia contra o rei e os católicos.

O'Hara sabia que a maioria dos irlandeses discordava dele. Eles virariam as costas tanto para o rei quanto ao Parlamento e declarariam rebelião aberta contra ambos.

Aileen escondeu as mãos trêmulas às costas e se conscientizou da tempestade que se aproximava, ameaçadora.

— Então o rei Charles se negou a atender o pedido que mandamos por Burgh de tolerância religiosa e de direito à propriedade? — perguntou ela.

— Não inteiramente. Charles continua a governar, fiel à maneira de pensar dele e do pai, o rei James. Num momento, ele faz uma promessa e, no seguinte, nega-se a assinar o compromisso. Ele requisitará o apoio irlandês contra o Parlamento e depois se recusará a pagar o preço combinado.

O'Hara tomou um gole da aguardente e depois continuou a falar e a rir ao mesmo tempo.

— O bom rei Charles quer me comprar com o baronato. Que tal, menina,

você gostaria de ser baronesa de Ballylee?

Aileen ergueu o rosto e endireitou os ombros.

— Penso como você. Um título inglês de nobreza, um dia, terá tão pouco valor quanto a coroa que o concedeu. Não quero saber dele.

O'Hara riu outra vez e a fitou.

— Tem razão, mas você tem de admitir que a oferta de Charles é bem astuciosa.

— Ele é esperto até certo ponto. Como barão de Ballylee, você não teria outra escolha senão a de apoiá-lo, porém ele está sendo estúpido em supor que O'More, Phelim O'Neill e outros o acompanhariam.

— Esse gesto mostra como Charles conhece pouco os irlandeses. Eu ficaria tentado a aceitar o título se com isso conseguíssemos manter a paz — confessou ele.

O'Hara levantou-se e foi até a janela, que abriu. O vento agitou-lhe os cabelos levemente grisalhos e respingou-lhe o rosto de chuva.

— Mas a única coisa que resultaria de uma atitude dessa seria a perda do respeito dos irlandeses e dos antigos católicos ingleses por você — Aileen argumentou.

O'Hara podia ouvir o estrondo das ondas do mar na base do penhasco, abaixo das muralhas de Ballylee. De vez em quando, uma mais alta deixava ver a cumeeira de espuma branca de encontro ao negrume da noite.

— Imagino quantas vezes meu pai, o lendário Shane, deve ter ficado aqui neste lugar, sonhando com a guerra. E agora estou eu, porém não entusiasmado fazendo planos e sim atemorizado e cheio de apreensão.

Embora próxima do fogo, Aileen sentiu um arrepio de frio.

— O corpo da Irlanda, como sempre esteve, continua acorrentado. Mas aqui em Ballylee, Rory meu amor, nós vivemos em paz e nossas almas são livres. Não haveria uma maneira de acalmar nossos compatriotas e de os convencer a usar a estratégia de uma espera enganadora contra a coroa?

— Não, minha querida — Rory respondeu com voz pesarosa. — De qualquer forma, teremos de enfrentar a guerra, quer seja em apoio ao rei, quer seja pela própria Irlanda.

Aileen soluçou e correu para os braços dele.

— Já não chega nossos pais terem enfrentado os campos de batalha e a miséria da guerra? Será que nós haveremos também de trilhar um caminho semelhante? Será que os homens não podem se contentar com aquilo que a vida lhes oferece e viverem em paz, ou precisarão sempre pôr à prova o seu valor e coragem como guerreiros?

— Acho que sim, que somos guerreiros — O'Hara, murmurou, abraçando-a com carinho. — Os escoceses, o rei, Pym e o Parlamento, os irlandeses, enfim todos nós, rezamos a Deus a fim de derrotarmos uns aos outros. Fico imaginando se havia tantas guerras antes da Bíblia ter sido escrita.

Aileen ergueu o rosto cheio de indignação.

— Não culpe a Deus pela maldade dos homens e sim a maneira com que eles interpretam a palavra divina!

Os dentes alvos e perfeitos de Rory brilharam em contraste com a barba negra, num sorriso franco e afável.

— É isso que faço, minha menina, mas parece que não adianta muito. Aileen aninhou o rosto contra os pêlos negros e densos que cobriam o

peito atarracado dele. Reconhecia a razão do marido e isso intensificou o seu medo.

— Temos sido tão felizes no nosso canto da Irlanda — Rory sussurrou com voz acalentadora. — Poucos homens conheceram o, amor que tenho gozado em sua companhia e os meus filhos enchem a minha vida de alegria. Só mesmo uma guerra poderia me forçar a abandonar tudo isto aqui.

— Será que devemos nos contentar com o que temos e você deve ser um guerreiro como seu pai?

— Os tempos mudaram muito desde a época de meu pai. Ah, Aileen, minha menina e meu amor! Tive tanto mais do que ele! Nos dias do guerreiro Shane, os homens aspiravam mais pelos campos de batalha do que pelas camas de suas mulheres. Eles mal as viam, ou aos filhos, e lutar era a única coisa que sabiam fazer. Eu tive muita sorte de viver num tempo que me ensinou a valorizar a terra e o amor de uma mulher.

Os olhos de Aileen encheram-se de lágrimas.

— Porém, mesmo assim, você irá para a guerra?

O'Hara não respondeu e apertou-a com força entre os braços enquanto enterrava o rosto nos seus cabelos loiros e perfumados. Por alguns momentos, ficaram entrelaçados cheios de ternura e, então, Aileen viu-se erguida do chão para o colo dele, que se encaminhou para a imensa cama de dossel. O coração disparou-lhe dentro do peito, pois, embora triste, vibrava de antecipação diante do prazer. No colchão macio de penas, enquanto O'Hara se livrava dos calções, levou os dedos ansiosos aos cordéis da camisola, porém ele a impediu.

— Não, deixe que eu faça isso.

Com mãos fortes, mas cheias de delicadeza, Rory a despiu. Aileen

suspirou ao sentir as carícias no corpo e a ternura com que era beijada nas faces e nos lábios. Segurou uma das mãos dele e guiou-a aos lugares mais sensíveis e que lhe despertavam maior desejo.

— Que amor você é, meu querido, em tudo que faz. É uma lástima transformar um homem assim num guerreiro.

Rory ficou tenso por um segundo e ela pensou ter quebrado a magia do momento. Respirou aliviada quando ele se aproximou e envolveu-lhe o corpo com seu calor.

— Raramente, os guerreiros educados e gentis alcançam o fim de uma batalha. Por amor a você e aos nossos queridos, saiba que, quando chegar a minha vez, lutarei como um animal selvagem a fim de poder voltar logo aos seus braços.

— Então a Irlanda vai mesmo enfrentar a guerra? — Aileen insistiu.

— Certamente, mas isso pertence ao futuro e não a esta noite, meu amor.

Como se o corpo forte e troncudo não passasse de uma pena, ela o sentiu cobrir o seu, e o impulso firme com que a penetrou afastou-lhe a tristeza, ao mesmo tempo em que lhe incentivava o desejo imperioso.

Ao arquear o corpo de encontro ao do marido, Aileen murmurou com toda a sinceridade de seu coração:

— Não importa o futuro. Esta noite, e todas as que compartilhamos estão repletas do meu amor por você.

E como apenas uma mulher segura de si mesma, dos seus sentimentos e do seu homem pode fazer, Aileen entregou-se de corpo e alma a O'Hara, executando com ele a transformação mágica de dois seres em um só.

A chuva que caía não passava de uma garoa típica de verão. Alheia a ela, Maura mantinha-se ereta, com as mãos apoiadas no parapeito de pedra da balaustrada. Vestia uma capa escura com capuz que deixava visíveis apenas umas poucas mechas dos seus cabelos loiros. A sua silhueta tornava-se quase invisível na escuridão da noite.

Para Donal, em pé ao seu lado, o rosto pálido apresentava expressão inescrutável. Contudo, ele sabia que dentro dessa moça, que ele aprendera a amar tão profundamente, vibrava uma paixão apenas comparável à fúria da tempestade que parecia desabar num ponto distante do oceano à frente deles.

Como Rory O'Hara acabava de transmitir à esposa as notícias vindas da Inglaterra, ele também as comunicara à noiva. Maura havia aceitado tudo com calma, os lábios afinando um pouco e com um tremor imperceptível no corpo. Agora, ela mantinha-se em silêncio e Donal também não desejava falar. Preferia esperar que a mente aguçada de Maura apreendesse todo o

significado do que lhe havia dito.

Maura, por sua vez, sabia que o homem a quem tanto amava, e com quem logo se casaria, esperava por algum comentário seu, todavia não sabia o que dizer. O fato de que a rebelião irlandesa era inevitável e que Donal pretendia se juntar a ela, não importava o que The O'Hara resolvesse, a tinha deixado quase tão aturdida como as últimas palavras dele.

— Pois é, minha querida Maura, não importa o quanto a amo, é um O'Hara e um irlandês que devo ser. Se houver uma guerra, tenho de participar dela, não por apoio a um rei qualquer, mas pela Irlanda.

E, depois, Donal pronunciara as palavras que lhe envolveram o coração com uma garra gelada.

— Se nós nos casássemos antes e alguma coisa acontecesse, mesmo morto eu jamais me perdoaria, ainda mais se você ficasse grávida. Não seria justo, Maura. Talvez devêssemos adiar nossos planos.

Ele sugeria que cancelassem o casamento que nestes últimos meses ocupara todos os seus pensamentos? Morte? Como imaginar Donal morto e abandonado num campo de batalha? Impossível!, reagiu ela desesperada.

Maura nunca havia pensado com profundidade sobre a morte, pelo menos em relação à sua própria pessoa. Essa era uma coisa associada a doentes velhos. A morte havia ceifado as vidas de Shane O'Hara e sua querida *lady* Deirdre, seus avós, e também de David Talbot, seu pai. Eles estavam enterrados na capela de Ballylee, porém representavam mais uma tradição lendária do que um amontoado de ossos.

Maura estremeceu e Donal, instintivamente, a tomou nos braços. A capa entreaberta deixava ver a elevação dos seios acima do decote e ela os apertou de encontro ao peito dele. Apesar das roupas grossas, podia sentir a firmeza e o calor do corpo dele. Morreriam os dois? De forma alguma! Juntos, viveriam para sempre.

— Donal — murmurou ela.

— Sim, meu amor.

— Quero que me beije e me acaricie.

Ele tocou-lhe os lábios de leve várias vezes e depois tomou-os nos dele, num beijo longo e profundo. A meiguice e a doçura encerradas naquela demonstração de amor, como uma brisa leve, afastaram da mente de Maura as nuvens sombrias de apreensão. Finalmente, os lábios se separaram e Donal fitou-lhe os olhos brilhantes.

— Maura — começou ele, mas, ao contemplar a expressão de inocência amorosa que o seu rosto irradiava, sentiu em aperto no coração e não pôde

continuar.

— Vai haver casamento, meu amor, não importa o que aconteça — Maura murmurou ao conchegar-se mais a ele.

— Tem certeza de que é melhor assim?

— Desde mais nova, sempre achei que, quando chegasse o momento de amar um homem e me entregar a ele, não seria uma decisão que exigisse de mim muito tempo para raciocinar, mas algo que aconteceria naturalmente. Mais tarde, passei a imaginar como seria os momentos de paixão compartilhados com um homem, todavia isso não passava de mera indagação curiosa. Ora, Donal O'Hara, ou muito me engano, ou você está ficando vermelho!

Donal esperava que Maura não lhe notasse o rubor, porém não conseguiu impedir que ele se espalhasse pelas faces.

— Você nunca deixa de me causar admiração — Maura confessou rindo, no que foi acompanhada por Donal. — Desde o dia em que você e Maggie cavalgaram pelo pátio de Ballylee, percebi que logo teria uma resposta para minhas indagações. Você tem de concordar que trabalhei com afinho para conseguir isso, não é verdade?

Ele sorriu e beijou-lhe a ponta do nariz.

— Você me encantou — disse Donal.

— Pelo jeito, não o suficiente — provocou Maura. — Quantos encontros secretos tivemos que deram em nada?

— Isso, minha doçura, porque você é uma menina de família. E como se atreve a chamar passeios a cavalo, à tarde, de encontros secretos?

— Porque eu desejava que eles fossem isso. Ah, Donal, quantas vezes nessas tardes, deitados lado a lado à beira de regatos, ou entre as urzes floridas, eu quis que você me tomasse como deve ter feito a muitas mocinhas por aí. Vamos lá, confesse, Donal, pelo menos uma três criadas você deve ter seduzido.

O rubor dele aumentou, o que o fez afastar-lhe o capuz e esconder o rosto nos seus cabelos sedosos.

— Cuidado, menina, senão acabo tomando a sua palavra ao pé da letra.

— E então?

— Eu a possuirei aqui e agora.

— Ah, Donal, é o que mais desejo! Imagine fazer amor aqui, sob essa chuva macia, com o ruído do mar lá embaixo e Deus sorrindo, por entre as nuvens, a duas criaturas que se amam de verdade.

Com agilidade, Maura desamarrou a blusa e afastou-a dos ombros,

expondo os seios. Depois, tomou as mãos de Donal e as colocou sobre eles.

— Você é lindíssima — murmurou ele, acariciando os mamilos que se erguiam excitados — e tão voluptuosa.

— Não, sou apenas uma mulher que você inflama.

— Vai haver casamento e, naquela noite, eu a possuirei como minha esposa, numa cama macia e sem nada entre nós como deve ser.

— Eu amo você, Donal O'Hara.

— E eu a você, Maura, pelo tempo que Deus nos conceder

CAPÍTULO II

AGOSTO DE 1641
STOKE POGES — INGLATERRA

Uma garoa leve caía das nuvens baixas sobre as pessoas enlutadas que, em fila, deixavam a capela de St. Giles e caminhavam pela alameda de pedregulhos em direção ao pequeno cemitério. Todas, exceto duas, haviam sido pagas para derramarem lágrimas fingidas.

Durante a sua triste vida, Brenna Coke Hubbard, a viscondessa Poole, havia feito poucas amizades e conquistado vários inimigos. A sua conversão da igreja anglicana da Inglaterra para a fé católica a tinha alienado da vida social na corte e produzido ressentimento entre os poucos parentes.

Momentos antes, as pessoas tinham rodeado o caixão para olhar, pela última vez, essa mulher que suportara tanto sofrimento em vida. Ela haviam sido de extrema beleza, com cabelos negros e pele morena, e mesmo morta mantinha a expressão de Madona inspiradora de tantos poetas. As rugas de preocupação tinham desaparecido com o sono eterno.

Um ano antes, Brenna havia sido a única pessoa presente ao funeral do marido, Raymond Hubbard, o visconde Poole. Agora, ela mesma estava sendo acompanhada por representantes de duas gerações diferentes, a anterior e a posterior à sua.

Lady Hatton caminhava com passos incertos, apoiada na bengala e amparada pelo neto, Robert Hubbard. Apesar da idade avançada, não existia dúvida de que a velha senhora, vestida de cetim preto, era a mãe da lindíssima Brenna Coke Hubbard.

Aos sessenta e sete anos, mesmo já sem o viço da mocidade na pele *lady* Hatton não podia esconder a beleza com que, na juventude, encantara toda a Londres. Seus olhos verdes continuavam límpidos e brilhantes como duas esmeraldas e os cabelos ruivos, que agora se mostravam grisalhos, ainda eram penteados com elegância e gosto.

Ela havia sobrevivido a dois soberanos ingleses, a rainha Elizabeth e o rei James. A ambos, ela combatera com energia e amargura. Tinha ainda enterrado os dois maridos, *sir* William Hatton e *sir* Edward Coke. Não amara nenhum dos dois e passara a vida instigada pela ambição, através da qual

alcançara notoriedade, fortuna e posição social. Ela havia experimentado o sofrimento provocado pelo ódio e o êxtase de um grande amor. Agora levava para o descanso eterno a sua única filha, o fruto dessa paixão.

Finalmente a procissão parou ao lado da cova recém-aberta e as pessoas pagas para carregarem o féretro o depositaram sobre um suporte de caibros. *Lady* Hatton afastou-se um pouco para dar lugar, mais à frente, ao sacerdote puritano.

Enquanto ele lia a Bíblia, um sorriso curvou os lábios da velha senhora por detrás do véu que lhe cobria o rosto.

“Tudo bem, minha querida Brenna”, pensou ela. “Embora briguem aqui na terra, tanto o padre católico como o puritano rezam ao mesmo Deus. Acredito que qualquer um deles pode encomendar a sua alma, embora ambos afirmem o contrário.”

O sorriso se alargou pois *lady* Hatton lembrou-se das palavras do sacerdote quando ela lhe pedira que oficiasse a cerimônia.

— Não, madame, é blasfêmia falar sobre o corpo de uma mulher que abraçou a fé papista. Não posso e não farei isso, pois eu estaria cometendo um pecado.

O sacerdote pecava agora, mas Elizabeth tinha certeza de que a consciência dele estava em paz, graças às duzentas libras com que ela lhe forrara o bolso.

Tentou prestar atenção à voz monótona, porém outras do passado enchiam-lhe a mente. Que experiências ela e a filha voluntariosa tinham vivido! Ambas haviam compartilhado momentos de glória com os poderosos, tinham amado e rido com homens que prometiam mover montanhas e erguer nações.

E onde se encontravam agora aqueles que haviam aspirado tanta glória e poder? Quase todos haviam se vergado como arbustos frágeis sob a fúria do vento e, como Brenna, tinham voltado ao pó de onde nasceram.

“Que estranho”, Elizabeth meditou, “que você, minha doce Brenna, partisse antes de mim.”

Brenna tinha sido sempre uma criatura meiga enquanto Elizabeth fora inflexível. Onde a filha via bondade, a mãe encontrava fraude e decepção. Enquanto Brenna acreditava nas pessoas e tentava agradá-las, Elizabeth duvidava e fazia exigências. Uma morte tão prematura parecia uma maneira estranha de Deus recompensar uma serva fiel e obediente.

Lembranças! Às vezes, Elizabeth as achava reconfortantes, porém, com maior freqüência, elas lhe apunhalavam o coração sem piedade, deixando-a

entregue ao remorso.

Muito raramente agora, ela ia a Londres para ficar na sua querida Hatton House. Havia se casado lá há mais de meio século com *sir* William Hatton, um homem com mais do dobro de sua idade. Ele tinha sido bondoso, porém incapaz de inspirar paixão numa jovem linda. Aliás, por um longo tempo, Elizabeth duvidara de que, um dia, pudesse conhecer o amor.

Isso mudara ao conhecer Rory O'Donnell, um príncipe de um dos clãs rebeldes irlandeses. Com ele, chegaram o amor, a paixão e Brenna. Como se encontrasse viúva na ocasião, Elizabeth, para evitar um escândalo, vira-se forçada a escolher um novo marido antes do nascimento da filha.

Resolvera-se por *sir* Edward Coke, um dos muitos candidatos à sua mão, mas logo o casamento demonstrara ser uma experiência amarga e dolorosa. O'Donnell preferira retornar à Irlanda a que tanto amava e Elizabeth, encantada com a vida social que levava na corte em Londres, não se sentira disposta a renunciar à ambição e à fortuna a fim de acompanhá-lo.

Arrependia-se disso agora? Apenas quando se lembrava de ter presenciado a repetição das tormentas que assolaram a sua vida na da própria filha.

Brenna também, levianamente, havia se apaixonado por um aventureiro irlandês e, durante a vida toda, pagara um alto preço por isso. Forçada pelo duque de Buckingham, o favorito do rei James, a se casar com Raymond Hubbard, que, embora bondoso, era um homem de personalidade fraca e doentia, ela tentara enfrentar a vida da melhor maneira possível. Todavia, as dificuldades enfrentadas tinham sido arrasadoras. *Sir* Raymond Hubbard a amara com verdadeira adoração, mas Brenna, mesmo respeitando-o muito, nunca fora capaz de retribuir-lhe o afeto.

Durante os últimos anos de casamento, sua agonia crescera muito. Ao ver o filho único, fruto do grande amor de sua vida, tornar-se um rapazinho, Brenna não conseguia fitá-lo sem se lembrar do pai dele. Até para as pessoas mais ingênuas tornava-se óbvio que Robert Hubbard era filho do irlandês Rory O'Hara. Mãe e filho nunca haviam sido muito chegados, todavia essa reencarnação de imagens passadas os afastara mais ainda.

Coubera à mãe de Brenna criar o menino. Ao encontrar-se sob a garoa fina, ao lado do túmulo da filha, Elizabeth Hatton indagava-se sobre o tipo de caráter que havia forjado no rapaz.

Ele já se transformara em um homem, tanto fisicamente como mentalmente, apesar da pouca idade. Teria ela implantado no coração do neto muito da amargura e ódio que guardava no seu próprio? Instigara em

Robert força de vontade e ambição em demasia, tornando-o mais parecido consigo mesma do que com a mãe meiga e afável? Se assim fosse, iria ele, um dia, experimentar o mesmo gosto cruel nas recordações, como o que a atormentava nesse momento, ou dúvidas semelhantes às suas sobre a vida que levaria?

Muitas das vicissitudes e infelicidade que sofrerá na mocidade haviam sido provocadas pelos soberanos que governavam sua vida. O ressentimento nutrido contra eles crescera até transformar-se em obsessão. Insensível a qualquer raciocínio lógico, Elizabeth chegara à conclusão de que a emancipação do povo inglês, ricos e pobres, era mais importante do que as aspirações de Charles, o rei Stuart, que considerava divino o seu direito a governar.

Quando os puritanos no Parlamento começaram a se irritar contra Charles, Elizabeth Hatton havia sido uma das primeiras aristocratas a se posicionar do lado deles. Indignada, a rainha proibira sua presença na corte. Para piorar a situação, o rei aproveitara-se de sua inclinação política para confiscar-lhe boa parte de seus bens.

Essa atitude arbitrária servira apenas para enfurecer *lady* Hatton e estimulá-la a penetrar mais profundamente no campo puritano. A beldade que abrilhantara os salões da corte nos tempos de Elizabeth Tudor e de James I passava a ser a matriarca amiga do Parlamento renegado de Charles I.

Sempre que se tornava necessário um lugar secreto para reuniões, Elizabeth punha à disposição a casa em Stoke Poge. Não era raro ver os condes de Northumberland, Essex e Warwick, os lordes Holland e Saye, e o líder do movimento puritano, John Pym, passarem pelos largos portões de Stoke na escuridão da noite. Elizabeth não ignorava que seu neto Robert sabia das reuniões, embora ele jamais revelasse a opinião sobre o assunto, preferindo manter-se calado.

Apenas por causa de Robert, Elizabeth sentia uma certa apreensão com a sua tendência política atual. Devido à conversão de Brenna Coke Hubbard ao catolicismo e aos boatos que corriam a respeito da ilegitimidade do filho, a reivindicação de Robert ao título de visconde Poole talvez fosse negada. Se isso acontecesse, o jovem só poderia contar com os bens da avó como meio de sobrevivência. Contudo, estes estavam desaparecendo a olhos vistos, graças à atuação subversiva de *lady* Hatton.

Elizabeth não fazia idéia quanto à maneira de pensar do neto sobre essa questão. Aliás, desde pequenino, ele jamais deixara transparecer a linha de pensamento e raciocínio.

Às vezes, Robert lhe provocava a admiração, mais freqüentemente assustava-a. Ela achava desconcertante a maneira com que ele fixava os olhos negros e brilhantes no interlocutor. Mesmo quando o neto era criança, isso lhe provocava um arrepio de medo.

Não restava dúvida de que os olhos de Robert constituíam seu traço físico mais atraente. Eles podiam irradiar raiva num momento e, no seguinte, brilhar de alegria. Elizabeth sabia, no entanto, que a emoção era falsa, apenas um artifício para cativar os que o rodeavam. Existia uma frieza, até mesmo crueldade, no fundo daqueles olhos que nunca parecia extinguir-se.

O quanto mais podia se lembrar, Elizabeth sempre constataria uma aura de arrogância insolente à volta dele, mas mesmo assim Robert demonstrava boas maneiras e conseguia encantar as pessoas. As amizades cultivadas por ele eram só as que podiam lhe trazer alguma vantagem.

Elizabeth procurava ignorar esses aspectos negativos do caráter do neto e os atribuía à infância caótica que ele tivera. Apenas em momentos de depressão, ela se indagava se a crueldade aparente no olhar de Robert não havia sido insuflada pela sua pessoa.

Lady Hatton levantou o olhar e fixou-o na silhueta alta e vestida de preto do neto, ao lado do caixão.

“Como é bonito”, pensou ela, “com essa pele morena, cabelos e olhos negros de expressão penetrante. Tem apenas quinze anos e já é mais alto do que todos aqui. O que será dele? No pouco tempo que me resta, terei de me esforçar para garantir-lhe o futuro.”

O ranger dos caibros fez Elizabeth volver a atenção ao féretro que estava sendo baixado para as entranhas da terra úmida. Ouviu-se um baque final e abafado e ela levou o lençinho de renda aos olhos cheios de lágrimas.

Com o limpar discreto da garganta, Robert, que havia se aproximado, a fez erguer a cabeça. A única coisa que viu naquele instante foram os olhos dele despidos de qualquer emoção e sem uma lágrima sequer.

Robert Hubbard estava em pé à janela da biblioteca, com o gibão desabotoado e a ponta dos dedos enfiada na cintura dos calções. Lá fora, a luz do dia desmaiava com o chegar da noite e a garoa transformara-se numa chuva constante. Atrás dele, o fogo crepitava na lareira, lançando sombras dançantes nas paredes com estantes cheias de livros.

Sob a testa larga e a densa cabeleira negra e ondulada, os olhos escuros brilhavam como se perscrutassem o cenário cinzento do pequeno cemitério, que se via um pouco adiante, com a nova pedra bem no centro. Os pensamentos dele, como sempre, eram claros e precisos. Nem

desapontamento, nem pesar sombreavam as conjeturas que fazia a respeito da morte da mãe. Ele apenas avaliava a questão em termos de consequência que pudessem vir a afetá-lo.

Durante a infância, Robert chegara a ter pena da mãe, porém nunca a querer-lhe bem. Neste momento, a sua única sensação era de alívio produzido pela consciência da plena liberdade de que passaria a gozar. Esse sentimento começara um ano atrás com a morte do pai, Raymond Hubbard, o visconde Poole, e completava-se agora com o falecimento da mãe. Era com se as sombras que lhe tinham enegrecido a infância e juventude desaparecessem para sempre. Não seria mais forçado a demonstrar o respeito e a lealdade que jamais sentira.

Em vida, os pais tinham lhe dado muito pouco e na morte não lhe deixavam nada. Robert aceitava o fato sem lamúrias, pois aprendera com a avó a esperar sempre o pior das outras pessoas. Ela o instruíra a respeito da perfídia tanto de reis e nobres como do povo e lhe ensinara como vencê-la e prosperar apesar de tudo.

Robert assimilara bem os preceitos da avó. Seu credo resumia-se em sobreviver e progredir. Todos os seus outros anseios e emoções foram reprimidos até ficarem dormentes ou desaparecerem para sempre de sua mente. Agora encontrava-se livre para ir ao encalço de seus propósitos sem a obrigação enigmática de reverenciar o Deus das escrituras tão cultuado e temido pelos pais.

O ruído de bebida sendo servida em copos trouxe a atenção dele de volta à biblioteca. Virou-se e aceitou da mão de veias azuladas da avó o vinho que lhe era oferecido. Por alguns momentos, permaneceram em silêncio, ela sentada e Robert em pé à sua frente, observando-lhe os cabelos grisalhos e os ombros ligeiramente curvos. Finalmente, *lady* Hatton levantou o olhar e o fitou.

— Então, agora, restamos apenas nós dois.

— É o que parece, madame.

Elizabeth estremeceu ligeiramente e, se o neto notou sua reação, não deu a perceber. Na infância, ele costumava chamá-la de vovó, mas mudara a forma de tratamento a partir da morte de *sir* Edward Coke, em 1634. Na verdade, a maneira gananciosa com que *lady* Hatton se apossara de Spoke Poges no mesmo dia do falecimento do marido havia provocado várias mudanças no menino.

Robert se encontrava na sala quando ela gritara com o oficial de justiça, declarando não necessitar da ajuda dele. Não restava dúvida de que a

propriedade lhe pertencia, já que *sir* Edward a havia adquirido com o dinheiro da herança do primeiro marido, *sir* William Hatton.

O oficial, indignado, protestara:

— Naturalmente a casa é sua, madame, porém, se a senhora não amou ou respeitou o homem em vida, poderia, ao menos, fazê-lo no dia da sua morte.

— Nem pela salvação da minha alma eu faria isso! — gritara ela com raiva. — Meu marido comportou-se a vida inteira, até a hora da morte, de maneira repugnante e abominável. Não vejo por que deva mudar minha opinião a respeito dele depois, que finalmente se foi!

Quando o oficial saíra, desanimado, Robert havia perguntado com olhar penetrante:

— Por que mamãe declara ter tanto amor por papai e você um ódio tão grande por vovô?

— Porque amor não tem nada a ver com casamento. Um dia, menino, você vai descobrir que essa instituição foi feita apenas para extirpar das mulheres tudo que elas possuem, exceto suas almas. E, de qualquer forma, *sir* Edward não era seu avô, por isso você não precisa respeitá-lo.

— Mas eu quero, vovó.

— De forma alguma! Ele nunca se importou com você e você não há de reverenciá-lo.

Robert não entendera a atitude da avó e Elizabeth não se explicara melhor. Aliás, ela não sabia como revelar a um menino de oito anos, o suposto filho do visconde Poole, que tanto ele como a mãe eram filhos naturais de rebeldes irlandeses e, portanto, não tinham parentesco algum com o homem que Robert chamava de avô. Todavia, ela falara com tanta energia e veemência que o menino ficara chocado e amedrontado.

Confuso, Robert deslindara a situação com uma lógica razoável: se *sir* Edward não era seu avô; *lady* Hatton também não podia ser sua avó.

— Como queira, madame — disse ele, e nunca mais chamou-a de vovó. Agora *lady* Hatton revolvía o copo entre os dedos e preferia baixar os olhos a fitar a frieza no olhar de Robert. — — Como você deve saber, sua mãe não lhe deixou nada.

— Eu não esperava mesmo — replicou ele.

— Não sou mais tão rica quanto era antes, mas ainda tenho o suficiente para fazer de você um cavalheiro de posses.

Um riso seco escapou dos lábios de Robert e ele postou-se em frente da cadeira da avó.

— Se esse desentendimento entre o rei e o Parlamento continuar, eu me atrevo a dizer que logo teremos uma guerra. Caso o soberano vença, duvido que ele lhe deixe alguma coisa.

A lógica fria a fez estremecer mais uma vez. Como podia um jovem de quinze anos raciocinar como um homem do dobro de sua idade? Entretanto, se admitisse a verdade, Elizabeth teria a resposta: ela havia sido a mestra do neto.

Ignorando as dúvidas que recentemente a atormentavam, ela continuou em voz firme:

— Exatamente por essa razão, Robert, você deve fazer sua escolha. Sugiro que abrace a causa puritana, embora não a aceite com sinceridade.

Robert suspirou e voltou para a janela. Ele não simpatizava com religião alguma e muito menos com homens que exortavam os outros a seguirem o caminho escolhido por eles. Mas, acima de tudo, ele desprezava os puritanos.

Robert considerava a si próprio como membro da nobreza, um homem de educação e cultura, um produto da aristocracia. Não sentia a mínima atração pelos homens e mulheres vestidos com roupas grosseiras e pretas e de modos rudes que cantavam salmos de louvor dia e noite. Não os respeitava e valorizava tudo que eles condenavam: vestimentas elegantes, casas confortáveis servidas por criadagem de classe inferior.

— Acredita realmente na fé puritana, madame?

— Você sabe que não, porém creio que eles acabarão controlando o rei, cujo governo, como o do pai, é cego e injusto.

— Concordo com a sua opinião quanto a Charles, mas não que os puritanos o vençam. Eles pertencem à ralé e não possuem refinamento ou berço algum. Não, o rei sairá vitorioso no final. Arranjarei uma maneira de angariar-lhe as boas graças a fim de me garantir um lugar entre os pares do reino, aliás meu por direito hereditário.

O suspiro de *lady* Hatton foi tão profundo que Robert virou-se, surpreso. Desanimada, ela o aconselhou:

— Sente-se, Robert. Não importa como vão terminar os problemas na Inglaterra, você nunca será o visconde Poole.

— Eu me nego a lhe dar ouvidos, madame. As provocações e boatos durante a minha infância...

— Eram verdadeiros, Robert. Sente-se e me ouça!

Elizabeth quase sorriu ao ver a palidez do rosto do neto enquanto ele se sentava. Percebia ter tocado no único ponto sensível e vulnerável dele. Não mais a expressão de insolência marcava-lhe o rosto e o homem seguro de si e

mais velho desaparecera para dar lugar ao jovem amedrontado.

— Verdadeiros?! — perguntou ele, incrédulo.

— Isso mesmo. Sua mãe escreveu um relato sobre a vida dela e outro sobre a minha. Prometi-lhe que os daria a você quando ela morresse, mas não pretendia cumprir a palavra dada. No entanto, percebo agora que devo fazê-lo.

— Como assim? — Robert indagou.

— Porque vejo a necessidade de lhe provar que não existe possibilidade de escolha nesta questão. John Pym e o Parlamento são o único caminho aberto para você.

— Não! Repito que não quero lhe dar ouvidos. Sou filho do visconde Poole, par do reino, e uma cadeira na Câmara dos Lordes é minha por direito!

Pesarosa, Elizabeth levantou-se e atravessou a sala até a escrivaninha, cuja gaveta abriu com uma chave. Dela retirou um volume grosso, encadernado a couro, que, sem uma palavra entregou nas mãos de Robert. Com o auxílio da bengala, ela deixou a biblioteca bem devagar.

Quando voltou mais tarde, toda a luz havia desaparecido da janela. Robert continuava sentado ria mesma cadeira, com os ombros curvados e a cabeça entre as mãos. No chão, estava o volume encadernado a couro.

— Agora, você sabe a verdade — murmurou Elizabeth. — Se reivindicar seu assento na Câmara dos Lordes, o velho escândalo se tornará público e você terá seu pedido negado.

Quando Robert ergueu a cabeça, sua palidez parecia maior e, pela primeira vez, Elizabeth viu lágrimas nos olhos negros. Com grande dificuldade, ele pediu:

— Conte uma coisa que não está neste livro. Fale sobre Rory O'Hara de Ballylee.

CAPÍTULO III

FINS DE AGOSTO DE 1641

BALLYLEE — IRLANDA

O dia do casamento de Maura e Donal amanheceu radioso e o perfume do pilriteiro permeava o ar. Quando o canto do rouxinol desapareceu, o do cuco se fez ouvir e os raios de sol iluminaram o colorido vibrante dos jardins de Ballylee, o castelo todo começou a vibrar, cheio de vida. Lá embaixo, na cozinha e na despensa, vozes alegres acompanhavam rostos felizes enquanto montanhas de comida eram preparadas.

Longas mesas estavam sendo arrumadas sob os teixos e carvalhos frondosos. Ao chegarem os primeiros convidados, elas já se apresentavam prontas, com toalhas de linho finíssimo e decoradas, de uma ponta a outra, com flores. Cada lugar tinha seu copo de cristal veneziano e até um garfo, embora todos soubessem que poucos seriam usados. Por ordem de O'Hara, o único metal a ser usado seria o estanho.

— Mesmo que possuíssemos uma grande quantidade de prataria, seria muito indexado exibir nossa riqueza quando muitos de nossos convidados são tão pobres.

Nesse dia, os nobres gaélicos iriam se misturar com a aristocracia inglesa da Irlanda. Para cada O'Reilly, O'More e O'Neill, estirpes de Erin, haveria os lordes Gormanston, Antrim e Claymore, fiéis à coroa da Inglaterra.

Otimista, O'Hara não esperava explosões temperamentais, pois, embora esses homens tivessem opiniões políticas diametralmente opostas, possuíam um ponto em comum: todos eram católicos e se encontravam ali a fim de assistirem a um casamento oficiado nessa fé. Naturalmente, o pastor protestante, nomeado pela coroa inglesa, receberia seus honorários, mas seria o padre Heber MacMahon, vigário de Clogher, quem celebraria a cerimônia..

O'Hara era um dos poucos nobres irlandeses ricos que mantinha relações com os velhos lordes ingleses. Ele não os havia convidado apenas por razões sociais, mas também como um gesto político. Contava, com isso, afastar qualquer suspeita sobre a reunião planejada para esse mesmo dia, mais tarde, pelos irlandeses dispostos a deflagrar a rebelião.

Na verdade, ele não concordava com esse encontro e comentara o

assunto com Dermott O'Higgin.

— Sabe, meu velho amigo, a guerra não me atrai, muito menos uma rebelião.

— Contudo, milorde, é ao senhor que todos procurarão.

A expressão usada pelo meirinho o fizera sorrir. Desde o primeiro encontro dos dois, há muitos anos, numa charneca, O'Higgin insistia em usar o tratamento formal. Rory seria sempre, para ele, The O'Hara, o senhor de Ballylee e filho de Shane, o herói irlandês.

— Sei disso, O'Higgin — concordara suspirando. — Não se esqueça, entretanto, das hordas que a rainha Elizabeth enviou à Irlanda. O'More, O'Neill e outros eram muito novos na época para se lembrarem disso agora.

Mais uma vez, como nos tempos da rainha, haverá um preço sobre as cabeças dos lobos.

— Pois que seja assim — o meirinho insistira. — Melhor morrer lutando com as presas à mostra do que de fome sem dentes. É o seu destino, milorde. O senhor é The O'Hara.

Rory sorria outra vez. O'Higgin não era político, porém era irlandês até a medula.

— Destino, O'Higgin? Essa é uma palavra muito forte, que deve ser usada apenas para os reis. Eu gostaria de ser apenas um fazendeiro e viver em paz.

— Se todos na Irlanda pudessem prosperar como nós aqui, em Ballylee, não haveria necessidade de serem rebeldes. Mas, tão certo como as chuvas deixam verdes os campos da Irlanda, as chamas crepitarão em Ulster. De lá, elas se espalharão para o sul e, com o tempo, aqui para o oeste. Ballylee, milorde, não é uma ilha dentro de outra — argumentara o meirinho com um sacudir de ombros.

O'Hara assentira calado enquanto Higgin se afastava, deixando-o a sós com os seus pensamentos sombrios.

O velho amigo tinha razão e o sonho de David Talbot de paz e prosperidade eternas não passava de utopia.

“Destino”, ponderara ele desanimado. Quando menino, ouvira muitas vezes a expressão do padrinho O'Donnell e, mais tarde, da irmã Shanna, quando ela lhe suplicava que voltassem à pátria e a Ballylee. Na época, O'Hara não desejava e nem considerava isso possível. Na França, a serviço de Richelieu, achava que o seu destino resumia-se nas noites passadas em prostíbulos e tavernas. E que outra solução melhor para um jovem irlandês pobre, cujo único bem resumia-se na destreza de espadachim?

Depois, na Inglaterra, ele pensara que o seu destino seria a morte, no entanto, fora o amor. Quanto tempo se passara desde aqueles dias tumultuados! Por mais que tentasse agora, não conseguia rever na mente as feições lindas da morena Brenna Coke.

A ferida provocada pela separação de ambos havia cicatrizado, sem deixar marcas, por Aileen, a esposa de beleza loira, em cuja companhia reivindicara suas terras e encontrara a paz. Há muitos anos que já considerava ser esse o seu destino, porém hoje, no dia do casamento da sobrinha, ele sabia que a falsidade do seu sonho se tornaria evidente.

“Agora sei que, como O’Donnell, o grande O’Neill e Shane, meu pai, que me precederam, o meu destino é a guerra. Parece que esse é o destino de todos os irlandeses”, refletiu ele enquanto abotoava o gibão de cetim azul escolhido para usar na festa de casamento. Em voz alta, murmurou:

— Que seja assim.

Maura estava bela como uma pintura ao caminhar pela passarela, conduzida pelo tio Rory O’Hara. A luz do sol e as sombras que as margens das árvores deixavam refletir em seu rosto davam-lhe uma radiossidade provocadora de exclamações de encanto por parte dos convidados.

Os cabelos loiros e fartos estavam presos em cima da cabeça, de onde caíam, cacheados, para trás. Dois fios de pérola enfeitavam o penteado como uma pequena coroa.

O vestido de noiva, de cetim branco, tornava realidade o sonho de Shanna e Aileen. Pérolas haviam sido acrescentadas à borda do decote e dos punhos das mangas curtas. O véu era de renda tão fina que lhe deixava as feições nítidas.

Por detrás dele, Maura percebeu rugas de preocupação no rosto de alguns convidados, porém não quis se importar com isso. Hoje, em seu grande dia, não existia lugar para a política, os problemas dos homens e a subversão das nações.

Seu olhar caiu sobre Donal O’Hara que, alto e elegante num conjunto verde-escuro e uma meia-capa de cetim dourado, a esperava junto ao altar. A visão do noivo provocou-lhe um leve rubor nas faces e um disparo do coração.

“Como eu o amo”, pensou ela. “E como sou afortunada!” A maioria das moças de sua posição social era forçada a aceitar casamentos arranjados e de conveniência. Para elas, o amor não passava de um sentimento exaltado em canções e pelos poetas. Ela, entretanto, casava-se com o homem a quem amava.

Assim que ficou ao lado de Donal, a música dolente irlandesa permeou o ar e a voz suave de Heber MacMahon começou a entoar as palavras solenes em latim.

Maura mal as ouvia. O pensamento rememorava as conversas das criadas que a ajudaram a se vestir, algumas horas antes.

— Foi um bom presságio, *milady*, não termos cruzado com um enterro hoje, quando vínhamos para cá — dissera uma delas.

— E veja como o sol brilha. O dia não poderia estar mais bonito para um casamento — acrescentara outra.

Sinais, ansiedades, crendices populares, pensou ela, esforçando-se por prestar atenção às palavras do padre. Com firmeza e voz clara, fez as promessas conjugais e, mentalmente, repetiu as de Donal.

Assim que a cerimônia terminou, com a bênção do novo casal, o padre disse ao noivo:

— Dê o primeiro beijo à sua esposa.

Donal levantou-lhe o véu e mal lhe roçava os lábios quando todos, de repente, os rodearam exclamando:

— *Slainte*.

A voz de Patrick Talbot, bem perto, os fez virar. Como o parente homem mais chegado a Maura, o irmão possuía o direito de ser o primeiro a desejar-lhes felicidade. O corpo flexível e elegante curvava-se à frente deles, com um copo de vinho erguido pela mão direita num brinde. Como sempre, os lábios dele entreabriam-se num sorriso despreocupado e os olhos cinzentos exprimiam carinho e bondade.

— Saúde e vida longa! Terra sem aluguel! Um filho cada ano! E morte na velha Irlanda! — gritou Patrick e, enquanto abraçava a irmã e o cunhado, as aclamações encheram o ar.

Quatro mulheres com aventais brancos trouxeram um imenso bolo para ser abençoado pelo padre. Isso feito, ele foi cortado imediatamente. Maura e Donal, então, receberam um prato com aveia e sal e, segundo a tradição, cada um comeu três bocados. Quando o terceiro passou-lhes pelos lábios, novas aclamações se fizeram ouvir e logo foram abafadas pela música animada.

Este era o sinal esperado para início das festividades e das danças. Maura e Donal foram levados a um tablado à cabeceira da mesa principal. Sobre ele, havia um toldo de cetim branco debruado de verde e com o brasão dos O'Hara. À sua volta os convidados dançavam e cantavam, porém os dois, embevecidos um com o outro, não os notavam. O rosto da noiva, como o de uma criança excitada, irradiava felicidade e o noivo a fitava com adoração.

No outro extremo da mesa, ficava o segundo lugar de honra ocupado por O'Hara com Aileen à esquerda e Shanna à direita. Os três demonstravam alegria genuína ao observarem a animação geral. Perto das mesas, o som da harpa fundia-se com o das flautas italianas na execução da pavana, porém, num dos cantos do jardim, vibravam os acordes da jiga, numa dança animada e típica da Irlanda.

Os convidados moviam-se graciosos nos passos da dança. As mulheres exibiam sedas coloridas e jóias vistosas, os homens, gibões escuros de veludo e calções de cetim. Quase todos eles usavam sapatos de saltos baixos, com fivelas de prata, em vez das botas de cano enrolado em cima, o estilo militar tão em moda naqueles dias. Sem exceção alguma, eles tinham os colarinhos, peitos e punhos das camisas enfeitados com grande profusão de rendas.

— Imagino — Rory disse — se a sociedade londrina continuaria a nos chamar de selvagens, se nos visse aqui.

— Acredito que todos que dançam a pavana fizeram parte daquela sociedade. Quanto a mim, preferia estar lá me divertindo com os passos da jiga — Shanna respondeu com um sorriso malicioso.

— Cuidado, nossos convidados ingleses podem ouvi-la — advertiu Aileen baixinho. — Olhe Patrick. Parece que o seu filho fez uma conquista.

Shanna procurou o rapaz com o olhar e, ao ver com quem dançava, seu semblante anuviou-se. A parceira de Patrick era Elana, a filha única de lorde Byron Claymore.

— Acho mais é que Patrick foi conquistado — Shanna comentou aborrecida.

— Não se preocupe. Seu filho é um jovem impetuoso, mas não sem juízo — Rory consolou-a.

— É sabido que a beleza como a que tem Elana transformou muitos homens respeitáveis em tolos perfeitos. E o meu Patrick tem apenas dezoito anos — argumentou Shanna.

— Dezoito mesmo — concordou Rory, rindo alto. — Porém, em se tratando de mulheres, Patrick está bem adiantado para a idade dele.

As palavras do irmão não acalmaram seu coração de mãe, pois o rapaz estava longe de ser um anjo. O olhar sensual e as maneiras finas e elegantes já lhe tinham garantido fama entre as mulheres, o que chegara aos ouvidos de Shanna. As aventuras amorosas dele desde a região de Sligo até a de Dublin constituíam o assunto preferido das criadas de Ballylee.

Todavia, nenhuma das moças que ele seduzira era filha de um lorde inglês. Elana Claymore, embora da mesma idade de Patrick, era bem menos

provinciana do que as outras, pois tinha sido educada na Inglaterra e França. De acordo com os boatos, ela havia tido um caso escandaloso, em Paris, com um duque italiano freqüentador das festas na corte de Luís XIII. Assim que o pai soubera dessa aventura, determinara a volta de Elana à Irlanda, onde a conservava sob o seu olhar severo no solar de Claymore.

Shanna, que passara muito tempo da juventude na corte francesa durante o exílio da Irlanda, tinha a impressão de que Elana Claymore não fizera nada em Paris além de adestrar os encantos e artimanhas femininos. Parecia-lhe ainda que a moça não se arrependera nem um pouco das levandades cometidas na França.

Aos dezoito anos, transpirava feminilidade. Alta, porte elegante e gracioso, cada movimento seu nos passos da dança transmitia a mensagem de que a coisa mais importante para Elana Claymore era a própria beleza.

As feições esculturais estavam realçadas pela aplicação perfeita e artística de cosméticos. As faces, com uma camada discreta e meticulosa de ruge, chamavam a atenção para as formas bem-feitas; os lábios delineados com cuidado, coloridos de carmim, e as pálpebras levemente sombreadas de azul, aumentavam-lhe o encanto.

Através do vestido escolhido por Elana para a ocasião, Shanna sabia que não existia um novo estilo mais audacioso que a moça não se atrevesse a exibi-lo. De cetim verde-azulado, a saia tinha enfeites de fita cor de açafão e a blusa justa delineava a cintura fina, enquanto o decote exagerado deixava ver o contraste dos mamilos mais escuros nos seios alvos e firmes.

Os cabelos escuros e fartos estavam penteados num coque no alto da cabeça, de onde caíam cachos dos lados e atrás, além de uma franja de caracóis na testa.

Elana Claymore era conhecida não só pela reputação um tanto escandalosa como também pela inteligência e vivacidade. Shanna não se surpreendia ao saber que a maioria dos rapazes se apaixonava pela moça e não duvidava de que o mesmo acontecesse ao filho.

Preocupada, ela continuou a observar o casal e viu Patrick curvar-se e murmurar algo ao ouvido da parceira. Esta ergueu o rosto, deixou ouvir o riso límpido e curvou o busto até dar a impressão de que os seios escapariam pelo decote.

Ultrajada, Shanna já ia se levantar a fim de tomar uma atitude severa quando O'Hara a segurou pelo braço.

— Por favor, Shanna, não faça uma cena que deixe milorde Claymore mais constrangido do que já está. Veja o semblante do pobre coitado.

Shanna olhou para uma pequena mesa do outro lado da pista de dança. Lá estava lorde Claymore na companhia de dois outros convidados, porém parecia óbvio que ele não ouvia o que lhe era dito. Pelo olhar magoado e o colorido nas faces envelhecidas, não restava dúvida de que o idoso senhor também notava o comportamento desinibido e impróprio da filha.

— Está bem — Shanna concordou. — Não seria justo fazer o homem sofrer mais humilhações em frente a nossos convidados. Desta vez vou fingir que não vejo nada.

Um silêncio tenso envolveu os três até que Aileen o quebrou com um riso divertido.

— Olhe lá, meu marido: seus filhos e Maggie.

Na extremidade da pista, Conor, Brian e Maggie imitavam os passos da pavana com movimentos exagerados e engraçados.

— Que pestinhas! — Shanna exclamou rindo também e desviando a atenção do filho e Elana.

— Vejam o jeito de Conor. Ele parece a miniatura de um touro num ritual pagão — Aileen comentou. ,

— E Maggie então? — disse O'Hara. — Cada vez que erra um passo a concentração dela aumenta. Acho que, se aprendesse essa dança, ela seria mais graciosa do que todas aquelas moças e senhoras.

Entretidos, ficaram observando as crianças até que estas, cansadas da brincadeira, foram se juntar a O'Higgin, perto do qual se dançava a jiga. Logo depois, começaram mais brindes e votos de felicidade e saúde.

— Que os filhos de seus filhos possam lhes sorrir!

— Que Deus os faça tão felizes como as flores de maio!

— Saúde e vida longa a ambos!

Assim os convidados continuaram enquanto Donal e Maura agradeciam, sorrindo. De vez em quando, trocavam olhares tão embevecidos que ficava claro a todos o amor imenso e luminoso que os unia,

Ao testemunhar tanta felicidade, O'Hara apertou a mão de Ailen.

— Que casal lindo! — murmurou ela.

— É mesmo — Rory concordou. — Um casamento bem mais concorrido que o nosso — acrescentou ele.

— Os tempos mudaram muito — afirmou Aileen ao notar a expressão séria do marido.

— Certo, menina — concordou ele, levantando-se da mesa. — Vou escapar agora. Mantenha um sorriso alegre e olhar vivo em nossos convidados ingleses. **

Aileen pôde apenas assentir com a cabeça enquanto, com os olhos cheios de lágrimas, seguia a silhueta forte do marido, que logo desapareceu atrás de uma cerca viva.

— Por que será, Patrick O'Hara Talbot, que você nunca nos visita na mansão Claymore? Afinal, somos vizinhos, não é verdade?

— De fato — concordou ele com um sorriso malicioso. — Todavia, até agora não vi razão para isso.

— Começa a ver, então? — indagou Elana, provocativa.

— Como é que ainda duvida? Uma mulher tão linda obrigaria um homem a exaurir três animais numa só cavalgada a fim de ir vê-la — Patrick retrucou ao mesmo tempo em que fitava o decote da moça com expressão atrevida.

— Nossa, não é que o homem é um poeta pastoril!

— Sou muitas coisa, *milady*.

Quanto mais dançavam, mais Elana se certificava de que o atraente irlandês se deixava prender por sua beleza e seus muitos atributos femininos. Normalmente, ela não ligava para os olhares de interesse de um rapaz tão jovem, porém já fazia tempo que não tinha oportunidade de recebê-los de homem algum. Além de tudo, Patrick era o mais bonito dos parceiros que a tiraram para dançar.

Os olhos cinzentos dele expressavam uma audácia insolente que a deixava excitada ao percorrê-lo a parte do busto exposta pelo decote, o pescoço, as faces e de volta aos seios, agora com a revelação do desejo. Dom Eduardo tinha se comportado dessa maneira no primeiro encontro dos dois em Paris e, logo depois, ele estava em suas mãos. e apresentava a vida alegre da corte francesa. Naturalmente, ele não tinha a sido o seu primeiro amante, porém o último, já que o pai a trouxera de volta à Irlanda ao saber de suas aventuras amorosas.

— Milady — Patrick, numa curvatura, murmurou-lhe ao ouvido.

— O que foi?

— O seu vestido.

— O que tem ele, não gosta?

— Muito! Ele é uma obra-prima de sua costureira a julgar pela maneira com que desafia as leis da natureza e se mantém sempre no lugar.

— É muita audácia sua! — protestou Elana com fingida indignação mas, em seguida, riu provocativa e inclinou-se numa oferta dos seios perfeitos.

— Ah! — exclamou Patrick ao vê-la ereta de novo. — Agora sei que»e a

audácia tem suas recompensas.

Elana não corou ou se sentiu constrangida, apenas aceitou o comentário com um aceno de cabeça como quem recebia um elogio merecido. Para ela, a admiração de um homem era sinal de fraqueza por parte dele e de superioridade sua. Todavia seria mais do seu agrado se Patrick Talbort lhe dirigisse palavras de apreço num tom menos sarcástico. Apesar disso sentia-se atraída por esse rapaz atrevido, de inteligência viva e mordaz não muito diferente da sua. Manipular homens com o poder do seu corpo a divertia imensamente e o fato de deixar Patrick Talbot admirar-lhe os seios só tornava a brincadeira mais perigosa e excitante.

Ao executarem os passos da dança, Elana lembrou-se de suas primeiras lições na arte do amor. Tudo havia começado em Paris com os conselhos de Marcella, a amiga mais velha e experiente. Ajeitava o vestido de seda em frente ao espelho quando a outra desatara a rir.

— Ah, minha querida Elana, você está tão sem graça! Olhe, experimente um pouco da minha pintura. E também por que esse aspecto de modéstia? Aperte mais o espartilho e abaixe o decote.

— Abaixar?!

— Isso mesmo. Lembre-se ainda, quando conversar esta noite com um cortesão atraente que lhe interessa, que deverá curvar o busto para frente.

— Para quê?

— Para deixá-lo ver os seios, sua boba. Essa técnica nunca falha. Minha querida Elana, se você der a impressão de ser intocável, é assim que vai permanecer!

Naquela noite, Elana fizera a escolha cuidadosa de um parceiro galante. Curvou-se várias vezes e nas primeiras horas da madrugada já havia perdido a virgindade e feito a conquista inicial de muitas outras.

Elana correu os olhos azuis pelos outros pares e, satisfeita, notou que todos dançavam um pouco afastados, deixando o centro da pista para ela e Talbot. Sorriu ao ver a atenção que ambos despertavam.

Então, inesperadamente, sentiu-se sendo desviada para um canto até encontrar-se atrás de uma cerca viva, longe de olhares curiosos e nos braços de Patrick.

— Por favor, será que vai se tornar mais audacioso ainda? — inquiriu ela.

— Naturalmente — respondeu ele, rindo. — Você não é uma mulher comum. Sua sensualidade é desinibida e o seu convite, franco.

Os braços masculinos a apertaram com mais força e a maneira com que

os olhos cinzentos a fitavam provocou-lhe um sinal de alarme, “Terei ido longe demais?”, pensou ela preocupada.

— Você é como uma égua bravia e domá-la constitui um desafio — confessou Patrick.

Elana não gostou da comparação e esquivou-se dos braços dele.

— Não creio que já deseje ser domada — declarou ela com voz arrogante, certa de que o rapaz a tomaria nos braços outra vez.

Contudo, Patrick não o fez, apenas deu um passo para trás e tomou-lhe uma das mãos, que beijou antes de dizer sem nenhum traço de irritação:

— Talvez seja melhor assim. Aliás, lembro-me agora de um negócio importante que necessita de minha atenção.

No instante seguinte, ele desaparecia de vista e Elana fervia de raiva. Que petulante!, pensou furiosa. Como se atrevera a trazê-la até ali com o intuito de roubar-lhe um beijo depois a deixara plantada sozinha? Os papéis tinham sido invertidos, pois ela é quem deveria ter se afastado, deixando a isca preparada para um outro dia.

Como os olhos brilhando e o coração disparado de ódio, Elana tomou a alameda de pedregulhos por onde Patrick desaparecera segundos antes.

“Vejam os que negócio tão importante é esse a ponto de afastá-lo de mim!” ponderou irritada.

Sacos vazios de aveia cobriam as janelas a fim de afastar olhares curiosos, mas também impediam a entrada de claridade. O ambiente sombrio combinava com os semblantes carregados dos homens que se encontravam ali.

Um a um, eles tinham deixado as festividades do casamento nos jardins de Ballylee e agora reuniam-se acima dos estábulos, entre as enxergas dos cavaleiros. Com as roupas finas e elegantes, pareciam deslocados em tal lugar.

De fora chegavam os sons alegres da festa, porém no cômodo fechado reinava o antagonismo de vozes irritadas ao expressarem o desejo de dissidência.

— Afirmando que foi uma graça divina o ex-lorde tenente da Irlanda ter sido decapitado. Durante o governo de Wentworth nenhum de nós ia para a cama à noite seguro de que não acordaria na manhã seguinte sem suas terras.

— Verdade. Na opinião desse homem maldito, a Irlanda não passava de uma terra conquistada cujos habitantes não gozavam de direito algum, a não ser os que ele permitisse.

— Dizem que quando a cabeça de Wentworth rolou, as aclamações do

povo podiam ser ouvidas até em Whitehall. Acho que mestre Pym e o Parlamento nos prestaram um grande favor.

— O que acha, O'Hara, desse golpe de sorte que tivemos ao nos vermos livres de Wentworth?

Quem fazia a pergunta era Philip O'Reilly, um jovem advogado que ganhara fama como defensor das causas irlandesas e católicas no Parlamento, em Dublin. Ele era um homem de estatura pequena, testa larga de intelectual e uma vasta e armada cabeleira preta. Dono de grande força de vontade e determinação, O'Reilly tinha como propósito irrevogável a restituição das terras tomadas aos irlandeses.

O'Hara sabia que esse tipo de homem poderia ter grande influência sobre os outros e ser um aliado perigoso para os mais cautelosos.

Até então, O'Hara se mantivera calado, ocupando a única cadeira existente ali. Preferia ouvir o que os companheiros diziam e observar-lhes as expressões.

— Como você, O'Reilly, e todos os demais aqui presentes, eu não suportava a ambição descontrolada e as atitudes arbitrárias de Wentworth. Todavia, devo admitir que o homem era um estadista e um líder. Responda uma coisa. Durante o governo dele a Irlanda não começou a prosperar? E também não foi por causa dele que nos unimos?

— Isso é verdade — concordou O'Reilly rindo. — Escoceses, irlandeses e velhos ingleses o odiavam com igual fervor e empenho.

— Exatamente. Ele não poupava ninguém. Seu único interesse resumia-se em aumentar o poder da coroa e, com esse intuito, Wentworth manteve a paz.

— Não estou entendendo aonde você quer chegar, O'Hara — reclamou o advogado.

— Pois deveria. Quem está no lugar de Wentworth?

— Parsons.

— Muito bem. Segundo as próprias palavras dele, o que Parsons pretende fazer aqui? "Dentro dos próximos doze meses nenhum católico será encontrado na Irlanda!" Esta, cavalheiros, é a maneira de um puritano se expressar.

Rory O'More, homem alto e magro, de fala ponderada, deixou o canto escuro onde estava e aproximou-se de O'Hara.

— Segundo entendi, por mais que confiemos no rei Charles e por mais que tenhamos odiado Wentworth, a perspectiva da Inglaterra ser governada por puritanos será mais perversa ainda para nós?

— Entendeu bem — concordou O'Hara. — É o que acredito. Se Charles cair, os puritanos tomarão conta da coroa. Nesse caso, o que nos estará reservado?

Os olhos sérios, quase tristes, de O'More fitaram os de O'Hara.

— David Talbot falou certa ocasião no Parlamento Irlandês e eu, freqüentemente, repeti as palavras dele: “Se temos mesmo de ser súditos da coroa inglesa, que nos deixem governar em liberdade, de acordo com as leis do reino, e não sob a espada dele”. Pedimos isso tantas vezes, mas o rei nunca nos atendeu.

— Talvez ele logo se veja forçado a fazê-lo. Dizem que a rainha Henrietta tem grande influência sobre o marido. Será que ela, um dia, conseguirá convertê-lo à sua fé, isto é, ao catolicismo? — sugeriu O'Hara.

— Isso não passa de conjectura inútil — O'Reilly protestou em altos brados. — Mesmo católico, o rei será sempre inglês, o que significa escravidão para os irlandeses. Insisto, cavalheiros: os problemas atuais da Inglaterra são a oportunidade de Irlanda. A guerra entre Charles e o Parlamento é iminente e quando for deflagrada nenhum dos lados terá tempo para lutar na Irlanda!

O'More tentou acalmar o fervor do advogado ao colocar-lhe a mão no ombro, porém O'Reilly a sacudiu e continuou mais inflamado ainda:

— Quem roubou nossas terras, a liberdade e a fé? Os protestantes, quer ingleses ou escoceses, anglicanos ou puritanos, todos são nossos inimigos, que terão de provar nossa espada para que a Irlanda volte para nós.

— Curioso — O'Hara comentou pensativo e em voz calma. — Parece que protestantes, papistas e puritanos encaram o problema da mesma maneira. Lembro-me de *sir* John Clotworthy, membro do Parlamento, expressar-se de forma semelhante: “Para converter os papistas irlandeses é necessário a Bíblia numa das mãos e a espada na outra”.

— Mais uma razão para enfrentar o inimigo com a mesma arma — O'Reilly argumentou bravo. — Arranque os olhos do seu adversário antes que a ponta da espada dele alcance os seus — acrescentou ele com eloquência.

O'Hara sacudiu os ombros com desprezo e já ia se levantar para sair, porém O'More o impediu, tocando-o de leve no braço, e fez menção de falar. Contudo, antes que o fizesse, a voz de Patrick Talbot partiu das sombras ao lado da janela.

— Sendo o mais jovem aqui, eu deveria me manter calado — começou ele com voz grave e ameaçadora —, todavia acho isso impossível. Fui

educado a ouvir e respeitar as palavras dos mais velhos..Sugiro, O'Reilly, que você faça o mesmo.

Um silêncio pesado tomou conta do ambiente, quebrado apenas pela respiração ruidosa dos presentes. O'Reilly, lívido, levou a mão à espada.

— Suas palavras, Talbot, são típicas de um jovem imprudente, porém, eu as recebo como um insulto de um homem para outro — rosnou o advogado, irritado.

Para a surpresa de todos, exceto de O'Hara, Patrick riu.

— Não estamos agora, como meu tio O'Hara afirma que sempre fazemos, brigando entre nós mesmos sem propósito algum?

— Pelo que vejo, você não garante suas convicções com a espada — provocou O'Reilly.

O'More fez menção de pôr fim à desavença ridícula e inútil, mas O'Hara o impediu com um gesto. Patrick deixou as sombras ao lado da janela e todos puderam ver-lhe o sorriso zombeteiro, que deixava à mostra os dentes alvos e perfeitos. Sob as pálpebras baixas, mal se podiam notar os olhos cinzentos.

— Você me entendeu corretamente, O'Reilly. Não sou homem de me deixar guiar por um código leviano de fidalguia e, muito menos, apreciar demonstrações públicas de valentia. Se insistir em puxar da espada, eu resolverei a questão metendo-lhe uma bala entre os olhos antes mesmo de sua lâmina deixar a bainha.

O'Reilly deixou escapar uma exclamação de espanto ante a ameaça e um murmúrio percorreu o ambiente. Patrick continuou em voz baixa, mas firme:

— Vencer significa tudo; perder, nada. Não considero a morte uma honra, por isso prefiro ficar vivo prevalecendo-me de tudo que tenho à minha disposição. Recomendo-lhe, O'Reilly, que faça o mesmo e dê atenção às palavras sábias e experientes de meu tio.

A questão ficara bem clara e todos os presentes perceberam isso. Descobriram também que o jovem Patrick Talbot era um genuíno O'Hara e que deveria ser considerado como tal.

Hugh MacMahon, irmão do padre Heber, tinha tirado de uma das mesas da festa uma garrafa grande de vinho que agora servia em canecas para todos com o intuito de anular o impasse entre O'Reilly e Patrick. Em seguida, fez um brinde:

— Deus salve a Irlanda!

Um coro ecoou suas palavras.

— Vai ser preciso mais do que Deus para essa tarefa — *sir* Phelim O'Neill resmungou.

— O que mais além de Deus temos nós, O'Neill? — indagou O'Hara ao encarar o representante de Dungannon no condado de Tyrone.

— Possuímos corações e mãos fortes além de olhos perspicazes — retrucou o outro com rispidez.

— Talvez tenhamos isso — concordou O'Hara com um encolher de ombros —, mas, na verdade, precisamos de pólvora, balas e mosquetes.

— Existe uma maneira de conseguirmos essa munição — Rory O'More declarou como se apanhasse a deixa. — No momento há oito mil soldados católicos espalhados pela Irlanda. Pertenciam ao exército organizado por Wentworth para ajudar Charles naquela batalha idiota contra os escoceses calvinistas. Se eles fossem agrupados sob um líder irlandês e armados para lutar em nome do rei...

— Do rei? — O'Hara interrompeu.

— Apenas no nome — O'More explicou e fez um gesto a Phelim O'Neill. Este tirou do bolso interno do gibão um maço de documentos que entregou a O'Hara.

Num exame rápido, Rory constatou o conteúdo dos papéis. Tratava-se de uma minuciosa autorização, assinada por Charles, para se armar um exército irlandês, em nome do rei, contra o Parlamento da Irlanda. Em tom baixo, ele perguntou:

— Falsa?

— É — replicou O'Neill! —, contudo, ela terá sua utilidade no início e depois não será mais necessária.

Rory suspirou. Sabia agora que a trama deles tinha ido bem mais longe e depressa do que imaginara. Olhou de novo para os papéis e viu delegações em nome de Connor Macguire, *sir* Phelim O'Neill, ele mesmo e Owen Roe O'Neill.

— Owen Roe?! — perguntou surpreso. Pela primeira vez, O'More sorriu.

— Há meses que vimos mantendo contato com ele. Owen Roe está impaciente para deixar Flandres e vir para a Irlanda. Ele nos deu sua palavra de que, se os gaélicos nativos de Ulster, especialmente os de Tyrone, sua terra, se revoltarem, ele embarcará em navios, no mesmo dia, com um batalhão armado.

O pensamento de O'Hara voltou-se para o passado. Lembrou-se do navio que partia para a França levando a bordo os condes irlandeses para o exílio. Ele era um meninote da mesma idade de Owen Roe, o sobrinho de Hugh, o Grande O'Neill. Desde então, Owen ganhara fama como general nas guerras dos Países Baixos e da Espanha. Recentemente, ele se destacara na

defesa de Arras contra os franceses.

O'More não era ingênuo. Se Owen Roe voltasse, milhares seguiriam os estandartes com o emblema de O'Neill de Ulster.

— Precisamos apenas do seu apoio, O'Hara, a fim de completarmos nosso esquema — O'More declarou.

O'Hara levantou o olhar e o percorreu, devagar, pelos presentes, numa avaliação do valor de cada um numa guerra.

Sir Phelim O'Neill, advogado treinado na *Lincoln's Inn* em Londres, se promoveria a general. Sabia que ele vivia de maneira extravagante e que tinha as propriedades hipotecadas. Seria essa a razão para ele se rebelar?

Hugh MacMahon, homem de corpo atarracado de lutador, rosto enrugado cuja expressão de esperteza tornava-se, às vezes, muito irritante. Falava com um forte sotaque escocês que ninguém entendia quando estava embriagado, alias, um estado bem freqüente. Poderiam confiar nele caso a sorte virasse contra os irlandeses?

Havia o irmão de Hugh, Heber, o padre que oficiara o casamento. Embora sendo sacerdote, a ambição o tornava um homem perigoso. Rory estava convencido de que, se Heber tivesse o poder em suas mãos, livraria o mundo de qualquer homem, mulher ou criança que não fosse fiel a Roma. Uma pessoa desse tipo possuía determinação para liderar outros homens, porém seria seguida?

Philip O'Reilly era exaltado, mas de confiança. Se assumisse um compromisso, O'Hara tinha certeza de que ele o manteria até a morte. Todavia, ele não era um soldado que pudesse enfrentar batalhas que fossem além das de palavras.

E, finalmente, Rory O'More. De todos os presentes, ele era o organizador, o estrategista. Caberia a ele manter a paz entre os irlandeses quando comessem as brigas pelos despojos. Seria O'More capaz de tal façanha?

Poderia qualquer homem fazer isso? Até agora, nenhum o fora. Seriam estes homens os salvadores de Eire? O'Hara achava que não.

Contudo, existia Owen Roe. A maioria dos irlandeses, que havia sido forçada a abandonar a pátria e lutava a serviço da Espanha, França e de muitos outros países, seria atraída de volta à Irlanda pela magia do nome e da reputação de Owen Roe O'Neill. Seria isso suficiente?

O'More percebeu a expressão de dúvida no rosto de O'Hara e tentou estimular os outros.

— Nos arsenais do castelo de Dublin há armas, pólvora e balas para nove

mil homens. Se tomarmos o castelo, teremos munições e o domínio sobre o Parlamento e o país!

Enquanto O'More falava, a eloqüência de suas palavras foi inflamando os ouvintes que, aos poucos, rodearam O'Hara.

— Phelim e Macguire atacam ao mesmo tempo no norte e você, O'Hara, no oeste. Em poucos dias, a rebelião se espalhará para o sul, e tudo em nome do rei até que a Irlanda seja nossa! — afirmou O'More excitado.

O discurso continuou cheio de entusiasmo, mas O'Hara já não mais o ouvia, imbuído em seus próprios pensamentos. Levantou-se e, com passos pesados, foi até a janela, onde afastou o saco de aveia que a cobria e olhou para os jardins.

Começava a escurecer e as tochas já tinham sido acesas. O reflexo das chamas dançava alegre sobre os convidados.

— Quando? — Rory O'Hara perguntou com voz suave. Várias pessoas responderam ao mesmo tempo:

— Aluguéis e impostos deverão ser pagos em Dublin na primeira semana de novembro. Na última de outubro, os arrendatários ainda estarão com o dinheiro de meio ano de aluguel nas mãos.

— Como nós com o do imposto. Dinheiro suficiente para financiar uma longa guerra.

— Essa época será também a de ventos fortes. Nenhum navio se atreverá a cruzar o mar vindo da Inglaterra.

— Quando? — O'Hara repetiu. — O dia, quero saber.

— Vinte e três de outubro. Esse é o dia de feira e a presença de estranhos nas ruas não chamará muita atenção.

— Precisamos de você, O'Hara.

— A Irlanda precisa.

“Sei”, pensou ele com tristeza. “E as necessidades de Ballylee?” Deixou que o olhar vagasse pela silhueta da mansão construída sobre as ruínas do castelo e quase pôde ouvir o estrondo dos canhões que o cercavam e os gritos agonizantes dos homens que morriam na outra rebelião, anos atrás.

Sombrio, ele viu o sonho de David Talbot também começar a ruir, porém sabia que não tinha escolha. Mais uma vez, os acontecimentos na Inglaterra determinavam o destino da Irlanda. Os problemas de Charles com o Parlamento proporcionavam uma oportunidade atraente demais. Tinham agora a chance de ajudar cada irlandês a encontrar o caminho da liberdade. E mesmo que desejasse, O'Hara seria impotente para impedir seus compatriotas de se rebelarem.

Rory O'Hara pensou nos recém-casados e lembrou-se dos sorrisos felizes de Aileen e de Shanna. A visão da beleza e inocência de Maggie dançou em frente a seus olhos e, sem esforço algum, vislumbrou a figura dos filhos, Conor e Brian, com armaduras, elmos e espadas de guerreiros.

— Vinte e três de outubro — disse ele. — Menos de dois meses.

— Isso mesmo — O'More replicou. — Porém mais de cem anos de preparação.

“E talvez”, pensou O'Hara com o coração pesado, “outros tantos cem para a consolidação.”

Os festejos e as danças continuariam ainda por muitas horas, com certeza até o raiar do outro dia. Contudo, não se requisitava, ou mesmo se esperava, a presença dos noivos impacientes de se verem a sós.

Patrick e mais alguns amigos chegados acompanharam Donal até o quarto dele, onde, entre brincadeiras e muitos brindes, o ajudaram a se despir e pôr o camisão de dormir. Isso feito, o levaram até a porta do quarto de Maura, onde lhe desejaram boa saúde, vida longa e esposa fértil.

Aileen e Shanna haviam feito quase a mesma coisa com a noiva. Terminada a tarefa, elas saíram discretamente, deixando-a a sós para receber o marido e amante. Maura acendeu, então, quatro velas, uma em cada canto da enorme cama de casal com dossel, e ficou à espera.

Momentos depois, Donal entrava no quarto. A aparência dele era de calma, porém, no íntimo, estremecia de expectativa diante da beleza dourada da moça que há poucas horas tornara-se sua mulher. Em silêncio, fitou-a embevecido.

Em Maura, além de um certo nervosismo natural, existiam alegria e animação. Durante a juventude, pensava com frequência nesse momento e, no último ano, sonhara com ele quase todas as noites.

Com camisola e penhoar de cetim branco, os cabelos loiros emoldurando-lhe o rosto, ela sabia da imagem que apresentava aos olhos de Donal.

— Você está tão linda que até parece irreal — murmurou ele, finalmente, ao encontrar a voz.

— Sou bem real, meu querido, e toda sua — Maura disse em voz baixa e trêmula.

Num impulso, atirou-se para a frente e aninhou-se nos braços dele com o rosto encostado no peito aconchegante. Donal ergueu-a no colo e cobriu-lhe o pescoço e as faces de beijos até encontrar-lhe os lábios.

Eram carícias leves, cheias de ternura e amor que, aos poucos, iam

liberando o desejo ardente que ambos haviam reprimido até então. Com a língua, Donal traçou-lhe o contorno dos lábios antes de explorar os recônditos sensíveis da boca. Os sentidos de Maura, como nunca antes, despertavam ávidos e a deixavam entregue à carência amorosa.

Donal levou-a até perto da cama onde a pôs no chão para tirar-lhe o lençol antes de deitá-la no colchão fofo de penas. Com os olhos fechados, Maura pensava flutuar num sonho e, pelo ciciar suave de roupas, percebeu que ele se despiu. Um segundo depois, a maciez da cama cedia sob o peso dele, cujo corpo quente incendiou-lhe a pele através da camisola fina.

Um suspiro de prazer escapou dos lábios de Donal antes que ele dissesse em voz emocionada e clara:

— Maura, eu amo você como um homem foi feito para amar uma mulher.

— E eu a você, meu querido.

Ele a beijou no pescoço e nos seios que a camisola ainda escondia. Com dedos ágeis, tirou-lhe a peça e exclamou.

— Linda! Tão linda!

— Para você, Donal, meu amor. Quero tanto que me ame!

As mãos de Donal percorreram-lhe o corpo com um toque quente e firme enquanto os lábios acariciavam os mamilos. Maura sentiu como se uma chama tomasse conta de seu âmago e, de repente, viu-se no auge de uma paixão voraz. Quanto mais era beijada e acariciada, mais o desejo inundava-lhe o corpo até que, prendendo-o de encontro ao corpo, murmurou:

— Eu quero você com desespero.

Sua nudez expandiu-se para acolhê-lo e Donal cobriu-lhe o corpo com o dele. Seus seios apertavam-se de encontro aos pêlos ásperos que o cobriam no peito e as coxas abriam-se sob a pressão firme das pernas masculinas.

No instante seguinte, Donal a penetrava e transformava-os num único ente cujo anseio era a escalada gloriosa do prazer, impulsionada pelas labaredas do amor.

Apenas por um segundo, seu corpo ficou tenso e resistiu, porém, no momento seguinte, Donal alcançava sua profundidade. Ele a machucava, todavia Maura o estimulava a continuar, pois não desejava que parasse. A dor desconhecida não era nada em comparação à alegria sentida por se realizar como mulher.

Juntos, alcançaram o êxtase do gozo pleno.

Bem devagar, enquanto o corpo viril separava-se do seu, Maura deu-se conta de que a tempestade íntima passara. Sentia-se fraca e exaurida co -mo

se a própria alma a tivesse deixado e pairasse em algum ponto acima. deles. Donal escorregou para o seu lado e aconchegou-a nos braços — , acalentando-a até que adormecesse.

Contudo, ele se manteve acordado, sem poder afastar o olhar do seu rosto lindo, cuja expressão era de calma e inocência. Uma grande dor confrangeu-lhe o coração.

Logo, talvez no dia seguinte, Donal teria de revelar-lhe a decisão de The O'Hara. De maneira cuidadosa e suave, contar-lhe-ia que, dentro de dois meses, iriam se separar.

Maura mexeu-se e sua perna, entre as dele, provocou-lhe nova excitação.

— Outra vez, meu querido — murmurou ela, enlaçando-o. — Outra vez...

Amanhã lhe contaria tudo. Esta noite, pertencia a ela, era todo seu.

CAPÍTULO IV

SETEMBRO DE 1641
STOKE POGES — INGLATERRA

A própria *lady* Hatton serviu o jantar daquela noite. Não seria prudente dar oportunidade aos criados de ouvirem detalhes sobre as informações trocadas durante a refeição.

Seus convidados tinham até sugerido que Robert Hubbard não comesse com eles e também não participasse da conversa que manteriam depois à volta da lareira. Todavia, Elizabeth não concordara. Como o rapaz já tivesse dezesseis anos e fosse seu único herdeiro, ela insistira na presença dele nas discussões que, provavelmente, lhe influenciariam o futuro.

Durante os meses que se seguiram à revelação sobre o seu nascimento, Robert Hubbard avaliara, com a deliberação calma e fria que lhe era peculiar, as perspectivas à sua frente. Conversara com homens de todas as classes sociais, tanto em Londres como no campo. Das informações colhidas, ele chegara à conclusão de que Charles era um homem íntegro, porém um rei de vontade restrita e inflexível.

Charles sentia-se tão seguro do seu direito divino que concluíra poder governar a Inglaterra com o Parlamento. Todavia, sem um organismo para votar-lhe as verbas necessárias, ele se vira na contingência de arrecadar mais impostos de uma população já sobrecarregada demais. Outros soberanos já tinham lançado mão desse recurso antes, mas os tempos haviam mudado na Inglaterra. O poder transferira-se para as mãos dos mercadores.

Em retaliação às medidas opressivas, os puritanos protestantes aliaram-se ao Parlamento. Muitos afirmavam que, caso se deflagrasse a guerra civil, o motivo seria religioso. A rainha Henrietta era catolicíssima e Charles vinha sendo acusado de favorecer os amigos e até mesmo a sua fé. Nenhum inglês se sujeitaria de boa vontade a ser governado por um rei subserviente a Roma.

Robert tinha consciência de que ambos os lados haviam cometido excessos nessa questão religiosa. O arcebispo de Canterbury, William Laud, num esforço para proporcionar mais dignidade ao clero, dera à Igreja da Inglaterra cerimoniais pomposos semelhantes aos da Igreja Católica Romana. Por serem contra isso, os puritanos começaram a fazer seus próprios cultos

religiosos.

Ao ver o seu poder e o da Igreja sendo questionados, Laud resolveu agir. Para tanto, ele lançou mão de um antigo estatuto da época elisabetana, já caído em desuso, segundo o qual a frequência de todos à igreja era obrigatória. Quem não o obedecesse, seria condenado pela justiça a pagar a multa de um xelim. Isso passou a ser uma nova fonte de renda para o rei. Boa parte da população, irritada com a medida, decidiu apoiar a causa dos puritanos que, por sua vez, consideravam-se perseguidos. Laud, então, aumentou a pressão.

Uma mulher puritana, determinada a guardar o sábado em vez do domingo, foi sentenciada a onze anos de prisão. Homens eram levados ao pelourinho ou ferreteados e o corte de orelhas tornou-se um castigo comum. Muitos eram amarrados a postes e recebiam trinta ou mais chicotadas nas costas nuas.

Os puritanos revidaram invadindo igrejas onde destruíam grades de altares, imagens e vitrais.

Todavia, a decisão de Robert Hubbard de arriscar a sorte ao lado dos puritanos e do Parlamento não havia sido tomada com base em religião. A crença daqueles homens de que todos eram filhos do pecado, condenados antes de nascer ao fogo eterno pelo arbítrio de uma divindade impiedosa, não significava nada para ele. O que lhe despertara o interesse fora o fato de os puritanos considerarem a pobreza um pecado e não a riqueza. Robert percebera muito bem que a única coisa válida numa sociedade era o poder e este, automaticamente, seguia o acúmulo de bens materiais.

Agora, no escritório de lambris de carvalho que um dia fora o refúgio de *sir* Edward Coke, Robert sentava-se calado e observava esses homens que, um dia, destronariam um rei. A ambição pelo poder e a facilidade de conquistá-lo era o que ele via nos cavalheiros reunidos à volta da lareira de sua avó.

Ali estava Robert Devereux, terceiro conde de Essex, um par do reino fanático pela causa dos Comuns. Se houvesse guerra, seria ele quem comandaria o exército do Parlamento, não por sua capacidade militar, mas por causa da popularidade de que gozava.

À direita de Essex, sentava-se John Hampden, cujas feições robustas e de expressão constrangedora pareciam esculpidas em pedra. Ele também era um fanático pela causa abraçada e muito esperto.

John Pym era o líder reconhecido dos puritanos. Era um homem baixo, um tanto gordo e com um rosto largo que o bigode e a barba pareciam

aumentar mais ainda. Suas feições mais marcantes eram o olhos pequeninos que jamais piscavam e davam a impressão de registrar tudo o que viam. Como Hampden, John usava o uniforme puritano, isto é, roupas pretas cuja sobriedade quebrava-se apenas com o colarinho branco. Com convicção ferrenha, ele acreditava que todos os males da Inglaterra seriam sanados com a queda do rei.

O quarto visitante de Stoke Poges nessa noite constituía um enigma para Robert. Tratava-se de um homem feio, com a pele do rosto áspera, vermelha e aparência de inchada. Além disso possuía verrugas, sendo a maior delas sob o lábio inferior. Vestido também de preto, as roupas dele não lhe assentavam bem e estavam cheias de manchas. O que Robert sabia a respeito desse primo de Hampden resumia-se ao fato de que ele falava, de vez em quando, no Parlamento, embora sem receptividade, e que abraçara a causa através de uma chamada divina. O nome dele era Oliver Cromwell.

A conversa havia se centralizado nos vários projetos de lei apresentados por Pym à Câmara dos Comuns visando diminuir o poder do rei. Quando o assunto mudou para a Irlanda, Robert ficou alerta a fim de não perder palavra alguma.

— O meu informante na corte diz que o rei mantém contato constante com lorde Ormonde na Irlanda. Charles quer que ele rearme o exército de Wentworth, que deverá ficar de prontidão para vir à Inglaterra ajudá-lo na disputa contra os escoceses.

— Se Charles é capaz de pacificar os escoceses e armar um exército irlandês, quer dizer que nossos esforços podem ser destruídos ainda», em embrião — reclamou Hampden.

— Não confio nesses católicos irlandeses. De bom grado, eles assestariam os canhões em Ormonde em vez de marcharem atrás dele — Cromwell aparteou em tom desagradável.

— Verdade — Hampden concordou. — Porém se o rei lhes garantir a devolução das terras, os irlandeses serão capazes de lutar por ela. O que diz o seu informante, John?

Pym alisou a barba e percorreu o olhar à volta.

— Se a informação que tenho é válida, parece que Charles está fazendo o jogo habitual. Ele concorda com as exigências dos católicos irlandeses e antigos ingleses na Irlanda agora, mas, quando o trono estiver assegurado, ele agirá de maneira diferente ao que lhes prometeu.

Essex riu e aspirou fundo o cachimbo.

— Gostaria de conhecer o informante que você tem na corte, Pym. Ele

mais parece vidente do que espião. Talvez você devesse lhe perguntar sobre o futuro e nós poderíamos deixar de nos preocupar com o presente.

Os lábios grossos de Pym curvaram-se num sorriso mordaz.

— Não preciso de profecias para ver o futuro, milorde Essex, pois já sei como será: a Inglaterra governada pelo Parlamento.

— Cavalheiros, a mim pouco importa a existência de informantes misteriosos na corte do rei Charles — declarou Cromwell ao pôr-se em pé e a começar a andar de um lado para o outro com sua estatura imponente. — O que me interessa é a ameaça de exércitos, um irlandês católico e outro escocês presbiteriano, lutando ao lado do rei. Ambos gostariam muitíssimo de ver extinta a causa do Parlamento. Acredito que deveríamos nos preparar agora organizando nosso próprio e novo exército-modelo dedicado a Deus.

— Concordo e discordo com o fazendeiro Cromwell.

Todos os olhares volveram-se para *lady* Hatton. Era a primeira vez que ela tomava parte na conversa.

— Como assim, madame? — indagou Cromwell, ao mesmo tempo em que interrompia os passos.

— Estou de pleno acordo de que já é hora do Parlamento ter um exército forte a fim de enfrentar os cavaleiros do rei. Quanto ao resto, acho que conheço um pouco a mente irlandesa — disse ela, fitando o neto de relance.

— Muito bem, madame. Que posição a senhora crê que eles tomarão? Não a nosso lado, tenho certeza — disse Cromwell.

Os olhos verdes de Elizabeth brilharam com vivacidade.

— Não, mestre Cromwell, nenhum católico jamais se posicionaria ao lado de um puritano.

— Então, *milady*, acredita que o rei vai conseguir seu exército irlandês? — perguntou Pym.

— Não, não acredito. Penso que quando chegar o momento, os irlandeses lutarão por causa própria.

Quando a reunião chegou ao fim naquela noite, Robert já tinha um plano feito. Hampden e Cromwell voltariam a Londres acompanhados de uma pequena comitiva, lorde Essex passaria a noite na mansão enquanto John Pym seria acomodado no pequeno chalé de verão, a uns cem metros da casa grande e num pequeno bosque de carvalhos.

Na metade do caminho, Robert alcançou-o.

— Mestre Pym, por favor, gostaria de lhe falar.

— Pois não, meu rapaz.

— Esse novo exército...

— O que tem ele? — Pym o interrompeu numa demonstração de pressa ao mesmo tempo em que o olhar ia do chalé aos pesados portões de Stoke Podge.

— Eu ficaria muito satisfeito se pudesse fazer parte dele. O senhor não poderia interceder junto a lorde Essex a meu favor e me conseguir um posto de oficial?

— Você conta apenas quinze anos, não é?

— Completo dezesseis este mês — informou Robert. — Logo serei mestre no espadim de cavaleiro e sei manejar bem a espada da cavalaria. Sou versado nas dezoito posturas de lanceiro e nas trinta e quatro de mosqueteiro. Sou um cavaleiro eficiente e possuo ótima pontaria.

Pym suspirou impaciente.

— Robert, aos dezesseis anos...

— O príncipe Rupert do Reno tinha apenas quatorze quando lutou a primeira batalha e essa é a idade em que os reis atingem a maioridade — argumentou Robert.

— Não duvido de sua capacidade, rapaz, porém...

— Tenho um metro e oitenta e sete centímetros de altura e a cada dia que passa meu peito e ombros ganham em largura — Robert o interrompeu com determinação, sem se importar com a irritação óbvia de Pym.

A insistência do rapaz e a nota de arrogância na voz provocaram a desconfiança de Pym.

— Você fala, Hubbard, como se tivesse a pretensão de ser o meu comandante — disse ele com rispidez. — Oficiais devem liderar seus homens e para tanto precisam ser respeitados. Nenhum soldado do exército do povo obedecerá a um rapaz mimado da nobreza.

Robert ficou tenso com o insulto, mas continuou firme.

— Farei parte desse exército, senhor — insistiu ele.

— Pois então, voluntarie-se como cadete e sirva de bucha para canhão — Pym respondeu furioso e afastou-se.

Robert mal pôde conter a indignação. Afinal, ele era filho e neto de grandes chefes de clãs irlandeses, um guerreiro e não um almofadinha da fraca aristocracia inglesa. Todavia, essa verdade não poderia revelar a ninguém.

Ao voltar para à mansão, Robert notou que os portões tinham sido deixados abertos. Lembrou-se da pressa demonstrada por Pym e de não ter visto acesas as tochas à volta do chalé. Esses três fatos pareciam indicar que, nessa noite, haveria mais de um encontro secreto em Stoke Podge.

Até bem depois da meia-noite, Robert manteve-se à janela do seu quarto com os olhos fixos no chalé de verão. As luzes continuavam acesas no segundo andar e ele imaginava se Pym trabalhava nos intermináveis projetos de lei, ou lia a Bíblia, ou ainda, de joelhos, rezava ao Deus da ira cultuado pelos puritanos. Duvidava das três alternativas.

Foi então que ouviu o ruído das rodas de uma carruagem nas pedras da alameda de entrada. Como estivesse no escuro, Robert abriu bem a janela e debruçou-se. Conseguiu apenas averiguar que se tratava de um veículo puxado por quatro cavalos que ia diretamente para o chalé.

No mesmo instante, ele deixou o quarto e, com a agilidade de um gato, ganhou o andar térreo, de onde escapou para o jardim pela janela da biblioteca. Correu em direção ao chalé e quando se encontrava a uns vinte e poucos metros de distância viu a carruagem parar à porta dele.

O lacaios acendeu uma pequena lanterna, cuja luminosidade protegeu com a mão, e correu até a porta do veículo, onde o cocheiro já ajudava a passageira a descer.

Ela estava envolta por uma capa volumosa com capuz, apesar de não fazer frio. O pulso de Robert se acelerou quando ela virou o rosto para falar com o lacaios, porém não pôde ver-lhe as feições, por estarem escondidas sob uma máscara.

Assim que a mulher entrou no chalé, ele começou a caminhar com cuidado a fim de alcançar o lado oposto do chalé. Foi um processo vagoroso, pois várias vezes teve de deixar o abrigo das árvores e expor-se aos olhares do cocheiro e do lacaios. Precisava, então, esperar com paciência até que eles se virassem de costas ou de lado.

Ele levou mais de uma hora para alcançar o ponto sob a janela por onde saíam murmúrios indecifráveis. Cada vez tornava-se mais premente a necessidade de verificar o que se passava lá dentro.

Agarrado às saliências de pedra da parede, Robert conseguiu subir até o parapeito largo da janela. Com uma pequena faca que sempre trazia consigo, enfiada no vão das folhas de madeira, ele levantou a tramela bem devagar. Uma fresta de menos de dois centímetros de largura proporcionou-lhe uma visão completa do quarto. Foi preciso morder o lábio para não deixar escapar uma exclamação de contentamento.

A máscara, a capa, o vestido, a camisa, as botas e as meias da mulher faziam uma trilha que ia da porta do quarto à beirada da cama. Sobre esta, a senhora em questão retorcia-se em agonia sob o corpo igualmente nu de Pym.

Robert passou a observá-los em estado de fascinação, não só por se tratar

de um ato íntimo como também por ser o piedoso e fanático reverendo puritano, mestre John Pym, que se engajava na prática da fornicção.

Vez por outra, quando o casal se virava um pouco, a visão das formas arredondadas do corpo da mulher provocava uma certa excitação em Robert, porém o estímulo não era maior do que se ele estivesse presenciando uma cena entre dois animais no campo.

O que realmente lhe interessava era ver o rosto da mulher. Paciente, esperou enquanto os gemidos de Pym foram aumentando num crescendo até que o corpo dele, após uma última convulsão, rolou para o lado.

A parceira sentou-se no mesmo instante e arrumou os cabelos despenteados. Tratava-se de uma mulher linda, de feições aristocráticas e corpo bem-feito, apesar de não ser mais muito jovem. Contudo, seus atributos femininos não interessavam a Robert tanto quanto a sua identidade. Esta sim, era de extremo valor.

Eram quase oito horas da manhã seguinte quando John Pym e seu ajudante foram interrompidos na viagem de volta a Londres. Encontravam-se a pouco mais de um quilômetro de Stoke Podge e pararam ao ouvir:

— Mestre Pym, gostaria de lhe falar outra vez.

— Já lhe disse tudo ontem à noite, Hubbard. Agora tire sua montaria do caminho — ordenou Pym.

— Desconfio que o senhor gostaria de me ouvir em particular — disse Robert sem se mexer.

Como na véspera, Pym irritou-se com a arrogância do rapaz. Era inacreditável que ele tivesse adquirido um ar tão imperioso e de tanta soberba já aos dezesseis anos. A estatura avantajada, os olhos escuros e as feições esculturais dele o exasperavam mais ainda.

— Sua avó é uma amiga valiosa ao Parlamento, Hubbard, porém nossa amizade...

— Não significa nada para mim. *Lady Hatton* não me consulta sobre seus negócios e eu não me imiscuo neles.

Rubro de raiva, Pym empertigou-se na sela.

— Sua impertinência me ofende!

— E a sua imprudência quanto à segurança de seus visitantes me deixa atônito — declarou Robert com suavidade.

Pym ficou lívido e curvou os ombros. Fechou os olhos por alguns segundos e depois fez um sinal ao ajudante para se afastar. Robert esperou até poder falar sem ser ouvido.

— Lucy Hay, a condessa de Carlisle, foi amante de Thomas Wentworth,

lorde Strafford, durante muito tempo. Agora vejo que eram verdadeiros os boatos de que ela abandonara o homem nas vésperas da queda dele.

Pym tossiu antes de falar com voz incerta.

— A condessa prestou serviços inestimáveis à nossa causa, Hubbard.

— Acredito, ainda mais levando-se em consideração o posto dela de confidente e dama da rainha. Não é à toa que o senhor surpreende seus companheiros com o serviço de espionagem na corte.

— Se você crê realmente em nossa causa, vai manter segredo a respeito da condessa de Carlisle.

— Mestre Pym, eu jamais prejudicaria a sua luta, mas não porque acredite nela. Eu não faria isso porque tenho certeza de que o senhor será vencedor e eu quero ficar do seu lado a fim de compartilhar dos despojos.

Pym ergueu a cabeça num gesto brusco e fitou o rapaz, desta vez, de igual para igual e como inimigo.

— Se raciocina dessa maneira desabusada quer dizer que não é melhor do que um cavalheiro esquentado e orgulhoso seguidor de Charles, isto é, mais interessado na própria prosperidade do que na missão do rei.

— Pode ser. Todavia prefiro ficar do lado vencedor que, acredito, será o seu.

— Passe muito bem, rapaz! — Pym exclamou e já ia esporear a montaria, mas Robert segurou-a pelo cabresto.

— Mestre Pym...

— Acho de bom alvitre me deixar ir!

— Só quando eu tiver terminado, velho idiota!

As palavras tiveram o efeito de uma chicotada, porém a expressão feroz dos olhos negros impediu Pym de revidar.

— Não seriam os serviços da condessa à causa que eu revelaria e sim os carnavais que ela presta ao senhor. O que diriam as mães de famílias puritanas se soubessem que o seu líder espiritual se relaciona com uma meretriz da nobreza?

— Atrevido! Lucy...

— Não passa de uma prostituta que adora o poder. Eu também o ambiciono, mestre Pym, e descobri uma maneira de conquistá-lo.

Um suspiro longo escapou dos lábios de Pym e ele esfregou os olhos num gesto de desânimo. Finalmente, disse:

— Amanhã falarei com lorde Essex a seu respeito.

— Ótimo! Ficarei satisfeito com o posto de primeiro-tenente — declarou Robert, soltando a montaria do outro.

— Não sei qual foi o caminho que você escolheu para seguir, Hubbard, mas já posso predizer que ele o levará muito longe — Pym resmungou entre dentes.

— Bem longe, mestre Pym, bem longe!

CAPÍTULO V

MEADOS DE OUTUBRO DE 1641
MANSÃO CLAYMORE – IRLANDA

O olhar de lady Elana Claymore voltou-se para o reflexo no espelho enquanto retirava o peitilho incrustado de turmalinas. Sem ele, o vestido de cetim azul-noite, enfeitado de rendas e fios de pérolas, ficava todo à vista. Ela encolheu um pouco os ombros de linhas perfeitas e deixou-o cair no chão. Da mesma forma, livrou-se da camisa que, como o vestido, não se deu ao trabalho de apanhar. Na manhã seguinte, a criada os guardaria.

Sobre a pele, vestiu um penhoar da cambraia creme preso por fitas rosa um pouco abaixo dos seios. Sentou-se, então, à mesinha de toalete, tirou os pentinhos de tartaruga e o fio de pérolas que lhe seguravam o penteado e sacudiu a cabeça a fim de deixar a farta cabeleira soltar-se sobre os ombros.

Enquanto a escovava, Elana rememorou o jantar que terminara há pouco no grande salão. Os convidados tinham sido os lordes Antrim e Gormanston e o sobrinho deste último, *sir* John Redding, recém-chegado de Londres.

Elana havia sentido uma atração imediata por Redding. Ele era alto e magérrimo, porém ela percebera esperteza e sagacidade nos olhos fundos e na expressão do rosto anguloso. Ao serem apresentados, o olhar dominador e atrevido dele lhe dissera que o vestido de cetim não escondia a beleza e a sensualidade do seu corpo. Tornava-se evidente que John Redding era do tipo de homem que sabia lidar com mulheres e, seduzi-lo, constituía um bom desafio. Ela sentia-se segura de que o resultado abrangeria, mais do que a atração física.

Seu pai, Antrim e Gormanston tinham um ponto de vista político comum, do qual se negavam a abrir mão. Os três apoiavam o rei, apesar da situação precária dele. Na conversa durante o jantar, John Redding concordara com eles, embora Elana detectasse um segundo sentido e até avisos velados nas palavras de apoio que dissera.

Sem admitir abertamente, Redding dera o entender que a chegada dele à Irlanda, pouco depois da do novo lorde tenente, William Parson, não tinha sido mera coincidência. Quanto mais Redding falava, mais Elana aprendia sobre a situação política e mais desejava que o pai tagarela tomasse um pouco

de cuidado com a língua.

Na sua opinião, uma pessoa devia guardar segredo da posição política quando existiam duas facções fortes até saber qual seria a vencedora. Tinha certeza de que John Redding concordaria com ela. Essa era uma arte que aprendera muito bem na corte francesa, onde as tramas eram constantes. Para Elana, tecer intrigas e fazer amor eram coisas semelhantes, pois ambas, além de agradáveis, representavam paixões excitantes.

Outra vez sua intuição avisou-lhe que Redding apoiava o conceito e perseguia os dois propósitos. O Parlamento na Inglaterra precisava de um homem que o mantivesse informado a respeito da posição irlandesa e dos antigos ingleses na Irlanda. As últimas palavras de John naquela noite a asseguraram de que ele era esse homem.

Os três senhores mais velhos estavam convencidos de que O'Neill, O'Hara e outros irlandeses importantes apoiariam o rei. Redding os aconselharam então:

— Não tenham tanta certeza assim. Eu acharia mais conveniente que os senhores mantivessem um pé em cada canoa.

As palavras do sobrinho fizeram lorde Gormanston corar e protestar com veemência:

— Como pode dizer uma coisa dessa sendo monarquista e católico, John?

Redding apenas encolhera os ombros e só Elana lera-lhe no sorriso discreto e no olhar sagaz as palavras que ele não pronunciara: “Quando chegar a hora, os senhores lamentarão não terem levado em conta meu conselho desta noite”.

“Muito bem, sir John Redding”, Elana pensou ao escovar os cabelos com mais vigor. “O senhor me avisou e eu vou me precaver”;

O dote de Elana, bem como todos os seus bens, estavam vinculados à propriedade de Claymore. Ela não tinha a mínima intenção de perder tudo por causa da integridade idiota do pai e da aliança dele como o rei. Como Redding, ela faria um jogo duplo, aliás, triplo, pois além da facção monarquista e a do Parlamento existia ainda a irlandesa, com a qual já mantinha contato.

Essa idéia provocou-lhe um sorriso. Fora difícil vencer a tentação de contar a Redding a conversa ouvida no estábulo de Ballylee no dia do casamento. Que grande débito ele e Parsons teriam para com ela se soubessem, por seu intermédio, que os irlandeses pretendiam atacar primeiro.

Todavia ainda não era possível fazer tal revelação. Precisaria primeiro descobrir a data certa do ataque. Fora uma grande falta de sorte sua ter sido obrigada a deixar o esconderijo no estábulo, por causa da aparição de dois criados, justamente na hora em que os rebeldes iam informar esse detalhe. Desde então, ela empregara seus talentos a fim de conseguir a informação importante e estava certa de que logo, talvez no dia seguinte à noite, estaria de posse dela.

Um ruído na janela interrompeu seus pensamentos. Largou a escova e ficou em pé com um ar assustado. A veneziana se abriu e uma silhueta envolta numa capa pulou para dentro do quarto. Elana já ia gritar, mas o capuz do intruso descobriu-lhe a cabeça e ela reconheceu os cabelos loiros de Patrick Talbot.

— Boa noite, *milady*. — saudou ele com uma curvatura.

— Seu louco! Meu pai...

— Ronca sossegado — Patrick garantiu com um sorriso.

— E os criados?

— Não há por aqui — afirmou ele.

Elana notou o olhar ávido em seu corpo e resolveu apanhar algo mais pesado para vestir. Já abria o armário, mas Patrick a interrompeu e a tomou nos braços.

— Bobagem, já vi você com menos do que isto várias vezes, não é verdade?

A proximidade de Patrick a deixava confusa. A chegada inesperada garantia a ele um elemento de surpresa e de controle da situação, o que a irritava.

— Concordei em nos encontrarmos amanhã à noite.

— Não agüentei as saudades — confessou ele.

— E não nesta casa, santo Deus! — Elana protestou ao escapar dos braços dele.

Patrick a observou com atenção enquanto ela andava pelo quarto. Cada movimento era gracioso e feminino e, através do penhorar transparente, ele podia ver as curvas da silhueta perfeita. Já havia feito amor com ela três vezes, desde o casamento de Maura, e o arrebatamento e a paixão aumentaram em cada nova ocasião. Embora fosse jovem, ele já havia tido várias mulheres, porém nenhuma com a habilidade de Elana para satisfazê-lo. Aliás, começava a imaginar se conseguiria apreciar tanto uma outra parceira.

Patrick aproximou-se de Elana e quando ela se virou os olhos cor de

turquesa brilhavam de raiva.

— Como você se atreve a invadir o meu quarto igualando-me a uma de suas rameiras de taverna?

— Você me enfeitiçou — murmurou ele sem nenhum traço de ressentimento. — E embora eu ache você a mulher mais voluptuosa é sensual que já encontrei, adorável Elana, não a considero como uma meretriz.

— Patrick, você precisa ir embora!

Ele estendeu a mão e segurou a fita que soltaria o penhoar. Ainda com voz suave, explicou:

— Eu não poderia encontrá-la amanhã. Estou a caminho de Dublin. Elana estava prestes a impedi-lo de abrir o penhoar, contudo a informação inesperada a fez mudar de idéia.

— Está mesmo indo a Dublin esta noite?

— Estou, sim — respondeu ele, distraído, ao mesmo tempo em que puxava a fita. — Deus do céu, você é perfeita — murmurou acariciando-lhe os quadris.

Elana reprimiu uma exclamação de prazer. Considerava Patrick Talbot um amante ótimo e experiente nas maneiras de excitar e satisfazer uma mulher. Todavia, esta noite, ela almejava mais do que a satisfação física.

“Se você aspira algo de um homem em retribuição aos seus encantos, consiga-o antes do desejo dele ser satisfeito. Pois se você esperar, ele terá tempo para pensar e acabará se esquivando. Os homens nos consideram lindas quando somos virgens e depois mal se lembram de nós.”

Elana não permitiu que Patrick a beijasse, porém deixou-se abraçar e, enquanto o acariciava nos cabelos, murmurou-lhe ao ouvido:

— O que você encontrará em Dublin mais interessante do que eu? Disposto a não se deixar distrair, Patrick afundou o rosto nos seus cabelos.

— Que suavidade! E o perfume então? Suficiente para levar um homem à loucura!

— Patrick, não me provoque! — sussurrou ela, e com a ponta dos dedos percorreu-lhe as linhas do rosto numa afago insinuante até que os olhares se cruzaram.

“Em que terreno mais perigoso eu estou pisando”, Patrick refletiu ao se sentir atraído por aqueles olhos ligeiramente oblíquos. Pelo brilho estranho que via neles, pressentiu que Elana desejava algo dele, porém não fazia a mínima idéia do que pudesse ser.

— Sabia, Elana Claymore, que você tem olhos de feiticeira? A expressão e o que existe por detrás deles poderiam destruir a alma de um homem.

— E a sua alma correrá menos perigo em Dublin? Patrick atirou a cabeça para trás e riu divertido.

— Não, menina, não será a minha alma que estará em perigo em Dublin. Num gesto brusco, ele despiu-lhe o penhoar e a estreitou nos braços, beijando-a com sofreguidão.

— Patrick, não! Não agora! Adie sua viagem a Dublin.

— Não posso. Preciso estar lá no dia da feira.

Com a vantagem da superioridade física, Patrick a levou para a cama e deitou-se sobre ela. Ofegante e retorcendo-se, Elana ordenou:

— Saia já daqui!

A única resposta foi um riso baixo enquanto, depressa, ele se livrava do colete de couro e da camisa de cambraia.

O contato do peito nu sobre os seios provocou uma onda de desejo em Elana, porém ela continuava a resistir. Ao mesmo tempo, repassava mentalmente as palavras dele. De repente, elas fizeram sentido e Elana parou de lutar. Hoje era terça-feira. Três dias de viagem a Wicklows, isto é, até sexta-feira. Sábado era o dia da feira em Dublin. Elana sorriu e relaxou. Já tinha a data.

— Assim está bem melhor — Patrick sussurrou.

Ele havia tirado o resto da roupa e Elana podia sentir-lhe toda a virilidade.

— Ah, muito melhor — suspirou ela, pronta para recebê-lo em seu corpo.

“Sacie o seu desejo, Patrick Talbot, e o meu também.”

Elana sentiu-se desabrochar como uma flor sensual sob o corpo de Patrick e pensou excitada: “Sim, ele é um ótimo e maravilhoso amante!”

Por um longo tempo, eles permaneceram abraçados e imóveis, entregues à doçura da experiência compartilhada. Então, bem devagar, Elana deslizou na cama, afastando-se de Patrick. Notou que ele tinha os olhos fechados e um sorriso de satisfação nos lábios. Deixou que o olhar percorresse o corpo viril e atraente e isso provocou-lhe uma nova onda de desejo. Todavia, ela a abafou, pois havia muito coisa que precisava fazer ainda essa noite.

Já começava a se levantar quando Patrick a puxou para os braços dele.

— Você deve ir embora agora — disse Elana.

— Só mais um pouquinho — Patrick prometeu ao mesmo tempo em que lhe acariciava os seios, que logo se excitaram.

— As minhas criadas podem entrar aqui.

— Elas baterão primeiro. Elana, você não tem medo?

— Do que, de ficar grávida?

— É — murmurou ele, meio acanhado.

Elana sorriu. De fato, Patrick era um bom amante, conhecedor da arte de fazer amor, porém ignorante sobre outros problemas femininos. Beijou-o de leve nos lábios e respondeu:

— Existe mesmo esse perigo, mas a mulher pode evitá-lo através de certas medidas.

Isso bastou para que ele, despreocupado, se inflamasse de novo e a beijasse com paixão. Elana percebia-lhe o estado de excitação e sabia que não se livraria dele antes de satisfazê-lo outra vez. Isso ela conseguiu da maneira mais rápida possível, lançando mão de todas as artimanhas que conhecia.

Finalmente, já vestido, Patrick beijou-a pela última vez e perguntou:

— Elana, o que você faria se ficasse grávida?

— Não sei — respondeu ela, sem poder disfarçar a impaciência da voz.

— Acho que me casaria. Agora vá depressa.

Do peitoril da janela, ele ainda perguntou:

— Por que você ainda não se casou?

— Sei lá! Com certeza porque ainda não encontrei um homem sem o qual eu não poderia viver.

O brilho dos olhos de Patrick aumentou como se Elana lhe houvesse proposto um desafio. Ela se assustou e percebeu algo mais na expressão daquele olhar que não pôde decifrar. Impaciente, fechou a janela antes que ele pudesse fazer mais perguntas.

Ansiosa, Elana esperou até não mais ouvir o ruído que Patrick fazia descendo pelas trepadeiras para o pátio e então correu até a pequena escrivaninha num dos cantos do quarto.

De posse de papel, pena e tinta, ela pensou em voz alta:

“*Sir John Redding* ou *sir William Parsons*?”

“Parsons”, resolveu, “pois o poder está nas mãos dele. Naturalmente mencionarei Redding para que ele também fique em débito comigo.”

Minutos depois, com a carta escrita e lacrada, Elana vestiu uma camisa e enrolou-se numa capa pesada de veludo.

Lá fora, surpreendeu-se com o silêncio envolvente e com o céu estrelado. “Uma noite linda!” pensou, “e espero que bem lucrativa para mim!”

O cavaliço, acordado por Elana, assustou-se tanto com a sua presença que precisou repetir várias vezes as instruções dadas por ela.

— Vá o mais depressa possível a Dublin e volte para cá em seguida. Nada de paradas desnecessárias. Tome cuidado e só entregue esta carta nas

mãos de *sir* William. Se eu souber que me desobedeceu, eu mesma o chicotearei.

Elana esperou até que o cavaliário selasse a montaria e partisse a galope. Só então voltou para o quarto e se deitou. Para surpresa sua, não conseguiu dormir logo, pois a lembrança do amor feito com Patrick Talbot encheu-lhe os pensamentos. Sorriu e espreguiçou-se com sensualidade ao rememorar as carícias recebidas e a delícia de ter o corpo viril sobre o seu.

De repente, o último olhar dele antes que fechasse a janela apareceu vivido em sua mente e Elana sentou-se assustada. Naquele momento, não lhe dera a devida atenção, mas agora tinha a impressão de ter visto nele uma sombra de esperança.

— Deus meu, não! — exclamou ela em voz alta. — Esse rapaz impetuoso não pode estar apaixonado por mim!

CAPÍTULO VI

23 DE OUTUBRO DE 1641

DUBLIN — IRLANDA

Donal O'Hara semicerrou os olhos contra a neblina e o vento frio da manhã. Cavalgava com o corpo inclinado para a frente e o queixo enfiado na pele da capa. Mantinha-se calado e entregue aos pensamentos tumultuados.

Logo atrás, vinha Patrick Talbot. Ereto na sela, ele tinha um sorriso jovial que combinava com o meneio elegante da pluma do chapéu.

Donal virou-se para trás e não pôde deixar de sorrir também. Pela expressão despreocupada do cunhado, ele bem poderia estar a caminho de uma festa, e não da invasão do castelo de Dublin. Donal não se iludia e nem se importava com a aparência calma de Patrick, pois sabia que ela disfarçava o peso da responsabilidade assumida mais de uma vez e quando a situação exigia, Patrick havia demonstrado raciocínio calmo e nervos de aço. Donal sentia-se bem mais seguro nesse dia na companhia intrépida dele. — Donal, lá está o rio Liffey.

Ao se aproximarem do rio, o número de árvores foi diminuindo e a neblina aumentou. Donal estremeceu com o frio que lhe penetrava até a medula dos ossos. Contudo não eram apenas a umidade e o vento que lhe provocavam arrepios, já que a falta de conforto físico não costumava importuná-lo. O medo de perder algo muito precioso era o que o deixava gelado. Na noite anterior, eles tinham acampado num bosque de bétulas, perto do Bog of Allen, um dos maiores pântanos da Irlanda. Preferiam dormir ao relento do que nas péssimas hospedarias de beira de estrada, onde correriam o risco de ser reconhecidos.

Enrolado na capa de pele, Donal se deitara sobre a manta estendida no chão. Mal fechara os olhos quando a lembrança dos últimos dias com Maura o dominou por completo.

Ele nunca havia imaginado pode amar com tanta intensidade. Ao deixar Ballyhara e nos meses seguintes, alimentara apenas ódio e desejo de vingança no coração. No entanto, Maura havia conseguido fazê-lo substituir esses sentimentos por amor e desejo por ela. Durante o período breve que se passara, desde o casamento, ela se tornara uma parte tão integrante do seu

ser que a resolução de participar de um conflito armado havia enfraquecido. Teria o amor feito dele um covarde?

Provavelmente sim, aos olhos de muita gente, caso ele revelasse a verdade. Isso jamais o faria, pois poucos compreenderiam que não era o medo da morte que o motivava, e sim o de separar-se de Maura.

Donal passara quase a vida toda esperando por esse dia em que pudesse atacar os opressores da Irlanda. Tanto o corpo como a mente fortes estavam preparados para isso. Entretanto, por mais que se esforçasse, não conseguia apagar da lembrança a imagem de Maura. Lembrava-se de suas curvas macias e do olhar apaixonado com que o fitava no momento da satisfação plena.

Mais uma vez, ele reviveu o cuidado dela em arrumar sua sacola de viagem e enrolar a manta. Sentira um aperto terrível no coração quando, tudo pronto, Maura se virará e o fitara. Ela segurava um castiçal na mão e a luz da vela refletia-se em seus cabelos dourados.

— Como vou sentir falta dos seus cuidados de esposa — Donal dissera com um sorriso triste.

— E como Ballylee vai ficar vazio e sem vida até a sua volta. A minha solidão vai ser imensa — murmurara ela.

“Tanto quanto a minha agora”, pensou Donal.

— Ei! — A voz forte de Patrick soou atrás dele, trazendo-o de volta à realidade do momento.

— O que foi?

— Está dormindo na sela, homem? Ou será que prefere ir a Ringsend em vez de Dublin?

Desconcertado, Donal puxou as rédeas a fim de fazer a montaria voltar à encruzilhada onde tinha enveredado pelo caminho errado e resmungou algo, pondo a culpa na neblina. Logo depois chegavam a outra bifurcação.

— Por aqui? — indagou Donal.

— Isso mesmo. É Old Bridge Lane — replicou Patrick, e ambos tomaram a direção sul.

Um telhado de sapé foi logo seguido por outro e outro até que perto do rio o casario se amontoava.

— A cidade está crescendo. Há um ano atrás não havia mais do que umas poucas casas ao norte do rio — Patrick comentou admirado.

Logo depois, Donal puxou as rédeas do animal e parou.

— O que foi? — indagou o companheiro ao mesmo tempo em que lhe seguia o olhar de surpresa.

Do outro lado do rio e acima do manto da neblina, apontavam para o céu as torres do castelo de Dublin.

— Ah, eu tinha me esquecido de que você nunca havia estado aqui, Donal. A mais alta é a torre de Birmingham, onde The O'Donnell, Red Hugh e Shane O'Hara, pai de Rory, passaram dias entre ratos e na umidade, antes do levante do grande O'Neill. A do lado e o torreão marcam a muralha sul. Nós entraremos pelo portal norte.

Donal sorriu.

— Façamos votos para que não passemos a noite acima do nível do pátio.

Já iam reiniciar a caminhada quando uma voz estridente, vinda de um pequeno atalho à direita, lhes chamou a atenção.

— Vão para a feira de Dublin, rapazes?

— Vamos, sim — replicou Patrick.

— Então vejam minhas aves. Tenho frangos, galinhas, patos a um preço mais baixo.

— Não, meu velho, não temos muito tempo para fazer as compras lá na feira e estamos com pressa — disse Donal.

— Acho melhor verem minhas aves — insistiu o homem.

Algo naquela voz estridente os fez aproximar. O homem estava de cócoras numa carroça puxada por burro e atrás dele havia um engradado com as galinhas e frangos. Podia-se notar a estatura forte mesmo com o casacão grosseiro e, quando ele levantou a cabeça, eles notaram a barba grisalha, o nariz grande e torto que devia ter sido quebrado no passado.

Contudo, foi o brilho de alegria nos olhos escuros que fez Patrick sorrir com prazer. Ele havia encontrado Connor Macguire poucas vezes mas podia reconhecê-lo com facilidade.

— Foi uma queda muito grande, Connor, de senhor de solar a vendedor de aves — comentou Patrick.

— Ah, meu rapaz, é da vontade de Deus que um pobre chefe de clãs ganhe seu pão desta forma — replicou ele, olhando de Patrick para Donal. — Você deve ser Donal, filho de Cormac de Ballyhara.

— Sou, sim. Mas agora vivo em Ballylee e dedico minha fidelidade a Rory, The O'Hara.

Macguire apenas sacudiu a cabeça. Não havia necessidade de abordar o passado nesta conversa. O que iam fazer tinha muito mais importância.

— Vocês têm lenços para os pescoços?

— Temos, sim — Patrick respondeu e tirou uma echarpe verde debruada

de vermelho de sob a capa.

— Muito bem — replicou Macguire. — Não se esqueçam de usá-los. Não vai adiantar nada se lutarem contra seus irmãos aliados.

Por alguns momentos, ele se calou como se estivesse pondo as idéias em ordem. Depois, explicou:

— Ao meio-dia, teremos cerca de quarenta rapazes dentro das muralhas da cidade. Uma hora depois, vocês já se encontrarão no pátio do castelo e, ao bater das duas, atacaremos. Se falharmos...

— Isso não acontecerá — Donal murmurou.

— Se falharmos — Macguire continuou, sem dar atenção ao aparte — e o alarme soar, o guarda do portal St. James foi subornado. Essa será a única saída para uma fuga. Se for preciso usá-la, vão para Naas no sul e depois corram para Wicklows. Haverá homens de O'Toole e O'Byrne escondidos ao longo do caminho para impedir o avanço dos perseguidores.

Os dois concordaram com um aceno de cabeça e viraram a montaria a fim de retomarem a estrada.

— Uma outra coisa, rapazes. É melhor enrolarem os capuzes para dentro das capas, à maneira dos ingleses, e as manterem abertas. Se alguém os tomar por aristocratas irlandeses não suspeitarão de vocês se as armas estiverem à vista.

Donal demonstrou ter compreendido com uma frase em irlandês, o que provocou mais conselhos do antigo chefe de clã.

— Não conversem nem confiem em ninguém nas ruas. Eles lá não são como os camponeses e não mantêm fidelidade a clã algum. Falem só inglês.

— Eu nunca aprendi — protestou Donal.

— Então fique calado — disse Macguire, cujos olhos voltaram a assumir um ar alegre. — E você, Patrick, veja o que vai fazer de agora até o meio-dia. Cada rua de Dublin tem uma taverna e cada taverna, uma prostituta.

Patrick riu divertido.

— Não há uma só em cada lugar, mas bem umas cinco. Não precisa se preocupar com isso, meu amigo. Eu agora tenho uma namorada e não quero levar-lhe doença alguma daqui.

— Que Deus os acompanhe, rapazes.

Deixaram Macguire e pouco depois entravam em Dublin pelo Dame's Gate. No mesmo instante foram envolvidos pelos ruídos, cheiros e cenas da cidade atulhada de gente. Ruas estreitas seguiam em todas as direções e em todas elas mascates ofereciam suas mercadorias. Crianças andrajosas chegavam perto demais dos flancos dos cavalos e prostitutas levantavam as

saías para chamar a atenção.

Eles cavalgaram à volta da muralha externa do castelo e deixaram as montarias num estábulo público perto do portal de St. James.

— Vamos a Buli Aleey — convidou Patrick. — Acho bom nos alimentarmos antes de começar a luta.

Juntos, abriram caminho entre o povaréu, passaram pelas bancas de livros na Werburgh Street e pelas lojas em Skinners' Row. Na Buli Alley, Patrick parou sob uma tabuleta onde se lia "The Bear and Ragged Staff".

— Vamos entrar aqui. Qualquer lugar serve, já que em todos a comida é péssima.

Lá dentro, pediram cerveja e ensopado de carneiro a uma mulher gorda, de olhos arregalados, que se interessou logo pela boa qualidade das roupas deles.

— Os cavalheiros são de Londres? — indagou ela.

— Somos, sim. Somos compradores de lã — Patrick replicou sem sotaque algum.

A mulher olhou curiosa para os cintos deles, onde estavam presas as bolsas, numa tentativa de avaliar o peso delas. Aparentemente satisfeita, ela foi embora e voltou logo com as canecas de cerveja e dois pratos fundos e grandes de madeira com um ensopado gorduroso.

Antes de se afastar, a mulher inclinou-se em frente a Donal até ficar com o rosto a poucos centímetros do dele.

— O cavalheiro estaria interessado em se divertir um pouco esta tarde com alguém do sexo fraco?

Sem conseguir compreendê-la, Donal a fitou com o olhar vago. Interpretando-o mal, ela explicou depressa:

— Ah, não é comigo, não, e sim com minha filha, uma mocinha de doze anos. Ela está bem no ponto.

— Não estamos interessados, mulher — interferiu Patrick. — Temos negócios a tratar. Vá embora!

— O cavalheiro não pode falar por si mesmo? — insistiu ela com Donal.

— Não, ele é mudo — Patrick respondeu. — Agora suma! Com ar aborrecido, ela obedeceu.

— O que foi? — Donal quis saber quando ficarem a sós e mal mexendo os lábios.

Quando Patrick explicou, ele ficou lívido e as mãos começaram a tremer.

— O que foi? — indagou o cunhado aflito.

— Isso me faz pensar em minhas irmãs que vieram para Dublin e

também o que aconteceria a Maggie” se...

— Maldito idiota! — Patrick exclamou, interrompendo-o.

— Quem!? — Donal inquiriu, surpreso.

— Bem atrás de você, perto da porta, não olhe agora, estão Hugh MacMahon e os dois filhos dele.

— E o que tem isso?

— Os três estão totalmente embriagados — Patrick explicou com uma voz cheia de desprezo.

BALLYLEE — IRLANDA

Maura guardou o bordado na cestinha e levantou-se.

— Você está irrequieta, menina — Shanna comentou ao erguer a cabeça.

— Estou mesmo. Vou respirar um pouco de ar fresco.

Aileen pôs de lado o pincel que estava usando e disse:

— Acho que sou uma pintora muito sombria. Vou com você, Maura.

— A estas horas, eles já estão em Dublin — Shanna falou num fio de voz.

— Não fará bem a ninguém vocês duas ficarem doentes por apanharem frio na balaustrada enquanto olham para o leste.

Maura e Aileen trocaram olhares, mas não responderam. Em silêncio, deixaram a sala. Agasalharam-se com capas pesadas e, depois de subirem dois lances de escadas de pedra, emergiram no topo da torre.

— Será que todas as mulheres são obrigadas a bordar, fazer tapeçarias e pintar quando seus homens vão para a guerra? — Maura perguntou, desconsolada.

— É o que nos cabe — Aileen respondeu, pesarosa. — E também cuidar dos lares que os homens lutam por conservar.

— Nunca invejei as mulheres do passado, as esposas dos homens de um clã cujos maridos passavam a maior parte do tempo nas guerras — Maura confessou, debruçando-se no parapeito frio de pedra.

— Sabe, Shanna tem razão, não há nada que possamos fazer, minha querida.

Durante algum tempo, Maura ficou calada, ouvindo o silvar do vento na torre. Era um som triste que parecia ecoar a sua própria solidão. Quando falou de novo, sua voz parecia tão cortante quanto as rajadas de vento.

— Há dias que nos sentamos naquelas salas silenciosas. Bordamos, pintamos e falamos sobre conservas, geléias e como bater a manteiga. Somos

tão dóceis quanto as criadas quando conversam sobre crianças e modas. Mas nada disso afasta o meu pensamento dele. Sem Donal, cada aposento deste castelo reflete a mesma solidão de minha cama e de meu coração. Tudo perdeu o interesse e as horas passam tão devagar. Se ele não voltar...

— Tanto Donal como Patrick voltarão — interrompeu Aileen. — O rei acabará cedendo e nos devolverá nossas terras, bem como a liberdade de seguirmos nossa fé católica. O Parlamento inglês não conseguirá tirar o poder de governo do rei e então a Irlanda será nossa de uma vez por todas.

— Você é tão segura, Aileen. Nada abala suas idéias, porém eu não tenho a sua fortaleza de espírito.

Inesperadamente, Maura começou a tremer e as lágrimas brotaram, copiosas. Aileen estendeu os braços e a aconchegou de encontro ao peito.

— Você também é forte, minha querida, e suas forças estão sendo postas à prova agora. É verdade que os homens lutam contra o inimigo nos campos de batalha enquanto as mulheres têm de vencer a solidão nos lares. Porém jamais se esqueça de que somos irlandeses, gaélicos briosos, e temos orgulho do nome O'Hara, privilégio que pouca gente possui. Essa é a nossa fortaleza e ninguém nos poderá tirá-la.

O corpo de Maura parou de tremer, mas ficou tenso, quase enrijecido.

— Talvez seja verdade o que você diz. Todavia, o fato de ser mulher e ter de esperar calmamente perto da lareira me sufoca. Preferia ser homem e lutar nos campos de batalha.

De repente, acima do lamento lúgubre do vento, ouviu-se o uivar sinistro de lobos.

— Estranho — murmurou Aileen pensativa. — Nunca soube que os lobos caçassem durante o dia e com chuva.

— A fome tira todas as feras dos seus covis, não importa o perigo a ser enfrentado.

Como em resposta às palavras de Maura, o uivar aumentou até ser acompanhado pelo balido agonizante de um cordeiro.

CASTELO DE DUBLIN

Em pequenos grupos de dois ou três, eles entraram pelo portal do castelo. As grades da ponte levadiça apontavam para o céu como dentes afiados. Ao atravessá-la, Patrick e Donal ouviram o riso ruidoso dos guardas nas guaritas de ambos os lados.

— Conteí doze — informou Patrick baixinho.

— E eu nove aqui à direita — Donal replicou. — Estranho tantos guardas a serviço num dia de feira.

Antes de Patrick responder, eles alcançaram a entrada que conduzia à área mais baixa de gramados, repleta de carrinhos e bancas de vendedores. Andaram devagar e com displicência entre eles, parando aqui e ali a fim de inspecionar alguma mercadoria. Após algum tempo, chegaram à parte mais alta. Caminharam, então, rumo à Armory Tower, o arsenal do castelo, que ficava na junção das muralhas sul e oeste. De lá tinha-se uma visão completa dos pátios internos.

— Você pode ver que, uma vez tomado o castelo e erguida a ponte levadiça do portão principal, cinco mosqueteiros poderão dominar tudo dessa torre — Patrick comentou.

— Certo — Donal assentiu, porém seu olhar não estava na torre, e sim nas áreas alta e baixa onde havia feira. — Patrick você não nota nada estranho por aí? — indagou ele, com uma ruga de preocupação na testa.

— Não, o quê?

— A falta de mulheres, nem mesmo prostitutas. Afinal é dia de feira e de cem pessoas que contei apenas nove eram mulheres.

— Deve ser por causa do frio e da umidade. Os vendedores, coitados, têm de estar aqui, chova ou faça sol.

— Pode ser, mesmo assim...

— Ah, rapazes, estão prontos e dispostos? Está quase na hora — informou Connor Macguire, que se aproximara colado à muralha da torre e se acorara a pouca distância deles, à esquerda.

— Estamos, sim — respondeu Patrick. — Subjugaremos os dois guardas nas escadas da torre e então subiremos aos aposentos do lorde tenente.

— Muito bem, rapazes — Macguire assentiu e levantou-se em seguida para ocupar sua posição.

Os últimos minutos pareciam caminhar com pés de chumbo, pois passavam com lentidão exasperante. A neblina havia se transformado em chuva fina que dava brilho às pedras cinzentas do castelo. Patrick observava os homens postados pelos gramados e ao mesmo tempo mantinha-se atento à pessoa de Macguire, que daria o sinal para o ataque.

De repente, um movimento abrupto na torre, acima dos alojamentos dos oficiais e do lorde tenente, *sir* William Parsons, chamou-lhe a atenção. Um homem alto e magérrimo ocupava um dos vãos da balaustrada. Ele não vestia capa e a chuva fazia brilhar sua armadura de aço.

Ao mesmo tempo em que reconhecia a equipagem do homem para a batalha, Patrick se deu conta de que os guardas do portão principal também a ostentavam. Enquanto continuava a observar o movimento na torre, dois soldados juntaram-se ao homem alto. O rosto deste estava na sombra, mas Patrick podia divisar as feições angulosas e os olhos fundos.

O conjunto dava uma expressão diabólica ao indivíduo que Patrick tinha certeza de já ter visto, não lembrava onde.

O rosto esquisito e familiar, os guardas em armaduras e a observação de Donal sobre a ausência de mulheres fizeram soar o sinal de alarme na mente viva do rapaz. Já ia prevenir Donal quando uma gritaria e o movimento da multidão no portão principal atraíram seus olhares para lá.

— Desgraçado! É MacMahon — praguejou Donal.

Ao mesmo tempo em que ele falava, soou a voz de comando no alto da torre.

— Ergam a ponte levadiça!

Nesse instante o castelo entrou em ebulição. Mosqueteiros surgiram nas muralhas, guardas ocuparam o portão principal e os vendedores abriram as capas e sacaram armas.

— Fomos traídos, rapazes — rugiu Connor Macguire enquanto desembainhava a espada. — Para os portais!

Ele mal acabava de falar quando uma bala atingiu o carrinho ao lado. Patrick enfiou a mão sob a capa para tirar o lenço verde, mas Donal o impediu.

— Não é mais preciso isso. Agora é cada homem por si.

Lado a lado, com a espada numa das mãos e a pistola na outra, eles foram caminhando para o portal. Donal enterrou a espada num homem de uniforme vermelho que também tentou atingi-lo. Foi salvo por um tiro certo de Patrick.

— Obrigado, Patrick! — gritou ele.

— Fique de costas para mim — ordenou o cunhado.

Passo a passo, eles chegaram ao portal, onde se juntaram a Connor Macguire.

— É inútil, rapazes — avisou este ao desviar a cabeça de um golpe de espada. — Eles planejaram tudo muito bem. Para baixar a ponte seria preciso entrar na casa das máquinas, que está coalhada de guardas.

— E eles nos cortariam em pedacinhos — disse Donal.

— Para a muralha! — ordenou Patrick virando-se em direção aos gramados.

Acompanhados de mais três outros homens, os rebeldes começaram a retroceder por onde tinham vindo. A gritaria, o barulho estridente do choque de espadas e os gemidos dos feridos vinham de todos os lados.

Ao se aproximarem da área mais alta, os perseguidores os deixaram e a razão disso ficou logo clara. Desprotegidos por completo, eles eram um alvo fácil para os mosqueteiros nas muralhas logo acima.

— Corram! — gritou Macguire. — Para as escadas!

Dois dos homens caíram feridos no mesmo instante e um segundo depois uma bala atingiu Donal, que rodopiou sobre Patrick, mas não tombou.

— Pegaram você?! — indagou o cunhado.

— Pegaram, mas posso correr ainda — Donal respondeu. Conseguiram chegar ao início das escadas, onde reinava uma grande

confusão de guardas brandindo espadas. Lutando contra eles, como uma fera vinda do inferno, estava Hugh MacMahon. Ele já se encontrava sóbrio, contudo Patrick e Donal continuavam convencidos de que havia sido o estado de embriagues desse homem que alertara a guarda do castelo sobre o ataque. Mal contendo a raiva, os dois juntaram-se à luta com o resolutivo Macguire à frente.

— Suba também, MacMahon! — advertiu esse último.

— Vá indo você! — MacMahon gritou ao mesmo tempo em que, com golpes de espada e um impulso do corpo, forçava o mar de uniformes vermelhos a lhes abrir caminho.

Exaustos, eles galgaram os degraus. A meio caminho, Donal cambaleou e foi preciso o amparo de Patrick para continuar até o topo.

Lá de cima, Patrick olhou para as águas escuras do fosso e depois fitou o rosto lívido do cunhado com ar de dúvida.

— É a nossa única saída — afirmou Donal, fazendo um gesto em direção aos soldados nas escadas.

Ele pulou primeiro, seguido logo por Macguire. Patrick enfiou a espada na bainha e fechou os olhos. Segundos depois, as águas geladas do fosso envolviam seu corpo.

CAPÍTULO VII

NOVEMBRO DE 1641
BALLYLEE — IRLANDA

Acesas há três semanas, as enormes fogueiras queimavam desde os penhascos no norte, em Donegal e Ballylee, até a baía de Sligo. O reflexo delas no céu servia como farol a fim de chamar os irlandeses, fazendeiros, nobres e camponeses, para a batalha.

Em todos os lugares, exceto em Dublin, os católicos tinham provocado surpresa total. Sob o comando de sir Phelim O'Neill, as forças rebeldes haviam tomado Charlemont, Derry e Toneragee no norte, enquanto Dugannon e Newry encontravam-se sitiados e deveriam cair a qualquer dia. A rebelião espalhava-se para o sul como o fogo assoprado pelo vento.

Mesmo assim, Rory O'Hara estava longe de se sentir satisfeito. Ele havia encarado o levante como uma maneira de seus compatriotas readquirirem as terras perdidas. A ocasião parecera propícia, com o rei e o Parlamento na Inglaterra ocupados com suas diferenças sobre o poder, e ele alimentara a esperança de que a rebelião alcançasse o objetivo proposto com um mínimo de derramamento de sangue. Contudo, por conhecer bem o seu povo, O'Hara previra que a racionalidade não guiaria as massas no exercício do autocontrole, o que, infelizmente, provava-se agora. Relatórios sobre massacres de protestantes, tanto ingleses como escoceses, da nobreza ou do povo, feitos por oficiais e camponeses irlandeses, chegavam de todos os lados. Com toda a certeza existia um certo exagero nessas notícias, porém isso não tinha importância. Se a Irlanda voltasse a ser dominada por seus inimigos, esses relatórios, certos ou errados, seriam levados em consideração nas represálias que se efetuariam.

— Sigo esta noite para Munster — informou Rory O'More sem levantar a cabeça dos mapas abertos à frente dele. — Já há pequenos focos de revolta perto de Limerick.

O'Hara apenas sacudiu a cabeça e depois, com um grande esforço, perguntou:

— Por que lorde Caulfield foi assassinado quando O'Neill tomou o castelo de Charlemont?

— Por causa da ira de uma tropa um tanto zelosa demais — respondeu Heber MacMahon, do outro lado da sala.

— Isso não é desculpa — O'Hara afirmou com voz ríspida ao fitar o padre. — Como também não se justifica o massacre de fazendeiros protestantes.

O sacerdote não agüentou fitar a expressão acusadora de O'Hara e desviou o olhar.

— Há muito que vivemos sob o jugo dos protestantes. Já é tempo de expulsá-los de nossas terras.

Os ombros fortes de O'Hara inclinaram-se para a frente, e quando falou de novo sua voz era fria e cortante. Heber MacMahon, você é um idiota!

O padre levantou os olhos, fuzilando de raiva.

— Eles são hereges e como tais não merecem perdão! Todos deveriam sentir a espada na carne e ser lançados ao mar. Nós cumprimos uma missão santa! — gritou ele, com o rosto inflamado pela paixão e fanatismo.

O'Hara deu um murro tão forte na mesa que os vidros da janela reuniram.

— Pois eu acho, padre, que é exatamente a sua maneira de pensar que amedronta os ingleses e os força a tomar medidas de precaução contra nós. Você gostaria de que o Papa governasse a Irlanda a fim de conseguir uma Inglaterra católica.

— Precisamos provar nosso amor e lealdade à igreja...

Outra pancada na mesa interrompeu as palavras do sacerdote. O'Hara começou a falar em voz baixa e surda, mas o tom foi aumentando até ecoar como um trovão na sala.

— Esperar que o Papa ou a Espanha católica nos ajudem na rebelião que deflagramos é um futilidade tão grande e ridícula quanto foi nos tempos de meu pai e do grande O'Neill.

Nesse momento, O'More pôs a mão no ombro dele.

— Mande ordens a Phelim para impor mais disciplina e controle sobre as tropas. Além do mais, a notícia sobre o massacre dos protestantes foi bem exagerada na Inglaterra.

— Eu sei e é isso que me amedronta. Aumentada, ou não, todos acreditarão nela e, por causa disso, haverá protestos contra nós em Westminster como jamais houve. Marque minhas palavras, O'More, como resultado do que aconteceu nestas últimas semanas, o assassinato se transformará numa paixão de ambos os lados.

Ouviu-se uma batida na porta e, antes que alguém respondesse, ela se

abriu: a barba vermelha de O'Higgin apareceu no vão aberto.

— O que foi, O'Higgin? — indagou O'Hara.

— O rapazote MacGinnis conseguiu escapar de Dublin. Encontra-se agora na cozinha, onde estão cuidando dele.

O'Hara deixou a sala correndo e desceu os degraus das escadas de quatro em quatro. Na cozinha, os criados abriram-lhe caminho e, em questão de segundos, ele se encontrou na frente do jovem Ian MacGinnis. Havia uma atadura larga à volta da cabeça e sua túnica estava toda manchada de sangue. A aparência geral dava impressão de que ele não dormia há dias.

— Sente-se, rapaz, e me faça um relatório.

Numa voz fraca e entrecortada, o rapaz contou o que sabia. Dos quarenta homens enviados ao castelo de Dublin, dez tinham sido mortos. Hugh MacMahon e outros cinco, depois de capturados, encontravam-se presos na torre de Birmingham.

— E os dois do meu clã, Patrick e Donal? — O'Hara inquiriu, sem poder disfarçar a ansiedade da voz.

— Escaparam com Connor MacGuire. Vi quando pularam da torre e nadaram pelo fosso. Depois me prenderam.

— Como conseguiu fugir?

— Não fugi. Lorde Ormonde, comandante das forças do rei, me soltou e me mandou para cá com uma mensagem para *sir* Rory O'More.

Este, que havia seguido O'Hara até a cozinha, ajoelhou-se ao lado da cadeira de Ian.

— Sou Rory O'More, rapaz, o que tem a me dizer?

Ian MacGinnis fechou os olhos como se fosse preciso um grande esforço para encontrar na mente cansada o recado que lhe fora confiado.

— Lorde Ormonde gostaria de conferenciar com o senhor, milorde O'Hara, The Macguire e *sir* Phelim O'Neill antes que as chamadas envolvam a Irlanda inteira. Ele tem a palavra do rei de que todos os pedidos dos irlandeses serão atendidos.

— Só isso, rapaz? — indagou O'More.

— Sim — respondeu ele, entreabrindo os olhos para fechá-los em seguida.

O'Hara virou-se para O'Higgin e ordenou:

— Leve-o para uma cama e arranje uma mulher para cuidar dele.

Por cima do ombro do meirinho, ele viu Aileen e Maura paradas à porta da cozinha com expressão de alarme. Depressa, foi até elas e aconchegou-as nos braços.

— Nossos homens foram traídos e lorde tenente Parsons sabia da chegada deles. Alguns foram capturados e outros mortos. Donal e Patrick escaparam — contou rapidamente.

— Milorde? — chamou O'Higgin.

O'Hara deixou as mulheres e voltou até o meirinho.

— Mais alguma notícia importante?

— O rapaz mencionou algo que não lhe contou. Era voz corrente entre nossos homens em Dublin que a razão da descoberta dos planos de ataque foi dada por MacMahon. Ele passou a manhã bebendo nas tavernas e depois começou a se vangloriar de que, à noitinha, o castelo seria seu.

O rosto de O'Hara ficou rubro de cólera. Virou-se para O'More, ao lado de Heber MacMahon, que também viera saber das notícias e gritou:

— O'More, tire este padre da minha frente e para fora de Ballylee antes que eu o mate pela traição do irmão!

Kathleen O'Hanlon piscou para fazer cair as gotas de transpiração que se acumulavam em seus cílios e empurrou uma mecha dos cabelos negros para dentro do chapéu de pano ordinário. Com cuidado e as mãos nos quadris, ela flexionou o busto a fim de revigorar os músculos adormecidos por uma hora de ordenha.

A pouca distância, três vacas comiam a ração magra de feno que lhes havia dado e, a seus pés, as duas caçambas de couro não tinham mais do que a metade de leite.

— Não chega nem para fazer manteiga — reclamou ela em voz alta enquanto o olhar se dirigia para o castelo de Claymore, na distância.

A luz do amanhecer, o denteado das muralhas da antiga fortificação normanda parecia pequeno.

— Mas o senhor de lá e os que o rodeiam — continuou ela a falar — comerão bolos de aveia, manteiga e até carne. Deus do céu, nem me lembro da última vez em que tivemos carne em nossa mesa.

Num gesto enérgico, sacudiu a cabeça e repreendeu-se:

— Cale-se, Kathleen O'Hanlon! Você agora deu para falar sozinha como se fosse uma velha e, no entanto, só fez dezesseis anos na primavera.

Na verdade, há um ano que ela sentia ter o dobro da idade, ou seja, desde que a mãe morrera. Da noite para o dia, Kathleen assumira a responsabilidade de cuidar dos quatro irmãos e irmãs e do pai.

A morte de Big Kate havia sido o último golpe sofrido por Hugh O'Hanlon. No espaço de poucos anos, ele perdera suas terras, o pouco dinheiro de que dispunha e a mulher. No dia seguinte ao do enterro de Big

Kate, os olhos dele assumiram uma expressão vaga e a mão apanhara a garrafa de bebida. Desde então, nunca mais se separara dela nem parecera notar o que acontecia à sua volta.

A filha havia guardado as meias de seda e vendido os vestidos finos, exceto um, e encarregara-se do comando da casa. Ela arrendara uma área de lorde Claymore e agora os O'Hanlon pagavam aluguel pela terra que lhes pertencera um dia.

Kathleen levantava-se de madrugada para enfrentar as tarefas sem fim. Cuidava da comida, da ordenha, do gado e dos carneiros de lorde Claymore e da plantação no pequenino lote que lhe era permitido usar. Era um trabalho pesado que, com toda certeza, a transformaria numa velha antes do tempo.

Mais uma vez seus olhos se perderam na distância em direção ao castelo. Kathleen pensou em *lady* Elana, filha de lorde Claymore, dois anos mais velha do que ela. O trabalho mais exaustivo feito pela moça não passava de um bordado ou a supervisão do preparo de geléias e licores.

Desde a volta de Paris, Elana Claymore era vista com frequência cavalcando pela colinas e os campos de urzes à volta da choupana dos O'Hanlon. Uma vez parará e ordenara a Kathleen que desse água a sua égua. Ela riu ao se lembrar da maneira com que respondera ao pedido.

— Sou arrendatária do seu pai, *m lady*, mas não sua escrava. O riacho fica logo ali adiante.

Na verdade, reconhecia ter uma certa inveja dos vestidos finos de seda, da aparência sempre limpa e penteada dos cabelos da moça e do tempo de que ela dispunha para se conservar bonita.

— Eles têm dinheiro para viver bem e não precisam suar com o trabalho pesado — Kathleen ponderou, de novo falando em voz alta.

Com um suspiro, curvou-se e apanhou as duas caçambas, que levou para dentro da choupana. Mal as colocara no chão de terra batida quando ouviu que a chamavam lá de fora.

— Kate! Kate!

Foi até a porta e viu Timothy, o irmão, que vinha correndo pelo campo de cevada.

— Kate! Vêm vindo uns estranhos, veja lá!

Kathleen olhou na direção apontada pelo menino e viu dois cavaleiros no topo da colina mais próxima. Não perdeu tempo. Apanhou a pistola que guardava sob a enxerga em que dormia e voltou para a porta com a arma escondida debaixo do avental. Timothy já estava no terreiro em frente à casa e respirava ofegante.

— Quem será? — perguntou ele, assustado.

O dia estava nublado, com ameaça de chuva, o que tornava difícil reconhecer os viajantes, embora eles já estivessem a menos de duzentos metros da choupana. Quando chegaram mais perto, ela pôde ver que as roupas eram de boa qualidade, porém a julgar pelo estilo delas, os homens poderiam ser tanto ingleses como irlandeses. Por causa da rebelião que caminhava para o oeste, rebeldes e soldados do rei já eram encontrados não muito longe dali.

Mais um pouco e ela viu que usavam botas de cavaleiros ingleses em vez de borzeguins. Ambos portavam espadas e na frente das selas, perto dos pescoços dos cavalos, viam-se os cabos de pistolas.

— Será que são assaltantes? O que querem roubar de nós? — perguntou Timothy.

— Acho que nada. O que nos resta para eles levarem?

Os dois cavaleiros atravessaram o riacho, rodearam a plantação de cevada e pararam do outro lado do terreiro. Ambos eram bem jovens e não usavam barba, embora os rostos se mostrassem um tanto escuros, o que indicava que não se barbeavam há vários dias. Os cabelos iam até os ombros também, segundo a moda dos cavaleiros ingleses.

— Deus salve a todos nesta casa — saudou um deles, em gaélico com um leve sotaque de inglês.

Kathleen relaxou um pouco a mão que segurava a pistola sob o avental e calculou que o rapaz devia regular em idade com ela. Todavia respondeu enérgica:

— Deus os salve também. Digam logo o que querem.

— Não passamos de viajantes exaustos e desejamos apenas um pouco de comida e água.

Foi o mesmo rapaz que falou. Parecia um pouco mais novo do que o outro, embora fosse mais alto. Os olhos tinham pálpebras baixas, porém Kathleen podia ver-lhes a cor cinzenta e a expressão que parecia penetrar em sua alma.

Ao vê-lo fazer menção de descer do cavalo, ela puxou a pistola e apontou-a pata ele.

— Eu não o convidei a apear.

— Você teria coragem para atirar num homem que só quer um pouco de comida e que está disposto a pagar por ela?

— Teria, sim.

— Acho que você nos toma por assaltantes, mas está enganada — disse

ele desanimado.

— Então, digam os seus nomes — Kathleen ordenou, desviando a pistola em direção ao mais velho dos dois.

Foi ele quem respondeu e com uma voz rouca que ela atribuiu ao cansaço da viagem. Seu rosto era alongado, com maçãs salientes e nariz fino, e a fez estremecer ao notar, de repente, sua grande palidez.

— Sou Donal O'Hara e este é Patrick O'Hara Talbot — replicou ele exausto. — Estamos vindo de Dublin rumo a Ballylee — explicou ainda.

— Vocês são do clã O'Hara? — Kathleen indagou, consternada, ao mesmo tempo em que corava.

— Somos e tudo o que lhe pedimos, menina...

Donal não terminou a frase. Com um gemido, pendeu o corpo para a frente e caiu no chão.

— Muito obrigado por sua ajuda, Kathleen O'Hanlon — Patrick agradeceu, estendendo a mão para ajudá-la a subir na pedra ao seu lado.

Cansada, Kathleen sacudiu os ombros e afastou uma mecha de cabelos da testa.

— Bem, com o ferimento grave de Donal e você naquele estado de cansaço, cabia a mim cuidar de tudo.

Durante vinte e quatro horas, ela e Timothy haviam se revezado ao lado de Donal enquanto Patrick dormia numa das enxergas. De vez em quando, ele acordava para se alimentar um pouco. Refeito, nessa manhã, havia ido a Claymore.

— Você conhece milorde Byron? — Kathleen indagara antes dele sair.

— Conheço, sim, e também *milady* Elana. Tenho certeza de que eles me arranjarão seis homens e uma liteira para levar Donal para Ballylee.

Kate ficara curiosamente satisfeita quando Patrick voltara mais tarde, com a notícia de que lorde Claymore e a filha estavam em Dublin. Isso tinha acontecido um pouco depois do meio-dia e agora eram oito horas da noite. Haviam acabado de jantar repolho, pão de aveia e batatas.

Durante a tarde toda os dois tinham cuidado de Donal, pondo-lhe compressas frias na testa, numa tentativa de fazer baixar a febre alta. Enquanto faziam isso, Patrick lhe contara tudo sobre o ataque fracassado ao castelo de Dublin e ela transmitira as notícias recebidas do norte.

Quando o pai de Kate ficara sabendo que hospedava dois rebeldes, e ainda por cima, do clã O'Hara, despertara do constante estado de estupor o suficiente para ordenhar as vacas e ajudá-la em outras tarefas. Isso tinha lhe dado mais tempo para cuidar de Donal.

Agora, ela e Patrick estavam fora de casa, a fim de respirar um pouco do ar fresco da noite e gozar de um merecido descanso. A chuva que caía quase a tarde toda havia parado e a lua surgia por entre as nuvens esgarçadas.

— Amanhã de madrugada, vou a Ballylee e em dois dias estarei de volta com mais gente para levar Donal. Assim você ficará livre dessa sobrecarga.

— Não é trabalho algum — Kate retrucou depressa e com o pulso acelerado. — A febre de Donal ainda está muito alta para ele viajar — acrescentou, desejosa de reter Patrick mais uns dias ali.

— Talvez, mas temos de ir embora. Estaremos mais seguros atrás das muralhas de Ballylee e vocês aqui sem a nossa companhia perigosa.

Enquanto falava, Patrick estendeu a mão e a tocou no braço. Era um gesto amigo, quase de irmão, porém provocou-lhe um arrepio de prazer na pele.

Durante os breves momentos de convivência, uma amizade espontânea começara a surgir entre os dois. Pelo canto dos olhos, ela observava o corpo esguio e flexível e o rosto bonito. Havia uma aura de vitalidade ao redor dele que lhe acelerava a pulsação do sangue. Gostava da maneira com que ele sorria, embora hoje não tivesse havido muita oportunidade para isso. Patrick virou-se e Kate notou que seus olhos apresentavam uma tonalidade prateada ao luar.

— Dá para viver bem aqui, Kate? — perguntou ele, fazendo um gesto em direção às plantações.

— Nós nos contentamos com o que temos. Podemos chamar de nossos, três acres de terra onde plantamos milho, aveia e ervilha. Temos três vacas e lenha suficiente para enfrentar o inverno. Conseguimos pagar quase todo o aluguel cuidando dos rebanhos de lorde Claymore e ajudando nas colheitas.

— Mesmo assim, você não é feliz.

A expressão de Kathleen tornou-se triste.

— Às vezes penso que o seria se a terra voltasse a ser nossa. Mas depois lembro que, caso fosse, o trabalho continuaria a ser o mesmo e eu me cansaria tanto quanto agora.

— Se o seu pai...

— Por favor, não quero falar sobre ele.

Nesse instante, o piar de uma coruja quebrou o silêncio da noite.

— Olhe lá! — Kate exclamou enquanto apontava para o céu. — Veja como plana livre ao luar!

— É assim que gostaria de ser, menina? Livre como uma coruja no céu da noite?

O riso alegre de Patrick a fez sorrir e as palavras provocaram-lhe uma ponta de excitação.

— É, sim. Para tanto, bastaria ser homem. A coruja, livre com o vento pela frente, assemelha-se a ele. Como um homem eu me sentiria liberta sobre um cavalo, com o contato da espada ao meu lado e o odor da batalha no ar.

— Deus meu, é a primeira vez que ouço uma mulher falar dessa forma!

— Pois acredito que, nestes tempos, muitas mulheres pensam como eu.

Patrick colocou a mão em seus ombros e a puxou para mais perto de si. Os olhos dele brilhavam com o entusiasmo característico da juventude.

— O meu grande sonho é navegar por mares distantes. Quantas vezes me vejo como o capitão de um veleiro de três mastros, sentindo o balanço das ondas sob meus pés e o vento salgado no rosto.

Kate riu, contagiada com o bom humor dele.

— Para onde você velejaria, Patrick?

— Primeiro, expulsaria os piratas argelinos do mar, depois apanharia todos os navios ingleses como presas, e quando me cansasse da vida de bucaneiro, iria para a China.

— E o que faria lá?

— Ora, eu a conquistaria!

— Será que voltaria um dia para a Irlanda? — Kate perguntou com um certo acanhamento.

— Sim, porque esta terra é para o irlandês como o oceano para o marinheiro. Uma vez dentro de sua alma, jamais a deixará.

Os olhos cinzentos a fitavam com carinho e o sorriso espontâneo mostrava os dentes alvos. Ele era o homem mais atraente que Kate vira em sua vida.

Há muito não conversava com alguém tão despreocupadamente. Na companhia de Patrick Talbot, sentia um calor humano como nunca experimentara antes. Tinha a impressão de que o conhecera a vida inteira e percebia que ele compartilhava desse sentimento. As mãos fortes apertaram seus ombros e ela teve vontade de acariciá-lo e de sentir-lhe o sabor dos lábios. Mas o sorriso dele desapareceu e as feições perderam a expressão de jovialidade de momentos atrás.

— Sei que não terei um navio nem irei à China. Em vez disso, enfrentarei a guerra. Muita coisa acontecerá ainda antes de terminarmos o que foi começado.

Triste, Kate sacudiu a cabeça ao sentir que o encantamento de ambos se esvaía.

— Eu continuarei sendo a filha de um arrendatário pobre e você o herdeiro de um dos senhores de Ballylee.

Havia muita amargura em sua voz, mas Patrick não identificou a razão.

— Você é uma jovem linda e simpática, Kathleen O'Hanlon, por isso não deve ter medo. Quando a rebelião acabar, você terá suas terras de volta e encontrará um homem bom com quem se casar e ter filhos.

Ele levantou-lhe o queixo com os dedos e Kate teve certeza de que ia ser beijada. A expectativa descontrolou-lhe a pulsação. Patrick, porém, apenas encostou o rosto no seu e disse com voz inexpressiva:

— É melhor irmos ver Donal. Está na hora de trocar as ataduras do ferimento.

Eles cavalgavam em fila, Patrick na frente, depois Maura e por último O'Hara. Mais atrás, O'Higgin e quatro camponeses os seguiam com as partes de uma liteira presas na várias selas.

Embora apenas passasse do meio-dia, havia pouca claridade por causa da neblina acinzentada e úmida que vedava a luz do sol. Sulcos profundos e pedras grandes na trilha dificultavam o avanço das montarias e a sensação de mau agouro envolvia a todos. Na esperança de dissipar o medo que a afligia, Maura esporeou o animal a fim de apressá-lo.

— Calma, menina, calma! — advertiu-lhe O'Hara. — Não estamos montados em cabras e este terreno é perigoso.

— Sei, sei — respondeu Maura, impaciente.

Reconhecia que o tio tinha razão, porém ansiava pelo momento de encontrar o seu querido Donal.

Quando Patrick chegara a Ballylee, na noite anterior, ela quase desmaiara ante o choque de vê-lo sozinho. Assim que ele terminara de contar tudo que acontecera, sua vontade fora a de partir imediatamente.

— Vamos deixar o rapaz descansar um pouco — sugerira O'Hara. Todavia seu olhar de súplica fora tão comovente que o irmão mandara providenciar cavalos descansados e em pouco mais de uma hora estavam todos a caminho.

— Ainda estamos muito longe, Patrick? — Maura indagou.

— Vamos atravessar a ravina e aquela floresta. Das colinas mais adiante já poderemos ver as terras de Claymore.

— Tem certeza de que essa moça está cuidando bem de Donal na sua ausência? — insistiu ela.

— Não se aflija, minha irmã. Kate é uma menina muito boa e tem um jeito especial para cuidar de ferimentos.

A última palavra a fez estremecer. Donal encontrava-se ferido numa cabana miserável de uns pobres arrendatários, sendo cuidado por estranhos.

Patrick havia lhe contado que, por não terem conseguido se encontrar com os homens de O'Toole e O'Byrne, eles tinham se escondido em Wicklows. Só viajavam à noite, com medo de encontrarem patrulhas inglesas.

O irmão afirmara que Donal estava se recuperando, porém a verdade que via nos olhos dele era bem diferente. O estado de seu marido era muito mais grave do que Patrick queria admitir.

De repente, o ruído dos cascos dos cavalos na trilha cessou. Eles acabavam de entrar num campo de capim alto onde, para alívio de Maura, Patrick esporeou o cavalo, pondo-o a trote, primeiro, e depois a galope.

Em menos de uma hora, alcançaram e atravessaram a floresta e já subiam a colina. Ao chegarem ao topo, Patrick parou e apontou para o outro lado. . — É lá!

Maura viu primeiro a espiral de fumaça subindo da chaminé e depois o reste? da choupana perto da curva de um riacho.

Sem esperar pelos outros, ela esporeou a montaria e, num galope desenfreado, começou a descida pelo outro lado da colina.

A capa de Maura esvoaçava para trás e o seu chapéu de pano voou longe. Pouco depois os pentinhos que lhe prendiam os cabelos loiros e longos também caíram e estes, soltos, deslizaram ao vento.

O tropel dos cavalos fez Timothy correr à porta da choupana, onde Kate se juntou a ele no momento em que os viajantes atravessavam o riacho.

— Chegamos, Kate — gritou Patrick.

Maura freou o animal e, no mesmo instante, sem esperar que o irmão a ajudasse a descer, escorregou para o chão.

— Você é Maura? — Kate indagou.

— Sou — respondeu ela, ao mesmo tempo em que corria para a porta da casa.

Num movimento rápido, Kate bloqueou-lhe a entrada. Surpresa, Maura fitou-a e, pela expressão daqueles olhos, compreendeu a verdade trágica.

— Ele beijou minha mão e me fez prometer que lhe diria que jamais homem algum amou uma mulher como ele a você — Kate murmurou com voz suave e clara ao mesmo tempo.

— Não! Deus misericordioso, não! — gritou Maura cambaleando aturdida.

— Você precisa ser forte — Kate disse baixinho. — Ele se foi.

Em verdadeiro estado de choque, Maura não conseguiu emitir um único

som. Deu um passo incerto para a frente e viu-se amparada pelos braços fortes de Kate enquanto lágrimas copiosas escorriam-lhe pelas faces.

Um pouco atrás, a voz rouca de O'Higgin encheu o ar.

— O primeiro O'Hara tombou. Que Deus nos garanta a vitória antes que o espírito da morte colha outra vida!

CAPÍTULO VIII

MARÇO DE 1642
CASTELO DE CLAYMORE — IRLANDA

Dentro das muralhas do castelo de Claymore, escoceses, ingleses e até alguns irlandeses fitavam-se com desconfiança. No enorme pátio, os soldados haviam formado seus próprios grupos. Logo após a chegada deles, as criadas tinham lhes servido ensopado de carneiro e cerveja. Enquanto comiam e bebiam, seus respectivos líderes conferenciavam sobre o futuro numa das torres acima. Antes, dera-se uma outra reunião.

— Cavalheiros, os O'Hara chegarão em uma hora. Precisamos tomar uma decisão.

O rosto redondo de lorde Claymore transpirava em profusão enquanto ele olhava por sobre a pesada escrivaninha para os lordes Gormanston e Antrim. Nervoso, explicou:

— Nós três constituímos a espinha dorsal dos antigos ingleses proprietários de terras na Irlanda. A direção que tomarmos será seguida pelos outros católicos ingleses.

Na cadeira de encosto alto, lorde Antrim, distraído, mordia o cachimbo vazio. Tirou-o da boca e indagou pensativo:

— Será que temos escolha depois da última derrocada? Os outros dois sacudiram negativamente a cabeça.

O episódio referido havia sido desastroso. Como comandante do pequeno exército que restara na Irlanda, Ormonde havia enviado seiscentos homens a Drogheda a fim de garantir a cidade-chave para a coroa. Em Julianstown, muito longe ainda de seu destino, eles tinham sido atacados e mortos pelas forças rebeldes irlandesas. A situação no sul também não estava melhor. Tipperary e Waterford haviam caído e grande parte de Clare fora capturada.

Por alguma razão desconhecida, lorde Gormanston achava graça na situação. Enquanto falava, o corpo alto e magro era sacudido pelo riso.

— Não deixa de ser uma ironia da sorte. Em 1603, os rebeldes, sob a liderança do grande O'Neill, foram totalmente vencidos na última tentativa de conquista de independência. Por causa disso, nós ganhamos vastas

extensões de terras. Agora, por causa da luta civil na Inglaterra, os irlandeses estão a ponto de reconquistar o que perderam. Se não lhes dermos apoio, eles acabarão tomando de volta nossas terras também.

Lorde Antrim levantou-se e foi até a lareira apanhar uma brasa a fim de acender o cachimbo.

— Vocês sabem, naturalmente, que, se nos aliarmos a eles, esta rebelião deixará de ser um simples levante de irlandeses descontentes para se transformar num movimento nacional.

— Tem razão — Claymore concordou. — Mas o que poderemos fazer? Até o rei está cortejando os rebeldes. Charles precisa do apoio deles contra a ameaça dos desgaçados puritanos do Parlamento.

Gormanston bateu com a mão no joelho e o rosto sorridente assumiu uma expressão de fúria.

— Pym e o Parlamento estão usando a rebelião dos irlandeses para desacreditar o rei. E, ainda por cima, eles agora passaram o tal decreto maldito segundo o qual serão confiscados dois milhões e meio de acres dos irlandeses para serem postos à venda a protestantes e mercenários!

— E outra coisa, milordes — Claymore começou enquanto enxugava o rosto com um lenço — alguns desses acres poderão muito bem ser os nossos se resolvermos ficar do lado de O'Hara e dos rebeldes.

— Certo — concordou Gormanston. — A situação é de fato embaraçosa. A coroa do rei está periclitante, o que nos desestimula a confiar nela. O Parlamento, por sua vez, para derrotar os rebeldes precisaria criar um exército, o que não faria, sabemos nós, porque não o confiaria ao rei. Este o assestaria contra o próprio Parlamento. Sem um exército para enfrentá-los, os rebeldes têm o caminho aberto para a reconquista das terras perdidas, inclusive as nossas, se não nos aliarmos a eles.

Gormanston levantou-se e continuou a falar em pé.

— Não temos mesmo outra escolha. Precisamos fazer uma aliança formal com os rebeldes irlandeses e rezar a Deus para que o rei tome decisão semelhante.

— Então, finalmente chegamos a uma conclusão — Claymore disse e depois comentou em voz desanimada: — Deus amado, como esta terra da Irlanda tem sido fatal a todos os reis da Inglaterra!

Um grande alarido vindo do pátio e o lamento de um berrante levaram os três homens à janela. A charneca em frente ao castelo mostrava um colorido profuso de flores silvestres que, nas colinas adiante, cedia lugar ao roxo das urzes. No topo do espinhaço, como pequeninos barcos num mar

violáceo, cavalgavam trezentos homens armados do clã O'Hara. Os raios de sol refletiam nas malhas de aço das armaduras e o vento agitava os estandartes verde-dourados com o imponente leão dos O'Hara.

— Deus do céu! — exclamou lorde Antrim em altos brados. — Eles pretendem confabular conosco ou sitiá-los? Eu não teria uma cavalaria tão grande nem contando com todos os homens de meu território.

— Eu, nem mesmo esse número de soldados a pé e, muito menos, armas nas terras de Claymore — declarou lorde Byron com um sorriso. — Apenas a esperança de um acordo impediu, até agora, O'Hara de nos atacar.

Em silêncio, eles observaram um grupo de vinte destacar-se do resto. Na frente vinha The O'Hara, com a estatura mais imponente ainda, trajando roupa de guerreiro e sobre um enorme garanhão preto.

Poucos minutos depois, eles atravessavam o portal e entravam no pátio. Apenas O'Hara e Patrick desmontaram e seguiram um laçador em direção à torre.

— Controlem-se — advertiu lorde Claymore. — Não devemos demonstrar ansiedade em fazer acordo com eles.

O som das pesadas botas de cavalaria nos degraus de pedra foi aumentando ameaçadoramente até que terminou com a presença dominadora dos dois na sala.

— Meus senhores, acredito que conheçam meu afilhado — disse O'Hara com voz grave.

Os três homens assentiram com um gesto de cabeça.

Embora ciente de seus deveres de anfitrião, lorde Claymore não encontrou voz para convidar os recém-chegados a se sentarem ou para oferecer-lhes vinho. Pelo olhar severo de O'Hara, ele percebeu que não haveria oportunidade de se realizarem barganhas.

O homem de maneiras finas e delicadas havia desaparecido para dar lugar à reencarnação de Shane, o príncipe guerreiro de Ballylee. Finalmente, lorde Gormanston foi quem criou coragem e perguntou:

— milorde O'Hara, teria sido mesmo necessário trazer um exército para um encontro entre amigos?

— Sem dúvida alguma, milorde Gormanston. Um O'Hara já tombou vítima de traição. Se outro morrer, desejo que seja no campo de batalha, lutando.

Lorde Claymore afundou na cadeira atrás da escrivaninha. Só então, se pronunciou:

— Vamos direto ao assunto. Esteve com Ormonde?

— Estive, sim. milorde Ormonde reconhece a inutilidade de mais derramamento de sangue e deseja a paz.

— E quanto ao rei? — indagou Antrim, sem fitar O'Hara.

— Quer que nós organizemos um exército de dez mil homens para ajudá-lo, caso Cromwell consiga o dele para o Parlamento — explicou O'Hara.

— Os irlandeses estão de acordo?

— Nós estamos — respondeu ele com uma sombra de sorriso —, desde que o rei Charles nos prove que as palavras dele não são tão vazias quanto os cofres.

— Deus ajude Charles a, pelo menos uma vez, acompanhar as promessas com ação — desejou Claymore.

Lorde Gormanston tossiu discretamente.

— Suas terras, — O'Hara, foram confiscadas para a coroa por um decreto do Parlamento. Gostaria de que a mesma coisa se desse com as nossas?

— Isso não acontecerá, milorde —, Patrick Talbot disse, manifestando-se pela primeira vez — a não ser que Charles tenha dado garantias falsas com a mesma falta de vergonha característica do rei James, o pai dele.

Dos três ingleses, apenas Gormanston ofendeu-se com a referência pouco lisonjeira aos dois reis. Num gesto automático, levou a mão à espada. O'Hara advertiu-o com voz dura:

— Eu o matarei onde está!

Essas palavras reveladoras de uma faceta desconhecida de O'Hara fizeram os lordes reconhecerem a posição verdadeira em que se enquadravam. Embora a Irlanda fosse governada pelo rei e o Parlamento inglês, para os irlandeses eles não passavam de estrangeiros, aliás, indesejáveis. Sem o apoio da Inglaterra, seriam aceitos ali só enquanto isso conviesse a homens como O'Hara.

A fim de conscientizá-los mais ainda sobre a situação, Patrick acrescentou:

— Quanto a suas terras, milordessas, todas elas pertenciam antes aos próprios arrendatários que as lavram agora.

— Noto que você tem mesmo sangue escocês, Talbot.

— E verdade, e ele forma uma mistura diabólica com o do irlandês.

— Espero suas respostas, milordessas — avisou O'Hara. — Ormonde concordou em agir de acordo com a decisão dos senhores.

Lorde Claymore fitou primeiro os compatriotas e depois o chefe irlandês. Para esconder o tremor das mãos, segurou com força as bordas da

escrivaninha. O que estavam para fazer era muito grave. Ao se posicionarem ao lado dos rebeldes, eles se comprometiam, e a seus seguidores, a compactuar num ato de traição que devolveria grande parte da Irlanda a seu povo.

— Embora sendo um homem idoso, exausto e desanimado, falo pelos três, O'Hara. Você tem nosso apoio.

O'Hara inclinou-se ligeiramente e deixou a sala. Patrick ficou e foi o primeiro a quebrar o silêncio:

— Milorde Claymore, eu gostaria de lhe pedir um pequeno favor. O lorde inglês ouviu-o atentamente e concordou com um gesto de cabeça. Ostentando uma expressão ainda mais desanimada, apanhou papel, pena e tinta.

— Por que não, rapaz? — disse ele com um suspiro.

Depois da saída de Patrick, os homens continuaram sentados em silêncio por muito tempo.

— Está feito — disse Claymore finalmente. Em tom de derrota, Gormanston replicou:

— Só nos resta rezar por um acordo entre o rei e o Parlamento para anular o que fizemos.

O comentário foi recebido por um riso quase histérico de Antrim.

— Isso mesmo, senhores, e será melhor pedirmos ainda em nossas preces que o rei leve vantagem no acordo porque, caso contrário, estaremos liquidados!

As balaustradas do castelo de Claymore já desapareciam na distância quando Patrick virou o cavalo rumo a um agrupamento denso de carvalhos frondosos. Ao penetrar nas sombras das ramagens, ouviu logo uma voz.

— Patrick, aqui.

Freou o animal e desmontou. Por um instante, deixou que o olhar admirasse a beleza estonteante de Elana.

Como em todas as vezes que a via, Patrick maravilhou-se com os belos olhos verdes e o toque de sensualidade dos lábios. O decote do vestido cor de ferrugem cobria apenas em parte os seios bem-feitos e os cabelos penteados com arte rodeavam-lhe de caracóis as feições encantadoras.. Uma pelerine verde, própria para montaria, caía-lhe dos ombros.

— Você mais parece uma deusa, Elana, do que uma simples mortal — Patrick murmurou ao se aproximar.

Elana aceitou o elogio com um sorriso e depois fingiu-se de brava.

— Faz um mês quer você não vem a Claymore. Isso me aborrece e preocupa, Patrick.

— Imagino que reconheça a existência do pequeno obstáculo, uma guerra desagradável, que impediu de nos encontrarmos antes — ele a censurou

— Então me conte o que vai por esse mundo fora das muralhas do meu castelo sombrio.

Em vez de responder, ele a aconchegou nos braços e a beijou com paixão. A princípio, Elana aceitou e correspondeu à carícia, mas depois empurrou-o e soltou-se do abraço.

— Deus do céu, homem, você quer me tirar o fôlego?

— Estou morto de saudades — queixou-se ele.

— E essa malha de aço? Que maneira mais imprópria de se vestir para encontrar uma mulher!

Patrick segurou-a pela cintura, sem se impressionar com a recriminação.

— Tenho novidades, e muito boas!

— Conte, então. Meu pai confia tão pouco em mim que, às vezes, fico desesperada, sem saber o que está acontecendo.

— Não precisamos mais ver-nos às escondidas. Agora podemos nos encontrar abertamente. Já não existem empecilhos às minhas idas ao castelo de Claymore.

— Como assim? — indagou Elana, com um novo brilho nos olhos verdes.

— Somos aliados agora.

— O quê?!

Entusiasmado, Patrick não notou a tensão que tomava o corpo de Elana sob as mãos dele.

— Seu pai, os lordes Gormanston e Antrim concordaram numa aliança entre os nativos irlandeses e os antigos ingleses — explicou ele.

— Deus do céu, não!

A exclamação teve o efeito de uma chicotada em Patrick. Ele tirou as mãos de sua cintura e deu um passo para trás.

— Desculpe, *milady*! Pensei que fosse se regozijar com a notícia — declarou com sarcasmo.

— Ela me deixa contente por nossa causa — Elana apressou-se em consertar a situação —, mas não quanto a meu pai. Imagine, desertar de sua posição diante do rei!

Patrick relaxou no mesmo instante.

— Ah, não é isso que ele está fazendo. O rei está em negociações secretas com Ormonde e The O'Hara. Ele prefere manter a paz conosco e, em troca,

receber nossa ajuda contra o Parlamento.

Elana baixou os olhos e recostou-se em Patrick.

— Graças a Deus! Você deve entender meu susto, Patrick. A propriedade de Claymore é o meu único bem, o meu dote. Se eu a perdesse, ficaria na miséria.

— Segundo o acordo, os irlandeses protegerão os antigos ingleses católicos, por conseguinte, eu cuidarei de você — declarou Patrick, amável.

Ela passou-lhe os braços pelo pescoço e entreabriu os lábios num convite sensual. O beijo foi profundo, com línguas se tocando provocativas numa demonstração do ardor que ele já conhecia bem e do qual sentira muita falta. Por um segundo a preocupação com o temperamento inconstante dessa mulher perturbou Patrick. Num momento ela se mostrava fria e insensível e no seguinte transformava-se numa criatura apaixonada e cheia de desejo. Esqueceu-se logo da questão ao sentir-lhe o perfume dos cabelos e o corpo macio vibrando de sensualidade sob o toque de suas mãos.

Com suavidade, ela separou os lábios dos dele e o beijou ao longo do queixo e do pescoço.

— De qualquer forma, essa guerra tola vai continuar — murmurou Elana.

— Não será por muito tempo.

— Não devemos ter tanta certeza assim, e eu me preocupo com você, Patrick. As trapaças do rei são bem conhecidas e já há tropas do Parlamento na Irlanda. Elas não recuarão com facilidade.

— Certo — Patrick concordou, acariciando-a nas costas. — Contudo, logo chegará o dia do golpe fatal e a nossa barganha será aceita.

Ele agora tentava desabotoar-lhe o vestido atrás, porém Elana esquivou-se depressa.

— Deus, que mulher você é! — suspirou ele, desistindo dos botões para tocar-lhe os seios. — Meu desejo por você é tão grande que mal posso reprimi-lo!

— Então acabe com minha ansiedade de uma vez.

— De que forma? — Patrick indagou, consciente de que Elana desejava algo dele antes de ceder às carícias.

— Conte que grande milagre será esse que lhes garantirá a vitória — exigiu ela.

— Owen Roe O'Neill.

— O general espanhol?!

Patrick atirou a cabeça para trás e riu divertido.

— Metade dos generais que vivem por este mundo afora é de irlandeses, minha doçura. Todos esperam pelo dia em que possam retornar a Eire. Owen Roe reuniu uma tropa militar em Flandres e Richelieu prometeu a The O'Hara que vai armá-la.

Elana escondeu o rosto de encontro ao pescoço dele.

— Quando esse O'Neill desembarcará aqui?

— Dentro de quatro meses, talvez mais cedo — Patrick respondeu enquanto com uma das mãos afagava-lhe os seios e com a outra obrigava-a a fitá-lo. — Faz um mês desde a última vez em que fizemos amor. Será que nesse período de tempo o seu ardor por mim esfriou tanto a ponto de preferir falar de guerra e política em vez de me amar?

— Não é isso, Patrick — garantiu Elana, passando a ponta dos dedos no rosto dele. — O problema é este lugar. Você pode se deitar com suas meretrizes e criadas à beira de um riacho no bosque, mas comigo, não.

— Já tive a minha quota desse tipo de mulheres e não as quero mais. Desejo apenas você e para sempre.

— Eu já lhe disse...

— Elana — interrompeu ele — eu me casaria com você.

Elana fitou-o com expressão sombria por um instante e depois, num movimento brusco, desprendeuse dos braços de Patrick e correu para o cavalo.

— Não quero me casar com homem algum ainda! — Elana declarou, esquecendo-se do pudor ao arrebanhar as saias e subir sozinha na montaria. — Além do mais, Patrick Talbot, o que sua família diria sobre tal casamento?

— Isso não diz respeito a ela.

— Imagino que não, pelo fato de ser homem. E você, quanto tempo levaria até começar a fazer conjeturas a meu respeito? Afinal, eu não era mais virgem quando nos conhecemos.

— Elana! — gritou Patrick, pulando para a frente e tentando segurar o cabresto do animal, porém ela já o esporeava e conseguia escapar a galope.

Ao se afastar, Elana foi subjugada por um misto de melancolia e medo. Teria feito a escolha acertada? *Sir John Redding* possuía mesmo as vantagens de que se vangloriava? A lembrança dele a forçou a compará-lo a Patrick.

Além de ser quinze anos mais velho do que ela, Redding demonstrava uma certa crueldade e era inflexível. O outro, por sua vez, gentil ao exagero da sua própria idade, revelava inteligência, vivacidade e encanto. Infelizmente era irlandês e casar-se com ele significava morar para sempre naquele lugar horrível. Com John, teria a vida que desejava, em Londres ou

Paris, onde freqüentaria festas vestidas à última moda. Todavia, começava a temer John e, no fundo do coração, surgia uma sombra de amor por Patrick.

Cheia de determinação, Elana concentrou-se nos planos considerados como sua única forma de salvação. Instigou a montaria e, mentalmente, redigiu a carta que escreveria a John Redding relatando as informações arrancadas de Patrick.

— Chega, Kate?

— Mais um pouquinho, menino. A luz do dia esvaía-se por trás das colinas e mal dava para verem os sulcos na terra, mesmo assim eles continuavam a trabalhar. Kate estava resolvida a terminar a sementeira naquele dia, pois, quanto mais se esforçava, menos se sentia solitária.

Desde o meio-dia, ela e Timothy empenhavam-se nessa tarefa. Por causa do calor estafante e das saias que lhe atrapalhavam os movimentos, Kate as levantara e prendera a bainha à volta da cintura.

— Kate, Kate, olhe lá! A excitação na voz do menino a fez levantar a cabeça depressa e olhar na direção indicada. No topo da colina, sobre um cavalo castanho, surgia um homem envolto numa capa preta.

— A pistola, Tim, vá correndo buscar!

— Kate, veja bem, parece o emblema dos O'Hara no peito dele!

O coração de Kate disparou e os olhos encheram-se de lágrimas ao reconhecer a silhueta alta de encontro à luz pálida do céu. Devagar, ele se aproximou e então as feições bronzeadas e o sorriso alvar foram se tornando distintos.

— Olá, Kate O'Hanlon! — gritou ele, já mais perto.

— Olá, Patrick Talbot — respondeu Kate, correndo ao encontro dele. O cavalo parou obediente ao lado de Kate. Quando ela levantou o olhar para o rosto que lhe ponteara os sonhos noites a fio, foi muito difícil controlar-se para não pular nos braços dele.

Como se adivinhasse seus pensamentos, Patrick se curvou e a ergueu do chão. Roçou-lhe de leve os lábios, a pôs de volta onde estava e saltou a seu lado.

“Nada mudou”, pensou Kate. “Ele sorri e me beija, mas apenas como irmão.” Triste, lembrou-se da morte de Donal, em cuja ocasião tivera breves momentos de convivência com Patrick antes do retorno definitivo dele para Ballylee.

Naquela hora de dor profunda, Kate fora um consolo e uma influência benéfica para Maura O'Hara. Patrick também recorrera ao seu carinho, amargurado com a perda do companheiro, e ela tentara minorar-lhe a mágoa.

Naquelas horas fugazes, eles haviam se tornado muito chegados.

No momento da partida, Patrick a tomara nos braços e, por um segundo, vibrara sua esperança de que existisse algo além de amizade entre ambos. Todavia o beijo fraterno mostrara-lhe a realidade. Mesmo assim, Kate continuara sonhando com ele. Agora, ao ser tratada de novo como irmã, reconhecia a futilidade de suas pretensões.

— Essa é a nova moda de Paris escolhida por você para prender o vestido? — Patrick provocou.

Kate baixou os olhos para as pernas à mostra quase até as coxas e corou acanhada enquanto soltava a saia depressa.

— Ora, Kate, não acredito que esteja com vergonha de mim. Já esqueceu que dormi nu na sua casa, à maneira irlandesa, e a vi da mesma forma?

— Não, mas...

— Ah, eu sei — Patrick pôs-lhe o braço nos ombros e a puxou para junto de si. — As coisas são diferentes sob a parca claridade de uma vela do que à luz do pôr-do-sol.

Nesse instante, ele se deu conta da forma reverente com que Timothy o fitava a distância. Separou-se de Kate e foi até o menino.

— Olá, Timothy, você está crescendo tão depressa como o capim na primavera. Qualquer dia, preciso levar você a Ballylee para conhecer Conor, o futuro The O'Hara — afirmou colocando as mãos nos ombros dele. — O que foi, menino, perdeu a língua? Não diz nada?

— Não, eu..., quer dizer, é a primeira vez que vejo essas roupas. Elas deixam você grandão!

Diante da expressão de espanto e curiosidade de Timothy, Patrick virou a espada numa posição perpendicular ao corpo e se ajoelhou na frente do menino.

— Como é, assim meu tamanho melhora? Timothy, envergonhado, desviou o olhar de Patrick.

— Só quis dizer...

— Olhe, não se impressione com todas estas coisas que estou usando. Não são elas que fazem um homem e, muito menos, o transformam num soldado. O que faz um homem é o sentimento do coração.

Com movimentos calmos, Patrick tirou o elmo, o talabarte com a espada e o cinturão onde prendia as pistolas e colocou tudo em Timothy. Depois ergueu-o nos braços, levou-o até o cavalo e o acomodou na sela.

— Patrick, Tim não sabe cavalgar direito ainda.

— Não se preocupe. Embora grande, este animal é manso como um

cordeiro. E já está na hora de seu irmão saber andar a cavalo. Olhe, Tim, dê água para o coitado. Ele deve estar morto de sede; alias, eu também. Que tal você cuidar da minha, Kate? — indagou ele, tomando-lhe a mão.

Timothy acenou e desapareceu atrás da curva do riacho enquanto eles se dirigiam à choupana.

Pelo canto dos olhos, Kate admirava os movimentos de Patrick, tão ágeis e graciosos como os de um gato. O rosto bronzeado e os ombros largos demonstravam força e vigor. Como seria bom aconchegar-se naqueles braços musculosos! Qual seria a sensação provocada, ela se aventurou ainda a imaginar, caso pudesse ceder aos impulsos da própria paixão que Patrick lhe instigava desde o primeiro instante em que se viram? A indagação fez os nervos vibrarem à flor da pele.

— Como vão as coisas? — perguntou Patrick.

— Na mesma.

— Talvez mudem logo.

— Pensa que pode me distrair como faz com Tim? — desafiou ela.

— Pode ser, mas quero minha bebida primeiro. Entraram na casa humilde e Kate quis saber.

— Vai jantar conosco?

— Não, Kate, tenho pressa em voltar a Ballylee.

Sem saber como, Patrick apanhou-se observando-lhe o corpo jovem e atraente. Kate era alta e magra, porém seus movimentos exibiam graça e naturalidade. A saia pouco franzida delineava os quadris arredondados e a blusa de decote alto não disfarçava a firmeza dos seios. Os olhos límpidos não escondiam mistérios e o seu temperamento não estava sujeito a crises de inconstância.

“Será que Kate se recusaria a fazer amor às margens de um riacho e sob a luz das estrelas?”, imaginou ele.

Com a mesma rapidez com que a idéia lhe surgira na mente, Patrick a afugentou. Há uma hora, havia tentado seduzir Elana Claymore, porém fora rechaçado. Teria ficado tão ofendido que pensava agora em usar uma jovem meiga como Kate para consolar o orgulho ferido?

— Por que não se senta? Até parece que precisa ser convidado — Kate comentou.

— Onde estão as crianças? — perguntou ele ao obedecer a sugestão.

— Brincando no riacho.

— E seu pai?

— Saiu por aí.

— Por aí, Deus do céu?

— Não sei. De vez em quando ele some, mas volta logo, assim que a garrafa esvazia — Kate explicou com ar triste.

Ela colocou duas canecas com bebida na mesa e sentou-se também. Patrick tirou um rolo de papel do bolso interno do gibão e entregou-o por cima da mesa.

— Para você, Kate. Tem o selo de lorde Claymore.

— Deus meu, ele está nos expulsando daqui?

— Por que tanto pessimismo? — indagou ele, retomando o rolo e quebrando o lacre.

O que Patrick leu a tomou de surpresa e lhe provocou uma alegria desmedida. Sem que pudesse impedir, as lágrimas começaram a rolar pelas faces. No final da leitura, Kate não se conteve e ergueu-se da cadeira.

— O documento está assinado por lorde Claymore e por Gormanston e Antrim como testemunhas — informou ele.

— Não acredito! Vinte e cinco acres só nossos!

— Pois é verdade, minha linda! Vocês não são mais arrendatários. Não é muita terra, mas é toda sua.

Com um grito de alegria, Kate atirou-se nos braços dele.

— Patrick, Patrick! Que grande amigo você é! Como vou poder agradecer essa dádiva?

— Enxugue as lágrimas e vá preparar a comida. Resolvi ficar para jantar com vocês.

— Vou fazer um banquete — prometeu ela. Segurou-lhe o rosto e beijou-o com ardor. Patrick já ia estreitá-la nos braços quando ela se afastou excitada.

— Timothy! Preciso contar a ele — declarou agitada e saiu correndo. Enquanto Kate desaparecia de vista, Patrick contemplou os próprios braços. Estranho como eles se sentiam vazios.

CAPÍTULO IX

JUNHO DE 1642
BALLYLEE — IRLANDA

As fogueiras dos acampamentos pontilhavam a paisagem de Ballylee a perder de vista. Dia e noite, o riso despreocupado e as vozes dos soldados permeavam o ar. Shanna e Aileen trabalhavam desde o amanhecer até altas horas da noite no planejamento de refeições, na distribuição de aposentos e no comando do verdadeiro exército de criados dentro do castelo. Vinte e quatro horas por dia, mensageiros chegavam com regularidade trazendo de todas as partes da Irlanda notícias que eram encaminhadas ao pequeno escritório no topo da torre mais alta de Ballylee.

Nessa época, bem poucas vezes, Rory O'Hara se afastava de lá. À mesa de trabalho, ele analisava e respondia as cartas recebidas.

O'Higgin mantinha-se sempre a seu lado, disposto a aconselhá-lo quando era consultado. Todavia, ao contrário dos dias que sucederam o retorno de O'Hara da França, ele agora prestava-se mais a confidente do que a conselheiro.

Com muita frequência, o idoso meirinho ponderara sobre a direção que O'Hara tomaria em caso de guerra. Conhecia Rory como um homem defensor da paz, um tanto filósofo e, até certo ponto, cético em relação aos compatriotas irlandeses. Contudo, agora não existiam mais dúvidas quanto à inclinação dele. Uma vez resolvido a apoiar os rebeldes, ele passara a se dedicar de corpo e alma à rebelião. Guerra e vitória totais passaram a ser o alvo de The O'Hara.

— Parece que a rainha conseguiu pouco dinheiro na Holanda com as jóias da coroa, O'Higgin. O que acha disso?

— A situação dos cofres do rei terá pouca influência na decisão dele em deflagrar a guerra, ainda mais que pode contar com o sobrinho, o príncipe Rupert do Reno.

— Sei, e daí? — perguntou O'Hara interessado.

— Apesar de ter apenas vinte e três anos de idade; o rapaz é uma fera no campo de batalha. Está destinado a alcançar a fama e creio que tentará alcançá-la a serviço do tio. Os cavaleiros do rei são meio indisciplinados e

precisam de um homem de pulso como Rupert para controlá-los.

Ao ouvir esse comentário, O'Hara levantou a cabeça.

— Se Charles e o Parlamento entrarem em guerra, estaremos salvos.

— Talvez — disse O'Higgin.

— Qual é a sua dúvida?

— Leio as mensagens e notícias que você recebe. Parece que esse Cromwell é mais perigoso do que o rei possa imaginar. Cuidado com um homem que afirma ter recebido um chamado de Deus, porque ele não tem medo da morte.

O'Hara já ia responder quando a porta se abriu e a silhueta alta de Aileen apareceu.

— Acho que você precisa tomar uma atitude severa com o seu filho. Ele está resolvido...

Antes que pudesse terminar, Conor entrou correndo no escritório e postou-se em frente ao pai, em atitude de desafio. — Eu não vou para a França! — assegurou ele.

— Você o *quê*? — a voz forte de O'Hara ressoou. Conor estremeceu e piscou, porém não desistiu.

— Quero ficar com você na Eire e lutar contra os malditos ingleses! As palavras de desafio do filho serviram apenas para irritar os nervos

já sobrecarregados de O'Hara. Se não fosse a interferência de O'Higgin, ele teria esbofeteado o menino.

— Então você não quer ir para a França com seu irmão e Maggie? Por quê? Pretende lutar no campo de batalha? — indagou o velho meirinho.

— Isso mesmo, Dermott — respondeu Conor e depois dirigiu-se ao pai novamente: — Você me mandaria para a França a fim de me tornar um almofadinha enquanto a rebelião toma conta da minha pátria?

Os olhos suplicantes do menino e a sua postura de militar transformaram a raiva de O'Hara num sentimento de orgulho. Paciente, explicou:

— Filho, você aprendeu bem o manejo da espada e também a conduzir um cavalo. Nas vezes em que caçamos juntos, pude comprovar a sua boa pontaria com arma de fogo. Entretanto, há muitas outras coisas que precisa aprender.

Conor inclinou um pouco a cabeça de caracóis ruivos e semicerrou os olhos.

— O que mais além do que eu já sei é necessário quando existe uma rebelião?

Exasperada, Aileen fez menção de protestar, porém O'Hara a impediu.

— Não se preocupe, meu amor, eu e Conor vamos ter uma conversa de homem para homem. Pode nos deixar sozinhos?

Aileen sacudiu os braços num gesto de desânimo e saiu batendo a pesada porta de carvalho.

— Agora, meu rapaz, vamos esclarecer alguns pontos — O'Hara declarou enquanto O'Higgin observava pai e filho. — A palavra rebelião vem sendo usada com um certo exagero. O que ela significa para você?

— Quer dizer que não haverá mais impostos e dízimos a serem pagos para o rei.

— Certo, mas apenas no caso de vencermos.

— Disso podemos ter certeza — exclamou o menino, distendendo o peito com orgulho. — Somos irlandeses e, segundo O'Higgin, os guerreiros mais ferozes do mundo!

O velho meirinho cofiou a barba e sorriu.

— Somos mesmo — confirmou o pai. — No caso de alcançarmos a vitória, o que faremos quando a paz voltar à Eire?

— Acho que... — começou o menino meio indeciso. — Nós mesmos vamos nos governar, não é?

— Pelo menos, tentaremos. Para isso serão necessários estadistas, diplomatas e políticos. Essa é a razão pela qual estou mandando você e seu irmão à França. Lá, os dois aprenderão tudo o que for preciso para tomar conta de Ballylee e governar a Irlanda. E sua prima Maggie será educada a fim de se tornar uma grande dama.

Conor pensou por um momento e depois replicou:

— Tem razão, meu pai, mas primeiro precisamos vencer a rebelião, senão não haverá um país livre para os políticos dirigirem. Brian que faça isso depois que eu ganhar a guerra.

O'Hara sacudiu a cabeça diante do raciocínio vivo do filho e resolveu usar uma outra tática.

— Concordo que você e seu irmão foram destinados a seguirem caminhos diferentes. Sem dúvida, Brian dará um ótimo estadista. Mas, você não acha que, na França, aprenderia a ser um soldado muito mais eficiente?

— Talvez. Mas o meu medo é que essa guerra desgraçada termine antes que eu cresça e possa usar minha malha de aço de soldado. Não percebe? Eu acabaria perdendo tudo, não assistindo ao que se passaria aqui.

A paciência de O'Hara começava a se extinguir. Com um olhar, ele pediu a ajuda de O'Higgin. Conor continuou:

— Sei que vai levar tempo até eu poder tomar parte numa batalha, mas já posso ajudar bastante. Sei consertar malhas de aço, cuidar de cavalos, engraxar botas e arreios e muitas outras coisas. Sendo menino, posso levar mensagens de um batalhão a outro sem que ninguém desconfie de mim.

Enquanto o menino defendia a sua posição, O'Hara e O'Higgin trocaram vários olhares de surpresa. Estava claro que Conor preparara as palavras com cuidado.

Ao ouvi-lo, Rory sentiu um aperto no coração por não poder atender o pedido do filho e foi também tomado por um grande orgulho paterno. Todavia, a decisão de enviar as crianças e Maura para a França tinha como objetivo principal a segurança delas, embora a educação pesasse bastante. Sabia que a rebelião estava muito longe ainda da vitória e que o derramamento de sangue mal começara, por isso queria os membros mais jovens do clã bem longe dali a fim de sobreviverem.

— Então, meu rapaz, você está disposto a encarar a vida como homem, apesar de ser ainda um menino? Que seja assim!

Essas palavras de O'Higgin surpreenderam O'Hara. Os olhos azuis de Conor brilhavam felizes e os de O'Higgin tinham uma expressão matreira, o que impediu o pai de interferir.

— Pois vamos comemorar sua decisão como verdadeiros irlandeses, isto é, bebendo *uisquebaugh*.

Em seguida, ele serviu três copos e, depois de passar um a O'Hara e outro a Conor, levantou o seu num brinde.

— Aos homens de nossa terra! — exclamou ele.

— Aos irlandeses! — ecoou O'Hara.

Ambos beberam tudo num só trago e olharam para Conor. Os lábios do menino tremiam enquanto ele fitava a bebida forte com certo receio.

— Muito bem, meu rapaz — pressionou O'Higgin. Conor endireitou os ombros e ergueu o copo.

— Aos irlandeses! — brindou e sorveu a bebida. Seu rosto ficou lívido e os olhos encheram-se de lágrimas. Sentia o corpo queimar da cabeça aos pés, contudo, para conseguir crédito, manteve-se firme.

Imediatamente, O'Higgin encheu outra vez os copos e fez novo brinde.

— Deus salve a Irlanda!

Pai e filho o imitaram, porém, ao acabar de beber, Conor sentou-se no chão.

O velho meirinho serviu mais e, dessa vez, o brinde foi em nome de Ballylee. Mal conseguiram ouvir a voz de Conor.

Depois de mais duas doses, O'Higgin tomou o menino nos braços e o levou a Aileen.

— O rapaz vai ficar uns dois dias doente, mas levará algum tempo antes de pensar de novo num campo de batalha.

CAPÍTULO X

JULHO DE 1642
LOUGH SWILLY — IRLANDA

Em contraste com o céu pálido, as montanhas tinham um aspecto tão sombrio quanto as águas de Lough Swilly pareciam ameaçadoras. Na calmaria do amanhecer, pouco se ouvia além do canto de alguns pássaros e do ranger dos arreios.

Os irlandeses cavalgavam aos pares, com Patrick e The O'Hara na frente. Logo depois vinham Conor e Brian, seguidos por Maura e Maggie. Quarenta cavaleiros muito bem armados os acompanhavam.

Já fazia duas horas que o grupo se separara do grosso das forças do clã O'Hara. Trezentos soldados ao todo encontravam-se acampados nas colinas perto de Portsalon, onde esperariam enquanto The O'Hara dava as boas-vindas ao primo, Owen Roe, The O'Neill, que retornava à Eire. Ao anoitecer, eles se mesclariam com o exército organizado em Flandres pelo famoso guerreiro e, no dia seguinte cedo, marchariam todos para se juntarem às forças de Phelim O'Neill.

— Não vai demorar muito para chover — Patrick afirmou respirando fundo.

— Um aguaceiro será a recepção digna a The O'Neill no seu retorno à pátria — comentou O'Hara.

As árvores começaram a rarear. Quando as patas dos cavalos alcançaram a areia, perto do braço de mar, o vento já empurrava a neblina rumo ao oceano.

Embora se esforçasse, Maggie não conseguia controlar a sensação de pânico que se apoderava dela. Logo estaria numa terra estrangeira, rodeada por pessoas estranhas. Poderia aprender os novos costumes e dominar o francês que mal falava agora? Não gostava do som dessa língua mesmo quando falado sem sotaque algum por Aileen e Shanna. Meio desesperada, olhou para Maura.

— Pense no que estamos fazendo e para onde vamos como uma aventura que poderá ser muito divertida — aconselhou-a a cunhada com um sorriso.

— Eu sei, você já me disse isso antes, mas só posso pensar nas saudades que terei daqui e em como vou me sentir solitária lá — queixou-se Maggie.

— Ah, minha querida, lembre-se de que vamos estar sempre juntas. Prometo distraí-la bastante.

As palavras carinhosas de Maura não a consolaram, contudo Maggie conseguiu retribuir o sorriso.

Ambas, depois da morte de Donal, haviam ficado tão íntimas como se fossem irmãs. Tinham se consolado mutuamente e passaram a depender do carinho uma da outra. Quando Maura se deixava levar pela depressão, só Maggie tinha o dom de afastar-lhe a melancolia e fazê-la pensar em outras coisas.

— Se você acabar me convencendo de que estamos certos em partir, talvez eu consiga fazer o mesmo com Conor.

— Você é a minha única esperança de conter esse malandrinho. Tenho medo de não poder controlá-lo — confessou Maura.

Um pouco mais à frente das duas, Brian cavalgada quase em pé, firmado nos estribos. O coração batia disparado enquanto os olhos vasculhavam o resto de neblina sobre o braço de mar. De repente, gritou excitado:

— Olhe lá, Conor, é uma vela! Não, uma porção!

Conor mantinha o olhar baixo, fixo no pescoço do cavalo. Não estava interessado nos navios ou na França, e sim na Irlanda, cujos campos verdes não desejava deixar.

Owen Roe O'Neill foi o primeiro a descer do escaler e cruzar as águas rasas. Ao chegar à areia firme, afastou o manto para as costas, pondo a descoberto o gibão onde se via o emblema dos O'Neill.

— Deus seja louvado — murmurou ele. — A Mão Vermelha de Ulster voltou ao solo irlandês.

Owen Roe era alto, quase magro, porém com braços e pernas musculosos. As feições mostravam-se bem marcantes na pele curiosamente pálida para um soldado que passava grande parte do tempo ao ar livre. O nariz, durante uma das muitas batalhas em que tomara parte, fora quebrado. Por ter ficado torto, o nariz e as sobrancelhas negras e quase retas davam-lhe um aspecto sinistro ao rosto.

Com dignidade solene, ele se aproximou de The O'Hara.

— Eis-me aqui, primo!

— Seja bem-vindo, Owen! — O'Hara replicou ao mesmo tempo em que os dois colocavam ambas as mãos, com força, nos ombros um do outro.

— Tantos anos sem nos vermos, parece uma vida inteira.

— É mesmo. Mais uma vez, bem-vindo à terra do seu clã. Solene, O'Neill sacudiu a cabeça com ar grave, porém, logo em seguida, um sorriso alargou-se-lhe pelo rosto.

— Seu malandro, a notícia de que você é o homem mais rico da Irlanda corre mundo!

Essas palavras foram seguidas por uma sonora gargalhada que O'Hara acompanhou no seu característico tom grave.

— Sou mesmo e ainda bem! Senão, como poderia ter armado os homens com os quais você conquistará a glória?

— Deixe disso, primo — O'Neill retrucou continuando a rir. — Você apenas me mandou chamar a fim de ajudá-lo a salvar suas riquezas!

— Mentira! Você não tinha mais inglês algum para matar em Flandres e veio atrás do sangue deles aqui na Irlanda!

Terminada a troca de provocações, os dois guerreiros abraçaram-se com força tal que teria quebrado os ossos de um homem comum.

— Quem é este rapaz aqui de rosto sério mas de olhar sorridente? — indagou O'Neill.

Enquanto O'Hara apresentava Patrick, a expressão de Owen Roe anuviou-se.

— Talbot?! Escocês, não é?

O'Hara explicou a posição do sobrinho e o outro voltou a sorrir.

— Ótimo! — exclamou O'Neill e abraçou Patrick. — Fico satisfeito em ter a sua espada ao lado da minha, Patrick O'Hara Talbot. Com a gritaria de um escocês à esquerda e o meu corpulento primo à direita, não terei de me preocupar com a idéia de que um inglês desgraçado me apunhale pelas costas.

O'Neill ficou então conhecendo Conor e Brian, a quem deu alguns conselhos. Ao ver Maggie, levantou-a nos braços e deu-lhe um beijo.

— Que menina linda! Cresça logo, minha querida, pois tenho filhos que precisarão de uma boa esposa irlandesa!

Maura, ele abraçou com meiguice e sem estardalhaço.

— Esqueça a sua mágoa como muitas outras o fizeram. A dor, minha menina, não trará o seu O'Hara de volta. Tenha certeza, no entanto, de que o nome dele jamais será esquecido.

O'Neill afastou-se então e foi cuidar do desembarque e alinhamento dos soldados, o que fez através de ordens enérgicas e que lhe tomou duas horas de tempo. Isso terminado, chegou o momento dos membros do clã O'Hara subirem a bordo.

— Vocês dois cuidem bem de Maggie, está bem? — recomendou O'Hara aos dois filhos.

— Certo — concordou Brian, mas Conor apenas sacudiu a cabeça, calado.

Em seguida, o pai abraçou e beijou cada um, bem como a Maggie. Com voz comovida, disse-lhes:

— Saibam, meu pequeninos, que eu os amo muito e que rezarei para que possa voltar a vê-los.

A poucos passos, Patrick despedia-se da irmã.

— Por favor, meu querido, seja cauteloso e tome muito cuidado — pediu Maura, sem poder reprimir as lágrimas. — Seria demais perder você também e eu não agüentaria isso.

— Não tema por mim, minha menina — replicou Patrick com o costumeiro sorriso. — Amo muito a vida para perdê-la!

O'Hara e Patrick ficaram na praia até que os escaleres todos fossem içados aos veleiros.

— A chuva começa a cair, primos. Seria melhor se nos puséssemos em marcha logo — advertiu O'Neill.

Os malões já estavam acomodados e Maura encontrava-se no tombadilho para um último adeus à pátria. Maggie preparava-se para se juntar a ela quando a porta que ligava os dois camarotes se abriu e Brian entrou assustado.

— Maggie, Maggie, você tem de impedi-lo!

— Impedir quem do quê?

— A mim — declarou Conor, surgindo também. Ele estava descalço e sem camisa. Usava apenas uns calções justos e às costas carregava uma sacola presa por tiras nos ombros. Os olhos azuis tinham um brilho frio e estranho.

— O que pretende fazer, Conor? — indagou ela.

— Ir embora.

— Ora essa, é o que todos nós estamos fazendo.

— Não, Maggie, ele quer dizer do navio — explicou Brian, nervoso. — Conor quer descer pela corrente da âncora e nadar até a praia!

— Que horror, Conor! Que idéia mais louca! .

— Tenho de me juntar a meu pai. E para o inferno se vou deixar de tomar parte nessa guerra!

Maggie mordeu o lábio para não rir. Conhecia Conor muito bem e sabia que seus rompantes de desafio não duravam mais do que uns minutos.

— Não pense que vou ficar aqui ouvindo suas fanfarronices, Conor.

Quero também subir ao tombadilho para me despedir de nossa terra — disse ela pondo um xale nas costas.

— Eu vou mesmo, Maggie. Só esperei Maura sair daqui para poder dizer adeus a você.

Algo na voz de Conor a assustou. Virou-se para encará-lo e viu-lhe os lábios trêmulos e a determinação no olhar.

— Você está falando sério, Conor! — murmurou ela.

— Estou, prima.

Não, isso não podia ser verdade, reagiu Maggie, começando a tremer. Como agüentaria viver na França sem ele? Era verdade que Brian, de quem também gostava muito, estaria a seu lado, contudo Conor possuía mais habilidade para animá-la nos momentos de solidão.

— Não e não, Conor — protestou ela em lágrimas. — Não pode me deixar agora! Não vou para a França sem você!

Conor chegou mais perto e a abraçou.

— Não chore, Maggie. Quando vocês voltarem, a Irlanda será uma terra livre e eu serei um herói. Então, vai ser como antes, nós três juntos. Poderemos correr pelos campos de urzes e nadar nos rios. Será melhor do que nunca e vocês terão orgulho de mim.

— Não, por favor, Conor — suplicou Brian.

— Preciso, meu irmão. Cuide da nossa Maggie.

Através das lágrimas, ela viu que Brian e o próprio Conor também choravam. Todavia, a resolução de voltar à terra continuava inabalável.

— Não! — Maggie tornou a protestar. — Já perdi um irmão e não suportaria perder outro!

Conor abraçou-a outra vez e a beijou nas faces.

— Eu amo você, Maggie-o — disse ele, pronunciando-lhe o nome com a terminação carinhosa — e a você também, Brian. Se os dois retribuem o meu afeto não vão me impedir de fazer o que tanto desejo — concluiu — enquanto estreitava o irmão nos braços.

— Você está agindo como um grande tolo! Espero que The O'Hara lhe dê uma sova tão grande que, por uma semana, você não possa sentar-se! — Maggie declarou, ciente de sua incapacidade de retê-lo a bordo.

Conor sorriu com a antiga despreocupação.

— Aposto como meu pai vai me castigar mesmo. Mas não poderá fazer mais nada depois de o veleiro ter partido. Vocês me dão a palavra de não dizerem nada a Maura até já estarem em mar alto?

— Dou — murmurou Maggie, sentida.

— Não faço sempre o que me pede? — retrucou Brian.

— Obrigado. Deus lhes dê um bom vento na ida e um melhor ainda na volta!

— Deus o abençoe — Brian conseguiu desejar, porém Maggie não foi capaz de dizer mais nada.

No instante seguinte, Conor desaparecia no corredor estreito. Pouco depois escorregava pela corrente da âncora e caía rias águas geladas do braço do mar.

A mão vermelha de Ulster, brasonada no gibão de O'Neill, provocava aclamações de todos que acompanhavam a marcha. Ele as retribuía com acenos ao mesmo tempo em que prestava atenção às explicações de O'Hara.

Quando chegaram à clareira da floresta de pinheiros e bétulas, Owen Roe já sabia a posição de cada batalhão, aliado ou inimigo, no solo irlandês. Ficara ainda a par dos detalhes da agitação política reinante na Inglaterra e da discórdia existente entre certos clãs irlandeses.

A chuva abatia-se pesada, fustigando as urzes roxas e dando brilho às rochas espalhadas no terreno. Bem no centro tinha sido armada uma tenda grande para a qual O'Neill e O'Hara se dirigiram, entre saudações entusiasmadas dos homens. Os rostos de todos revelavam determinação e vontade férrea.

— Por Deus, acredito que o espírito de meu tio, Hugh O'Neill, continua vivo entre seu povo — comentou Owen Roe.

— É verdade, mas ele está em você também, primo.

À frente da tenda, desmontaram e entregaram as rédeas das montarias a cavaleiros que os aguardavam.

— Espero que agora possamos conversar, comer e beber à vontade. Já nem me lembro mais da última vez em que molhei a garganta com o bom uísque irlandês — confessou O'Neill.

Entraram na tenda e, no mesmo instante, ajudantes de ordem apressaram-se em retirar-lhes as capas, os talabartes com espadas e o gibão de malha de aço. Ao se sentarem à mesa tosca de madeira, vinho e *uísquebaugh* já os esperavam.

— Não vi mulheres aqui no acampamento, primo.

— Proibi a presença delas por enquanto. Logo as apanharemos na marcha para leste — explicou O'Hara.

— Muito bem. Antes da batalha, os homens precisam de raparigas tanto quanto disto — O'Neill declarou ao mesmo tempo em que erguia a caneca de bebida.

A refeição foi servida e O'Neill atirou-se a ela com disposição e apetite: consumiu uma grande quantidade de carne de perdiz e bolos de aveia. Quando não agüentava mais repetir, terminou com uma boa dose de vinho. Satisfeito, deu-se conta de que O'Hara o observava, surpreso e em silêncio.

— Ah, primo, desconfio que passei tempo demais nos campos de batalha. Minhas boas maneiras deixam muito a desejar — disse ele, com um riso divertido.

— Quanto a mim, acho que desperdicei longas horas na mansão e por isso minha habilidade com a espada está tão enferrujada quanto seus modos. Isso não tem importância — O'Hara replicou com um encolher de ombros.

— De fato, pois afinal somos The O'Hara e The O'Neill e daqui a um mês a Irlanda toda aclamará nossos nomes.

— Você não mudou nada desde os velhos tempos.

— Não mesmo. Durante este longo período andei atrás de rebeliões e batalhas. Três anos depois de velejarmos com os condes na fuga de 1607 eu já era capitão com o meu próprio regimento — contou O'Neill.

O'Hara perscrutou as feições à sua frente e notou, além do entusiasmo e animação, uma ponta de crueldade. Tinha certeza de que Owen Roe ria do próprio diabo. , ,

— Você ama a guerra e a glória que ela lhe proporciona, não é, Owen?

— Amo, sim, e me divirto muito com ela.

— E quanto à nossa querida Irlanda?

— Não será ela a nossa maior recompensa?

— Com licença, milord.

— Ah, Talbot, sente-se aqui e beba conosco — convidou O'Neill. Patrick não respondeu e, ansioso, fitou O'Hara.

— O que foi, rapaz?

Ele fez um sinal em direção à porta, por onde dois soldados entravam segurando Conor O'Hara, que lutava desesperadamente.

— Nós o encontramos escondido numa das carroças de suprimentos — Patrick explicou.

— Maldição! — exclamou O'Hara, rubro de cólera, ao mesmo tempo em que arqueava o braço pesado sobre o menino.

A tempo, O'Neill agarrou-lhe o pulso.

— Espere um pouco — aconselhou ele e virou-se para Conor, que tremia assustado. — Você pulou do navio, menino?

— Sim, senhor.

— Por quê?

— Para prestar meu serviço ao exército.

— Santa mãe de Deus! — exclamou O'Neill. — Ele quer se juntar a nós!

— Pois vai para Ballylee, onde ficará até que haja outro navio para a França — declarou O'Hara, fora de si.

— O que diz a isso, menino? — indagou Owen Roe.

Ainda muito assustado, Conor aproximou-se do pai e pôs-lhe as mãos nos joelhos.

— Meu pai, eu o amo e você sabe disso. Não quero ser desrespeitoso, mas não agüentaria ficar afastado junto com as mulheres quando sei que há muitos rapazes não muito mais velhos do que eu aqui com as tropas. Se você também me ama, então me deixe ficar ao seu lado e de Patrick.

O'Hara sentiu uma imensa frustração. Pela expressão de Conor, sabia que o filho fugiria de Ballylee se fosse mandado para lá.

— Que época mais triste essa nossa, que transforma rapazinhos em homens adultos antes do tempo. Patrick, arranje roupas para o menino. E você, Conor, saiba que a desobediência no exército é castigada com vinte chicotadas nas costas. Tome cuidado para não merecê-las — advertiu o pai, carrancudo.

— Sim, senhor, jamais me arriscarei a recebê-las — prometeu Conor com uma sombra do sorriso matreiro nos lábios.

CAPÍTULO XI

OUTUBRO DE 1642
EDGEHILL — INGLATERRA

O tenente Robert Hubbard aprendera a desempenhar seu papel com eficiência. Tanto na aparência como na maneira de falar e de se comportar, ele demonstrava o desprezo que os puritanos alimentavam em relação ao luxo exibido pelos cavaleiros do rei. No futuro, ele tinha certeza, voltaria a se trajar com elegância e requinte. Todavia nos meses que precederam a declaração de guerra entre o rei e o Parlamento, achara mais conveniente mostrar modéstia perante seus colegas oficiais.

Hubbard cortara os cabelos bem curtos, no estilo dos “cabeças redondas”, como eram denominados os puritanos e defensores do Parlamento. Vestia-se de preto, com uma gola branca, e chegara ao exagero de usar algumas vezes o chapéu ridículo e cilíndrico ostentado pelos homens dessa seita religiosa.

Nas ruas de Londres, ele aderira ao hábito popular de insultar os cavaleiros do rei, cujos cabelos compridos até os ombros e as plumas coloridas nos chapéus provocavam a ira dos fanáticos. Nas brigas com esses homens, Robert se tornara tão violento quanto os companheiros mais velhos.

Até John Pym, em duas ocasiões, admitira que os fins justificavam os meios. Com seus feitos e ações, além do encanto que podia demonstrar quando desejava, Robert conseguira eliminar a antipatia entre ele e o líder puritano.

Finalmente a ocasião esperada com tanta ansiedade havia chegado. No dia vinte e dois de agosto de 1642, o rei Charles I levantara seu estandarte em Nottingham e declarara guerra ao Parlamento.

Durante um mês, ambas as facções prepararam-se com empenho para enfrentar a primeira batalha e agora era chegado o grande dia.

Robert esperava na planície abaixo de Edgehill. Os cavalos inquietos, as bandeiras tremulantes e os soldados protegidos, pelo gibões de malha de aço provocavam-lhe um grande frio na espinha. Durante muito tempo, mal conseguira reprimir a ansiedade de provar a sua valentia, mas ninguém o prevenira quanto à tensão a que estaria submetido nesse momento de grande

expectativa.

O medo sentido devia estar evidente em suas feições, pois Thurgood Walker, o amigo que fizera ao entrar para o exército sob o comando de lorde Essex, emparelhou o cavalo ao lado do seu e afiançou-lhe:

— Apenas os primeiros momentos são ruins, Robert. Assim que enfiar a espada pela primeira vez num inimigo, você esquecerá o medo e agirá com naturalidade.

— Foi o que me disseram — Robert replicou com um sorriso forçado. Filho de um sapateiro, Thurgood Walker vira no exército do Parlamento

uma maneira de subir na vida. A exemplo de Robert, ele demonstrava publicamente a crença religiosa dos puritanos. Entretanto, como muitos outros de sua posição social, Walker tentava imitar as maneiras e os costumes dos mais privilegiados, isto é, dos aristocratas que ele estava prestes a enfrentar no campo de batalha.

Fora essa vontade de melhorar na vida que atraía Robert, embora fosse oito anos mais novo do que Walker. Ele não tinha travado contato por espírito de amizade, mas porque o relacionamento entre ambos poderia vir a ser útil. Robert não duvidava de que a posição humilde e a vocação de soldado de Walker seriam motivos para uma rápida promoção e ele próprio estava disposto a usar essa promoção a fim de conseguir uma para si mesmo.

— Lá estão eles!

O grito de Walker fez Robert olhar para as colinas.

— Deus meu! — exclamou ele, assustado.

— Um espetáculo grandioso, não é?

O espinhaço todo parecia mover-se com a massa compacta da cavalaria inimiga.

— Não se deixe impressionar pelo tamanho da tropa, Robert, pois o nosso número iguala-se ao deles.

— Veja lá — gritou Robert, apontando com a espada.

Um cavaleiro vestido de preto, com plumas brancas no elmo, destacava-se dos outros pela altura imponente.

— E ele, Rupert, o diabo em pessoa! — sibilou Walker.

Nesse instante, o príncipe Rupert do Reno, sobrinho de Charles, levantou o braço direito bem devagar. A luz do sol formou um halo brilhante à volta do fio de sua espada.

As trombetas soaram o toque de ataque e cinco mil gargantas gritaram abafando-lhes o som.

— Em nome de Deus, da Inglaterra e do rei!

E como um vagalhão destruidor, eles avançaram.

— Em nome de Deus, do país e do Parlamento! — retumbou a resposta na planície.

Sem perceber que havia esporeado o cavalo, Robert achou-se em disparada rumo às forças atacantes do inimigo. As duas facções chocaram-se frente a frente, entre gritos de pragas, xingamentos e o barulho ensurdecedor do bater de espadas.

Ainda com o frio de medo na espinha, Robert brandiu a espada para o soldado que exibia as cores do rei e que se encontrava mais perto. A sua provocação foi aceita no mesmo instante, mas ele aparou o primeiro golpe com destreza. Freou e virou a montaria para um segundo encontro. O inimigo surpreendeu-o ao se abaixar e passar sob a sua espada. Repetiu a manobra e dessa vez as lâminas se chocaram.

Os rostos de ambos ficaram bem próximos e o cavaleiro do rei exclamou, surpreso:

— Pelo sangue de Cristo, eles organizaram o exército com meninotes! Deserte sua tropa e venha para o nosso lado. Estou precisando de um rapaz forte para ser meu cavalição.

O sarcasmo do homem era do que Robert precisava. O medo desapareceu e em seu lugar surgiu um ódio imenso. Os olhos que há pouco se arregalavam de pasmo ao ver a cavalaria do rei no topo da colina agora estavam semicerrados e ameaçadores. Ele largou as rédeas e apanhou a adaga. Empurrou então o adversário ao mesmo tempo em que soltava um ronco surdo e, com os joelhos, guiava o cavalo para frente. A espada flexionava-se e investia sem descanso e, por duas vezes, golpeou seriamente o homem.

A expressão zombeteira do adversário transformou-se numa de puro medo e os golpes contínuos recebidos o fizeram perder o controle e se descuidar da defesa. Robert aproveitou-se disso e impulsionou a espada de baixo para cima. Outra vez as lâminas se cruzaram, porém ele se manteve firme enquanto, com a mão esquerda, dava um golpe certo um pouco abaixo do queixo do adversário.

Sem um único som, o homem caiu ao chão, todavia dois outros tomaram o lugar dele. Tiveram o mesmo destino do companheiro. Robert continuou a matar de maneira insensível e irrefletida. Vezes incontáveis, os cavaleiros do rei o atacaram para tombarem pouco depois, lavados em sangue, até que não surgiu mais nenhum.

Coberto de suor e sujeira, ele puxou as rédeas e contemplou a carnificina

à sua volta. A menos de dez metros de distância, encontrava-se Thurgood Walker, na mesma posição vitoriosa. Não havia mais soldados do rei ao lado deles no campo.

— Ganhamos o dia, Hubbard, porém temo que o mesmo não tenha acontecido com a nossa coluna principal.

Robert seguiu o olhar do companheiro e compreendeu logo o que acontecia. A cavalaria bem disciplinada do príncipe Rupert havia penetrado pela linha central das forças do Parlamento e deixado um rastro de mortos e soldados desmontados. Ela agora se preparava para uma segunda investida e era fácil perceber que os resultados seriam igualmente desastrosos. Com certeza, Rupert se ocuparia depois dos flancos, sendo, um deles, o lugar onde Hubbard e Walker se encontravam.

— Vamos até aquelas árvores, Robert — sugeriu Walker. — Estamos perto da retaguarda deles e será melhor rodeá-la do que encontrar o inimigo pela frente.

— Guie o caminho — gritou Robert.

Num galope desenfreado pela planície desprotegida, eles rumaram para o bosque.

Fora da confusão da batalha e sob o esconderijo das árvores, Robert voltou a raciocinar com clareza. Se os dois continuassem na direção tomada entrariam muito no campo inimigo e, certamente, seriam apanhados pelas tropas da retaguarda.

A uns cinqüenta metros de distância parecia haver uma clareira. Robert puxou as rédeas e gritou:

— Walker, pare um momento!

— Está louco? Alguém deve ter visto nossa fuga.

— Mais uma razão para não atravessarmos a clareira juntos. Se houver algum soldado lá, um de nós, sozinho, terá mais chance de escapar — explicou Robert.

— Sugere que nos separemos então?

— Isso mesmo. Vá pela esquerda e eu, pela direita.

— Deus o acompanhe! — desejou Walker, reiniciando o galope na nova direção.

— A você também. — E Robert retribuiu com um sorriso.

Num passo vagaroso, ele conduziu o cavalo à direita, porém parou logo depois, com os ouvidos atentos. Assim que o som da montaria de Walker diminuiu, Robert retrocedeu e o seguiu, tomando cuidado para rodear a clareira. Não tinha avançado muito quando uma gritaria infernal e o ruído do

choque de espadas à frente quebraram o silêncio do bosque. Mais uma vez, ele sorriu.

Freou o animal e ficou à espera, sob as árvores. Tinha certeza de que Walker se deparara com soldados do rei. Ouviu então o barulho de patas de cavalos e mais gritos chegados do lado oposto ao dos primeiros. Cinco cavaleiros das forças reais surgiram à direita e atravessaram, a galope, o espaço aberto em direção ao lugar onde parecia haver luta.

Satisfeito, Robert percebeu que acertara no seu julgamento. Charles colocara grupos de soldados a intervalos regulares para bloquear eventuais retiradas das tropas do Parlamento através do bosque.

— Melhor você do que eu, meu amigo — Robert resmungou enquanto voltava para a direita.

Em pouco tempo, ele atravessou a lacuna deixada pelo segundo grupo de soldados, que fora ajudar o outro, e foi dar numa trilha que seguiu em disparada.

Sem perceber, ele irrompeu numa outra clareira, onde havia uma cabana de pastor de ovelhas. Um velho e dois lanceiros o fitaram atônitos demais para se mexerem. Robert ergueu a espada, golpeou o primeiro soldado, virou o cavalo e feriu o segundo. O velho recobrou-se da surpresa; correu para a porta da cabana e pôs-se a gritar em voz aflita:

— Corra, Alteza, corra!

Um meninote de pele morena apareceu na porta.

— Vossa Alteza deve fugir! — implorou o velho.

— Não, Harvey, não tenho medo dele — replicou o jovem, tirando a pistola do cinto.

Ele fez pontaria e atirou. A bala passou a milímetros do elmo de Robert e o estampido assustou o cavalo, que empinou relinchando. Assim que as patas dianteiras tocaram o chão outra vez, Robert investiu contra o rapaz, com a ponta da espada em direção ao peito dele. Não chegou a feri-lo, pois, um segundo antes, reconheceu as feições morenas, os olhos pequenos e a cabeleira negra.

Hubbard quase matara o príncipe de Gales! Com um gesto brusco conseguiu desviar e frear o animal.

— É uma lástima que o Dr. Harvey tenha atrapalhado meu campo de visão, seu canalha! Mate-me agora, mas faça isso depressa — o jovem desafiou, com a cabeça e os ombros erguidos.

Robert simplesmente tocou o elmo com a espada e a recolocou na bainha.

— Não, Alteza, não estou nesta guerra com o fito de matar reis ou seus herdeiros.

— Eu o teria matado.

— Acredito e admiro sua valentia. Como o rei permite que o futuro Charles II vagueie pelo campo de batalha sem proteção adequada?

— Fomos separados da nossa guarda — respondeu o menino, ruborizando-se.

Nesse instante, um rosto apareceu atrás do ombro do príncipe e desta vez o reconhecimento foi imediato.

“Deus do céu”, Robert pensou, “que grande golpe teria sido eliminar Charles, o herdeiro do trono, e o irmão mais novo, James, o duque de York!”

Charles segurou a mão do irmão e deu um passo à frente, mantendo a posição ereta de desafio.

— Imagino que você nos levará prisioneiros.

— É o que deveria fazer, todavia seria uma tolice muito grande tentar voltar para minha tropa com essa sobrecarga.

— Se não pretende nos matar, nem nos fazer seus prisioneiros, qual é sua intenção? — indagou o príncipe, surpreso.

— Apenas desejar um bom dia a Vossa Alteza — Robert replicou ao virar a montaria.

— Espere! Não sei o seu nome!

— Hubbard, Vossa Alteza, Robert Hubbard.

— Leve isto aqui, Robert Hubbard — Charles disse, entregando-lhe a luva da mão direita com a insígnia real. — Talvez um dia você venha a precisar de um favor igual ao que acaba de me prestar.

— Obrigado, Alteza, é possível que isso aconteça — Robert respondeu com um sorriso ao mesmo tempo em que enfiava a luva sob a armadura e esporeava o cavalo.

À volta da mesa dos comandantes e da outra dos oficiais ao lado, as vozes elevavam-se, exaltadas e cheias de indignação. Todavia ninguém tinha coragem para expressar a verdade. Quase todos qualificavam os resultados das batalhas travadas naquele dia como um impasse. Robert Hubbard discordava.

Por ser o oficial mais jovem e apenas segundo tenente, ele estava sentado à última mesa e no canto mais distante. Mesmo assim, podia acompanhar tudo que era dito e observar as feições de todos.

Robert Devereux, lorde Essex, ouvia calado as palavras de elogio que os oficiais faziam à coragem de seus homens e ao feitos obtidos. Havia uma

única exceção, Oliver Cromwell, cujas feições sombrias revelavam raiva e desprezo pela conversa fútil e sem sentido dos companheiros.

Hubbard passou a observá-lo com interesse. Lembrava-se das histórias contadas a respeito dele, quando, dois meses atrás, a guerra havia sido declarada. Cromwell fora o primeiro a agir: cavalgara de Westminster a Cambridge recrutando soldados. Como prova de dedicação à causa abraçada, ele doara os fundos necessários à equipagem de um batalhão de cavalaria.

No entanto, Cromwell negara-se a enganar a si próprio e a seus homens quanto aos motivos da guerra civil. O Parlamento tentara legitimar a razão que o impulsionava ao declarar que, na verdade, lutava *pelo* rei e não contra ele. Tudo o que desejava era livrar Charles de seus conselheiros nocivos. Cromwell, porém, dissera a verdade a seus homens.

— Não lutamos pela preservação do trono, mas pelo bem do país e pelo direito de adorarmos a Deus em liberdade. Se o rei aparecer em minha frente no campo de batalha, atirarei nele como em qualquer outro homem inimigo.

Ao ouvir essas palavras, Robert olhou à volta e abafou o riso. O que Cromwell diria se soubesse que ele, nesse dia, poupara a vida dos dois herdeiros do trono inglês? Aliás, não apenas não os matara como também não os fizera prisioneiros, fato que teria terminado com a guerra, mal ela havia começado.

O fim da guerra já, era o que menos Robert desejava; bem ao contrário, por interesses próprios, esperava que ela se prolongasse durante vários meses.

Continuou a observar Cromwell, cuja raiva crescia a olhos vistos e que, de repente, ergueu-se e bateu duas vezes com a caneca na mesa, gritando ao mesmo tempo:

— Cavalheiros!

O vozerio era tanto que ninguém o ouviu. Ele repetiu o gesto e, como o resultado fosse o mesmo, desembainhou a espada e chicoteou a mesa com ela enquanto rugia, colérico:

— Moleirões!

John Hampden, primo dele, que estava sentado em frente, levantou-se, atônito.

— Oliver! O quê...

— Tenho algo a dizer sobre essa conversa idiota!

No silêncio sepulcral que se fez, todos os olhos voltaram-se para Cromwell.

— Todo esse palavrório orgulhoso sobre as façanhas feitas hoje não

passa de infantilidade, pois é vazio e sem significado. Nós não vencemos hoje e nem alcançamos um impasse, pois, simplesmente, fomos derrotados!

Um murmúrio percorreu o ambiente, mas Cromwell o ignorou e prosseguiu:

— Nenhum de nós, inclusive eu, deixamos de ter culpa. Contudo precisamos nos esforçar para não repetir os mesmos erros e cometer o grande pecado de perder esta guerra. Todos nós concordamos na sua legitimidade e os nossos inimigos nos temem porque somos as armas de Deus. Contudo, senhores, o medo deles desaparecerá quando perceberem quão cego é o fio de nossas espadas!

Ele agora transpirava em profusão. Olhou diretamente para Essex e John Hampden e declarou:

— O exército que levamos para o campo de batalha hoje mostrou-se fraco e ineficiente. Nossas fileiras são compostas de trabalhadores e taverneiros velhos enquanto as do inimigo contam com jovens bem adestrados. Os senhores acreditam mesmo que esses sujeitos de preparo medíocre e pobres de espírito conseguirão vencer homens resolutos e corajosos imbuídos pelo sentimento de honra?

Cromwell respirava de modo ofegante, mas ainda não terminara.

— Precisamos de um novo tipo de exército formado por homens cheios de fé, corajosos e valentes, sim, porém que, acima de tudo, temam apenas a Deus! Cavalheiros, marquem minhas palavras: um dia organizarei esse exército!

Outra vez um murmúrio percorreu o ambiente enquanto Cromwell se retirava sem se lembrar de pegar a espada da mesa.

Robert Hubbard apanhou-se sentado ereto e absolutamente estarecido com as palavras acabadas de ouvir. Na aparência, Cromwell tinha mudado pouco desde a última vez em que o vira, porém, no íntimo, existia uma grande diferença. Através das palavras veementes, o homem revelara autoconfiança e falta de medo, duas qualidades essenciais para se alcançar a vitória almejada.

Ficava claro para Robert que Cromwell possuía a firme intenção de conquistar a Inglaterra inspirado pelo devoção pura enquanto instigaria suas tropas com a retórica do seu Deus, o Jeová da ira. Obvio também estava o caminho a seguir por Robert no futuro.

Quando todos finalmente se convencessem de que Oliver Cromwell estava com, a razão e lhe proporcionassem os meios a fim de organizar o novo exército, Robert Hubbard pretendia ser um dos seus primeiros oficiais.

CAPÍTULO XII

DEZEMBRO DE 1642
CASTELO DE CLAYMORE — IRLANDA

No pátio do castelo de Claymore, as fogueiras feitas não só para cozinhar como também para produzir calor quase transformavam a noite em dia. Da janela do seu quarto confortável e aquecido, Elana observava o movimento dos soldados que haviam chegado dois dias antes, comandados por Patrick Talbot.

O rosto e as roupas de Patrick estavam cobertos de poeira e os cabelos grudados na testa úmida, quando ele a procurara. Mal desmontara, levava-a a uma pequena sala e a tomara nos braços. O cheiro de couro e de cavalo a irritaram e, com expressão amuada, ela virará o rosto a fim de não ser beijada e o empurrara com força.

— Patrick, me solte! — protestara.

— O que fará se eu não a atender? Pedirá socorro aos meus soldados? — indagara ele, rindo.

— Talvez.

— Pois então grite bem alto para que todos no castelo fiquem sabendo da minha paixão por você. Ah, Elana, preciso tanto de você quanto de comida e bebida!

— Provavelmente, pelas mesmas razões. Não recebi uma linha sua e o vi apenas duas vezes, rapidamente, nos últimos quatro meses. De repente você aparece e faz exigências?

Os olhos cinzentos sombrearam-se e ele se afastara.

— Perdão, *milady*. Estive muito ocupado guerreando para poder escrever — Patrick se desculpava com frieza. — Contudo, pelas suas cartas, entendi que eu era o homem sem o qual você não poderia viver!

Ele então lhe virará as costas e fora ao salão, onde exigira ser atendido pelo dono da mansão.

Elana o seguira esperançosa de não ter exagerado na frieza com que o havia tratado. Na verdade, parte de sua indiferença era fingida, pois, para continuar a arrancar informações de Patrick, precisava exercer um certo domínio sobre ele. A paixão que provocava nele era o seu trunfo precioso e

pretendia usá-lo ao máximo. No entanto, ficava cada vez mais difícil saber quando negar, ou ceder, e essa incerteza derivava-se do fato de seu desejo por Patrick ser quase tão grande quanto o dele por ela.

Ao se encontrar na presença de lorde Claymore, Patrick declarara sem rodeios:

— milorde, as defesas do castelo Claymore estão em péssimas condições!

O pai de Elana empertigara-se ofendido, mas havia acabado concordando com Patrick e posto a culpa na falta de fundos. As razões pelas quais estava sem dinheiro, ele não explicara, porém Elana as conhecia muito bem. Apesar de seus avisos de cautela, o velho ingênuo continuava a enviar doações ao rei Charles.

— milorde, nós vamos agora observar o retiro de inverno. O'Hara volta para Ballylee, O'Neill fica em Tyrone e eu fui designado a reforçar o contingente de Claymore.

A informação amedrontara Elana. “Deus do céu”, pensara, “um inverno inteiro sob o mesmo teto que ele! Será que já não estou confusa o bastante?”

Através de Patrick eles tinham ficado sabendo que em abril daquele ano o general major Robert Monro trouxera uma tropa de dois mil e quinhentos escoceses presbiterianos para ajudar os protestantes em Ulster que apoiavam o Parlamento, contra os católicos irlandeses de O'Neill. Para complicar mais as coisas, quando Charles declarara guerra em Nottingham, em agosto, havia designado lorde Ormonde para o comandante das forças reais na Irlanda. Sob Ormonde formara-se um segundo exército protestante, embora monarquista. Um vaivém de batalhas tinha sido travado durante o outono, com grandes baixas para todos os lados.

Patrick tinha também transmitido as últimas notícias da Inglaterra. O príncipe Rupert e seus cavaleiros vinham derrotando as forças do Parlamento sob o comando de Essex em todos os confrontos das duas facções.

Quando Patrick terminara o relato, Elana mal conseguira manter a compostura. Estaria ela apostando no cavalo errado?

As longas conversas mantidas com sir John Redding a tinham convencido de que o Parlamento ganharia a guerra civil na Inglaterra. Agora já não se sentia tão segura disso.

John Redding fazia um jogo muito perigoso, ela sabia. Como sobrinho de lorde Gormanston e do general Thomas Preston, comandante das forças dos antigos ingleses católicos em Leinster, ele tinha acesso ao movimento e condições do exército católico. E as informações que não conseguia obter por esse canal, até então ele as havia obtido através de Elana e transmitido aos

aliados do Parlamento.

Contudo a sorte parecia ter virado contra o Parlamento. Se eventualmente fosse derrotado, Redding poderia ser acusado de espião e executado. Mesmo que não fosse descoberto como tal, estaria do lado vencido e Elana temia que ele a arrastasse na queda.

Tais eram os pensamentos que a atormentavam nessa noite, enquanto percorria o olhar pelo pátio à procura do rosto de Patrick Talbot.

Desde o dia da chegada, ele recusara todos os convites para jantar com lorde Claymore e a filha no conforto da mansão. Elana soubera através dos criados que ele não aceitara também o quarto que lhe fora oferecido no castelo, preferindo dormir ao relento com seus homens. Ela gostaria de acreditar, que, ao rejeitar a hospitalidade oferecida, Patrick demonstrava ter se ofendido com sua recepção fria. Contudo, não estava muito certa disso.

Elana imaginava se não estaria perdendo o controle sobre ele. Vira-o poucas vezes, e de relance, nesses dois últimos dias. Porém, mesmo nesses momentos rápidos, ela o achava mudado. Ele parecia mais rude, com um brilho cético no olhar e severidade na voz. Seria isso consequência da luta no campo de batalha, ou Patrick começava a suspeitar que a falta de sucesso imediato de O'Neill contra os protestantes era provocada, em parte, por ela?

Pela primeira vez desde que se imiscuía naquela trama, Elana Claymore sentiu uma sombra de culpa. Fechou a janela e olhou para o relógio dourado perto de sua cama. Já eram quase onze horas, sinal de que Patrick pretendia não atender ao chamado que lhe enviara ao anoitecer.

Apagou as velas dos candelabros na parede e deixou apenas duas acesas sobre a mesa de toalete. O quarto estava quente e confortável, com o fogo da lareira e a iluminação suave. Lá fora, o vento norte soprava inclemente e, ao ouvi-lo, Elana aconchegou mais ao corpo o robe de veludo e pele.

“Como ele é tolo”, pensou ela enquanto perfumava a escova com almíscar antes de passá-la nos cabelos. Não deixava de ser insanidade dormir a céu aberto com aquele vento frio quando uma cama e um quarto quentes o esperavam.

Elana apenas havia começado a escovar os cabelos sedosos quando ouviu uma batida leve na porta.

“Deve ser ele”, pensou alvoroçada. Levantou-se depressa e despiu o robe pesado de veludo. Já ia vestir um outro, de tecido fino e transparente, porém mudou de idéia. A sua camisola de seda azul-celeste, franzida sob o busto e decotada, realçava-lhe a forma dos seios bem-feitos. Iria recebê-lo assim mesmo.

Bem cautelosa, Elana abriu uma fresta da porta e, antes de poder ver se era Patrick, ouviu uma voz infantil.

— Boa noite, *milady*.

Estarrecida, ela deixou o olhar e deparou-se com um menino robusto, de uns dez anos de idade e cabelos cor de ferrugem, que lhe sorria com expressão matreira.

— Quem é você? — indagou exasperada.

— Conor O'Hara, *milady*. Tenho uma mensagem para a senhora — explicou ele.

Elana abriu mais a porta e, depois de apanhar o bilhete, afastou-se até a mesa de toalete para poder lê-lo à luz das velas.

“Minha prezada senhora, escrevo-lhe para acusar o recebimento de seu amável convite, a mim enviado ao anoitecer. O jogo de dados, nestes dois últimos dias, dilapidou minhas finanças, que, esta noite, espero restaurar. Talvez possamos nos ver numa outra oportunidade.

Seu servo obediente, Patrick Talbot.”

— Desgraçado! — Elana exclamou, fora de si. — Ele prefere jogar dados em vez de passar a noite comigo!

— Meu primo disse para eu levar uma resposta.

Na fúria, ela havia se esquecido do menino. Ao ouvir-lhe a voz, virou-se e viu que Conor dera alguns passos para dentro do quarto. Incrédula, notou que os olhos azuis a admiravam calmamente.

— O que está olhando? — inquiriu ela, ríspida.

— A senhora, *milady*. É linda e tem uma silhueta muito atraente!

— Fora daqui! — gritou Elana, no auge da raiva.

Conor sacudiu os ombros e voltou até a porta, de onde indagou com uma certa audácia:

— Não vai mandar uma resposta?

— Vou, sim! — Elana declarou, furiosa. — Diga àquele maldito bastardo que vá para o inferno!

— Direi sem dúvida, *milady* — prometeu Conor, com um sorriso malicioso. — Mas tenho certeza de que Patrick vai ficar muito bravo ao me ouvir praguejar. Ele afirma que isso não é próprio de pessoas educadas.

As palavras do menino foram a gota no copo d'água e acabaram com o resto de autocontrole de Elana: atirou-se em direção à porta por onde o pequeno irlandês passara e a fechou com um estrondo. Encostou-se nela e apertou os braços de encontro ao peito enquanto gritava com voz estridente:

— Desgraçado, desgraçado, desgraçado!

Só quando os braços começaram a doer com a força que lhes imprimia, foi que Elana teve consciência do quanto o seu corpo ansiava por Patrick nessa noite.

Na manhã seguinte, a raiva de Elana havia minorado o suficiente para permitir que raciocinasse com um pouco de bom senso. Sentada em frente à mesa de toalete, ela passou ruge nas faces e carmim nos lábios.

Levou mais tempo para pentear os cabelos, pois precisou orientar a desajeitada criada irlandesa, passo a passo, na elaboração dos caracóis em cima e nos lados da cabeça e do coque na nuca.

Escolheu um vestido de veludo verde que realçava a cor dos olhos e cujo modelava-lhe a cintura fina e os quadris arredondados. Agasalhou-se com uma peliça do mesmo tecido e forrada de pele e desceu ao pátio do castelo. Seu estado de espírito era ótimo e nenhum sinal da raiva sentida na noite anterior marcava-lhe o rosto lindo.

Os dois primeiros homens com quem tentou falar entendiam apenas o gaélico. Depois de alguma procura, localizou um soldado que parecia ser oficial, com as cores do clã O'Hara. Aproximou-se dele e perguntou por Patrick.

— Talbot partiu bem cedo esta manhã a fim de levar o menino O'Hara a Ballylee — informou ele com sotaque carregado e expressão de indiferença.

— Quando estará de volta? — ela quis saber.

— Em duas semanas, se o tempo estiver bom.

Elana sentiu toda a raiva voltar. O atrevido planejava fazê-la passar por essa humilhação, pois imaginara que ela viria procurá-lo, e então desaparecera.

Precisava fazer algo para dar vazão ao ódio sentido, aliás, aumentado pela presença desse soldado dos O'Hara que se expressava num péssimo inglês.

— Prepare a minha montaria — ordenou ela. — Vou trocar de roupa e volto logo.

— Pois não, *milady*. Prepararei também uma escolta.

— Escolta? Para quê?

— Ordens de Talbot. Ninguém deve sair do castelo desacompanhado.

— Para o inferno com as ordens de Talbot! Este é o castelo de Claymore, nas terras de Claymore, e eu sou uma Claymore. Vou cavalgar por onde e com quem entender e hoje quero ir sozinha!

Elana arrebanhou as saias e dirigiu-se à entrada do castelo com o máximo de dignidade que lhe foi possível demonstrar. Meia hora depois

voltava ao pátio com a roupa de montaria e botas até os joelhos.

Com passos firmes, atravessou o pátio até o portal de trás, onde encontrou sua égua selada entre seis outros cavalos já montados por soldados dos O'Hara.

— O que significa isso? — indagou Elana, irritada.

— Eles obedecem às minhas ordens, *milady*. — respondeu o oficial.

— Já lhe disse, para o inferno com suas ordens!

— Há patrulhas inglesas pela vizinhança.

— *Eu sou inglesa!* — exclamou ela.

— Sei disso, *milady* — respondeu o soldado, sem esconder o sarcasmo e o desprezo na voz.

O ódio de Elana era tão intenso que, se tivesse uma arma, a teria usado contra o homem.

— Qual é o seu nome?

— MacQuinlan, *milady*. Capitão MacQuinlan.

— Saiba, capitão, que daqui a suas semanas será rebaixado a sargento. O oficial ergueu a cabeça e Elana ficou indignada: ele não demonstrava na expressão o respeito que lhe era devido; muito pelo contrário, ele mal conseguia esconder o sorriso de desdém.

Pela segunda vez, Elana retrocedeu os passos em direção ao interior do castelo, porém não foi para o seu quarto e sim ao escritório do pai. Sem se dar ao trabalho de bater na porta, ela irrompeu sala adentro.

— Será que chegamos ao ponto de sermos prisioneiros em nossa própria casa? — indagou, com rispidez.

Lorde Claymore ergueu os olhos e a fitou aborrecido.

— O que quer dizer com isso?

Elana relatou-lhe com detalhes a humilhação que acabara de sofrer. O pai suspirou e recostou-se na cadeira, depois de largar alguns papéis que lia na escrivaninha.

— Que idéia mais absurda, minha cara Elana. Embora eu não concorde sempre com as atitudes de Patrick Talbot, devo reconhecer que ele é um rapaz inteligente. A segurança de Claymore é vital tanto para Ulster como para Ballylee. Ao mesmo tempo em que O'Hara e Talbot se protegem, eles nos garantem segurança, portanto devemos respeitar as ordens do rapaz.

Agitada, Elana andava de um lado para o outro.

— Pelo que vejo, nós os conquistadores devemos agora obedecer aos conquistados. Ridículo!

Lorde Claymore começava a se exasperar.

— Pensei, Elana, que você já se considerasse parte desta terra, de Claymore, que, como sabe muito bem, pertence à Irlanda.

— Naturalmente considero minha esta propriedade, já que foi através da fortuna de minha mãe e do bom relacionamento dela com a rainha Ane que você a adquiriu.

O rosto de lorde Claymore ficou roubo de cólera.

— Se você fosse um pouco mais nova, eu a espancaria por sua insolência! Elana continuou a falar como se não o tivesse ouvido:

— Como inglesa, não aprecio nem um pouco receber ordens de um campesino irlandês. Ainda tenho um resto de orgulho, o que não acontece com você, meu caro pai, e perdê-lo seria um preço muito alto pelo que você chama de segurança.

Claymore levantou-se com violência e vociferou:

— Elana! Penso que você sabe o preço mas desconhece o valor de tudo! Quanto a receber ordens de um campesino irlandês, estou a par de que, quando ele a visita na calada da noite, você aceita bem mais do que a autoridade dele.

Elana não conseguiu evitar uma exclamação de surpresa. “Os criados”, pensou, “esse malditos e linguarudos criados irlandeses”. Antes que replicasse o pai continuou:

— Acho que já passou do tempo de providenciarmos o seu casamento, Elana.

— Perdão, meu pai, devo lembrá-lo do acordo feito por nós quando me mandou voltar da França. Obedeço-o em tudo, menos nesse ponto. Só me casarei com um homem da minha escolha. Você concordou com isso.

— Certo. E a sua parte seria não lançar mais lama ao meu nome com seus escândalos.

— Não sei o que está insinuando — Elana respondeu com voz incerta, enquanto recuava para a porta.

— Acho que sabe, sim. Ambos são homens perigosos.

“Deus meu, como ele descobriu a respeito de Redding? Afinal temos agido com cuidado e discrição”, ponderou ela.

— Se está se referindo a John Redding, fique descansado. Somos apenas bons amigos e eu necessito conviver com alguém de classe neste lugar desolado. Além do mais, ele é sobrinho de Gormanston.

Claymore suspirou outra vez e voltou a sentar-se.

— Minha querida Elana, há muitos anos percebi que você era igual à sua mãe: um prêmio e um tormento ao mesmo tempo. Mesmo quando era

criança, a sua beleza me atemorizava, pois sabia que ela seria uma maldição. Ouça o meu conselho: não atice esses dois homens um contra o outro porque você será a única a sofrer as conseqüências disso.

Elana respirou aliviada e sentiu a tensão abandoná-la: seu pai não desconfiava de sua cumplicidade política com Redding e pensava apenas que ele fosse seu amante. No instante seguinte, porém, voltou a se afligir. Patrick não poderia suspeitar de nada.

— Papai — começou meio hesitante —, você não dirá nada a Patrick sobre *sir* John, não é verdade?

O pai a fitou com tristeza e depois curvou a cabeça, apoiando-a nas mãos.

— Não, não vou revelar suas aventuras amorosas a Talbot, mas faça sua escolha depressa. Sua leviandade vai acabar provocando um confronto desses dois homens, caso não se resolva logo por um deles. Isso seria muito perigoso para a aliança frágil que temos com os irlandeses e poderia nos arrastar à ruína.

Elana deixou a sala com um sorriso. Sentia-se novamente segura e pretendia abafar as emoções e se deixar guiar apenas pelo raciocínio lógico e frio. Tinha a firme intenção de reconquistar a admiração de Patrick Talbot.

Elana sujeitou-se a cavalgar com uma escolta atrás de si. Apesar disso lhe provocar uma grande humilhação, ela admitia que os passeios lhe faziam bem. O vento frio de inverno a estimulava e parecia deixar sua mente mais clara. Saía diariamente, e cada vez alongava mais o percurso, que fazia sempre na mesma direção.

No dia em que Patrick deveria voltar de Ballylee, ela tomou o mesmo caminho, alternando o passo da égua em meio galope e trote. Cada vez mais aumentava a distância que a separava dos soldados de O'Hara. Quando chegou ao ponto de se tornar levemente visível a eles, esporeou a montaria sobre várias colinas e desapareceu por completo. Sempre a galope, alcançou um pequeno bosque de bétulas e, num ziguezague premeditado, entrou num maior, de carvalhos.

Podia ouvir a gritaria e o ruído das patas dos cavalos na distância e isso lhe provocava o riso.

Perto de um riacho, encontrou um lugar de vegetação mais densa, onde se escondeu. Os soldados, bem próximos agora, a rodeavam por todos os lados e não a viam. Ela acariciou a égua no pescoço a fim de que ficasse calma e não relinchasse traindo sua presença ali.

Elana conhecia bem o caminho que Patrick e sua comitiva percorreriam

e, pelos seus cálculos, deveria encontrá-lo por volta do meio-dia. Sorriu ao imaginar-lhe a expressão ao vê-la aparecer, sem escolta, para recepcioná-lo.

Com essa sua atitude, Elana pretendia deixar duas coisas bem claras a Patrick. A mais importante era mostrar-lhe que não se sujeitava a receber ordens de ninguém. Esperava ainda que o fato de cavalgar num dia frio de dezembro apenas para recebê-lo desfizesse o mal-entendido existente entre ambos, além de provar-lhe que gostava dele.

Esperou perto de uma hora e, ao ter certeza de que os seus perseguidores já se haviam afastado para procurá-la em outra direção, ela atravessou o riacho e o acompanhou rumo às nascentes nas montanhas.

Não foi preciso chegar até lá. Depois de algum tempo, avistou homens e cavalos agrupados ao longo do riacho e do outro lado de uma choupana coberta de sapé.

Elana já ia descer a colina e cavalgar ao encontro de Patrick, mas um cavalo amarrado perto do casebre chamou-lhe a atenção. Cautelosa, conduziu a égua para trás da orla de rocha que esconderia do grupo o seu avanço lá embaixo no campo. Ao se encontrar bem atrás e acima da choupana, ela freou a montaria e desceu. Galgou a pedra à sua frente, deitou-se de bruços sobre ela e observou o animal.

De fato, aquele garanhão castanho era o de Patrick. Por que, imaginou ela, teriam eles parado em campo aberto para o almoço se já estavam tão perto de Claymore, e que razão haveria forçado Patrick a deixar seus homens e ir até o casebre?

Elana lembrava-se vagamente das pessoas que moravam ali. Havia o pai, um homem velho de expressão estranha e que recendia a uísque, a filha mocinha e um bando de crianças menores. Vira-os algumas vezes ao cavalgar por ali, porém ignorava o nome da família, pois não costumava se informar a respeito dos camponeses que trabalhavam para seu pai. Eles não passavam de gente rude, encarregada dos trabalhos mais grosseiros como cuidar da terra, das ovelhas e do gado.

“O que, Deus do céu”, tornou a se indagar, “poderia interessar Patrick nesse lugar?”

Elana não esperava encontrar a resposta se continuasse deitada ali. Já ia se levantar, mais ficou petrificada no lugar. Patrick saiu da casa com o braço entrelaçado no de uma moça alta, magra e de cabelos negros. Ela lhe disse algo que o fez atirar a cabeça para trás e soltar o riso forte e sonoro. Depois, ele a ergueu pela cintura e, num movimento descontraído, a fez rodopiar. Assim que á colocou de volta ao chão, curvou a cabeça e roçou-lhe a ponta do

nariz com os lábios.

Elana não quis ver mais nada. Levantou-se, montou a égua e partiu num galope desenfreado rumo a Claymore.

Lágrimas de frustração e ódio enchiam-lhe os olhos. Jamais teria imaginado que a falta de interesse repentina de Patrick por seus encantos fosse provocada por outra mulher; “Não, isso é impossível”, refletiu segura de si, já que a moça era uma campestre malvestida e cuja cabeleira despenteada não devia ser escovada há vários dias. Não podia ter sido preterida por uma trabalhadora braçal que mais parecia um potro desengonçado do que uma mulher capaz de seduzir um homem.

Entretanto, Elana não conseguia esquecer os gestos carinhosos de Patrick com a tal mocinha e, ao chegar em casa, já não estava tão certa de que não tivesse uma rival. Indignada, jurou que descobriria a verdade.

Logo depois, a água tépida do banho acariciava-lhe a pele e diminuía, pouco a pouco, a tensão do corpo. Mesmo assim, continuava em verdadeiro estado de alarme. A pior coisa que lhe poderia acontecer agora seria perder o controle sobre Patrick. Seu valor para Dublin e John Redding ainda não estava totalmente concretizado e, a fim de conseguir isso, era necessário extrair mais informações sobre as forças irlandesas. Também, embora detestasse admitir, sentia grande falta do amante em sua cama, além de se encontrar com o orgulho ferido. Ela não costumava perder suas conquistas amorosas para outra mulher e, muito menos, para uma rapariga rude do campo.

Antes de entrar na água da banheira armada ali no quarto, Elana havia se admirado ao espelho. A pele acetinada, de um tom rosado cobria as formas proporcionais. Contemplara os quadris arredondados e as pernas longas e roliças nos lugares certos e sorria ao murmurar para si própria:

— Não há de ser uma camponesa esquelética e desajeitada que me fará sombra!

Agora, enquanto massageava os cabelos com a espuma do sabonete perfumado, lembrava-se das palavras do pai: “...sua grande beleza, um dia, será uma maldição”. “Não, meu pai”, pensou Elana, “ela dará asas à minha boa sorte!” A criada havia deixado dois baldes de água ali no quarto, perto da banheira, e fora buscar outros e mais toalhas. Demorava a voltar e Elana já se dispunha a mergulhar a cabeça a fim de enxaguá-la, porém desistiu ao perceber que a porta se abria às suas costas.

— Por que levou tanto tempo, sua preguiçosa? Ande logo e venha jogar água limpa na minha cabeça — exigiu, irritada.

Ouviu passos que se aproximavam e o barulho do balde ao ser levantado.

— Desgraçada! — gritou quando recebeu toda a água, jogada de uma vez só.

Mal havia recuperado o fôlego e outra torrente despencou-se sobre ela.

— O que é isso, menina? Está querendo me afogar? Depressa, uma toalha! — esbravejou ela.

Com os olhos fechados, Elana firmou-se nas bordas da banheira, ergueu-se e estendeu a mão para apanhar a toalha. Friccionou então os cabelos com força e enxugou o rosto.

— Agora, menina, seque minhas costas. — Assim que abriu os olhos, Elana deu com Patrick recostado na parede à sua frente. — Você!

Com naturalidade, ele se serviu de aguardente de uma garrafa de cristal que se encontrava numa mesinha ao lado e virou-se para contemplar o corpo nu de Elana. Vermelha até a raiz dos cabelos e constrangida ao extremo, Elana descontrolou-se enquanto tentava cobrir o corpo com a toalha. Derrubou-a no chão.

— O que está fazendo no meu... — começou ela.

— Enxaguando sua cabeça — ele a interrompeu.

Patrick aproximou-se devagar e estendeu o braço como se fosse tocá-la, mas abaixou-se e apanhou a toalha, que lhe entregou. Depois ergueu o copo numa saudação e disse:

— Parabéns por ter conseguido escapar hoje.

Elana praguejou baixinho. Não era a primeira vez que ele a pegava desprevenida e, ainda por cima, nua, o que o deixava numa posição vantajosa.

O embaraço cresceu quando constatou que a toalha era pequena demais para cobrir-lhe o corpo todo. Se escondia os seios, o triângulo escuro entre as coxas ficava visível e, se o tapava, os mamilos projetavam-se sobre a borda dela. Deixou-a nessa posição, achando-a menos constrangedora, e fitou Patrick com expressão de desafio:

— Pegue o meu robe ali na cama — ordenou, ríspida.

O olhar de Patrick desviou-se para a peça indicada e depois voltou a se fixar no corpo feminino. O sorriso que brilhara em seu rosto era arrogante e tinha uma ponta de frieza assustadora. Elana percebeu que ele estava de mau humor e que não seria preciso um motivo muito forte para irritá-lo.

— Não precisa vestir o robe, não pretendo me demorar. Vim até aqui assim que soube de sua atitude leviana.

— Esse assunto não era de importância tão grande a ponto de você não poder esperar que eu terminasse o meu banho — protestou Elana.

— Discordo — afirmou ele com desdém. — Há patrulhas escocesas por toda a região de Donegal. Se fosse apanhada por uma delas, você seria uma presa muito preciosa, cujo resgate alto seu pai não teria meios para pagar.

O constrangimento de Elana ante a petulância de Patrick começou a ceder e a dar lugar ao bom humor. Foi até preciso se controlar para não rir alto. O que diria ele se soubesse que os escoceses não lhe metiam medo algum pois, afinal, era através de sua pessoa que eles obtinham informações valiosas?

— Você acha minhas preocupações engraçadas? — indagou ele, notando-lhe o sorriso.

— Até certo ponto — concedeu Elana enquanto tirava os pés da banheira com o máximo de graciosidade que as circunstâncias permitiam. — Foi muito fácil iludir os seus homens e imagino que os escoceses sejam duas vezes mais ingênuos. Portanto, não oferecem perigo.

— Está bem — concordou Patrick, com uma sombra de sorriso. — Mesmo assim, você não deverá repetir a façanha de hoje — determinou, esvaziando o copo de uma só vez.

Elana encontrava-se de costas e vestia o robe. Já ia prender o cinto, porém mudou de idéia quando sentiu a sensualidade despertar ao ruído dos passos dele, que se aproximava.

— Você compreendeu, Elana? — Patrick perguntou de modo suave mas com um tom ameaçador que a perturbou.

— Pelo que vejo, você pretende me transformar numa prisioneira em minha própria casa — queixou-se ela.

— Ainda não, contudo é o que farei se tornar a me desobedecer — Patrick replicou, inflexível.

— Fora daqui! — Elana gritou, num acesso repentino de raiva, para se arrepender no mesmo instante, pois assim seria difícil reconquistar-lhe a paixão.

Pelo menos desta vez, ela ficou grata a Patrick por ignorar sua ordem e permanecer onde se encontrava.

— Só tenho em vista a sua segurança, Elana, e se para tanto for preciso transformá-la numa prisioneira, é isso que você será — declarou ele, entre firme e meigo.

Não passou despercebido a Elana o enfraquecimento da atitude dele e resolveu aproveitar-se disso. Virou-se, com o robe entreaberto revelando-lhe

parte do corpo.

— Seria mais fácil ser prisioneira se minha cama não ficasse tão vazia à noite — murmurou ela, sedutora.

Patrick ergueu a mão hesitante e, com a ponta dos dedos acariciou-lhe a pele. Depois traçou uma linha descendente entre os seios até a cintura. Elana sentiu um arrepio com o toque delicado, mas capaz de incendiá-la.

— É uma pena — replicou Patrick, desanimado. — Existe uma barreira entre nós que teima em não desaparecer e nos impede de ver a verdade de cada um.

— Talvez já tenha sumido — disse Elana baixinho, fazendo menção de aninhar-se nos braços dele.

— Não creio — afirmou ele, retraindo-se. — Percebo sua luta íntima, menina, e não consigo detectar as razões. Você me seduz com seu corpo, me atrai com sua beleza, todavia, me rejeita com seu coração.

A inflexão da voz dele, mesclada de derrota e ameaça, alarmou Elana, que apressou-se a garantir-lhe:

— De forma alguma, Patrick!

Ela já ia dar-lhe provas do seu apreço e chegou mesmo a abrir mais o robe, porém, antes que se atirasse nos braços dele, a criada, esbaforida, irrompeu pelo quarto.

— Perdão, *milady*, estou atrasada. — E parou assustada ao ver Patrick. — Eu não sabia...

— Fora! Fora daqui — gritou Elana ao mesmo tempo em que prendia o cinto do robe.

A criada não esperou que a ordem fosse repetida. Saiu correndo e, com a pressa, até se esqueceu de fechar a porta. Patrick foi até lá resolvido também a se retirar, mas, no umbral, parou e se virou. Elana percebeu-lhe a indecisão.

— Patrick, vou deixar minha porta destrancada esta noite — disse ela com suavidade.

Patrick fitou-a sem deixar transparecer na expressão a resposta ao convite insinuado. Em seguida, desapareceu fechando a porta.

Os raios prateados da lua filtravam-se pelas frestas da veneziana e juntavam-se à luz da única vela acesa no quarto, formando sombras movediças pelas paredes. O fogo da lareira estava reduzido apenas a brasas e seu brilho cor de âmbar não chegava muito longe.

Deitada, Elana tremia sob o acolchoado de penas e, de vez em quando, passava as mãos pelos quadris e coxas nuas.

“Como sou despudorada”, pensou com uma pontinha de culpa. “Nem

um fiapo de roupa, completamente despida e cheia de esperança.”

Tinha certeza de que Patrick viria. Havia lhe vislumbrado o desejo estampado nos olhos quando a contemplara nua naquela tarde. Todavia, não vira nada que indicasse os sentimentos dele ao ir embora, só uma expressão distante, como se outros problemas mais importantes exigissem-lhe a atenção.

Já passava da meia-noite e Elana continuava a repetir: “Ele virá, ele virá, eu sei”.

À uma hora, ela começou a lutar contra o sono; mesmo assim não deixava de sentir o desejo ardente a lhe dominar o corpo inteiro. “Deus misericordioso, como eu o quero, mas será que o amo? Bobagem, eu nem sei o que é amor. Preciso dele esta noite, aqui na minha cama, porém não posso garantir o que sentirei amanhã e nos dias seguintes. Quero mantê-lo seguro a fim de satisfazer a minha paixão, contudo, chegará o dia em que as minhas exigências serão grandes demais para serem satisfeitas por Patrick Talbot. Oh, em que imensa confusão eu me encontro”, pensou ao se deixar arrastar pelo sono.

O som do trinco da porta que se abria chegou aos seus ouvidos, mas não a despertou totalmente. Depois veio um ruído abafado de passos através do quarto e o leve barulho de roupas sendo descartadas.

Elana sorriu quando, finalmente, deu-se conta do que acontecia. Sentiu o acolchoado ser levantado e abriu os olhos, já bem desperta. Reconheceu a silhueta alta delineada na penumbra do quarto e ficou fascinada com o vigor dos músculos do homem que se aproximava e com o brilho dourado da pele, emprestado pela luz da vela.

“Meu Deus, apenas a visão dele já transforma o meu sangue em fogo!”

— Elana...

Seu nome, pronunciado no silêncio do quarto, a perturbou e lhe provocou a sensação estranha de estar admirando o corpo nu de Patrick com os olhos de outra pessoa.

— Você veio, afinal.

— Vim — replicou ele, com a voz rouca pelo desejo indisfarçável. — Como eu poderia resistir à sua atração? Não importam as dúvidas que você me provoca, eu não consigo negar a carência que o seu corpo desperta no meu — — confessou ao percorrer-lhe os seios, a cintura, os quadris e as pernas com o olhar ardente.

Elana estendeu os braços enquanto ele se deitava ao seu lado e segurou-lhe a cabeça, entrelaçando os dedos pela cabeleira farta. Meiga, ela guiou-lhe

os lábios até um dos seios e gemeu baixinho com o contato provocante. Patrick, que a acariciava à volta da cintura, ergueu a mão para aconchegar nela o outro seio.

“Ele é meu”!, Elana reconheceu exultante com a vitória. Seu corpo fremia sob as mãos masculinas.

Patrick ergueu-se um pouco e tomou-lhe os lábios com um beijo afoito, fazendo todo o seu ser vibrar e ser arrastado num torvelinho de sensualidade. Ele a envolveu com os braços fortes e apertou-a quase com violência enquanto o calor do' sexo abrasava-lhe a coxa. Interrompeu o beijo e a fitou na luz escassa.

— Eu daria todos os acres de terra em Eire pelos quais luto, para ter você como minha mulher — sussurrou ele.

Por um breve minuto, Elana se esqueceu de quem era e de onde estava. Nunca antes havia se preocupado com os sentimentos dos homens que ousara para depois se descartar como uma peça de roupa da qual havia se cansado. Porém o tom sincero na voz de Patrick fora tão evidente que foi preciso um grande esforço seu para reprimir as lágrimas que lhe enchiam os olhos. Pela primeira vez na vida, seu coração era tocado por um homem e, ao lembrar-se de que o usara a fim de satisfazer interesses egoístas, foi tomada por uma imensa sensação de culpa que quase a sufocou.

Para abafar o sentimento, ela se viu tentada a aceitar a proposta. Não estava totalmente convencida de que seria uma idéia ruim. Na verdade, Patrick possuía o dom de satisfazê-la como nenhum outro. Todavia, ao reconhecer esse ponto, admitia também que era o único vantajoso. Ela jamais se sujeitaria a passar o resto da vida na Irlanda, que, para o amante, representava o céu na terra. Como Patrick ficaria chocado se soubesse que, caso o pai permitisse, ela venderia a propriedade de Claymore abandonaria essa ilha enfadonha no mesmo instante! Não, pensou com certa tristeza, o casamento com Patrick O'Hara Talbot não lhe proporcionaria tudo o que almejava.

Apesar de estar convencida disso, Elana precisou de um grande domínio próprio para se expressar com voz indiferente:

— Não preciso da sua Irlanda, Patrick, e sim de você, neste momento. Quero que faça amor comigo!

Elana aconchegou o rosto na curva do pescoço dele e ofereceu-lhe o corpo palpitante de desejo. Sentiu-lhe novamente a pressão cálida da virilidade e entreabriu as coxas para recebê-los. Deixou que a respiração arfasse ao ouvido dele enquanto lhe acariciava a orelha com os lábios e a

língua.

— Você é uma feiticeira — disse ele com voz grave.

— Sou, sim, e você não se atreva a quebrar o meu feitiço. Agora, Patrick, quero que me ame agora! — Seu corpo estava tenso de desejo e clamava por Patrick.

Juntos, como dois espíritos livres, eles atingiram a altura incomensurável do amor, desejosos de que o momento se tornasse infinito; e cederam a cada novo impulso de paixão inebriados de prazer.

Pela madrugada adentro, viveram momentos vibrantes de amor e gostosa intimidade, e Elana esqueceu-se de suas ambições para lembrar-se de ser apenas uma mulher amada por um homem fascinante.

CAPÍTULO XIII

MARÇO 1643
CAMBRIDGE — INGLATERRA

As derrotas continuavam a se suceder de maneira implacável e o Parlamento, finalmente, começou a dar ouvidos às palavras francas do incansável Oliver Cromwell. Embora nunca tivesse feito parte de um exército antes e já contasse quarenta anos de idade, ele mostrava ser um líder militar nato. Sem estardalhaço, Cromwell chegara ao posto de coronel e mantinha-se ocupado em recrutar mais e mais homens a fim de treiná-los de acordo com a sua ética de puritano. Parecia inevitável que, nos meses seguintes, o comando do exército de lorde Essex se transferisse, gradualmente, para esse homem de estatura avantajada, expressão carrancuda e que invocava o nome de Deus a fim de justificar suas maneiras de pensar e agir.

Robert Hubbard continuava sob o comando de lorde Essex, porém conseguira ocupar o posto de ligação entre as duas forças. Quanto mais tempo passava em Cambridge, onde Cromwell mantinha seus batalhões, mais ele notava as diferenças entre os dois líderes do exército do Parlamento. Para ele, eram evidentes as razões do sucesso rápido do Cromwell.

Os homens recrutados por esse militar eram bem diferentes dos que se encontravam sob o comando de lorde Essex. Filhos de mercadores, camponeses e operários, todos possuíam rosto severo e vontade férrea e, como o seu líder, acreditavam em Jeová, o Deus da ira. Para eles, Cromwell transformara-se num instrumento divino e por isso o seguiriam cegamente até a morte. Na opinião de Robert, esses homens poderiam perder algumas batalhas, mas, no fim, ganhariam a guerra.

Hubbard começou a encontrar justificativas para permanecer períodos mais longos em Cambridge. Ele observava o moral elevado dos homens durante os treinamentos, apesar dos ventos frios de inverno. Eles não brigavam, discutiam e, muito menos, se embriagavam. As rameiras que comumente visitavam o acampamento levavam quase a noite inteira para conseguir ganhar uma parca moeda. Acima de tudo, Hubbard reconhecia neles a disciplina inerente nas pessoas que sempre precisaram lutar a fim de sobre viver num mundo hostil.

Em fins de março, Robert achou que já contava com simpatia suficiente por parte de Cromwell e de outros oficiais e por isso pediu para ser recebido em suas fileiras.

Com a testa franzida e ar severo, o comandante o observava, do outro lado da escrivaninha.

— Pela sua hesitação, parece que o senhor põe em dúvida a minha lealdade e fé — Robert falou em voz mansa.

— Você é neto de uma nobre e filho de um visconde. Por haver nascido numa herdade, é muito difícil de sé acreditar que não alimente o espírito monarquista.

— Abjurei publicamente meus direitos a qualquer título de nobreza. Meus pais não me deixaram nada e a única herança que posso vir a receber será o pouco que minha avó, *lady* Hatton, me deixar, quando morrer. Entretanto, até isso perderei se o rei se mantiver no trono — argumentou Robert.

— Ah, então o seu propósito na luta é derrotar Charles a fim de receber seus bens. Só quero à minha volta homens que estejam convencidos de que lutam por Deus e pela religião verdadeira — declarou Cromwell com a autoridade de um homem seguro de ser infalível.

Robert não se deixou intimidar. Havia estudado esse líder com cuidado e viera preparado para defender seu pedido.

— Homens que lideram devem estar preparados a não duvidar da palavra de Deus e a interpretá-la corretamente para aqueles que os seguem. Quando lutam para vencer, devem estar dispostos a se oferecerem por inteiro. O que há de mais valioso para alguém do que a própria vida? Isso não é uma coisa que o homem dá com leviandade, porém a morte lhe parecerá menos difícil se ele estiver convencido de que luta ao lado do seu Deus. Cabe ao oficial que o comanda convencê-lo de que esta é realmente a situação.

Robert falara com calma e convicção, o que forçou Cromwell a observá-lo com mais atenção.

— Quantos anos tem você, Hubbard?

— Quase dezessete. O príncipe Rupert do Reno tinha três menos ao enfrentar a primeira batalha — Robert informou.

Cromwell riu alto.

— Sua memória é tão afiada quando a sua língua. Meus oficiais deviam dar mais ouvidos às minhas palavras, como me parece óbvio que você deu. É verdade, meu rapaz, os homens conseguem uma força poderosa através da

fé. Lembre-se sempre disso — recomendou o comandante.

— É o que pretendo — garantiu Hubbard. — Como planejo não esquecer que a oportunidade, tanto quanto a fé, também exigirá algo de nós.

Mais uma vez, Cromwell riu.

— Eu deveria mandá-lo ao Parlamento. Você fala com objetividade enquanto aqueles idiotas passam o tempo discutindo bobagens.

Embora no íntimo Robert estivesse eufórico com o sucesso aparente de seus planos, manteve a calma exterior.

— Eles gostariam de promover a paz através da palavra, enquanto o senhor prefere derrotar pela espada.

— É verdade, eles apenas falam e nós enfrentamos as batalhas. Marque minhas palavras, rapaz, vai chegar o dia em que o exército se verá obrigado a tomar as rédeas nas mãos. Quase todos no Parlamento não passam de tolos. John Pym é astuto e tem visão, porém está ficando velho. Eles já falam em conciliação e em devolver o trono ao rei com certas limitações, o que Charles não aceitaria. Veja a Irlanda...

— Dizem em Londres que há sinais de um acordo de cessar fogo na Irlanda — Robert interrompeu, alerta. — Correm ainda boatos de que um exército católico encontra-se de prontidão nos portos do sul da Irlanda, para vir em socorro do rei, temendo uma vitória dos puritanos.

— Não acredite nisso. Eles sabem muito bem que as promessas de Charles são tão válidas para os rebeldes irlandeses quanto para nós os puritanos. Na aparência, os irlandeses se rebelaram contra o Parlamento e a favor do rei, mas, na verdade, lutam por eles mesmos e contra a Inglaterra toda.

Houve um momento de silêncio. Robert conhecia a situação na Irlanda tão bem como Cromwell, graças ao seu interesse pela ilha. Todavia não desejava revelar isso e, ao mesmo tempo, queria prolongar a conversa, na esperança de descobrir algum dado novo que lhe pudesse ser útil no futuro.

— Devo admitir que considero a situação na Irlanda bem confusa — disse ele, com um suspiro.

— Pois não deveria, já que é semelhante à da Inglaterra. Na sua opinião, o que instiga o homem do povo a se rebelar contra o rei? Liberdades violadas, impostos asfixiantes, amor pelo soberano?

— São as razões que me foram dadas — assegurou Robert.

— Muito válidas, no entanto já existentes nos tempos da nossa boa rainha Elizabeth e do rei James, quando o povo vivia em paz. O que mais poderia forçá-lo a se revoltar?

— Religião?

— Certo, rapaz. Intrometa-se com a fé de um homem e o levará à guerra. Nós aqui lutamos com a mesma motivação dos irlandeses, isto é, religião. No nosso caso, tememos que a Inglaterra volte a sofrer os abusos ditatoriais de um velho senil e ambicioso, em Roma, feitos em nome de Deus e em benefício de cardeais e bispos.

— E os irlandeses, por que lutam então, já que são católicos? — indagou Robert, com perplexidade fingida.

— Para obter uma resposta, você precisa compreender o que separa um líder do homem que o segue — explicou Cromwell com um sorriso. — Lá na Irlanda, enquanto o segundo luta pela religião o primeiro o faz para alcançar o poder. Não se esqueça de que a terra é um ingrediente poderoso na alquimia do poder. Antes desta revolta irlandesa, as melhores propriedades estavam nas mãos dos ingleses. Os líderes católicos não tiveram problema algum em convencerem o povo a lutar em nome da fé. E, assim, os chefes readquiriram a posse da terra e, com ela, o poder. Lembre-se de que nenhum governante será obedecido se não tiver poder, e este não existe sem terras,

“Pois não, Oliver Cromwell”, Robert pensou satisfeito. “Vou continuar a lhe dar ouvidos e a segui-lo já que o considero tão astuto quanto devoto. Estas duas qualidades, um dia, o levarão a governar a Inglaterra e a Irlanda.”

CAPÍTULO XIV

JUNHO DE 1643
DONEGAL — IRLANDA

Emoldurado pelo céu azul e vestido com a roupa de guerreiro, Rory O'Hara ainda apresentava uma silhueta imponente e poderosa. Todavia um exame mais próximo revelava o desgaste provocado pela passagem do tempo. A espada parecia-lhe mais pesada, os fios brancos entre a barba e os cabelos negros tinham aumentado e as rugas na pele curtida aprofundaram-se.

— Deus amantíssimo — murmurou ele, quebrando um silêncio prolongado. — Sinto-me velho e cansado. É como se cada pequena notícia que recebo minasse minhas energias.

Rory O'More e Patrick Talbot trocaram olhares preocupados. As vitórias iniciais dos católicos começavam a perder o sabor. Tanto as forças de O'Hara como as de O'Neill haviam sido forçadas pelos escoceses a abandonar Ulster. Parecia que o inimigo sabia de antemão cada movimento deles. O maior problema dos católicos, porém era provocado pelo desacordo entre os seus próprios líderes. Em outubro de 1642 havia sido organizada a Confederação Católica, composta tanto de irlandeses como de antigos ingleses, que instaurara o seu Parlamento em Kilkenny. Suas forças eram representadas por dois exércitos: o irlandês, sob o comando de Owen Roe O'Neill, que tinha em Rory O'Hara seu auxiliar imediato, e o dos antigos ingleses, sob a liderança do general Thomas Preston.

Todos esperavam que a Confederação amenizasse o problema de comunicação existente entre as duas nacionalidades que a compunham, contudo isso não acontecera. Estimulados pelas vitórias iniciais, os irlandeses empenhavam-se em prosseguir lutando enquanto os antigos ingleses queriam uma trégua até que se definisse a situação entre o rei e o Parlamento na Inglaterra.

— O ambiente na Confederação está irrespirável — reclamou O'More. — É desanimador falar quando ninguém nos ouve.

— Não deixa de ser incrível o modo como certos homens mudam de opinião política com a mesma facilidade com que trocam de roupa —

comentou O'Hara.

— Imaginem! Cessar fogo e fazer uma trégua! Isso seria suicídio puro! — exaltou-se Patrick.

— Tem razão — assentiu O'Hara. — Temos sob nosso controle agora mais porções do território irlandês do que o grande O'Neill conseguiu no auge de sua luta.

— E poderíamos nos apossar do resto se chegássemos a um acordo quanto ao nosso, objetivo. É a velha maldição do irlandês na guerra: sempre depender de outro e nunca concordar com ninguém — disse O'More desanimado.

O'Hara pôs a palma das mãos frias sobre os olhos, que ardiam.

— Homens, cavalos, suprimentos, tudo enfim, depende da Confederação e esta os distribui entre os generais que gritam mais alto — protestou ele.

— Ou seja, Preston e Barry, nossos aliados ingleses — acrescentou Patrick.

— Dois militares imbecis — declarou O'More. — Vou me esforçar ao máximo na próxima reunião — prometeu.

— E bom mesmo. Diga-lhes também que, se fizermos uma trégua agora, perderemos todas as vantagens conquistadas.

Com essas palavras, O'Hara despediu-se e foi descendo a colina em direção às fogueiras e barracas. Patrick seguiu-o com o olhar por algum tempo e depois dirigiu-se a O'More com certa apreensão na voz.

— Fez o que eu lhe pedi?

— Sim, meu rapaz. Coloquei espiões na casa de Gormanston e entre os oficiais de Preston e Barry. Gormanston treme a cada vitória desse novo homem do Parlamento, o tal Cromwell, e com razão. Se os puritanos venceram no final, as represálias na Irlanda serão imediatas e ele perderá tudo o que tem. Não, Gormanston jamais nos trairia e continua a respeitar o acordo feito conosco. Quanto aos militares também se mostraram acima de qualquer suspeita. São idiotas mas não a ponto de passarem informações ao Parlamento.

— Maldição! — exclamou Patrick, exasperado. — Em algum lugar deve haver um espião. As forças escocesas e do Parlamento estão sempre a par dos avanços que pretendemos fazer e nos esperam em cada linha de retirada.

— Um pouco mais de paciência, Patrick. Acabaremos descobrindo quem está passando informações sobre nós ao inimigo. Ninguém é capaz de fazer isso por muito tempo sem deixar vestígios. E Lord Claymore, falou com ele?

— Falei, sim. Como Gormanston, o destino dele está muito ligado ao

nosso para se arriscar a nos trair.

— E então Patrick desceu a colina comandando cem cavaleiros. Ah, mamãe, você devia ter visto, ele era o próprio demônio! Nem pude contar quantos homens ele derrubou com golpes certos de espada.

Aileen soltou uma exclamação de horror e a muito custo conseguiu indagar do filho:

— Conor, você estava tão perto assim para ver tudo?

— Se estava! — o menino replicou orgulhoso e com voz excitada. — A bem menos de cem metros. Eu recarregava as armas de fogo para os mosqueteiros que seguiam a pé.

— Deus do céu!

— Não chore, mamãe. Nós, os O'Hara, não precisamos ter medo dos ingleses ou escoceses.

— Você acha que, para beneficiar seu clã, Deus vai protegê-lo contra todo o mal?

— Tenho certeza disso — Conor respondeu, com os olhos azuis iluminados por um sorriso encantador. — O bom Deus e um braço direito forte e ágil. Sabe, mamãe, você devia...

Aileen não ouvia mais as palavras do filho, apenas o admirava enquanto ele andava de um lado para o outro.

“Parece uma miniatura do pai”, observou ela. “Ombros, peito, braços e pernas tão semelhantes, só a pele clara e os olhos azuis ele herdou de mim. Eu e teu pai, unidos pelo amor, te fizemos, meu filho. E agora, meu querido e pequeno guerreiro, o que te acontecerá?”

— Conor, venha cá depressa e me abrace. Ponha seus braços à volta do meu pescoço e me aperte com força.

Por estar numa idade em que demonstrações de afeto o constrangiam, o menino hesitou. Contudo, ao ver o olhar desolado da mãe, ele se dominou, correu e a»estreitou nos braços.

“Como ele cresceu! Já perdi o meu menininho”, reconheceu Aileen. pesarosa.

— Você vai ver, mamãe, logo chegará o dia em que papai, Patrick e eu voltaremos a Ballylee cobertos de glória!

No instante seguinte, Conor desprendia-se dos braços da mãe e voltava a caminhar pela barraca enquanto descrevia cenas de heroísmo nos campos de batalha. Ainda falava quando Rory O'Hara apareceu.

— O que é isso, menino, quer assustar sua mãe com essas histórias de guerra?

— Só estava contando como Patrick salvou sua vida, papai — explicou o menino.

O'Hara cerrou os dentes ao ver as feições lindas de Aileen distorcidas pela angústia.

— Suma-se daqui, rapaz! Vá cuidar dos cavalos. Amanhã de madrugada continuaremos nosso avanço.

Assim que a cortina que servia de porta baixou após a saída de Conor, Aileen atirou-se nos braços do marido.

— É mesmo verdade que você quase foi morto?

— Não — desmentiu O'Hara enquanto corria as mãos por seus cabelos sedosos. — Conor tem a imaginação de um poeta.

— Ele fala com tanta vivacidade! Eu o observava enquanto ele narrava esses episódios horríveis. Mal podia acreditar que, um dia, Conor foi um bebezinho frágil que saiu de dentro de mim.

— Os meninos transformam-se em homens mais depressa quando testemunham derramamento de sangue — afirmou O'Hara, com um suspiro.

Aileen ficou tensa entre os braços dele e entrou em pânico, preocupada agora também com a vida do filho.

— Então é verdade que ele estava perto do campo de luta como dizia?

— Infelizmente, é — retrucou o marido, incapaz de mentir. — Na verdade, não existe lugar seguro perto de uma batalha, querida, porém tenho impedido Conor de empunhar uma espada e de montar um cavalo.

— Deus meu! Como pode falar com tanta naturalidade? Ele é seu filho, Rory! Gostaria que ele morresse?

— Feche essa boca, mulher! — O'Hara ordenou, ríspido, e a segurou pelos ombros com as mãos fortes.

Aileen soltou uma exclamação de surpresa e o fitou incrédula. Durante os anos de um casamento feliz, o marido jamais elevara a voz com ela. Já ia responder-lhe no mesmo tom, mas se conteve ao constatar tristeza e mágoa profundas. Enlaçou-o pelo pescoço e o puxou de encontro ao corpo.

— Eu não devia ter vindo — murmurou com suavidade. — Entretanto, ao saber que você se encontrava a apenas três dias de cavalgada de Ballylee, não resisti à tentação de vir vê-lo e matar as saudades de seus beijos e suas carícias. Agora imagino que você esteja me considerando uma mulher fraca, sujeita a desmaios e crises nervosas.

— Não, menina — contradisse ele, ao mesmo tempo em que deslizava as mãos por suas costas. — Estou muito feliz com sua presença. As rameiras que seguem as tropas ultimamente começaram a me parecer muito atraentes.

O'Hara esperava fazer a esposa esquecer as preocupações ao provocá-la com a brincadeira, todavia Aileen não riu e nem relaxou o corpo tenso.

— Haverá mesmo uma trégua, como O'More afirma? — indagou ela, com uma sombra de animação na voz.

— Não sei. Se houver, será apenas um período de descanso. Ao fim de um mês, um ano talvez, teremos de recomeçar tudo. E eu me pergunto do que servirá isso.

— Segundo Shanna, aí está diferença entre liberdade e servidão — Aileen comentou com um sorriso.

— Palavras bem típicas da maneira de pensar de minha irmã. É uma pena que seja mulher, senão estaria também no campo de batalha, ao lado do filho Patrick — comentou O'Hara.

— Exatamente como Conor está fazendo — sussurrou Aileen, sem poder reprimir um soluço.

Angustiado por não ter meios de afugentar-lhe o medo, Rory estreitou-a nos braços. Não era justo sombrear a vida de sua esposa linda e amorosa falando de guerra.

— A vida aqui é muito dura, minha menina, e eu a quero na segurança de Ballylee.

— Para sofrer em silêncio enquanto você corre perigo?

Aileen soltou-se dos braços dele e foi até a entrada da barraca. Levantou a cortina e contemplou o céu estrelado. Depois de algum tempo, continuou:

— Não gosto disso e às vezes, sinto que não vou suportar nem mais um minuto de infelicidade. Fico imaginando quando chegará um mensageiro com a notícia de que os meus homens partiram para a glória.

Rory aproximou-se e aconchegou-a ao peito enquanto a envolvia num abraço. Suas mãos, sob o robe, procuravam-lhe os seios. Essa era a maneira em que costumavam ficar à janela do quarto, em Ballylee, apreciando o pôr-do-sol.

— É tão no vinho, o meu Conor.

— Tem razão — concordou Rory. — No entanto, sob a superfície ainda frágil da idade, já posso vislumbrar a tempera de aço.

— Um rapazinho forjado no aço como uma espada poderosa. Um dia, a Irlanda precisará dele, como agora necessita de Patrick.

— Não culpe nossa terra, querida, pelo que os homens fazem em nome dela e de Deus. Como já disse muitas vezes, esta é uma época em que a Inglaterra se encontra enlevada com a Bíblia e a Irlanda põe-se em chamas a fim de aproveitar ao máximo a oportunidade proporcionada por essa

intemperança.

— Ai — gemeu Aileen, virando-se de frente. — Aí, Rory, meu marido, abrace-me com força — suplicou ela.

— Eu a terei nos braços a noite inteira, meu amor.

— É tão difícil imaginar o que seria a existência sem você — soluçou ela.

E na tenda rústica, o amor, como um sol luminoso, empurrou para longe as nuvens negras da guerra tempestuosa que assolava a Irlanda. Nos braços um do outro, numa demonstração da vida de que ainda gozavam, Aileen e Rory alcançaram o infinito nas asas da paixão que os fundia num único ser.

CAPÍTULO XV

*AGOSTO DE 1643
CASTELO DE CLAYMORE — IRLANDA*

O ressoar das patas dos cavalos subia vindo do pátio. Da janela do quarto, Elana procurou o rosto do pai entre os recém-chegados até certificar-se de que ele estava de volta. Uma rajada de vento frio atingiu-lhe o rosto, o que a fez fechar depressa as folhas da veneziana ao mesmo tempo em que reclamava irritada e em voz alta:

— Frio, chuva, neblina, umidade. Como odeio esta terra miserável!

Elana não estava apenas brava como também amedrontada. Já não achava mais excitantes as manobras de intrigas políticas com as quais se envolvera. A espionagem que fazia começava a ser perigosa tanto na Inglaterra como na Irlanda e sua aspiração era livrar-se dela o mais depressa possível. Num misto de angústia e esperança, pensava na França, onde o sol brilhava com muito maior frequência do que ali.

Há várias semanas que não tinha notícias de sir John Redding ou de Patrick Talbot. As poucas novidades chegavam através do pai e não eram nem um pouco animadoras.

A guerra civil na Inglaterra continuava a favorecer os monarquistas e as derrotas dos puritanos já eram incontáveis, inclusive a perda do importante porto de Bristol para o príncipe Rupert.

Cada vez mais, Elana se convencida de estar apoiando o lado errado e numa carta a Redding confessara seus temores. Na resposta, ele tentara acalmá-la. “A maré há de mudar, minha cara Elana, e, mesmo que isso não aconteça, não temos nada a perder. Não é verdade que, na aparência, estamos do lado do rei? Qualquer que seja o desenlace desta guerra, ambos seremos vencedores!”

Num parágrafo adiante da mesma carta, John fizera aumentar o seu nervosismo. Ele não confiava mais nos estafetas regulares encarregados da correspondência dos dois. Recomendava-lhe usar apenas cavaleiros de sua inteira confiança, que deveriam entregar a ele pessoalmente as missivas. Esse cuidado, usado no início, tinha sido descartado depois como irrelevante.

Elana seguiu o conselho, entretanto as últimas quatro cartas enviadas

não obtiveram resposta, fato que lhe aumentara o medo.

Há sete dias, desesperada, implorava ao pai que deixasse retornar à França.

— Estou de partida ao encontro de Gormanston, com quem preciso conferenciar. Devo voltar daqui a uma semana, quando então, discutiremos a possibilidade de sua viagem.

Agora, ele acaba de chegar, entretanto não iria correndo encontrá-lo para não trair sua ansiedade. Esperaria até que o pai a mandasse chamar.

Elana inspecionou sua aparência no espelho. Vestira-se com cuidado e discrição, porém com elegância costumeira. A saia do vestido de *moire* creme com listras rosa, rodada e até os pés, tinha aberturas dos lados, por onde se via a anágua de cetim cor de malva. Para disfarçar o decote quadrado e exagerado, colocara um xale nos ombros.

— Se o homem fosse um puritano, não seria mais implicante — resmungou ela, ao mesmo tempo em que batiam à porta.

— Entre — Elana respondeu.

— milorde mandou dizer para ir ter com ele na biblioteca, *milady* — informou a criada, à porta.

— Avise-o de que irei logo.

— Pois, não, *milady*.

Elana ouviu os passos da moça afastando-se pelo corredor e, nervosa, pôs-se a caminhar de um lado para o outro do quarto. Sua vontade era ir correndo ao encontro do pai, todavia não queria se mostrar afoita demais e por isso ia fazê-lo esperar um pouco. Quando considerou razoável o tempo passado, deixou o quarto com os ombros eretos e a cabeça erguida.

Ao atravessar a galeria acima e à volta do grande salão de Claymore, ela sentiu o cheiro acre do vapor de roupas molhadas. Depois da cavalcada na chuva, os homens da comitiva do pai ingeriam canecas de bebida forte em frente às enormes lareiras acesas do castelo para secar as vestimentas. Todos riam e falavam com animação, porém, ficaram silenciosos ao vê-la.

“Irlandeses arrogantes”, pensou ela ao mesmo tempo em que os observava de soslaio. Uns exibiam o brasão de Claymore no uniforme e outros de O’Hara. “Estes homens foram deixados aqui por Patrick a fim de vigiarem meu pai, ou, quem sabe, a mim”. A idéia provocou-lhe um arrepio de medo na espinha.

— Entre — ordenou o pai, assim que Elana bateu de leve à porta da biblioteca.

Lorde Claymore encontrava-se de pé em frente à lareira, onde as chamas

crepitavam entre grossas toras de lenha, e segurava numa das mãos um delicado cálice de cristal com conhaque. Os ombros estavam encurvados e ele mal ergueu a cabeça para retribuir o cumprimento da filha.

Desanimada, Elana percebeu que o pai não se encontrava de bom humor. Se desejava mesmo receber a permissão dele a fim de viajar para a França, fazia-se necessário levantar-lhe o estado de espírito. Sorriu ansiosa por convencê-lo de que estava feliz com o regresso dele e se aproximou para beijá-la no rosto. Depois, disse:

- Espero, papai, que a viagem não tenha sido cansativa demais.
- Por favor, Elana, não continue a se fingir de mocinha inocente.
- Se me comporto assim é porque não existe outra maneira de fazê-lo

prestar atenção em mim.

— Eu devia ter dado ouvidos ao meu bom senso e a controlado com mais cuidado, pois sabia que você só poderia me causar problemas.

Elana baixou o olhar e apertou com força o lençinho que trazia entre as mãos. Pressentia o perigo e certificou-se da existência dele antes de fitar de novo o pai. Ele estava lívido de raiva e as veias do pescoço pareciam mais salientes,

— Elana, você é a tola mais egoísta, mimada e de cabeça oca que conheço! Não, não abra essa boca para deixar escapar suas mentiras, pelo menos não antes de ter examinado isto aqui — lorde Claymore declarou, atirando um maço fino de cartas na escrivaninha ao lado deles.

As cartas estavam amarradas com um cordel fino de couro, por isso os dedos trêmulos de Elana levaram bem um minuto para soltá-lo. Quando finalmente conseguiu, deparou-se com as últimas quatro cartas escritas a John Redding, todas com o lacre violado. Abriu a primeira e, enquanto fingia que a estava levando, imaginou como deveria agir. Nervoso, o pai movimentava o cálice na superfície da escrivaninha e o reflexo do fogo através do líquido cor de âmbar dançava nas cartas. Quando afinal ela ergueu a cabeça, lorde Claymore a fitava com os olhos semicerrados e uma das veias do pescoço pulsando agitada.

— Não vejo mal... — começou Elana.

— O quê?! Tenho de admitir, minha cara filha, que você não vê um palmo adiante do nariz ou nada além do tamanho do seu guarda-roupa. Contudo, não acredito que seja tão estúpida a ponto de imaginar que não nos causou um mal irreparável!

— Não entendo como posso ter feito isso — respondeu ela com olhar de falsa inocência. — Afinal, *sir* John é sobrinho de milorde Gormanston e deve

espionar o Parlamento para o rei.

Num acesso de fúria, o pai atirou o cálice nas pedras da lareira, espalhando miríades de fragmentos de cristal à volta toda.

— Como pode ser tão falsa e mentirosa? É inacreditável que, em poucos anos de vida, você tenha usado sua beleza como arma desprezível a fim de se transformar numa criatura fria, mesquinha e calculista!

A voz dele ressoava furiosa e os olhos brilhavam implacáveis. Num gesto rápido, de que Elana não o imaginava capaz, o pai agarrou-lhe o braço com uma das mãos enquanto com a outra apanhava a carta aberta e começava a ler.

“Meu pai continua fechado como nunca e por isso desta vez, meu caro, não tenho novidade alguma para contar. Por favor, escreva logo falando sobre o tal acordo entre essa tola Confederação Irlandesa, que eles chamam de governo, e o rei. Temo que a situação na Inglaterra vá de mal a pior. Não seria melhor, pelo menos por uns tempos esquecer nossa simpatia pelo Parlamento até que possamos ver de que lado sopra o vento?”.

Cheio de ódio, lorde Claymore amassou a carta e a atirou longe. Depois fitou a filha.

— O sobrinho de Gormanston é o canal de informações que O'Neill e O'Hara vêm tentando descobrir. E grande parte desses dados preciosos partiram de mim e de Talbot, passando por você, minha própria filha. Sinto vergonha por mim e piedade por Patrick. Como você o ludibriou! A princípio, pensei que era levada apenas por sua sensualidade leviana, que não sossegaria enquanto não satisfizesse todos os homens da Irlanda!

Até então, Elana ouvira calada, esperando que o pai desse vazão à raiva sentida. Estava certa de poder acalmá-lo depois e, com certo sentimento de culpa, dava-lhe alguma razão. Contudo, a última acusação, injusta e sarcástica, a feriu profundamente e lhe provocou a revolta.

— Você não teria tido essa preocupação se não me houvesse forçado a voltar da França. Lá, pelo menos, eu teria sido amada por cavalheiros de classe, em vez de desperdiçar meus encantos com os camponeses daqui. E, se John Redding e Patrick são todos os homens da Irlanda, esta ilha está em pior situação do que eu imaginei!

O rosto de lorde Claymore tornou-se rubro, como se o fogo da lareira lhe incendiasse as feições.

— *Sir* John Redding tem um único objetivo em mira aqui na Irlanda: manter a confusão instigando uns contra os outros. Dessa forma, as forças irlandesas não conseguirão ir em auxílio do rei. E você o vem ajudando

nesses propósitos! Ao fazer isso, você me arruinou e a si mesma.

— Velho idiota! — Elana gritou, descontrolada. — Você revelou a negócio das cartas aos irlandeses? Eles invadirão Claymore!

— Ainda não. Só lorde Gormanston e eu estamos a par da perfídia praticada por você e pelo sobrinho dele. Concluímos que, se ambos forem enviados para fora da Irlanda, ele e eu ainda teremos a oportunidade de remendar a situação.

Elana animou-se no mesmo instante. A idéia de ser expulsa dessas terras provocou-lhe um sorriso, pois, afinal, vencia.

— Irei para a França com o máximo prazer!

— Não irá para lá!

— Para onde, então?

— Gormanston tem uma propriedade noutra lugar e vai dotá-la a John Redding, sob a condição de jamais revelar a ninguém a traição cometida e de nunca mais pisar na Inglaterra, Irlanda ou Escócia. Já tomei providências quanto ao seu dote.

— O quê?!

— Exatamente o que ouviu. Você deverá acompanhar seu amante desonesto ao exílio. Se, uma vez lá, vier a se casar com ele, ou não, é problema seu, pelo qual não me interessa.

O tom repentinamente manso, mas inflexível, e o rictus nos lábios do pai alarmaram Elana.

— Exílio? Para onde?

— Uma ilha nas Índias «Ocidentais. Barbados, para ser mais preciso.

— Não! Eu me recuso a ir!

— Ah, vai sim, minha filha, pois daqui em diante lavo minhas mãos com relação a você — declarou Claymore com firmeza.

— Não e não!

— Vai sim — repetiu ele, pondo-se bem em frente à filha. — Aquele é um lugar digno de você, próprio para suas aventuras amorosas, que não chegarão aos meus ouvidos nem lançarão mais lama em minha honra.

— Honra? Como se atreve a falar nela? Você que esbanjou o dote de minha mãe com suas escapadas? Como tem coragem de criticar o que eu faço e minha ambição, além de desprezar minha beleza e a inteligência, as únicas coisas que me restaram da grande confusão em que você transformou nossos negócios?

— Tenho de admitir que você não passa de uma cortesã nata, Elana!

— Aliás, foi no que você transformou minha mãe! — acusou ela, furiosa.

— Sei de tudo, pois ela me contou como você a usava o tempo todo na corte dissoluta de James a fim de conseguir seus propósitos sujos! Isso me faz lembrar do seu precioso nome. Minha mãe também me contou esse detalhe.

— O que quer dizer com isso? — indagou o pai, ríspido ao notar um toque de triunfo na voz de Elana.

— Uso o seu nome, contudo ele resume-se na única coisa que você me deu — replicou ela, com arrogância. — Será tão ingênuo a ponto de pensar que minha beleza veio de você?

— Se está pensando em transferir a culpa... — lorde Claymore começou, porém ela o interrompeu com frieza.

— Olhe bem de perto, meu caro pai, e diga o que vê. Não, eu mesma lhe direi. Quem era o homem mais bonito e atraente da corte do rei James?

— Deus do céu! Buckingham!

— Exato, meu pai, George Villiers, o duque de Buckingham. Herdei tudo dele, menos o nome.

A revelação da filha foi demasiado cruel para lorde Claymore. Ele levantou o braço e a esbofeteou com força, atirando-a no chão. Elana sentiu logo o gosto de sangue na boca, e sacudiu a cabeça para clarear a névoa que a envolvia. Viu o pai levantar o braço outra vez, mas não recebeu o golpe.

Claymore soltou um grito ao mesmo tempo em que levava a mão ao peito e o rosto se contorcia de dor.

— O que foi? O que está sentindo? — indagou Elana.

A única resposta foi um gemido rouco emitido enquanto o pai tombava ao chão.

Elana correu e ajoelhou-se ao lado dele. Colocou o ouvido junto à boca e depois no peito, mas não sentiu a respiração ou ouviu-lhe o coração. Apertou-lhe ainda o pulso com os dedos, contudo não detectou sinal algum de vida.

Durante vários minutos, continuou ajoelhada ao lado dele, vendo a cor esvair-se-lhe do rosto. Depois levantou-se, limpou o sangue dos lábios com o lenço, endireitou o vestido e os cabelos. Certa de que sua aparência não provocaria comentários indesejáveis, Elana abriu a porta e gritou.

O solar de Claymore, ou, o que restava dele, pertencia agora a Elana. Ao verificar o livro de contas, ela descobrira depressa quanto dinheiro o pai havia enviado ao rei. Não deixava de ser irônico que, enquanto ela ajudava as forças do Parlamento com o fito de salvar seus bens, lorde Claymore os dilapidava em favor dos monarquistas.

Terminadas as cerimônias fúnebres, ela restabeleceu a correspondência

com John Redding. Ele lhe garantiu que mantinha o silêncio do tio sob a ameaça de um escândalo e a instigou a manter contatos constantes com Patrick Talbot.

Corriam boatos de que, durante a trégua iminente, chegariam à Irlanda reforços militares enviados pela Holanda, onde a rainha Henrietta Maria se refugiara no início da guerra civil. Henrietta já se encontrava de volta à Inglaterra, todavia enquanto estivera no continente, requisitara no auxílio do cardeal Mazarin e da cunhada, a rainha Anne de França, que governava como regente em lugar do filho Luís XIV, de cinco anos, desde a morte do marido, Luís XIII, no início do ano. A França parecia disposta a atender o pedido. Caso isso viesse a acontecer, parte das armas deveria ir para os irlandeses que lutariam na Inglaterra, ao lado do rei. A verificação desses boatos era de importância vital para os superiores de sir John.

Redding também informou a Elana que John Pym, como líder do Parlamento, pensava seriamente em assinar um acordo solene com os escoceses presbiterianos. Se tal tratado ocorresse, os escoceses não interfeririam na guerra da Inglaterra. A concretização desse fato mais a ascensão de Oliver Cromwell como comandante das forças do Parlamento certamente provocariam revezes desastrosos aos monarquistas.

Elana não estava bem convencida disso, como também começava a desconfiar de que seus objetivos diferiam muito dos de sir John.

Com o passar dos dias, a idéia de fugir dali foi tomando vulto. Poderia vender os bens móveis que não pudesse levar consigo para a França. Quando a guerra terminasse, ela voltaria para se desfazer, de um vez por todas, do castelo. Com esses planos em mente, Elana respondia às cartas de Redding com cuidado para não se comprometer mais do que já estava.

A chegada repentina de Patrick acabou por convencê-la a partir o mais depressa possível.

— *Milady*

Elana ergueu o olhar para o criado de libré vermelha a tempo de ver Patrick passar por ele sem esperar para ser anunciado.

— Fiquei tristíssimo ao receber a notícia da morte de seu pai, Elana. Esperava poder vir vê-la antes, mas foi impossível — desculpou-se ele.

Por alguma razão desconhecida, ela recebeu um choque ao ver Patrick à sua frente. Durante as duas últimas semanas tumultuadas e tensas, esquecera-se completamente da existência dele. O aparecimento inesperado a surpreendia e a deixava sem fala.

Ambos permaneceram num silêncio constrangedor até que ele a fitou no

rosto, provocando-lhe, desta vez, um sentimento agradável de prazer. Quando a face bronzeada de sol abriu-se num largo sorriso, seu coração disparou. Finalmente, Elana recuperou a voz e disse:

— Parece que você veio de muito longe. Vou pedir vinho. Já estendia a mão para a tira de veludo do sino de chamar criados quando Patrick a tomou nos braços.

— A única bebida que desejo agora é sentir o sabor do seus lábios nos meus — declarou ele, afoito. Estreitou-a de encontro ao peito e acariciou-lhe os cabelos antes de curvar a cabeça e tomar-lhe a boca.

Por um momento, Elana deliciou-se com o beijo e sentiu um grande conforto por se encontrar na segurança dos braços do homem amado. Todavia, ao notar que a carícia se aprofundava e se tornava mais exigente, reagiu para que a paixão do seu corpo não dominasse a firmeza de sua mente.

“Não posso ceder”, refletiu resoluta. “Vou para a França e nada mais tem importância.”

Foi necessária toda a sua força de vontade para resistir aos apelos do beijo quente em sua boca e da pressão do corpo flexível e viril contra o seu.

Patrick deu-se conta de sua frieza repentina e afastou-se para poder fitá-la. Observou-lhe os olhos verdes à procura de uma resposta, porém eles tinham uma expressão distante e de indiferença.

— Vejo que você não sentiu saudades de mim — reclamou ele com amargura.

“Senti, sim, mas não devo admitir, refletiu ela. “Deus meu, não posso estragar meus planos de fuga para a França!” Com um sorriso de desdém, Elana replicou:

— Você já deveria saber, Patrick, que não sinto falta de homem algum.

Foi o máximo que conseguiu dizer, pois a garganta fechara-se num espasmo e o coração doía magoado. Em silêncio, observou Patrick, que tirava o gibão e o colocava no encosto de uma cadeira. A camisa de cambraia fina meio aberta, deixava-a entrever os pêlos escuros do peito, o que lhe aumentou o tormento.

— Claymore agora é seu — Patrick comentou de repente.

— O que resta dele.

— Como assim?

Em poucas palavras, Elana contou-lhe como o pai se desfizera de grandes extensões de terra a fim de socorrer o rei.

— Quando toda esta confusão acabar, nós poderemos readquirir os seus

bens, Elana.

— Nós? — indagou ela, curiosa.

Mais uma vez, Patrick a tomou nos braços, porém Elana conseguiu manter uma certa distância pondo as mãos em seu peito. Fitaram-se por um longo tempo até que ele a sentiu relaxar e a viu sorrir.

— Você tem a aparência de um irlandês puro, Patrick Talbot — declarou ela, pensativa.

— O que quer dizer com isso? — perguntou ele surpreso.

— É um certo jeito seu. Se eu fosse homem, não gostaria de me deparar com você no campo de batalha. Sei que você não respeita o perigo e o encara com desprezo, Patrick Talbot. Já ouvi muitas histórias a seu respeito, contadas até pelas criadas. Entre elas, você se tornou famoso Dizem que mata com ar insolente. Deveria amar da mesma maneira, Patrick. Aliás, quando nos conhecemos, pensei que seria assim.

Ele franziu a testa, com ar de curiosidade.

— Você é uma criatura misteriosa, Elana. Torce o pensamento e o sentido das coisas com a mesma facilidade com que envolve os homens.

Como se quisesse comprovar a autenticidade daquela opinião, Elana sorriu enigmática e colocou as mãos esguias no rosto de Patrick. Acabava de tomar a decisão final. Tinha certeza agora de que jamais o amaria o suficiente para sacrificar seus sonhos por causa dele. Sabia também que não poderia continuar a magoá-lo e a se aproveitar de seu sentimento a fim de alcançar objetivos torpes. Para tanto, bastava admitir isso e poderia deixar a Irlanda com a consciência tranqüila.

— Patrick, você já deve saber que o nosso casamento é impossível — disse Elana, entre meiga e firme.

Patrick deu um passo para trás e perscrutou-lhe as feições à procura de algum sinal de receptividade, mas não encontrou nenhum.

— Será que fui um tolo quando imaginei que existia amor oculto por trás da frieza demonstrada por você, em relação a mim, fora do seu quarto?

— Ah, Patrick, todos os homens são um tanto bobos quando se trata de mulheres.

Patrick a observou por um longo tempo, depois virou-se e, com um gesto brusco, apanhou o gibão que pusera na cadeira. Para surpresa e alívio de Elana quando a olhou novamente, ele não demonstrava raiva ou tristeza. Muito pelo contrário, seus olhos tinham uma expressão de malícia enquanto o costumeiro sorriso de arrogância curvava-lhe os lábios.

— Ainda não está tudo terminado, Elana, você verá!

Num movimento brusco, ele a tomou nos braços, apertou-a com força de encontro ao peito ao mesmo tempo em que a beijava com violência. Da mesma forma inesperada, largou-a e saiu da sala sem olhar para trás.

Elana ouviu o ruído das botas dele ressoando na escadaria e foi até a janela para vê-lo montar a cavalo, lá embaixo no pátio.

— Terminou tudo assim, Patrick, e para sempre — murmurou ela com uma estranha melancolia.

Patrick, entretanto, atravessava a charneca num trote calmo, com o vento soprando no rosto, e não se sentia convencido de que o relacionamento entre ambos chegara ao fim. Ao contrário, tinha certeza de que ele continuaria ainda por muito tempo. Sabia que Elana não lhe retribuía o amor ardente, porém o grande desejo por ele era indisfarçável. Isso lhe bastava como estímulo para persistir na tentativa de quebrar a barreira de gelo que os separava. Só então, ao destruir-lhe a indiferença amorosa, conseguiria decifrar o enigma oferecido pela mulher que amava.

Elana não sentiu o prazer habitual com o banho daquela noite. Terminou-o em questão de minutos, embora costumasse gastar nele quase uma hora.

Enquanto a criada enxugava-lhe as costas com toalhas macias, sua mente tecia planos para o dia seguinte. Pretendia separar e catalogar as jóias de acordo com o valor de cada uma e depois as costuraria no forro de vestidos e capas. A baixela e outras peças valiosas de prata seriam escondidas nos fundos falsos dos malões do pai.

A criada interrompeu seus pensamentos ao vestir-lhe a camisola de cambraia com acabamento de renda. O tecido delicado escorregou com sensualidade sobre o seu corpo nu.

— Pode se retirar, eu mesma cuidarei de meus cabelos esta noite — ordenou ela à moça.

Havia apenas apanhado a escova de cabo de marfim quando uma algazarra e o ruído de patas de cavalo, vindo do pátio, chamaram sua atenção. Correu à janela, que abriu depressa, e soltou uma exclamação de surpresa e aborrecimento:

— Que atrevido!

Apanhou um robe e o vestiu apressada. Atravessava o corredor rumo às escadas, mas não foi preciso descê-las, já que *sir* John Redding as escalava, sem esforço algum, de três em três degraus.

— Ah, Elana, fico contente por você ainda estar acordada — declarou ele, ao mesmo tempo em que lhe segurava o braço e a levava de volta para o

quarto.

Antes de entrar, ela parou e protestou com voz raivosa, embora baixa:

— John, você chegou às raias da loucura. Como é que me procura desta forma e a estas horas?

— Não estou louco, minha cara. Você se esquece de que ainda vagueio pela Irlanda como sobrinho de Gormanston e de Preston? Quem se atreveria a interpelar um parente de súditos dedicados e a serviço do rei?

— E quanto a vir aos meus aposentos à noite? O que dirão os criados? Num gesto rápido, ele a empurrou para dentro do quarto e trancou a porta.

— Duvido que minha visita piore muito a sua péssima reputação — observou ele, com displicência.

As palavras insolentes a fizeram encará-lo com olhar chamejante e a gritar:

— Fora daqui! Fora!

— Lamento não poder atendê-la, mocinha — John replicou, tirando a capa para, em seguida, servir-se de um copo de clarete.

Alucinada de ódio com tanta arrogância, Elana foi até a porta e chegou a erguer a mão a fim de destravá-la.

— Eu não faria isso — avisou ele. — Seria melhor que se sentasse e ouvisse o que tenho a dizer.

O tom velado de ameaça na voz dele paralisou sua mão. Devagar, ela a baixou e depois virou-se para John. Um arrepio percorreu-lhe o corpo ao constatar a semelhança que os olhos dele tinham com pedras negras e frias.

A silhueta alta e, enganadoramente, frágil a fez sentir-se pequena e desprotegida e as faces encovadas, de aspecto sinistro sob a luz das velas, a assustaram. Pressentiu que John se encontrava em estado de raiva profunda, embora seu olhar fosse inescrutável.

— Por que não respondeu às indagações de minhas cartas? — perguntou ele de súbito.

— Respondi.

— Com conversa incoseqüente de mulher, e não com informações precisas.

— Preferia que eu tivesse inventado respostas? — perguntou Elana, servindo-se de vinho também a fim de manter as mãos ocupadas.

Redding aproximou-se mais e entrelaçou os dedos com firmeza em seus cabelos.

— Você não está planejando deixar a querida Irlanda, não é? — perguntou ele, com perigosa suavidade.

Puxou-lhe então os cabelos todos para um dos lados da cabeça para que Elana não pudesse virá-la e esconder a expressão do rosto.

— Não, naturalmente — respondeu ela, com uma calma que estava longe de sentir.

— Você é uma mentirosa extraordinária, Elana — comentou John, com um sorriso zombeteiro e cruel. — Eu teria acreditado, caso não me houvessem informado de que seus criados tiraram, do depósito, tanto seus malões quanto os de seu pai. E por que estão trocando as rodas de suas carruagens nos estábulos? Não são estes indícios seguros de uma viagem próxima?

— Como... — ia indagar ela, mas parou com um soluço de dor.

— Menina desgraçada! Pensa que não tenho ninguém mais além de você para me informar o que se passa por aqui?

— Pare com isso, está me machucando! — Elana gritou.

Tentava livrar-se dele quando sentiu um puxão mais forte e dolorido.

Com facilidade, John forçou-a virar-se para ele e deixou que o olhar, cheio de interesse malévolo, lhe percorresse as curvas visíveis que o robe entreaberto deixava à vista. Mesmo acostumada a que admirassem seu corpo, Elana revoltou-se, constrangida com aquele exame arrogante. “Miserável!” reagiu, furiosa. “Não pense que vou me deixar dominar como uma boba!” Em voz alta, confirmou num tom de desafio:

— Vou-me embora para a França, sim! Não há mais nada que me prenda aqui.

— Ora, Elana, deixe de bobagem! E os nosso planos?

— Darão em nada se ambos formos enforcados!

Por um momento Redding ficou em silêncio. Depois riu baixinho, certo de que Elana agora se encontrava disposta a conversar em vez de fugir do quarto. Soltou-lhe os cabelos e comentou:

— Você tem certa razão e é por isso que mais uma coisa precisa ser feita. Depois, nós dois poderemos fugir. Deixe-me primeiro pô-la a par dos acontecimentos, minha lindíssima Elana — disse ele com olhar mordaz e enigmático.

Outra vez manteve-se em silêncio enquanto sorvia o vinho e se servia de mais. Depois, prosseguiu:

— Essa maldita Confederação Irlandesa acabou entrando em acordo com lorde Ormonde e o rei. A princípio, pensei que a tal questão de trégua não passasse de conversa fiada, mas os idiotas já assinaram o tratado e até aceitaram o encargo de mandar dinheiro para Charles. Pelo jeito, também

enviarão tropas mais tarde. Até os regimentos de O'Hara estão se retirando de Tyrone, de volta para Ballylee.

Nesse ponto, Redding fez uma pausa e sorriu com malícia.

— Provavelmente, você sabe disso, já que aquele seu namoradinho bobo a visitou hoje à tarde.

O tom de desdém na voz dele a irritou muitíssimo.

— Se os seus espiões são de fato eficientes, devem ter lhe dito que Patrick só me falou de amor e mais nada.

— Isso não tem importância, já sei o caminho da marcha deles. Cheia de suspeita, Elana perscrutou-lhe as feições. Não fazia idéia de onde John queria chegar e o que esperava dela.

— O que mais poderá ser feito se a trégua já está determinada? — indagou Elana.

— Resolvi que não vou continuar fazendo o jogo dos dois lados. Pretendo me declarar, abertamente, aliado do Parlamento — John informou.

— Deus do céu, você será morto no mesmo dia! — exclamou ela, atônita e amedrontada com as conseqüências desastrosas que a loucura dele poderia lhe acarretar.

— Tenho mantido contato com as forças escocesas aqui na Irlanda — continuou ele, sem lhe dar atenção. — Sei que não respeitarão a trégua e é aí que você entra em ação. De hoje a uma semana, à noite, jogará escadas de corda, que vou lhe trazer, pela muralha sul de Claymore. Sob o meu comando, escoceses subirão por elas. Será mais rápido e fácil do que sitiar o castelo.

— Como pretende chegar até aqui se as forças de O'Hara estão acampadas no meio do caminho?

— Vamos chegar pelo mar, atrás de Claymore. Ao mesmo tempo, os regimentos escoceses do general Monro, divididos em dois grupos, ficarão ao norte e ao sul a fim de bloquear o resto da área pela qual os homens de O'Hara poderão efetuar a retirada. Duvido que algum deles escape vivo, pois estarão cercados por todos os lados.

Horrorizada, Elana empalideceu e sentiu-se nauseada.

— Não, John, isso eu não posso fazer — protestou.

— Por que não? Não teria coragem de ficar na balaustrada e presenciar a carnificina! Afinal, você já provocou outras tantas mortes através de suas informações! Que diferença farão mais algumas? Enquanto isso, você continuará seus afazeres habituais em Claymore, como se não soubesse de nada.

De repente, Elana sentiu a brutal verdade sobre suas ações dos últimos meses. Naturalmente, tinha ouvido falar nas mortes ocorridas, porém em termos vagos, que não lhe diziam respeito. Contudo a perspectiva de um massacre das forças de O'Hara a enchiam de pavor e vergonha. Então esse seria o resultado de suas tramas elaboradas com o único intuito de salvar seus bens?

— Não, isso é impossível! Não posso fazer tal coisa — repetiu, desesperada.

— Ora, Elana, não me diga que está apaixonada pelo seu jovem Romeu — John sibilou, fitando-a com olhar duro.

— Não, juro que não! Só não quero provocar-lhe a morte.

— Pois não tem outra escolha, caso contrário não chegará à França.

— Você teria coragem de me...

— Eu não, os escoceses. Eles estão preparados e instruídos para qualquer eventualidade. Seja boazinha e me obedeça, Elana, e assim o meu trabalho aqui estará terminado. Isso porá fim no tal acordo e nós dois poderemos ir embora, até para a Inglaterra, se você quiser. Ou será que mudou de idéia quanto aos nossos planos maravilhosos?

— Eu não... não sei — gaguejou ela. — Estou confusa!

— Ah, vamos então acabar com isso!

John estendeu os braços para envolvê-la, porém ela se encolheu toda e gritou, trêmula:

— Não toque em mim!

Ante o seu olhar apavorado, as mechas de cabelos grisalhos nas têmporas dele tomavam forma exagerada, aumentando-lhe o aspecto maligno.

— Você é o demônio! — exclamou ela, espantada.

— Sou, sim, e você é minha comparsa!

Num movimento inesperado, ela a agarrou e a ergueu nos braços. Por um segundo, fitaram-se. O coração de Elana disparou ao constatar naqueles olhos escuros e frios apenas maldade e nenhum traço de meiguice ou afeto. Só então, ela se deu conta de que este homem, a quem permitira o uso do seu corpo antes e por quem arriscara a própria vida, desejava a única coisa que ela se recusava a dar a homem algum: o domínio absoluto sobre sua pessoa. Lutou para se soltar, porém ele a segurou com mais força. Através da pouca roupa, sentia-lhe o calor do corpo.

Além do medo de John e da relutância em ajudá-lo, Elana começou a sentir repugnância por si mesma. Nos meses passados, havia se entregado a

ele tantas vezes e tão facilmente, entretanto agora uma grande aversão por Redding a dominava. Odiava a autoconfiança arrogante que o fazia seguro de que ela não se negaria a satisfazer-lhe o desejo.

Com lábios quentes, John beijou-a no pescoço e na boca. Por mais que lutasse, Elana não conseguiu escapar. De olhos fechados, foi elevada até a cama, onde John a despiu com rapidez. Logo depois, através de sons inconfundíveis, percebeu que ele também se descartava das roupas. No instante seguinte, sentiu-lhe o corpo nu junto do seu e as mãos que a massageavam com eficiência.

— Não — gemeu ela.

John não lhe deu ouvidos e, para humilhação sua, ela não conseguiu dominar a excitação crescente.

— Você é uma mulher muito sensual, Elana — observou ele com frieza.

— Não adianta negar porque o seu corpo revela-se ansioso pelo toque de um homem e você clama pelo excesso e satisfação em tudo. Por isso formamos o par ideal e servimos tão bem sob os arreios que colocamos em nós mesmos.

Horrorizada com a idéia, Elana abriu os olhos. Viu Redding curvar-se sobre ela com um rictus de crueldade nos lábios e uma expressão de triunfo no olhar. Soltando um gemido de angústia, fez um último esforço para escapar, mas foi em vão. A boca de John prendia-se à sua e a língua a devassava. Exigente, possuiu-a enquanto ela, sem forças para vencê-lo, arqueava o corpo e o recebia em suas entranhas.

“Maldito!” praguejou, desesperada. “Maldito!”

CAPÍTULO XVI

SETEMBRO DE 1643
CLAYMORE — IRLANDA

Assim que fechou a porta do gabinete de Elana Claymore, Kate O'Hanlon mordeu o lábio a fim de reprimir as lágrimas. Desceu as escadas de pedra e atravessou o pátio com a cabeça e os ombros erguidos. Sob a capa de tecido gasto, apertava o documento lacrado que a senhora do castelo de Claymore acabava de lhe dar.

— Não há necessidade de ler isso agora, menina — Elana havia dito com voz imperiosa. — Eu lhe digo o que ele contém. É uma ordem de desapropriação. Não se dê ao trabalho de explicar o outro documento, o de posse, assinado por meu pai. Tenho certeza de que posso provar no tribunal inglês, em Dublin, que ele foi forjado. Você deve saber quais seriam as conseqüências disso, portanto, considere-se despejada.

Depois dessas palavras ríspidas, Elana se levantara e dera a volta na escrivaninha para postar-se perto de Kate. Com o vestido de veludo verde que lhe ressaltava a perfeição dos seios e a cintura diminuta, ela parecia querer enfatizar a diferença existente entre ambas.

— Sei que os seus poucos pertences devem ser mudados e imagino também que, como todo camponês, você tem uma carroça. Mesmo assim, dei ordens para que um cavalo fosse posto à sua disposição. Ele está à sua espera rio portal de trás. Espero que seja devolvido *logo*.

E então, quase com carinho, ela estendera uma das mãos esguias e apertara o ombro de Kate. Todavia, em seguida, tornara a se expressar com rispidez.

— Pode ir embora, menina, e apresse-se a me obedecer.

No pátio Kate cruzou com soldados que descansavam. Eles a fitaram com olhar de cobiça e lhe fizeram propostas atrevidas. Sem olhar para os lados, ela os ignorou.

De acordo com a informação de *lady* Claymore, a montaria estava à sua espera, porém sem sela, o que forçava a cavalgar como homem. Ficou rubra quando o soldado que a ajudou a montar enfiou a mão sob sua saia e lhe apertou a coxa. Manteve a cabeça erguida como se nada tivesse acontecido e,

com os joelhos, instigou o animal a partir.

Fora das muralhas e num trote rápido, Kate permitiu que as lágrimas lhe corressem livres pelas faces, misturando-se com as gotas da chuva mansa que caía de nuvens baixas.

Outra vez, a terra deles havia sido tomada. Como fora crédula, naquele dia em que Patrick lhe entregara o documento assinado por lorde Claymore. Pensara que ninguém poderia expulsá-los dali. Amargurada, não prestava a atenção devida para dirigir a montaria e o pobre animal acabou tropeçando. Aflita, segurou-se na crina com ambas as mãos e, sem querer, derrubou o documento. Forçou-o a parar e desceu, enquanto exclamava:

— Desgraça pouca é bobagem.

Pegou o papel e procurou um terreno elevado que a ajudasse a montar novamente. Encontrou-o e já ia voltar ao lombo do animal quando resolveu ler os dizeres do documento. Quebrou o lacre e arregalou os olhos.

“Prezada Kate O’Hanlon. Eu a vi com Patrick Talbot e por isso cheguei à conclusão de que ambos são amigos. Peço-lhe que o procure com a rapidez do vento, pois poderá lhe prestar um grande serviço.”

Kate continuou a ler e as lágrimas pararam de correr. Releu tudo e um grande aperto confrangeu-lhe o coração enquanto seu olhar se voltava para as torres e muralhas do castelo de Claymore, que mal podia vislumbrar através da chuva.

Devagar, lembrou detalhes curiosos durante sua ida ao castelo. Reviu soldados com o uniforme dos O’Hara falando gaélico com sotaque escocês, os próprios guardas do castelo expressando-se com a mesma entonação, o estranho afago de *lady* Claymore no seu ombro e, acima de tudo, os dois guardas de expressão severa que acompanharam o encontro de ambas. Era óbvio que o castelo de Claymore estava infiltrado por escoceses e Elana Claymore, embora sendo vigiada com severidade, descobrira a única maneira de avisar Patrick Talbot. Chamara Kate ao castelo e lhe entregara a mensagem sob o disfarce de despejo das terras.

Sem perder mais tempo, Kate montou e disparou num galope desenfreado.

Connor entrou na barraca e serviu mais duas canecas de cerveja para seu pai e Patrick. Ele continuava mancando e mantinha o olhar baixo.

— Olá, meu filho — saudou O’Hara com voz possante. — Como está o ferimento do nosso guerreiro hoje?

— Melhor — respondeu Conor, constrangido. — Quase já consigo andar direito. Posso me sentar?

— Naturalmente, filho, e coma à vontade.

Ele se acomodou num banquinho e serviu-se de carne e pão de aveia. Enquanto comia, manteve o olhar baixo até que Patrick tocou-o no ombro.

— Não se preocupe, rapaz, foi muito melhor ter ficado na frente de um cavalo do que na de um tiro de um mosquete escocês. Mais tarde, nos dois vamos treinar com espadas curtas. Isso vai ajudar a esquecer a dor.

O rosto de Conor abriu-se num sorriso. Com o apetite de um adolescente em crescimento, ele continuou a comer enquanto olhava para seus dois heróis.

— Conte a história do ataque — pediu ele, com entusiasmo. — Aquele que vocês dois fizeram lado a lado. Segundo Duncan, devem ter matado uns cem!

— Quantos?! — perguntou Patrick, rindo.

— Está bem, uns vinte.

— Deus do céu, filho, você já ouviu isso uma dez vezes — comentou O'Hara, divertido.

— Eu sei — replicou Conor, sorrindo para o pai —, mas quero guardar todos os detalhes para poder contar em Ballylee, quando chegarmos lá.

A explicação provocou o riso alegre do pai, que o afagou nos cabelos ruivos e encaracolados.

— Acho que eu e Patrick devíamos nomeá-lo nosso cancionista e poetastro. Pelo sangue de Cristo, você escreveria baladas a nosso respeito que nos fariam mais famosos do que O'Donnell e o grande O'Neill!

— Talvez eu chegue a fazer isso um dia.

Nesse instante, a cortina de entrada da barraca se abriu e um soldado avisou:

— Patrick, acaba de chegar um rapazinho que quer vê-lo.

— Quem será?

— Não sei. Afirma que é urgente e só com você.

Patrick colocou no ombro o talabarte com a espada e saiu da barraca em direção à fogueira que o soldado lhe indicou.

Surpreso, parou a poucos passos ao ver o rapaz que desejava lhe falar montado no animal preferido de Elana Claymore. Ele o reconheceria em qualquer lugar.

— Ei, onde você... Kate?!

— Eu mesma — respirou ela, afastando o capuz da cabeça e escorregando para o chão. — Se está preocupado com o cavalo, sossegue. Foi *lady* Claymore quem o emprestou.

— E suas roupas?

— São de Timothy. Achei que seria mais seguro vir até aqui disfarçada de rapaz.

— Só mesmo no lombo do animal, porque aí no chão essas roupas não escondem nada — comentou Patrick, bem-humorado.

— Não mesmo — comentou um soldado que ouvia a conversa. — Um par de calças bem bonito!

Kate encolheu os ombros e replicou:

— Isso não tem importância. Foi bem mais fácil cavalgar vestida assim do que com saia e anáguas rodadas.

— Parabéns, mocinha — exclamou Patrick, abraçando-a. — Mas o que veio fazer aqui?

Os olhos negros de Kate perderam parte do brilho e Patrick percebeu logo que a cavalgada de Claymore até ali fora motivada por algo desagradável.

— O que aconteceu? — indagou ele.

Em silêncio, Kate entregou-lhe o documento dado por Elana, que foi lido logo e com cuidado. O rosto de Patrick ficou rubro de cólera.

— Deus meu! — exclamou ele. — O que mais sabe sobre isso?

Kate explicou-lhe a desculpa usada por Elana para chamá-la ao castelo. Descreveu os escoceses vestidos com o uniforme de O'Hara e outros detalhes estranhos que constataria.

Fora de si, Patrick voltou a passos largos para a barraca. Kate quase precisou correr a fim de acompanhá-lo.

— O'Hara! — gritou ele, intempestivo. — Leia isto!

Fez-se um silêncio profundo enquanto O'Hara atendia ao pedido. Conor sentiu vontade de abraçar Kate e perguntar sobre Timothy, mas achou melhor continuar sentado, quieto, no banquinho. Nervoso, Patrick, caminhava de um lado para o outro no espaço exíguo da barraca. Kate não conseguia desviar os olhos dele admirando-lhe o corpo forte e ágil. O simples fato de encontrar-se por perto dava-lhe a sensação de segurança e enchia sua alma de paz.

— Maldição! Maldição! — rugiu O'Hara. — Esses escoceses desgraçados estão dispostos a violar a trégua que assinamos e conquistar a Irlanda para o Parlamento. Nem levam em consideração que a guerra ainda não está decidida na Inglaterra e que o rei continua a ocupar o trono. Não temos outra escolha senão atacar primeiro!

— Atacar Claymore?! — Kate perguntou, atônita. — Pelas palavras de

lady Claymore na mensagem, é óbvio que ela pensa que vocês estão em marcha para Ballylee e não prevêem o ataque!

— Certo, Kate — Patrick concordou, aproximando-se. — Elana só quis nos avisar da armadilha preparada e não imaginava que permitiríamos a presença de forças escocesas poderosas em nosso flanco. O'Hara? — chamou ele, virando-se para o tio.

— O que é?

— Desejo permissão apenas para uma coisa: quero retirar *lady* Claymore do castelo antes do ataque.

Kate soltou uma exclamação de surpresa, mas ninguém pareceu ouvi-la. Enquanto Patrick continuava a falar, a verdade tornou-se clara para ela. Podia vê-la na expressão dos olhos e ouvi-la no timbre da voz. Elana se encontrava aprisionada entre escoceses e ele iria salvá-la antes do início do cerco ao castelo.

“Essa é a razão pela qual ele me trata apenas como amiga ou uma irmã querida”, pensou Kate, com o coração pesado. “Não resta dúvida de que ele está apaixonado por *lady* Elana Claymore”, reconheceu desolada.

Sem que fosse capaz de impedir, as lágrimas subiram-lhe aos olhos. Devagar, dirigiu-se à saída da barraca, pois queria chorar em paz, longe de todos.

— Está bem, rapaz — concordou O'Hara. — Espero que dê certo.

— Não se preocupe, vai dar, com o auxílio de Conor e Kate — garantiu Patrick. — Kate! — chamou ele. Num instante, estava à sua frente e a segurava pelos ombros enquanto a fitava com expressão de súplica.

— Prometa que nos ajudará, Kate.

Só então Patrick notou suas lágrimas e, consternado, as imaginou provocadas por razões diferentes.

— Sua família, Kate! Nem me lembrei dela! Perdoe, minha amiga. O que aconteceu com ela?

— Estão todos seguros. Meu pai levou Timothy e as crianças para uma gruta escondida nas montanhas onde não correm perigo algum — respondeu ela com voz lacrimosa.

— Ainda bem! — replicou Patrick, aliviado. — Diga que vai nos ajudar, por favor — tornou a pedir.

— Está bem, Patrick, eu o ajudarei a salvá-la.

— Você é uma ótima menina, Kate! — declarou ele e depois voltou para O'Hara, que estendia mapas na mesa.

— Posso lhe dar vinte e quatro horas, rapaz, e nem um minuto mais,

para salvar *lady* Claymore — avisou-lhe o tio.

Kate saiu da barraca e pôs-se a correr em direção à mata, sem se importar com as ramagens mais baixas das árvores e com a vegetação rasteira que lhe fustigavam o rosto e prendiam suas roupas. Só quando teve certeza de estar bem escondida de olhares curiosos, parou perto de uma árvore. Sentou-se encostada ao tronco e, com os cotovelos apoiados nos joelhos, firmou a cabeça entre as mãos. Já não precisava e nem conseguia mais dominar o pranto.

— Kate? — chamou uma vozinha abafada.

Assustada, ela ergueu o rosto, mas logo voltou a escondê-lo.

— Vá embora, Conor — reclamou ela.

— Sinto muito, Kate — murmurou o menino, sem se mexer.

— Por quê? Você nem sabe por que estou chorando.

— Sei, sim, Kate.

Algo no tom da voz dele chamou-lhe a atenção e mais uma vez ergueu a cabeça. Aos poucos, os olhos foram perdendo a névoa provocada pelas lágrimas e Kate pôde ver melhor o rosto bonito do menino. Conor estava Sêrio e seus olhos azuis expressavam tristeza, em vez do habitual ar de travessura. Kate tinha a impressão de estar olhando para um homem ajuizado, e não para um rapazinho de quase doze anos.

— Sei mesmo, Kate — repetiu ele com voz meiga. — Acabei de ver, lá na barraca, o modo com que você olhava para Patrick. Conheço bem isso, pois é a mesma maneira com que minha mãe fita The O'Hara.

A carroça parou na metade do aclive que levava às muralhas cinzentas do castelo de Claymore. Patrick puxou mais o capuz sobre a testa e gritou com voz estridente:

— Olá! — E em tom baixo advertiu Kate: — Mantenha a cabeça cravada, por que se um deles vir o seu rosto a reconhecerá com certeza.

A silhueta de um soldado apareceu na balaustrada: tinha feições desconhecidas, o que fez Patrick ranger os dentes ao vislumbrar o emblema dos O'Hara em seu uniforme.

— O que quer? — gritou 'a sentinela.

— É escocês — Patrick murmurou para Kate.

— Eu não disse? Acho que todos eles são — falou ela.

— Somos limpadores de chaminés — respondeu Patrick, disfarçando a voz. — O meu menino aqui parece um macaco quando desce por dentro delas. Não há alguma aí para a gente limpar?

— Não! E afastem-se daqui!

— O senhor do castelo se importaria de passássemos a noite na mata ali adiante? E também poderia nos dar um resto de comida do jantar? Por caridade, não é muito o que pedimos — implorou ele ao ver o soldado se impacientar.

— Espere um pouco aí — replicou a sentinela e desapareceu em seguida. Voltou pouco depois e informou:

— O senhor do castelo permitiu que passem a noite na mata, mas só esta. Vocês devem seguir caminho antes do amanhecer.

— E quanto à comida? — Patrick quis saber.

— Batam no portal de trás depois do jantar.

Patrick sacudiu as rédeas e pôs a carroça em movimento. Enquanto atravessavam a charneca, ele respirou fundo e olhou para o céu.

— Há um ventinho frio do norte, o que quer dizer que não haverá neblina forte esta noite, talvez apenas uma bruma leve. Por sorte também não termos luar.

Logo que entraram na mata, encontraram uma clareira. Conor foi buscar um cavalo que haviam deixado para trás enquanto Patrick e Kate se ocuparam em preparar uma imitação de acampamento, inclusive com uma fogueira cuja fumaça deveria ser avistada do castelo.

Quando Conor regressou com o cavalo, ele e Patrick enrolaram cuidadosamente panos nos arreios do animal e em tudo que levariam sobre ele a fim de evitar qualquer ruído que os traísse. Terminada essa tarefa, Patrick alisou bem a terra sob seus pés e, com um pauzinho, desenhou nela a divisão interna do castelo de Claymore, que explicou detalhadamente ao menino. Agora, só lhes restava esperar pelo cair da noite.

Finalmente começou a escurecer e, para alívio deles, a garoar, o que ajudaria a encobri-los.

— Está na hora — declarou Patrick, enrolando-se numa pesada capa preta.

Juntos, caminharam até a borda da mata, onde se separaram. Patrick distanciou-se depressa pela direita, enquanto Kate e Conor continuaram em frente pela charneca.

— Tudo bem, Kate? — indagou o menino com suavidade.

— Está, sim — replicou ela, sorrindo ao mesmo tempo em que lhe passava o braço pelo ombro.

Conor usava um gibão de couro de Patrick, grande demais para seu tamanho e que, por isso mesmo, disfarçava a longa corda enrolada no corpo e o cinturão com a adaga.

“Se precisar, ele saberá usar a arma?” ponderou Kate. Lembrou-se então de que já constataria que Conor estava se transformando depressa num homem. Tinha certeza de que, caso houvesse necessidade, ele recorreria à adaga com firmeza. O pensamento provocou-lhe um arrepio desagradável no corpo.

— Se serve de algum consolo, Kate, saiba que acho você mais bonita do que *lady* Claymore — confessou Conor.

Kate não pôde deixar de rir.

— Penso, então, que vou parar na idade em que estou para esperar que o gentil cavalheiro acabe de crescer e me alcance. Que tal?

Não houve tempo para Conor responder, já que chegavam ao pesado portal do castelo. Kate bateu na madeira, enquanto ele se encostava na muralha ao lado, protegido pelas sombras.

— Quem é? — perguntou uma voz, vinda do interior.

— Sou um dos limpadores de chaminé. Vim buscar o resto de comida do jantar que nos prometeram.

Apesar da noite fria, Conor sentia a transpiração correr pelas costas e ouvia, distintamente, as passadas regulares da sentinela, lá em cima da muralha. De repente, ele foi tomado pelo medo de se ver à frente de um soldado. Controlou-se, contudo, ao lembrar-se de que estava numa missão importante e que, se fosse preciso, mataria o inimigo.

Finalmente, a pequena janela de comunicação no meio do portal foi aberta e a luz filtrou-se por ela.

— Quem é você? — tornou a perguntar o guarda.

— Um dos limpadores de chaminé que estão acampados ali na mata. O senhor do castelo nos prometeu uma sobra de comida — explicou Kate, com o capuz da capa em puxado sobre o rosto.

— Vou ver se sobrou alguma coisa.

— Eu trouxe um balde — informou ela, mostrando-o.

Houve um momento de hesitação no qual Conor conteve a respiração. Depois, a janelinha foi fechada e, em seguida, ouviu-se o barulho de correntes e da barra de ferro sendo levantada.

Bem devagar, uma das metades do portal foi afastada um pouco, deixando aberta uma estreita passagem por onde Kate entregou o balde. A luz das tochas que vinha do interior parecia intensa demais na escuridão que havia do lado de fora.

Assim que o guarda se afastou com o balde, Kate virou-se para Conor e acenou com a cabeça. Depressa, ele se esgueirou pelo portal entreaberto e

correu para uma passagem escura atrás da cozinha. Lá, tirou de sob o braço uns arreios enrolados que jogou sobre os ombros. Esperou até que o guarda voltasse com a comida, que entregou a Kate, e fechasse o portal antes de retornar a seu posto.

Nesse instante, seguindo as instruções de Patrick, Conor foi andando e contando os passos. Quando atingiu número recomendado, saiu para a claridade com um ar de confiança que estava longe de sentir. Poucos passos depois, pôs-se a assobiar.

— Ei, menino, o que faz por aqui? — indagou o guarda.

— Vim comer um pouco após consertar isto — Conor respondeu, ao mesmo tempo em que mostrava os arreios. — Estou levando-os de volta ao estábulo.

O soldado repreendeu-o, mas não fez mais perguntas. Num passo vagaroso e displicente, Conor iniciou a longa travessia do pátio. Pelo canto do olho, podia ver sentinelas nas muralhas internas e externas do castelo, porém ninguém mais o interpelou.

No estábulo, ele se livrou dos arreios e subiu as escadas para o sótão. Lá, não foi difícil sair pelo alçapão e alcançar as ameias da muralha. Às palavras de Patrick estavam bem vivas em sua memória enquanto avançava, curvado, o mais depressa possível: “Vai estar escuro e, com o seu tamanho, dá para se esconder nas cavidades dos canhões quando as sentinelas se aproximarem”.

Por três vezes, ele teve de usar esse expediente e manter-se imóvel no buraco, vendo as botas altas passarem a centímetros de seu rosto. Finalmente, atingiu as escadas que levavam à porta de comunicação com a torre. Levantou a tranca cuidadosamente, sem ruído, mas, ao empurrar a folha de madeira, as dobradiças rangeram alto.

— A torre redonda não é mais usada — havia explicado Patrick. — Ela era um calabouço. Cuidado ao abrir a porta porque pode estar emperrada e fazer ruído.

Depressa, Conor juntou a saliva na boca e, com ela untou as peças barulhentas. Tentou outra vez e a porta cedeu, embora ainda com algum rangido que ele esperava não ser tão alto a ponto de chamar a atenção dos guardas.

Guiado pela parca claridade vinda de fora, Conor localizou a fossa sanitária que se abria fora das muralhas, lá embaixo. A seguir, passou a procurar na parede as argolas de ferro às quais os prisioneiros eram acorrentados. Levou algum tempo nisso e, aflito, já imaginava que elas tinham sido retiradas quando encontrou uma. Com rapidez, desenrolou a

corda do corpo e prendeu uma das pontas na argola.

— Ora, o que faz por aqui, rapaz?

Conor ficou gelado ao ouvir a voz ríspida vibrando no silêncio da noite e mais pavor sentiu quando se virou e viu a sentinela parada à porta. Maldisse a sua negligência por não a ter fechado. Trêmulo, ficou meio de lado e conseguiu tirar a adaga do cinturão e a manteve escondida sob o gibão largo.

— Eu.... — começou ele, incerto.

— Vamos, rapaz, diga logo o que veio fazer nas muralhas à noite.

— Eu tinha de usar a fossa — replicou Conor.

— Não diga! Por acaso tem pudores de menina? Fique onde está. O que é isso?

A sentinela acabava de entrar no aposento e tropeçava na corda. Novamente as palavras de Patrick ressoaram nítidas em sua mente: “Não é errado se defender. Se o descobrirem, não há mal algum em tentar escapar”.

— Olhe aqui, menino, acho bom me acompanhar.

O guarda, que já havia se aproximado, curvou-se e o segurou pelos ombros.

As tiras de couro que prendiam o elmo sob o queixo do homem estavam soltas e foi entre elas que Conor desferiu a adaga.

Os olhos do guarda se arregalaram e a língua saiu por entre s lábios. Conor pensou que ele fosse gritar, porém apenas um gemido rouco escapou enquanto ele caía para a frente e lhe prendia o corpo contra o chão. O impacto e o peso quase lhe tiraram o fôlego e por algum tempo não se atreveu a mexer-se. Depois, com grande esforço, Conor foi se esgueirando de sob aquela massa inerte até que conseguiu livrar-se dela. No mesmo instante puxou a corda que também se encontrava sob o guarda e examinou-lhe o rosto lívido para se certificar de sua morte.

Olhou então para dentro da fossa, onde a escuridão transformava-se, lá embaixo, num acinzentado nebuloso.

— Maldição! — praguejou entre dentes. Embora não pudesse ver a abertura, sabia que o chão encontrava-se bem longe.

Com gestos firmes, foi jogando a corda por ela até que não restasse mais; em seguida, num esforço para dominar o medo, começou a descer pela fossa escura.

O som de passos fez Patrick levar a mão à adaga.

— Sou eu — Kate avisou baixinho. — Conor ainda não chegou? — indagou ansiosa.

— Não, mas não se preocupe. Ele tinha de percorrer mais da metade do

castelo e isso leva tempo.

Por alguns momentos ficaram em silêncio. Depois para aliviar a tensão sentida, Patrick comentou:

— Era como eu tinha imaginado. Por causa do inverno, a trepadeira que sobe até a janela do quarto de Elana está seca e não agüentaria o peso de uma pessoa, quanto mais de duas.

— Parece que você já usou essa planta antes — Kate observou com tristeza.

— Sim, em muitas noites — Patrick admitiu e notou o tom estranho na voz da amiga.

Nesse instante, ouviram um leve ruído acima deles.

— A corda — disse Patrick baixinho. — Bom menino, bom menino — repetiu, excitado.

Assim que apanhou a extremidade da corda que chegava, ele a amarrou à volta do corpo e relaxou o peso. A corda ficou esticada de imediato e eles perceberam, pelo ruído diferenciado, que Conor começava a descer.

— Devagar agora, rapaz, não se apresse — Patrick recomendou, no sussurro mais alto que se atrevia a deixar escapar.

Kate, aflita pela segurança do menino, apertava as mãos e mantinha a cabeça erguida. Pareceu-lhe uma eternidade até que divisasse a sombra dele e o visse segurar-se nos nós da corda, ao mesmo tempo em que se amparava com as botas nas pedras laterais da fossa.

Momentos depois, Patrick estendia os braços, segurava o menino com firmeza e o punha no chão. Foi preciso um esforço de autocontrole para Kate não soltar um grito de pavor. Os olhos de Conor estavam arregalados, como se em estado de choque, e o rosto, sempre corado, mostrava uma palidez mortal. A frente da camisa tinha uma imensa nódoa de sangue.

— Deus amantíssimo! — gemeu ela.

— Você está ferido? — perguntou, Patrick nervoso, ajoelhando-se na frente dele.

— Não, fiz uma sangria — explicou ele, num fio de voz.

— Patrick! — exclamou Kate.

— Ele não tem nada, menina, só quis dizer que matou um homem. Foi uma sentinela, rapaz?

— Foi. Está lá no chão da torre.

— Conor, tem certeza de que o homem está morto?

O menino não respondeu. Seu olhar, vago e inexpressivo, fixava-se em algum ponto perdido e Patrick teve de sacudi-lo com força para que lhe

prestasse atenção.

— Conor, ouça bem: o homem está de fato morto?

— Está — respondeu ele, os olhos azuis recuperando o brilho.

— Faça um esforço para não pensar nisso, meu rapaz — aconselhou Patrick. — Lembre-se das palavras de The O'Hara: "É melhor que você saia com vida do campo de batalha em lugar do inimigo".

Patrick ergueu-se, tirou o talabarte com a espada e o entregou a Kate.

— É perigoso demais ir sem essa arma — protestou ela.

— A pistola e a adaga são suficientes e a espada só iria me atrapalhar. Vá embora agora com o menino. Sabe onde devem me esperar.

Agarrado aos nós da corda, Patrick começou a escalada e, graças ao corpo forte e ágil, completou-a no mesmo tempo gasto por Conor durante a descida.

Na torre, a primeira coisa que fez foi certificar-se da morte da sentinela. Tranqüilizado quanto a isso, enrolou depressa a corda no corpo e subiu para o telhado.

A garoa, transformada em chuva, deixava a cobertura de ardósia chumbada muito lisa e, por duas vezes, ele escorregou perigosamente. Na segunda ocasião, a pistola desprendeuse do coldre e saltou no vazio da escuridão.

— Desgraçada! — praguejou ele baixinho.

Finalmente, alcançou a cúpula do grande salão de Claymore e, com um esforço quase sobre-humano, seguiu pelo passadiço do beirai contando os cômodos que transpunha. Primeiro a capela, depois os antigos aposentos de lorde Calymore, o escritório, a biblioteca e, por fim, o quarto de Elana.

Enquanto a chuva e o vento aumentavam em violência, ele desenrolou a corda do corpo e prendeu uma das extremidades à volta da chaminé da lareira; a outra, atirou ao longo da parede externa. Cauteloso, debruçou-se no beirai, agarrou a corda com firmeza e escorregou o corpo até ficar dependurado. Bem devagar, foi descendo rente às pedras da edificação e, em pouco tempo, vislumbrou réstias de luz filtradas pelas frestas da veneziana do quarto de Elana.

Antes de chegar lá, resolvera que seria inútil tentar chamar a atenção de Elana com batidas leves na janela, pois ela não as ouviria através do barulho da chuva e do vento. Impulsionado pelas pernas, Patrick afastou-se o mais que pôde da parede e começou a balançar como um pêndulo. Enquanto terminava a descida, repetiu o movimento várias vezes e, na quarta, esticou as pernas na horizontal de encontro à janela, que cedeu e o fez cair em pé no

meio do quarto.

O ódio apossou-se dele assim que seu olhar registrou a cena íntima passada no aposento. Elana encontrava-se reclinada na banheira de encosto alto e, a seu lado, um homem de camisa branca e calções pretos, meio curvado, acariciava-lhe os seios e a beijava. Endireitando-se com a entrada pouco cerimoniosa do intruso, o homem fitou-o antes de desviar o olhar para o talabarte com a espada que estavam numa cadeira.

Num segundo, Patrick apreendeu a verdade e sentiu um imenso asco. Não sabia o nome desse homem alto, magro e de olhos escuros, porém jamais o esqueceria, desde que o vira no castelo de Dublin no dia em que Donal fora baleado.

Dominando o estado emocional agitado, readquiriu o autocontrole e fez um gesto de cabeça em direção ao desconhecido.

— Como explica o fato de estar aqui, em Claymore, acompanhado de forças escocesas, quando se encontrava no castelo de Dublin, ao lado dos ingleses, no dia do nosso ataque fracassado? Acredito ter encontrado nosso espião, aliás, nossos dois espiões — acrescentou, desviando o olhar do homem para o rosto lívido da mulher que estava na banheira.

Seus olhos irradiavam ódio e ira desmedidos ao encarar Elana, cuja expressão denotava um misto de tristeza, culpa e vergonha. O outro, recuperado da surpresa, fez uma curvatura.

— John Redding a seu serviço — apresentou-se, sarcástico. — Pelas feições conturbadas de *milady*, deduzo que você seja Patrick Talbot. É uma pena que a luxúria o tenha feito enfrentar o mau tempo desta noite — comentou ele, arrogante.

— Não foi isso que me trouxe aqui, *sir* John, e, pelo jeito, interrompi o andamento da sua motivação — disse Patrick com voz cortante ao mesmo tempo em que fitava Elana com desprezo.

“É assim que ele deve encarar o inimigo no campo de batalha”, pensou ela, amedrontada.

Num movimento brusco, Redding apanhou a espada e, com uma força inacreditável num homem tão magro, atirou a cadeira sobre Patrick antes que ele percebesse o que se passava. Mesmo assim, o irlandês conseguiu rechaçar o móvel com os ombros musculosos e sacar da adaga a fim de enfrentar o oponente.

— Lamento que não haja equilíbrio de armas — Redding declarou zombeteiro, numa referência à inferioridade da lâmina de Patrick. — Isso não tem importância, já que não vamos nos debater como cavalheiros.

— Duvido que nós tenhamos nos comportado como tais com muita frequência — respondeu Talbot com o mesmo sarcasmo, enquanto se desviava, a tempo, do primeiro ataque.

Com passadas largas, Patrick chegou até a cama, onde vira uma camisola de brocado de seda pesada, que, provavelmente, Elana vestiria depois do banho. Depressa, enrolou-a no braço e mão esquerdos e maldisse, em pensamento, a falta da espada e a perda da pistola. Mais uma vez, desviou-se do golpe de Redding.

Os dois homens afastaram-se um pouco um do outro e avaliaram a força mútua.

— Seria melhor, Talbot, que baixasse essa adaga e se entregasse como meu prisioneiro.

— É mesmo? — indagou Patrick, enquanto, dando um pulo para a frente esmurrava o peito de Redding com a mão protegida pela camisola, forçando-o a recuar um pouco.

— Você daria um ótimo refém, Talbot e talvez, assim, terminássemos com mais uma guerra inútil antes mesmo dela começar.

— Acho que está subestimando o meu valor, *sir* John. Além do mais, prefiro sair daqui e anunciar na Eire toda a perfídia praticada por você, de parceria com a sua rameira.

Ambos continuavam a dar passadas pelo quarto em avanços e retrocessos intercalados. O rosto de Patrick revelava concentração e o de Redding, autoconfiança. De vez em quando, ouvia-se o som áspero de metais se chocando.

— Parem já, os dois!

A ordem foi dada em tom ríspido e ambos os homens viraram-se para Elana. Nua, pingando água da cabeça aos pés, ela apresentava uma imagem ridícula encostada à parede. Todavia, suas mãos seguravam com firmeza a pistola, apontada ora para John, ora para Patrick.

— Que simpático! A moça quer praticar tiro ao alvo! Em qual dos dois gostaria de atirar? — zombou Redding.

Patrick notou o movimento traiçoeiro feito no mesmo instante em que ele falava. Tentou se esquivar, porém a ponta afiada da lâmina cortou-o nas costas, do ombro direito ao quadril. Soltou um grito de dor, retorceu-se e caiu no chão de pedra, o que fez a adaga pular longe.

John não perdeu tempo. Aproximou-se, levantou a espada com ambas as mãos e baixou-a como se fosse uma adaga. Patrick aparou a ponta, já ensangüentada, com a mão enrolada na camisola e, impulsionado pelo

desespero, ergueu-se do chão. Ainda com o braço protegido, forçou a espada a subir de novo e golpear, sem piedade, o rosto do oponente.

Apesar da dor que quase o cegava, Patrick viu John largar a arma e se ajoelhar. O sangue corria por entre os dedos das mãos com que ele cobria as faces.

Gemendo agoniado, Patrick lutou para manter o equilíbrio enquanto se abaixava a fim de pegar a espada abandonada, que ergueu sobre Redding.

Inesperadamente, Elana se interpôs entre os dois homens. As mãos firmes apontavam a pistola ao coração de Patrick.

— Saia da frente! — ordenou ele.

— Não saio!

— Então atire!

Uma avalanche de emoções anuviou o rosto lindo de Elana e os olhos revelaram a indecisão sentida. Bem devagar, ela baixou a arma. Patrick retribuiu a atitude largando a espada.

— Muito bem — disse ele —, uma vida pela outra.

Rangendo os dentes de dor, dirigiu-se, então, para a janela, onde, debruçado, apanhou a corda.

— Deus do céu, Patrick, suas costas! Não conseguirá...

— Escaparei daqui, sim! Se tiver de sangrar até morrer, não há de ser em Claymore!

Elana deu um passo em direção a ele, porém parou e a comiseração desapareceu de seus olhos.

— Você agiu feito um tolo, Patrick. Eu o avisei a fim de salvá-lo, sugerindo, bem como a O'Hara, que se afastassem.

— De fato você fez isso — concordou ele com frieza — e eu fui um perfeito idiota. Aliás, não só desta vez, mas antes também. Por causa disso, provoquei a morte de Donal e terei de viver para sempre com essa culpa. Meu único consolo, Elana, é saber com quem você há de passar o resto da vida.

Ela o fitou com ar de interrogação

— Com ele — explicou Patrick, fazendo um gesto em direção a Redding — espero em Deus que ambos vivam juntos para sempre — declarou com desdém.

No instante seguinte, Patrick desaparecia na escuridão, acompanhado pelo som inquietante da chuva e do vento.

CAPÍTULO XVII

JANEIRO DE 1644
DONEGAL — IRLANDA

O mês de dezembro havia sido excepcionalmente frio, com chuvas geladas vindas do norte, e, em janeiro, o tempo não melhorara. O dia em que Rory O'Hara, Conor e dois guardas cavalgaram até a casa da família O'Hanlon parecia um dos piores.

Depois de trocadas as saudações habituais no terreiro, todos entraram. O fogo na lareira estava baixo e o vento frio penetrava pelos interstícios do sapé do telhado.

— Não estocamos lenha suficiente antes do inverno — desculpou-se Kate. O'Hara, no mesmo instante, ordenou aos guardas e Conor:

— Vão escavar carvão de turfa, não importa a dureza do chão.

— Tim, vá com eles — pediu Kate ao irmão.

Assim que os quatro saíram, O'Hara acomodou-se com certa dificuldade perto do fogo. Ante o olhar de preocupação de Kate, explicou:

— São os meus ossos. Eles já agüentaram muitos invernos irlandeses. Venha sentar-se ao meu lado, menina. Você está bem? E as crianças?

— Estou, sim, e elas também, apesar de terem uma tosse de vez em quando, mas nada sério.

— Fiquei sabendo da morte de seu pai por um cronista. Que ele descanse em paz.

— Isso teria de acontecer mais cedo ou mais tarde — Kate falou com tristeza depois de se persignar.

— O convite para vocês todos se mudarem para Ballylee continua válido. Serão muito bem-vindos lá.

— Obrigada, porém aqui é o nosso lar e ainda conseguimos tirar nosso sustento dele.

O'Hara assentiu com um gesto de cabeça. Admirava a teimosia e a coragem de Kate em enfrentar a vida difícil. Depois de algum tempo em silêncio, perguntou sem muita esperança:

— Como vai ele?

— Eu o vejo duas ou três vezes por semana, conforme o tempo permite.

Ele ainda continua com aquele olhar de desespero, mas está bem fisicamente. Se o senhor pensa que vai convencê-lo a deixar o casebre nas montanhas, desista.

— É o sentimento de culpa e ele tem mesmo de reconhecê-la. Foi loucura e imprudência ter deixado a moça usá-lo daquela forma. Todavia, o que está feito não tem remédio e é nossa obrigação seguir em frente.

— Conversamos muito pouco, pois ele não fala e, muito menos, me ouve — reclamou Kate.

Ela rememorou aquela noite terrível meses atrás. Apavorada, vira Patrick largar a corda, cambalear em sua direção e de Conor e cair antes de alcançá-los. A visão do ferimento que lhe tomava quase a altura toda das costas a deixara paralisada de medo e havia sido a coragem de Conor que salvara a situação. Embora chorando também, o menino a sacudira com força, obrigando-a a reagir contra a histeria que a dominava. Juntos, os dois conseguiram amarrar Patrick na sela de um dos cavalos. A seguir, Conor montara na garupa.

Através da chuva inclemente, eles fugiram para a gruta onde os O'Hanlon se encontravam escondidos. Durante o trajeto, Patrick voltara a si várias vezes e, nesses intervalos, gritava agoniado. Até agora, o eco daquela voz aflita repercutia em seus ouvidos.

Seu pai, Timothy e Conor carregaram-no para dentro da gruta e cuidaram do ferimento. Só então, Patrick, num momento de lucidez, contara sobre a duplicidade de *lady* Claymore e sua traição. Ele também implorara a Kate que fosse depressa a cavalo até o lugar onde estava The O'Hara, para lhe dar essa notícia.

As forças de O'Hara levaram uma semana para vencer os escoceses acampados nas imediações do castelo e outra para que os de dentro se rendessem. Só depois disso é que ele levara Patrick para Ballylee. Kate não pudera acompanhá-lo, pois devia cuidar dos irmãozinhos menores. Contudo, recebia notícias freqüentes sobre a recuperação dele.

E então, logo após o Natal, Patrick aparecera. Sem saudações, sinais de afeto ou de reconhecimento, apenas lhe fizera um pedido:

— Eu lhe ficaria muito grato, Kate, se pudesse me alojar na cabana das montanhas, já que no inverno vocês não a usam.

Ela concordara com um aceno de cabeça e, desde então, Patrick não mais saíra de lá.

Num sobressalto, Kate percebeu que O'Hara lhe falava e a arrancava das recordações dolorosas.

— Só você, Kate, poderá fazê-lo retornar ao nosso mundo, e isso porque o ama. Nós todos sabemos disso — contou ele com suavidade.

— É verdade, eu o amo e toda a Eire reconhece esse sentimento, menos Patrick — admitiu ela com voz carregada de ironia e amargura.

— Por isso mesmo é que pode salvá-lo. Todo homem precisa do amor de uma mulher bondosa e dedicada.

— Nada posso fazer por Patrick se ele não está disposto a me aceitar. Ele nem me enxerga quando olha para mim.

O'Hara levantou-se com alguma dificuldade e suspirou.

— Quero ir vê-lo. Ele estará na cabana?

— Não. Com certeza encontra-se nos penhascos, para onde vai todos os dias, independente de tempo bom ou não.

— Ainda bem, pois o exercício o ajudará a manter a forma — observou O'Hara.

— De fato, só que o lugar é desolado e lhe estimula a angústia. Vamos, eu o levarei até lá — ofereceu Kate.

De longe O'Hara e Kate avistaram-no sentado numa rocha no topo de uma colina íngreme.

— Vou esperar aqui — avisou Kate, freando o cavalo.

O'Hara continuou sozinho até onde a montaria conseguiu chegar e, então, prosseguiu a pé. Quase sem fôlego, chegou ao lado de Patrick.

— Que sobrinho mais ingrato! Imagine forçar um homem da minha idade a subir até aqui para poder lhe falar!

Patrick virou-se ao ouvir-lhe a voz e O'Hara mal pôde conter a surpresa com o que via. Os olhos do rapaz, tão cheios de vida antes, o fitavam com expressão vazia e distante, o rosto, sempre bem barbeado, mostrava-se coberto por pêlos desgrehados e sujos e as roupas não se diferenciavam das de um pedinte miserável.

— Não devia ter vindo — disse Patrick, com voz apática.

— Eu precisava porque sua mãe insistiu nisso. Você sabe como é teimosa. Quando dá uma ordem, Ballylee estremece — comentou O'Hara com forçado bom humor, porém Patrick não lhe deu atenção e virou-lhe as costas outra vez.

O tio reprimiu um suspiro e tentou despertar-lhe o interesse com notícias sobre a guerra na Inglaterra.

— Os escoceses cruzaram as fronteiras e se declararam aliados do Parlamento. Contudo, ainda é cedo para se saber se eles lucrarão, ou não, ao se posicionarem contra o rei.

Patrick continuou calado.

— As notícias dizem que Cromwell está tendo tantas vitórias quantas as do príncipe Rupert.

Como não obtivesse reação alguma, O'Hara resolveu mudar de assunto.

— Recebemos uma carta de Maura. Ela e Brian parecem felizes, mas Maggie está louca de saudades daqui.

Percebeu um leve movimento nos ombros de Patrick, que, todavia, continuou calado.

— Gormanston, finalmente, me procurou e contou a história inteira — persistiu O'Hara. — Ele assumiu a culpa toda por não ter revelado o que lorde Claymore descobrira a respeito de Redding e da filha. Para preservar a paz, concordei em que ele resolvesse a questão sozinho. Gormanston doou uma propriedade em Barbados para o sobrinho e os dois partiram para lá, há uma semana. Iam se casar no navio. A moça perguntou por você.

— O que lhe disseram? — indagou Patrick, nervoso.

— O que você nos pediu, isto é, que morrera — replicou O'Hara, com um suspiro de alívio por ouvi-lo falar.

— Obrigado.

— Sua mãe pediu para lhe entregar isto.

Sem se virar, Patrick estendeu a mão e apanhou a carta que O'Hara lhe dava. Este aconchegou mais a capa ao corpo e sentou-se no chão enquanto o sobrinho lia a mensagem.

“Meu querido filho. A velhice é terrível quando vem acompanhada pela solidão. Tenho uma filha que vive em terra estrangeira e um filho que pensa ter vivido o suficiente e por isso já pode morrer. Você acha que o seu coração jamais se recuperará porque está cheio de mágoa e culpa. Isso não passa de presunção da mocidade.

Fiquei com as pernas quase paralisadas e tive medo de o corpo todo ser tomado pela inércia. Sinto um grande peso no coração, que me sufoca quando penso em você. Nesses momentos, mal posso me mexer e a dor me deixa curvada. Mesmo assim, esta noite, como em todas as outras, subirei às muralhas de Ballylee e contemplarei minhas terras.

Sentirei sua falta, meu filho.”

Terminada a leitura, Patrick continuou com os olhos fixos na carta por um longo tempo. Por fim, murmurou:

— Eu irei até lá, porém ainda não posso ficar.

O'Hara sentiu-se satisfeito, embora a resposta do sobrinho não fosse a que desejava.

— Patrick, a trégua continua, entretanto acredito que um dia ela vai terminar. Se isso acontecer, você voltará a lutar?

— Voltarei, sim — respondeu Patrick, com um leve sorriso.

CAPÍTULO XVIII

JULHO DE 1644
PARIS — FRANÇA

— Não tenho o mínimo jeito para esses passatempos femininos — declarou Maggie, descartando-se do bordado e contemplando o polegar machucado.

— Acredito que não seja o trabalho manual que a aborrece, e sim a constante companhia de uma viúva velha — observou Maura com um sorriso, sem interromper o próprio bordado.

Maggie riu alto e correu para o lado da cunhada, que afagou os cabelos loiros.

— Deve ser isso mesmo. Ainda outro dia, enquanto passeava com Brian nas imediações da Pont Neuf, quase entrei numa loja de bengalas para lhe comprar uma. Coitadinha de você, aos vinte e dois anos já deve estar com as juntas emperradas, não é mesmo, Maura?

— Ora, que engraçadinha! Ai!

— O que foi?

— Você me fez espetar o dedo com a agulha, menina!

Maggie tornou a rir alegre e foi até a janela alta e arqueada, com a batinha da saia pesada roçando o tapete. Ali, do topo da colina de Montparnasse, ela via os campos, as casas, as edificações maiores do centro de Paris e, além dos telhados vermelhos, o rio Sena. Achava muito bom que houvessem escolhido o Hotel de Montparnasse para morar. Ele ficava perto da cidade, mas afastado o suficiente para que o cheiro desagradável das ruas movimentadas e sujas não chegasse até ali.

Paris devia ter mudado muito desde o tempo em que Shanna e Rory O'Hara moraram ali, antes de voltarem para a Irlanda. Naturalmente, a monarquia passara por uma troca, pois Luís XIII havia morrido em 1643 e deixado o trono para o filho de cinco anos, Luís XIV. O cardeal Richelieu, que exercia o poder por detrás do rei, também falecera e a jovem mãe espanhola de Luís XIV, a rainha Anne, era a regente, tendo como conselheiro o detestado cardeal italiano, Mazarin.

Era um dia perfeito de verão, com céu limpo e azul e um sol radioso e

quente. Dias assim eram tão raros na Irlanda! E, apesar da beleza de Paris, Maggie tinha saudades da neblina e da garoa de sua terra.

Aliás, havia muitas outras coisas das quais sentia falta: os enorme e sombrios aposentos de Ballylee, as muralhas e torres do castelo, o riso alegre e barulhento da família reunida à volta da mesa de jantar e, acima de tudo, Conor. Como gostaria de rever-lhe o rosto sorridente e os olhos azuis e matreiros. Voltaria um dia a gozar daquela companhia afetuosa? Correriam, de novo, juntos pelos campos floridos de urzes? Tornariam a arrancar as roupas e nadar nas águas geladas do braço de mar?

Maggie quase riu alto ao lembrar-se das vezes incontáveis em que ela, Conor e Brian tinham se divertido dessa maneira. De repente, pensou nos seios que, como botõezinhos de rosa, já despontavam em seu peito. Triste, percebeu que os dias felizes e despreocupados da infância não voltariam mais.

Por quanto tempo ainda ficariam em Paris? Imaginou, dando um suspiro profundo. Embora fosse um lugar aprazível, não era como a sua Irlanda.

— Misericórdia! — exclamou Maura, rindo. — Até parece que você carrega o peso do mundo nos ombros!

— Do mundo, não digo, mas de Paris, sim. Quase não agüento mais!

Maura ergueu o olhar do bordado e observou a cunhada que continuava entretida com a paisagem. “Como está linda! Quem poderá resistir a esses cabelos vermelho-dourados, ao nariz meio arrebitado e às covinhas das faces?”, refletiu ela.

Estava certa de que a beleza da menina aumentaria mais ainda com o passar do tempo. Como todas as mulheres O’Hara, Maggie desabrochava cedo. Tinha doze anos incompletos e seu corpo já apresentava formas bem femininas. A perspectiva de ter sob seus cuidados uma mocinha atraente alegrava e amedrontava Maura ao mesmo tempo.

Determinada em todas as maneiras de agir e pensar, Maggie era uma típica irlandesa. Isso passaria despercebido na terra natal, porém ali, em Paris, os rapazes da sociedade talvez encontrassem na atitude dela uma desculpa para alcançarem certos fins escusos. Maggie havia dominado a língua e as maneiras francesas, todavia continuava a refletir a imagem da alma inocente da Irlanda.

— Maura? — chamou-a a menina, deixando a janela.

— O que é agora?

— Por quanto tempo ainda você tem de usar esse luto?

— Já lhe expliquei isso antes, minha querida. Não sou obrigada a usá-lo

e se o faço é porque quero.

Maggie atravessou a sala e ajoelhou-se perto da cunhada com as mãos no colo e os olhos fixos no rosto dela.

— Você se casaria de novo, Maura?

A expressão da jovem viúva entristeceu-se.

— Não sei. Ninguém conhece o futuro e isso é uma das alegrias da vida, esperar pelas surpresas do dia de amanhã.

— Já vi como os homens olham para você na rua, mesmo com esse luto sem graça. Você se casaria com um francês?

— Não faço a mínima idéia, mas você está muito inquieta hoje, mocinha!

— Pois eu não me casaria com um deles. Quando chegar a hora, não vou querer um almofadinha francês que me beije a mão, e sim um audacioso irlandês!

Nesses dias não era comum ver-se Maura de bom humor, contudo as palavras de Maggie arrancaram-lhe um riso sonoro.

— Um dia, menininha, você vai descobrir que todos os homens, por trás da aparência e das boas maneiras, são audaciosos.

— Mas não tão atrevidos como os nosso irlandeses, aposto — argumentou Maggie.

Maura não pôde responder porque, nesse instante, Brain entrou na sala com a folha de notícias nas mãos.

— Rupert foi derrotado por Cromwell em Marston Moor, ao norte da Inglaterra! — anunciou ele. — E o núncio apostólico para a Irlanda, Rinuccini, bispo de Fermo, acaba de chegar a Paris a fim de anunciar o apoio do Papa à Eire. Diz-se aqui que ele está trazendo armas e dinheiro para a nossa causa.

— Nada de notícias interessantes? — indagou Maggie.

— A rainha Henrietta Maria deu à luz uma menina enquanto fugia das tropas do Parlamento. Na minha opinião, ela não devia ter voltado da Holanda para ficar ao lado do marido — comentou Brian, compenetrado.

— Pobre mulher! — disse Maura, e fez o sinal-da-cruz.

— Aí não diz nada sobre os nosso insolentes irlandeses? — Maggie perguntou ainda.

— O quê?! — Brian exclamou, sem entender.

— Nada, nada — respondeu a menina, e se aproximou para beijá-lo na face.

— Que diabo deu nessa criatura? — ele quis saber.

— E a primavera — explicou Maura.

— Mas estamos em pleno verão, com calor estafante — replicou Brian

perplexo.

— Maggie, contudo, ainda se encontra na primavera!

CAPÍTULO XIX

NOVEMBRO DE 1644
HATTON HOUSE — LONDRES

Alto e elegante, vestido de preto da cabeça aos pés, o capitão Robert Hubbard desmontou e atirou as rédeas do magnífico garanhão branco para o cavaleiro.

— É um animal lindíssimo, senhor! — comentou o homem.

— De fato. Foi presente do general Cromwell e é o símbolo da pureza de nossa causa — contou Robert.

Como se não percebesse o sarcasmo nos olhos negros do seu amo, o cavaleiro afastou-se com a montaria e Hubbard dirigiu-se para a entrada de trás da Hatton House. A enorme porta com painéis de vidro abriu-se à sua frente e ele entrou no vasto e silencioso salão.

— Boa tarde, mestre Robert — saudou-o Christopher.

— Capitão Hubbard — corrigiu o jovem com frieza. — *Lady Hatton* mandou me chamar.

Como o pai antes dele, Christopher estava a serviço de Elizabeth Hatton há muitos anos. Havia cuidado de Robert desde pequenino, antes mesmo de o menino começar a andar. Agora, por ser capitão do exército do Cromwell, Robert o tratava com uma arrogância que o chocava profundamente.

— Onde está ela? — indagou Robert com aspereza.

— Nos seus aposentos. O senhor conhece o caminho.

— Muito bem.

Incrédulo, Christopher sacudiu a cabeça enquanto o observava a subir a escadaria.

Lá em cima, Robert atravessou com passos firmes o emaranhado de corredores até chegar à porta pesada de carvalho do quarto da avó. Bateu, e ouviu a voz fraca, porém reconhecível, que o mandava entrar. Obedeceu e, no interior do aposento, levou um minuto para se acostumar à penumbra. As cortinas estavam fechadas e não permitiam a entrada dos últimos raios do sol que se punha. A única claridade vinha de uma pequena lamparina sobre a mesinha de cabeceira, que lançava uma luminosidade lúgubre nos cabelos prateados da velha senhora.

Robert. caminhou até os pés da cama de quatro colunas, onde a avó descansava. O quarto mostrava-se limpo e em ordem, porém o passar do tempo deixara nele marcas irreparáveis. O tecido adamascado do dossel e das cortinas estava gasto e desbotado e o tapete no chão era agora um símbolo de pobreza, e não mais do grande estilo de vida do passado. Em alguns lugares estava tão esgarçado que deixava à vista as pedras cinzentas do soalho.

Robert encontrava-se perto o suficiente para constatar que a beleza famosa da avó sucumbira, por fim, à idade. O rosto apresentava-se marcado por linhas profundas e os braços e mãos, que um dia comandaram maridos e servos, frágeis agora, tremiam ligeiramente.

— Robert? — perguntou ela, indecisa.

— Sim, senhora.

— Chegue mais perto. Obediente, ele se aproximou.

— Deus do céu, que aparência ameaçadora! Parece que você veio do inferno!

— O general Cromwell não apreciaria esse comentário, madame — Robert protestou com um sorriso. — O preto é a cor dos escolhidos de Deus.

— Você é mesmo um deles, Robert?

— Eu transpiro piedade.

— Disso eu não duvido — murmurou ela, erguendo um pouco o rosto. Robert descobria agora por que *lady* Hatton o mandara chamar. Os

olhos verdes, que antigamente brilhavam cheios de vida e ambição, desmaiavam na contemplação do mundo que morria.

— A guerra caminha bem?

— O rei tem pouca esperança de vitória — replicou ele.

— Deve estar ocorrendo uma grande mortandade. Você recende a ela.

— Estou certo de que sim.

O olhar de Elizabeth readquiriu uma sombra de vivacidade, porém, ao registrar a silhueta negra à sua frente, perdeu parte do viço. Ela estremeceu e murmurou:

— Nunca pensei que um desafio ao rei chegasse a este ponto.

— Poucas pessoas teriam imaginado isso, mas foi no que deu e ninguém poderá mudar o resultado — afirmou Robert com indiferença.

— E quanto a você? — a velha senhora quis saber. — Ouvi contar as histórias que teceram à sua fama e sobre o seu cavalo branco. Dizem que é a resposta puritana à montaria preta do enviado do diabo, o príncipe Rupert.

Robert manteve-se calado e na posição ereta de militar.

— Estou morrendo, sabe? — disse ela, de modo abrupto.

— Infelizmente, isso é óbvio — respondeu Robert, sem emoção alguma. Pela primeira vez desde que entrara no quarto, ele a viu sorrir.

— Tudo o que tenho fica para você e já falei com meu procurador a esse respeito. Quais são os seus planos para quando esta situação horrível terminar?

Robert ficou tenso e, depois de alguma hesitação, resolveu revelar-lhe a verdade.

— O general Cromwell pretende enviar um exército à Irlanda na chegada da primavera. Eu serei o comandante dele.

Os seus olhos perderam o resto do brilho e ela sacudiu a cabeça devagar.

— Era isso que você planejava desde o início, não é?

— Sim senhora. Oficiais e soldados serão recompensados com grandes extensões de terra assim que os irlandeses forem derrotados — explicou ele.

— E você terá Ballylee, o que completará o círculo de sua vida. Imagino que não possa convencê-lo de que esta forma de vingança não só é inútil como não lhe trará alegria alguma. Tenho razão?

— Acredito que ela é apenas natural e, talvez, parte do destino — argumentou Robert.

— Por Deus, pode ser!

— Não é Ele quem predestina todas as coisas?

Como esperava, a avó não respondeu e mudou de assunto.

— Eu nunca o amei como deveria e agora lamento não tê-lo feito.

— Isso já deixou de ter importância — Robert respondeu com um encolher de ombros e constrangido ante a rara manifestação emocional da avó.

— Tem, sim — ela insistiu —, e temo que você descubra isso tarde demais. Olho para minha vida passada e vejo que a única coisa que realmente foi importante resumiu-se nos breves momentos de amor — confessou Elizabeth. Calou-se por um instante para depois acrescentar: — Deixe-me agora, Robert, estou muito cansada.

— Como queira, madame — concordou ele e se curvou para deixar o quarto em seguida e dirigir-se aos próprios aposentos na Hatton House.

Ao amanhecer, Christopher bateu à sua porta e anunciou depois de abri-la:

— Ela se foi.

Sem o mínimo sinal de emoção, Robert ordenou:

— Mande preparar o meu cavalo e me traga um volume encadernado a couro que se encontra na mesinha de cabeceira de *m' lady*. É tudo o que vou

levar.

— O senhor não vai ficar para os funerais? — indagou Christopher, atônito.

— Não. A vida dela simboliza uma era que termina agora. A minha está apenas começando — replicou Robert.

CAPÍTULO XX

JULHO DE 1645
BAÍA DE DONEGAL — IRLANDA

Uma brisa leve enfunava a vela do pequeno bote e o impulsionava à volta do promontório. Em pé sobre um rochedo, Kate observava o homem barbudo dirigir a embarcação com habilidade à volta das pedras e através da arrebentação de ondas. O vento ali era mais forte e resolvia-lhe a saia de musselina e a blusa de cambraia de encontro ao corpo, além de agitar seus cabelos negros. Quando o barco sumiu de seu campo de visão, ela sentou-se numa pedra a fim de esperar.

O topo do penhasco era um tapete cor-de-rosa, com a florescência da relva-do-olimpico, e a frente da escarpa mostrava uma mescla de amarelo e branco dos botões da pimpinela. O perfume de ambas as plantas dava-lhe uma sensação de bem-estar que desapareceu assim que ouviu o som de passos de Patrick na trilha.

Quanto tempo os dois tinham passado juntos no último ano e meio e como tudo pouco mudara! No princípio, ele dava longas caminhadas sozinho, mas agora preferia velejar, não importava o tempo que estivesse fazendo. Kate já nem se lembrava mais das vezes em que ficara ali, sob chuva torrencial, vendo a pequena vela branca subir e descer sobre ondas gigantescas. De nada adiantava perguntar a Patrick por que ele enfrentava o mar bravio, pois a resposta era sempre o silêncio.

O relacionamento entre ambos continuava como antes, constante mas sem demonstrações de afeto. Duas vezes por semana, ele descia da cabana nas montanhas e a ajudava nas tarefas mais pesadas do campo. Depois do jantar, fumava o cachimbo e ia embora.

Quando finalmente Kate aceitara a oferta de O'Hara para que as duas crianças menores morassem em Ballylee, Patrick as levava até lá e depois comentara:

— Foi uma decisão ajuizada a sua, Kate. Você é muito nova para ter responsabilidade tão grande.

“Sou mesmo”, pensara ela na época, e continuava a ter a mesma opinião. “E estou ficando velha a cada dia que passo nessa espera de que você volte a

amar a vida, Patrick Talbot, e que abra os olhos e veja o meu amor por você.”

Todavia, até agora, ele não tomara conhecimento do seu afeto e o grande medo de Kate era de que Patrick mantivesse a indiferença para sempre.

— Kate? — chamou ele surgindo no topo do penhasco.

Ela se levantou e foi encontrá-lo, porém Patrick virou o rosto a fim de não receber na boca o beijo que lhe dava.

— Os carneiros estão engordando bem lá nas montanhas e os bezerrinhos crescem a olhos vistos — disse ele.

— Eu sei, Timothy me contou — replicou Kate iniciando a caminhada em direção contrária ao mar. — Patrick, Conor esteve aqui ontem e trouxe novidades.

Ele parou e virou-se para fitá-la. Desde o dia em que descobrira Redding no quarto de Elana, seus olhos mantinham uma expressão vaga e de indiferença. Agora, entretanto, uma ponta de vida parecia brilhar neles e isso provocou um arrepio estranho em Kate.

— Não diga! O que ele queria?

— Houve uma batalha na Inglaterra num lugar chamado Naseby. As tropas monarquistas foram expulsas e vários oficiais capturados.

Kate fez uma pausa para se lembrar dos detalhes contados por Conor e Patrick se impacientou.

— Vamos, menina, o que mais disse ele?

— Espere, quero ver se não me esqueço de nada. Toda a correspondência entre a Confederação Irlandesa e o rei foi interceptada. Entre os papéis havia uma ordem de Charles que devolvia as terras confiscadas e garantia a liberdade de religião aos irlandeses católicos em troca de uma força de dez mil homens. O Parlamento publicou esse documento.

— Quer dizer que o rei perdeu o pouco apoio que tinha — comentou Patrick com um sorriso, o primeiro que dava em um longo tempo.

— Dizem que o Parlamento não mais perderá a guerra — continuou ela. — Está tão convencido da vitória que enviou um regimento de cinco tropas à Irlanda comandado por um tal capitão Robert Hubbard. Os escoceses desembarcaram mais soldados em Carrickfergus.

Patrick já não podia esconder a alegria.

— Então, não mandaremos forças à Inglaterra, já que teremos a nossa própria guerra aqui!

— Isso mesmo. Conor trouxe um cavalo, vários apetrechos e roupas apropriadas para você. Estão lá em casa.

— Se você não se importar, vou dormir lá esta noite para poder partir

amanhã de madrugada — disse ele, decidido.

Tudo se tornava claro para Kater Patrick recobrava a vivacidade depois de um longo período de apatia durante o qual esperara pela continuação da guerra.

Da janela, Kate podia ver Patrick tomando banho no riacho. O corpo perfeito, sob a luz esmaecida do entardecer, despertava-lhe um desejo intenso. Gostaria de tocar aqueles músculos salientes e verificar se eram firmes como davam a impressão de ser.

Observou ainda os cabelos longos e o rosto do qual eleja raspava a barba desgrenhada. Agora podia ver com clareza o quanto as feições tinham mudado. Elas pareciam rígidas, como se fossem esculpidas em granito.

Curvado, Patrick virou-se de costas para enxaguar a espuma do rosto e do pescoço. Quando se endireitou de novo, Kate não pôde reprimir um grito, tão alto que ele se voltou assustado. Contudo, ela conseguiu esconder a surpresa e acenar, enquanto dizia:

— O jantar está quase pronto.

A cicatriz que lhe atravessava as costas em diagonal havia ficado horrível. Além de larga, era arroxeadada.

Poucos minutos depois, Patrick entrava na casa já calçado e vestido com camisa e calções.

— Será que dá para você aparar esta cabeleira, pelo menos até os ombros? — pediu ele.

— Depois do jantar. A comida já está pronta.

Pensando no que o motivava, Kate entristecia-se ao vê-lo tão animado. Durante a refeição, ele falou mais do que fizera um ano todo. Mesmo assim, ainda não via o que os olhos dela lhe diziam enquanto o fitavam com adoração.

Logo que terminaram de comer e limpar a mesa, Kate mandou-o sentar num banquinho e tirar a camisa.

— Não! — protestou ele.

— Já vi a cicatriz — declarou ela, irritada.

— Não é uma coisa agradável de se ver de perto — Patrick afirmou, mas se despiu.

De fato, a marca era bem mais feia do que vista a distância e Kate não venceu a tentação de tocá-la com a ponta dos dedos.

— Será que precisa fazer isso?

— Desculpe — pediu ela baixinho.

Depois de cobrir-lhe os ombros com um pano, Kate levou mais de uma

hora não só aparando como também desbastando a cabeleira. Quando terminou, escovou-a numa tentativa de ordenar os caracóis rebeldes.

— Impossível! Eles têm vontade própria! — declarou rindo enquanto o tocava no rosto e o fazia erguer a cabeça para que pudesse avaliar o resultado.

Sentiu-lhe o calor da pele e, ao aumentar a pressão das mãos, notou que os músculos das faces ficavam tensos. Devagar, levou os dedos até o alto da cabeça e os enfiou pelos cabelos como se os penteasse. O coração disparava com a proximidade de Patrick e mesmo esse contato leve com o corpo dele fazia o seu vibrar numa carência desesperadora.

Ele se ergueu e com isso a fez levantar os braços. Por um instante, Kate pensou que Patrick a beijaria, porém ele apenas lhe soltou as mãos dos cabelos e disse:

— Está ótimo, Kate, muito obrigado. Acho melhor me deitar agora. A cavalgada amanhã vai ser longa.

Ela varreu o chão enquanto Patrick apagava as velas. Despiram-se apenas com a claridade da lua que entrava por uma fresta da janela. Nua, Kate virou-se para ele, cheia de expectativa, porém já deitado no catre perto da porta e com os olhos fechados. Desolada, vestiu a camisola e acomodou-se na sua cama.

O sono não vinha e os minutos pareciam-lhe horas. Ela o amava e era um tormento tê-lo tão perto e distante ao mesmo tempo. Lágrimas quentes começaram a lhe rolar pelas faces até que a angústia se tornou insuportável.

Bem devagar, Kate se levantou e cruzou a distância que a separava da cama de Patrick, enquanto se livrava da camisola. Não hesitou um segundo, temendo que o coração disparado a fizesse mudar de idéia. Num gesto rápido, levantou as cobertas e deitou-se ao lado de Patrick. No mesmo instante, o calor do corpo dele a envolveu de maneira deliciosa.

— Patrick — chamou ela baixinho.

— Sim — ele respondeu, naturalmente acordado com a sua aproximação.

— Eu te amo, Patrick.

— Eu sei.

— Será que um dia você vai me amar, Patrick? Houve um momento de silêncio e, então, ele replicou:

— Não sei.

Kate tomou-lhe a mão e a colocou nos seios. Patrick não a retirou, porém também não os acariciou.

— Não tem importância — murmurou ela, com novas lágrimas — mas

saiba que vou continuar esperando por seu amor nem que seja pela vida inteira.

Delicado, Patrick a fez virar-se de lado e de costas para ele. Aconchegou-a de encontro ao peito e, ao colocar de novo a mão nos seus seios, murmurou:

— Boa noite, Kate.

CAPÍTULO XXI

AGOSTO DE 1645

PARIS — FRANÇA

Brian e Maggie formavam um casal lindo ao caminharem de braços dados pelos jardins das Tulleries. Ele usava um gibão de veludo azul, forrado de branco, e do talabarte do mesmo tecido pendia uma espada curta. O chapéu de abas largas e plumas sobre os cabelos escuros contrastava com o ar sério de estudiosos e intelectual.

Maggie demonstrava nas feições mais satisfação que, na verdade, sentia. O vestido de seda creme e listras verdes, um pouco mais escuras do que a cor de seus olhos, tinha o decote enfeitado com rendas e ressaltava-lhe os seios que desabrochavam. A saia rodada farfalhava.

Já haviam dado duas voltas completas pela área, respirando o perfume suave das flores. Ao passarem pelas portas estreitas detrás do Palais des Tuileries pararam de falar e os olhos encheram-se de expectativa.

— Mais uma vez? — indagou Brian, fazendo um gesto em direção a uma das alamedas.

— Não, vamos nos sentar um pouco. Minhas sapatilhas já estão cheias de areia — reclamou Maggie com um suspiro.

Acomodaram-se num banco de pedra perto de uma fonte ornada com gárgulas e cupidos. Maggie fechou a sombrinha e tirou o chapéu, pois apreciava os raios quentes do sol.

— Vai ficar cheia de sardas — avisou Brian.

— Pouco importa. Assim terei algo mais que me diferencie das francesinhas.

Ele riu e ajoelhou-se à sua frente. Com cuidado, tirou-lhe as sapatilhas e as limpou da areia.

— Se soubesse que ia andar por aqui durante duas horas, teria calçado botas — confessou Maggie, sorrindo.

— Teria sido melhor — Brian concordou, lançando um olhar em direção às portas do palácio.

Nesse momento, Maura encontrava-se lá, em audiência com a rainha Henrietta Maria, esposa do rei Charles, que havia fugido da Inglaterra no

final de julho de 1644. O emissário dela chegara ao Hotel de Montparnasse numa carruagem comum, logo ao amanhecer.

— Qual será o assunto? — perguntou Maggie, pela centésima vez.

— Não tenha dúvida de que deve ser alguma coisa relacionada com a renovação da luta na Eire.

Por algum “tempo, ficaram calados, sem desviar a atenção das portas do palácio. Finalmente, Maggie se inclinou para trás e, com os olhos fechados, encostou a cabeça no banco.

— Brian, você não sente saudades de Ballylee? — indagou ela, com voz dolente.

— Sinto, sim, naturalmente não tantas quanto você. — Você adora Paris, não é mesmo?

— Não é bem a cidade que me encanta, mas o que ela me proporciona em relação a estudos, livros e conversas.

— Em poucos anos você se tornará a atração dos salões da sociedade. Já agora, você me provoca a admiração ao discorrer sobre assuntos que fogem à minha compreensão.

O riso de Brian fez Maggie abrir os olhos.

— O que eu disse de engraçado? — indagou, brava.

— Admita que está, de novo, me comparando a Conor. Isso não é justo. Lamento se a minha maneira de falar e os tópicos que abordo sejam difíceis para você.

— Não quis dizer isso, Brian, como toda a sinceridade. É verdade que sinto saudades de Conor, você não?

Brian desviou o olhar antes de responder.

— Sinto, sim, e me preocupo com ele, mas não o invejo, Maggie. A idéia de tomar parte numa guerra e presenciar carnificina me repugna. Não acredito que seja por covardia e sim por achar que, no futuro, poderei lutar de maneira diferente e melhor. Alguma coisa me diz que Paris será o lugar ideal para eu travar minha batalha.

— Você vai se casar com uma francesa?

Como sempre, a franqueza da amiguinha o constrangeu.

— Menina boba! Não percebe que ainda somos muito crianças para pensar nisso?

— Eu não sou! — declarou ela, com convicção.

“Pelo menos, não mais por muito tempo”, admitiu ele em silêncio, admirando-lhe a silhueta e o rosto lindo. “Como nós dois mudamos desde a nossa vinda para Paris”, refletiu ainda com os olhos presos nela.

Com perto de treze anos, Maggie já era uma mocinha bem desenvolvida e Brian um rapaz alto, porém muito magro. Quantas vezes, nu, ele se examinava ao espelho e imaginava quando iria parar de crescer para cima e fazê-lo para os lados! Sentia-se curioso também em saber se Maggie pensava em rapazes da mesma forma com que ele refletia sobre moças, e ainda se ela o encarava apenas como o amigo da infância ou, às vezes, o via de maneira especial, o que lhe ocorria em relação a ela. Com sentimento de culpa, Brian desviou o olhar.

— O que foi, Brian?

— Ah, nada — respondeu ele, evasivo.

— Não minta, eu o conheço bem!

— Olhe, lá está Maura! — exclamou ele, aliviado por se ver livre da insistência de Maggie.

Maura acabava de surgir entre os dois mosqueteiros de uniforme vermelho que montavam guarda à porta do palácio. Caminhava apressada, indo ao encontro dos dois.

— Não podemos perder tempo, vamos já apanhar a carruagem — disse ela, um tanto nervosa.

— O que foi?

— A rainha...

— Nada de perguntas por enquanto — interrompeu ela.

Maggie e Brian calaram-se e, com passos rápidos, a acompanharam. Poucos minutos depois, já se encontravam dentro da carruagem, rumo à muralha externa da cidade. Quase não houve demora na passagem do portal e logo subiam a colina para Montparnasse. Nem numa vez, durante o trajeto todo, Maura falou. Parecia tensa e segurava a bolsinha com as duas mãos.

No hotel, ela atravessou o saguão de entrada com a mesma pressa demonstrada ao sair do palácio; chegando aos aposentos, dispensou os criados. Só depois de trancar bem a porta por dentro foi que se dirigiu a Maggie e Brian.

— Fui chamada pela rainha porque nós três somos os únicos irlandeses na França que não são tão espionados como a maioria. A situação está péssima, tanto na Inglaterra como na Irlanda, muito pior do que a folha de notícias nos leva a acreditar. O rei está perdido e não tem um exército forte o bastante para enfrentar, muito menos derrotar, as forças de Cromwell. A única esperança dos monarquistas é o auxílio que poderia vir de fora.

— Da Irlanda — Brian murmurou.

— Isso mesmo. Se as forças dos irlandeses católicos não ajudarem o rei,

os puritanos governarão a Inglaterra.

— Por que devemos socorrer Charles? Pensei que quiséssemos nos livrar dele — protestou Maggie.

— Já tentei lhe explicar isso — disse Brian, impaciente. — Se as coisas já estão ruins na Irlanda com o rei, ficarão muito piores sob o controle do Parlamento. Ele não terá piedade de nós!

— E nem vamos precisar disso! O'Neill empurrará os desgraçados para o mar — afirmou a menina com orgulho.

— É exatamente o que o cardeal Rinuccini espera que Owen Roe faça — informou Maura. — Todavia as pessoas mais sensatas da Irlanda não estão muito seguras de que ele consiga isso. Os líderes lá têm opiniões divergentes. Alguns, inclusive O'Hara, acreditam que, se o Parlamento ganhar a guerra na Inglaterra e puder dedicar todo o seu esforço contra a Irlanda, nossa causa estará perdida. Aliás, as tropas irlandesas em Munster já estão começando a sentir a força dos puritanos sob o comando de um homem chamado Hubbard.

— Como podemos ter certeza da veracidade dessas informações se elas vieram da rainha? Suponhamos que sejam... por que ela a chamou, Maura? — Brian questionou, preocupado.

— A correspondência do rei foi violada e ele, a fim de salvar um resto da reputação, teve de negar, publicamente, a intenção de se valer do apoio irlandês — explicou Maura, enquanto tirava da bolsa um pequeno pacote que colocou na mesa.

Brian e Maggie soltaram exclamações de surpresa ao reconhecerem nele o sinete real de Charles.

— Na verdade — continuou Maura —, o rei aceitou as exigências irlandesas a troco do nosso apoio militar. Aí estão todos os acordos assinados por ele. Nenhum mensageiro regular conseguiria levar isto à Irlanda, pois todos são conhecidos e estão sob suspeita. A rainha pensa que um de nós três poderia fazê-lo com sucesso.

Num estado de excitação crescente, Maggie fitou o pacote. O corpo parecia se incendiar e cada nervo vibrava exaltado. De repente, ela estendeu as mãos e apanhou o volume.

— Eu irei! — exclamou ela.

CAPÍTULO XXII

NOVEMBRO DE 1645
BALLYLEE — IRLANDA

Em grupos de três, os irlandeses cavalgavam através das terras pantanosas. A umidade elevava-se do solo, envolvendo-os como um manto. Na mente de cada homem, a idéia predominante era a perspectiva do descanso proporcionado pelo inverno que interrompia a luta. Todavia não conseguiam apagar da lembrança a imagem de derrota. Sem descanso, durante a campanha do outono, as tropas do Parlamento e as dos escoceses haviam aberto fendas irreparáveis entre as forças de O'Hara e O'Neill. Como resultado, os católicos não tinham conseguido organizar um único ataque concentrado e alcançar vitória.

Agora, ao se retirarem para o merecido descanso, eles ainda não vislumbravam o final da luta. Até o jovem Conor, que costumava encarar tudo de maneira positiva, conscientizava-se da situação dúbia em que se encontravam. Como todos, ele já começava a duvidar da habilidade dos católicos para vencerem, já que as vitórias fáceis previstas por *sir* Phelim O'Neill, Rory O'More e, mais tarde, por Owen Roe O'Neill, não haviam ocorrido.

Desde que matara um homem pela primeira vez, naquela noite no castelo de Claymore, Conor tinha sido testado em várias escaramuças, especialmente nos dois últimos meses. Na primeira ocasião, ele fora apanhado de surpresa. Acompanhado por dois soldados de O'Hara, vira-se no meio de seis escoceses, do grito agonizante de homens e do relinchar de cavalos amedrontados.

Sua única emoção havia sido de medo e lutara com a finalidade exclusiva de sobrevivência. Só quando tudo terminara, e ele, ofegante na sela do cavalo, olhava para os mortos à volta, pensara no que tinha acontecido. A infância havia ficado definitivamente para trás e a experiência violenta vivida aumentara-lhe o vigor. Na oportunidade seguinte, ele cavalgara diretamente para a luta, ao lado do pai.

— O-o-i-i!

A mão levantada e o grito de comando de O'Hara faziam a longa coluna

parar. Abaixo deles e na distância, erguia-se o castelo de Ballylee, rodeado pela névoa.

— Louvado seja Deus que nos permitiu voltar em segurança ao nosso lar!

— Louvado seja Deus! — repetiram os homens, e O'Hara continuou a conduzi-los em frente.

Aos poucos a coluna foi diminuindo ao passo que os soldados se separavam dela em direção às suas próprias casas e famílias ao longo do caminho. O que restou da tropa foi recebido na charneca pela guarda do castelo e levado através da ponte levadiça para o pátio interno.

Curvada e com o auxílio de duas bengalas, Shanna recebeu o filho único com lágrimas. Aileen beijou Rory e murmurou:

— Graças a Deus!

No instante seguinte, viu-se levantada nos braços de Conor e não pôde esconder a surpresa.

— Como você cresceu, meu filho, e em tão pouco tempo! — exclamou ela ao voltar para o chão.

Foi então que, por sobre o ombro da mãe, Conor a viu sob o arco da porta de entrada do grande salão.

— Maggie! — gritou e correu ao seu encontro.

A dois passos de distância, parou. Sob a luz suave, ela parecia mais uma visão do que a Maggie de quem ele se lembrava. Os cabelos estavam penteados de uma nova maneira, com caracóis emoldurando-lhe o rosto, os olhos tinham uma tonalidade forte de verde e a pele, um brilho dourado nos quais jamais reparara.

— Você mudou! — declarou ele.

— Como você também — Maggie afirmou com um sorriso tímido.

— Pelo sangue de Cristo, menina, você cresceu! Está uma mulher!

— Obrigada, senhor! — disse ela, curvando-se graciosa.

— Nossa, você já tem seios!

— Conor! — protestou a menina, rubra de embaraço.

Com um riso alegre e sonoro, Conor a tomou nos braços e rodopiou com ela até chegarem ao meio do salão.

— Puxa! Só agora percebo a grande falta que senti de você, Maggie-o!

— Ah, Conor! — disse ela abraçando-o com força. — Eu também morri de saudades de você!

Durante os meses de inverno, Maggie e Conor passaram quase o tempo todo juntos. Com frequência, cavalgavam pelos campos redescobrendo os

lugares secretos de Ballylee, em que brincavam quando crianças. Quando o tempo mostrava-se bom, velejavam com Patrick.

Essas ocasiões não eram muito fáceis para Maggie. Embora Patrick não tivesse voltado à vida de ermitão na cabana das montanhas, ele mantinha-se fechado em si mesmo pois ainda se considerava culpado pela morte de seu irmão. Quando Maggie descobriu a razão da mudança na personalidade dele, assumiu a incumbência de convencê-lo de sua inocência.

— Podia muito bem ter sido você, Patrick, ou os dois. Graças a Deus que um dos meus irmãos não morreu, porque é assim que eu o considero. Eu lhe suplico, Patrick, livre-se desse sentimento de culpa e volte a ser o que era antes, para a alegria de todos nós que o amamos.

— Um dia, menininha — prometera ele ao beijar-lhe a ponta do nariz. — Só quando a morte de Donal tiver sido completamente vingada.

A resposta não deixara Maggie satisfeita, porém não conseguira nada além dela.

À noite, Maggie e Condor conversavam e jogavam cartas em frente à lareira do grande salão do castelo. Conon descrevia a guerra, Maggie falava sobre a vida em Paris e ambos planejavam um amanhã cheio de paz.

Os resultados da missão de Maggie ao trazer para a Irlanda o tratado assinado pelo rei continuavam indefinidos. O enviado do Papa, o cardeal Rinuccini, transformara-se no maior empecilho para uma solução satisfatória para os irlandeses. Ele havia chegado à Irlanda em outubro de 1645 com dinheiro para apoiar a causa católica. Com certa ingenuidade, acreditava que, se expulsassem não só as forças do Parlamento como também as monarquistas, atuais aliados irlandeses, o país se uniria sob a liderança de Roma. Nessas condições, o povo teria direito à ajuda do Papa para repelir futuras invasões dos ingleses.

Ao receber essa notícia, mandada pela Confederação em Kilkenny através de Rory O'More, The O'Hara explodiu raivoso.

— Maldito idiota! — trovejou ele. — Sua Eminência gostaria de que a nossa luta contra a Inglaterra não tivesse fim. Em troca do nosso esforço, teríamos o privilégio de sermos vassalos de Roma! E que grande auxílio recebemos de lá? Será que o Papa e Rinuccini pensam poder comprar a Irlanda com doze mil libras, quinhentos mosquetes e um punhado de pólvora? — indagou, colérico.

E assim a luta política prosseguia com mensageiros ligando diariamente a Confederação, em Kilkenny, a O'Hara no oeste e Owem Roe O'Neill no norte. Esperanças de paz surgiam num dia para desaparecerem no seguinte

sob novas ameaças de guerra.

A primavera chegou, trazendo dias de chuva renovadora intercalados por outros ensolarados. Maggie e Conor mantinham-se alheios às manobras políticas, tanto na Irlanda como na Inglaterra. Eles haviam se integrado completamente um ao outro e a atração que os unia transformara-se em algo mais do que a antiga amizade de infância.

— Que bobagem, isso não é amor! Eles mal saíram dos cueiros! — argumentou O'Hara quando Aileen lhe chamou a atenção sobre o caszinho.

— Ah, é? Você mesmo disse que Conor já é homem. Ele está quase do seu tamanho, Rory. Acho que os seus olhos estão mesmo velhos e cansados, já que não vêem como a nossa querida Maggie desabrochou.

— Isso é verdade — murmurou ele. — A menina está mais linda do que nunca. Vou dar uns conselhos a Conor, mas ainda duvido...

— Que memória curta tem você! — comentou Aileen, rindo. — Eu era dois anos mais nova do que Maggie é hoje quando descobri que o amava e resolvi lutar por você.

— Pelo que vejo, o rapaz não tem chance alguma — declarou Rory, bem-humorado.

O mês de maio transformou os campos num imenso tapete roxo. Através das urzes, Maggie galopava despreocupada, a pelerine leve e os cabelos vermelhos esvoaçando nos ombros.

— Vamos até o braço de mar — gritou Conor, ao emparelhar as montarias.

Atravessaram um bosque de carvalhos e outro de bétulas altas e esguias. Logo alcançavam uma trilha arenosa que descia até a água.

— Lembra-se de quando você, Brian e eu nadávamos aqui? — perguntou Conor.

— Se me lembro! Também não esqueci como você perdia todos os jogos que fazíamos na água — disse Maggie.

— Pudera, eram sempre dois contra um! — protestou Conor escorregando da sela.

Ele rodeou o cavalo de Maggie e a segurou pela cintura a fim de ajudá-la a descer. Antes porém de colocá-la no chão, disse:

— Veja só, minhas mãos são tão grandes que quase podem rodear sua cintura inteira..

— Grande vantagem, seu convencido! Minha cintura é que é estreita. Conor a pôs na areia e segurou-lhe o queixo entre o polegar e o indicador. Os olhos azuis a fitavam, matreiros.

— Quer nadar hoje? — indagou ele, provocativo.

Maggie sabia que estava sendo desafiada. Se dissesse não, estaria admitindo que agora relutava em despir-se na frente dele por não serem mais crianças. Todavia, refletiu ela, ainda não eram bem adultos.

— E então? — insistiu ele.

A expressão atrevida dos olhos azuis deu-lhe vontade de estapeá-lo. Mesmo quando pequeno, Conor costumava demonstrar confiança própria, porém Maggie sempre conseguira enfrentá-la. Agora, no entanto, por alguma razão estranha, a segurança dele a perturbava. A antiga camaradagem infantil desaparecera por completo e em seu lugar surgira um sentimento mais profundo que ela não compreendia. Por mais estranho que fosse, sentia-se embaraçada na presença dele nesse momento.

— Eu... vou pensar — resmungou Maggie.

— Pensar?! Está bem.

— Ah, vá para o inferno! — reclamou brava. — Está muito frio. Vamos atirar pedras na água.

Já esquecida de sua inquietação, Maggie arrebanhou as saias e correu para a beira da água. Conor não a seguiu de imediato e, ao imaginá-lo aborrecido com a sua negativa de nadar, Maggie sorriu satisfeita. Ajoelhou-se na areia e pôs-se a procurar pedras achatadas que ricocheteassem melhor ao serem atiradas na superfície da água.

— Essa é uma brincadeira de criança — observou Conor às suas costas.

— E daí? — desafiou ela, arqueando o braço com a primeira pedra.

Mal esta era lançada e Conor caía na água. Segundos depois, os cabelos cor de cobre surgiam na superfície. Maggie olhou para a praia e viu a pilha de roupas. Depois voltou a atenção para onde ele nadava em círculos largos.

— Ai, está tão refrescante — gritou ele.

— Gelado, você quer dizer, não é? Vai ficar doente!

— É uma pena que você tenha perdido o espírito de aventura lá em Paris. Ou, quem sabe, as mulheres amadurecem antes que os homens e ficam mais conservadoras.

Maggie continuou a observar a movimentação na água e encantou-se com as mudanças no corpo de Conor. De vez em quando, com uma braçada mais forte, as costas apareciam na superfície e não apenas os ombros largos e musculosos. A visão lhe provocava uma emoção profunda e estranha, uma espécie de invasão dos seus sentidos que nunca experimentara antes.

Conor aproximou-se da praia, caminhando, e parou no ponto onde a água lhe dava pela cintura.

— Nunca me senti tão bem! — gritou ele, batendo o queixo.

— Nem tão gelado, seu bobo! — acrescentou Maggie, incapaz de contar o riso.

— Está frio mesmo. Pegue minhas roupas.

— Pegue você — respondeu ela, sem se mexer.

Os olhos azuis brilharam maliciosos enquanto ele retomava os passos em direção à areia.

— Tudo bem, eu pego — afirmou Conor.

— Não! Espere! Eu as levo para você. Depressa, ela apanhou as peças e as entregou.

— Meus agradecimentos, *milady* — disse ele, agora batendo os dentes.

— Deus do céu, Conor, você vai mesmo ficar doente! Não se vista ainda — Maggie pediu aflita.

Virou-se de costas e levantou a saia. Depressa, tirou uma das anáguas, que estendeu a ele.

— Enxugue-se primeiro. Se cavalgar molhado, vai direto para a cama assim que chegarem casa.

Percebeu, pelo ruído abafado, que ele se vestia e então sentiu as mãos fortes em seus ombros, que a fizeram se virar de frente.

— Você não se importa com as minhas brincadeiras, não é, Maggie? — perguntou Conor, sério.

Inesperadamente, ele a tomou nos braços e a embalou. Curvou a cabeça e tocou-lhe a boca com a sua num beijo vibrante e emocionado que a fez estremecer.

Um segundo depois, ambos perdiam o equilíbrio e caíam no chão. Maggie ficou um momento deitada sobre Conor e, ao se levantar, seu olhar cruzou com o dele. Os dois romperam num riso divertido.

— Que Grandíssimo idiota eu sou! Primeiro, banco o bobo me congelando na água e depois nem consigo direito roubar um beijo!

Embora também risse, Maggie estava intimamente eufórica. Seu primeiro beijo não tinha sido exatamente como sonhara, porém fora dado por Conor, e, por alguma razão, isso o fazia muito especial.

CAPÍTULO XXIII

JUNHO de 1646
BENBURB — IRLANDA

Os ruídos que vinham de fora da barraca eram os característicos de um acampamento militar. Rações de aveia, cordeiro e cerveja tinham sido distribuídas. Os soldados que já haviam terminado a refeição da noite preparavam-se para dormir, pois, na manhã seguinte, deveriam levantar-se muito cedo.

Dentro da barraca, Rory O'Hara distendeu pernas e braços numa tentativa de aliviar-lhes a dor incômoda e depois inclinou-se para mais perto da chama da vela a fim de reler a carta que acabara de escrever.

"Benburb, Irlanda, 4 de Junho de 1646.

Minha querida Aileen

Será que faz apenas um mês desde que nos despedimos pela última vez? Nossos períodos de separação, como esta loucura que chamamos de guerra, parecem não ter fim.

Hoje, pela primeira vez, nos deparamos com a força total dos obstinados soldados de Monro. Como uma nuvem de gafanhotos armados, eles caíram sobre nós num lugar chamado Thistle Hill. Nossos bravos rapazes repeliram ataque atrás de ataque enquanto os gritos de guerra e as gaitas escocesas ressoavam sem cessar, fazendo gelar o sangue de qualquer um.

No fim do dia, o campo era nosso. Amanhã cedo, haverá outra batalha e tenho certeza de que o resultado será igual ao de hoje. Embora eu continue a considerar Oven Roe um idiota quanto à política, reconheço que é um gênio militar.

Os seus queridos estão bem e só conquistam honras ao nosso nome. Conor amadureceu bem. Tornou-se um guerreiro tão feroz e decidido que já não temo mais por ele. Todavia, como você, tenho medo de que ele não aprenda nada sobre a vida além do manejo da espada.

Quanto a Patrick, minha querida, não sei. Tenho certeza de que você já ouviu as histórias das façanhas dele. Às vezes, estremeço ao vê-lo lutando e fico com a impressão de que ele procura a morte. Reze, como eu, para que a paz seja declarada antes de Patrick esgotar todas as vidas e fôlegos que

parece ter.

Quanto àquele assunto que tanto nos preocupava, fique descansada. O capitão Robert Hubbard mantém-se ocupado no sul e, segundo fui informado, há poucas probabilidades de que deixe a região de Pale. Dou graças a Deus por isso, pois não sei o que faria se me visse forçado a enfrentar o meu próprio filho no campo de batalha.

Deus a abençoe.

O marido que muito a ama, O'Hara."

Com cuidado, ele dobrou e lacrou a carta e, depois, chamou o ordenança.

— O estafeta ainda demora para partir? — indagou.

— Deve sair daqui a uma hora — foi a resposta.

— Muito bem. Veja que ele não esqueça esta carta.

A sós novamente, O'Hara apagou a vela e, vestido mesmo, enrolou-se nos cobertores.

Já quase adormecido, arrependeu-se por não ter escrito mais, especialmente sobre a felicidade que ele e Aileen haviam gozado durante esses anos de união perfeita.

Duas horas antes do amanhecer, os soldados já se movimentavam e ao raiar do sol encontravam-se a oitocentos passos dos escoceses.

O som das espadas sendo desembainhadas percorreu as fileiras e, da colina em frente, chegou o ecoar lúgubre das gaitas escocesas. Com este sinal, a cavalaria inimiga iniciou a aproximação precedida por mosqueteiros, lanceiros e soldados a pé.

— Malditos! — rugiu O'Hara. — Olhem para eles. Pela aparência tem-se a impressão de que sofreram apenas duas baixas ontem, e não duas mil!

— Pois hoje perderão quatro mil — Conor afirmou com um sorriso. — Sinto isso no íntimo.

As primeiras fileiras engajaram-se logo com ferocidade. O estampido dos mosquetes se fez ouvir e o ar impregnou-se com o cheiro acre de pólvora queimada. Não demorou muito para que a linha de frente escocesa cedesse e a cavalaria tomasse o seu lugar.

— A carnificina se inicia — murmurou O'Hara ao esporear a montaria para o ataque.

Quase em seguida, ele se viu no centro da luta, a espada golpeando poderosa tudo que se mexia ao redor. Gritos, pragas, choques estridentes de metais abafavam o lamento das gaitas escocesas e em todos os lados O'Hara via rostos enegrecidos pela fumaça das armas de fogo. Todavia, a firmeza com que empunhava a lâmina afiada e a eficiência com que a usava davam-

lhe segurança.

O conflito continuava desenfreado e impiedoso e, no campo oposto, O'Hara já vislumbrava brechas nas fileiras e soldados que fugiam amedrontados.

Num dado instante, ele viu Conor aparar o golpe de um escocês com o escudo ao mesmo tempo em que cruzava a espada com outro. Quando um terceiro atacou por trás, O'Hara correu em socorro do filho e não foi difícil livrá-lo do último inimigo. Quase no mesmo instante, sentiu a montaria ser empurrada por outro oponente. Tentou esquivar-se, mas era tarde demais.

O golpe atingiu-o no lado do elmo e ele sentiu-se balançar na sela. Atordoado, ouviu uma explosão e ainda se esforçou para erguer o escudo que lhe foi arrancado da mão enquanto o som da batalha diminuía e uma enorme dormência tomava-lhe conta do corpo.

Rory teve consciência de que caía e, lembrando-se vagamente de que estava montado, esticou as mãos para agarrar-se ao pescoço do animal, porém elas encontraram apenas o ar. Com um baque surdo, O'Hara atingiu o solo. O céu azul tornou-se cinzento primeiro e depois negro, refletindo o silêncio consumidor em que mergulhava.

O dia amanhecia soturno, como se a claridade relutasse em dissipar as trevas. À volta das barracas, as tochas continuavam acesas e a fumaça esgarçava-se no ar em desenhos estranhos. Desassossegado e em meio a ruídos abafados que lembravam o lamento lúgubre do vento durante a noite, o acampamento despertava sob maus presságios.

Cavaliários tagarelas agora selavam as montarias em silêncio profundo, sentinelas sacudiam os pés no ar em vez de batê-los no chão para afastar a dormência provocada pela friagem. A proximidade da barraca principal, ninguém se atrevia a fazer o menor barulho.

No seu interior, a luz bruxuleante das velas refletia-se na figura inerte entre os lençóis brancos do catre estreito. O ambiente era de tensão extrema e o médico acabava de aplicar uma compressa de musgo de turfa no ferimento da cabeça de O'Hara. Com um gesto de desalento para Conor e Patrick, que se encontravam ao lado, ele deu a entender a inutilidade do esforço feito.

— Não — protestou Conor com voz trêmula —, ele não vai morrer! O'Hara entreabriu os olhos e uma sombra de sorriso perspassou-lhe no rosto curtido.

— Sim, meu rapaz, você tem razão. Nenhum homem morre desde que tenha um filho vivo — murmurou ele. — Chegue mais perto, está difícil de enxergar.

Conor aproximou-se e ajoelhou-se ao lado do pai.

— Matei o bastardo desgraçado, meu pai, o que atirou em você. Decepei cabeça dele.

O'Hara estremeceu e desviou o olhar embaciado por sobre a cabeça do filho, com uma interrogação muda ao médico. Obtida a resposta, também silenciosa, fitou Patrick à espera de uma confirmação que o sobrinho lhe deu através de um aceno. A tristeza estampou-se em seu rosto, porém foi logo substituída pela resignação. Olhou mais uma vez para o rosto aflito de Conor e, enquanto o fitava, sentiu uma pontada aguda na cabeça. Fechou os olhos, na esperança de vencê-la e quanto os reabriu, tudo parecia coberto por um véu nebuloso.

— Conor? — chamou hesitante.

— Estou aqui, meu pai.

— Não posso vê-lo. Patrick?

— Também continuo ao seu lado.

— Ballylee e a família foram minha vida. Cuide deles quando eu me for.

— Cuidarei, O'Hara — prometeu Patrick.

— Você não vai morrer, não vai! — gritou Conor, banhado em lágrimas, tomando as mãos do pai.

— Conor, meu querido filho, guarde bem as minhas palavras. Não existe honra na matança que praticamos. Por todos os dias de sua vida, esforce-se para exterminá-la. Não é com a guerra quê se mede o valor de um homem e nem ela traz refrigério algum ao coração. A terra e o cultivo dela são o que proporcionam a felicidade ao homem. Minha mulher, meus filhos e minha terra me encheram a vida de prazer. Gostaria que você e os filhos que venha a ter se lembrem de mim não como um matador de homens, mas como o lavrador que cultivou a terra. Eu espero, meu filho, que você encontre no solo a mesma alegria que ele me deu. Ame Ballylee como eu a amei, porque lá, a Irlanda é mais verde, os pássaros cantam mais alto, as flores têm mais perfume e as faces das meninas possuem um colorido mais vivo.

O'Hara continuou a falar numa voz que intercalava murmúrios incompreensíveis e gritos roucos que ecoavam na barraca.

— Descanse um pouco, meu pai — implorou Conor, aflito.

Como se não o tivesse ouvido, ele prosseguiu:

— Conor, não permita que ninguém em suas terras conheça a pobreza, pois assim você não terá inimigos.

— Papai, por favor.

— Quando fecho os meus olhos, posso ver as muralhas de Ballylee...

posso ver... Aileen...

— Não! — gritou Conor angustiado, apoiando a cabeça do pai entre os braços. _

Por um longo tempo não se ouviu mais nada na barraca além da respiração ofegante do rapaz que embalava o pai de encontro ao peito. Finalmente, Patrick o tocou no ombro.

— Conor, ele se foi — murmurou com suavidade.

— Eu sei.

Devagar, Conor largou o pai e estremeceu ao fitar-lhe o olhar vazio. Tocou, então as pálpebras e as cerrou.

— Não seguiremos The O'Neill para o sul — disse ele com firmeza assim que se levantou. — Iremos para Ballylee.

— Muito bem, concordo, pois estou cansado de matar. O'Hara tinha razão e já está na hora de cuidarmos dos nossos campos antes que eles pereçam.

Os funerais transcorreram num ambiente silencioso e solene, pois o morto não era um homem comum.

Quinhentas pessoas, entre homens, mulheres e crianças, ficaram na colina em frente à pequena capela. O ataúde coberto de preto fora colocado do lado de fora para que todos pudessem vê-lo e junto a ele encontrava-se a família O'Hara. Os membros dela mantinham expressão de dignidade estóica e os seus camponeses e arrendatários, que os conheciam bem, não esperavam atitude diferente. Embora a coroa inglesa os tivesse despojado de títulos e glórias, para os irlandeses eles continuavam a ser os senhores do solar e todos haviam comparecido ali para chorar a morte do seu príncipe.

Um murmúrio percorreu a multidão quando Patrick, alto e imponente nas roupas pretas, deu um passo à frente e ergueu os braços. Um trovão ecoou distante e gotas de chuva começaram a respingar sobre as cabeças.

— Nada mais apropriado neste dia que os céus falem em memória de um grande e honesto homem — proclamou ele em voz clara e retumbante. — The O'Hara experimentou tanto a felicidade sem limites como a miséria amarga. Conheceu o amor de uma mulher boa e nobre e durante a sua existência honrou o título e o manto do clã herdados por direito de nascença. Ele era um homem simples que queria apenas sua mulher e sua terra e foi por elas que morreu.

Patrick fez uma pausa e depois continuou solene:

— Deus o abençoe, Rory O'Hara, Senhor de Ballylee, onde quer que se encontre. Que o seu caminho seja suave e que Deus o guarde na palma

de Sua mão até que nos encontremos um dia outra vez.

CAPÍTULO XXIV

AGOSTO DE 1646
DONEGAL — IRLANDA

Patrick a encontrou na colina à margem da nascente do regato que descia à planície e corria ao lado da choupana dos O'Hanlon.

Sentada numa pedra, as saias puxadas para cima dos joelhos, a cabeça inclinada para trás e os olhos fechados, ela deliciava-se com os raios quentes do sol. O vestido caseiro de musselina creme delineava as coxas esguias e fora abaixado nos ombros para expor mais do corpo ao brilho revigorante desse dia de céu azul. Os cabelos longos e negros caíam soltos às costas e esvoaçavam com a brisa leve.

Por um longo tempo, ele permaneceu em silêncio, admirando a sua beleza tranqüila ressaltada pelo verde da vegetação e pelo reflexo límpido das águas do riacho.

Como se pressentisse outra presença além da sua, ela virou a cabeça e abriu os olhos. Fitou-o e o prazer e surpresa surgiram em seu rosto, porém não se moveu. Parecia estar sentada ali, à espera há meses, certa da vinda dele.

— Olá, Patrick — murmurou, levantando-se.

— Olá, Kate, minha linda — respondeu ele e cruzou a distância que os separava.

Terno, envolveu-a nos braços e quando sentiu a maciez do corpo que se aconchegava ao dele, curvou a cabeça até os lábios se unirem. Beijaram-se sem pressa, permitindo que a carícia crescesse desinibida até provocar a explosão do desejo.

O corpo aquecido pelo sol e a alma pelo beijo, Kate sabia que os meses de espera chegavam ao fim.

Separaram os lábios e ela abriu os olhos. Patrick a fitava com amor e o antigo sorriso malicioso, que a atraía desde o início, voltava a seu rosto e dava-lhe uma renovada vivacidade. Feliz, ela riu.

— Bem-vindo ao mundo dos vivos, Patrick O'Hara Talbot!

— Amo você, Kate O'Hanlon.

— Eu sei e não preciso falar do meu grande amor por você, não é

mesmo?

Beijaram-se outra vez, num abandono total dos sentidos. Kate vibrou com a intimidade compartilhada e ressentiu-se quando ele se afastou. Patrick, o coração agitado, fitou a profundidade de seus olhos escuros e entrelaçou os dedos nos cabelos negros e sedosos.

Tudo parecia tão simples agora e ele não entendia por que não se apercebera da verdade mais cedo, especialmente quando a imagem dela lhe aparecia nítida na véspera de uma grande batalha.

— Que criatura adorável você é! Tão linda com estes cabelos negros à volta do rosto!

— Queira Deus que você pense sempre assim — desejou Kate, enternecida.

Abraçados, desceram pela trilha pedregosa e atravessaram o campo arroxeadado de urzes para chegarem ao casebre.

— Você gostaria de jantar? — convidou ela.

— Seria muito bom. Creio que vou precisar de muita energia esta noite — Patrick respondeu, malicioso.

Constrangida, Kate corou ao mesmo tempo em que a perspectiva excitante lhe disparava o coração.

Jantaram ao anoitecer e quando a lua e as estrelas abrandaram o negrume da noite já não suportavam mais a provocante agonia da antecipação. Com um acolchoado sobre um dos ombros, Patrick a tomou pela mão e a levou até a beira gramada do riacho.

— Aqui? — Kate perguntou surpresa.

— Sim, diante de Deus e da terra, sob a lua e as estrelas — respondeu ele com voz grave.

— Um altar para a minha virgindade? — indagou ela ao mesmo tempo em que apontava para o acolchoado branco estendido sobre a relva.

— Não, para o nosso amor, minha querida.

Confiante, Patrick a tomou nos braços. Ao se beijarem, as incertezas de Kate sobre a nova experiência que teria desapareceram para dar lugar ao desejo. Ansiosa por sentir-lhe o corpo, ela o enlaçou pelo pescoço e, sem se separarem, abaixaram-se devagar até se deitarem. Os dedos dele desamarraram-lhe a blusa e a mão quente encontrou-lhe o seio.

A magia do contato a deixou suspensa no tempo e no espaço e mal percebeu que estava sendo despida. A brisa leve da noite tocou-lhe a pele enquanto Patrick invadia sua boca com um beijo, exigindo-lhe uma rendição completa. Kate gemeu baixinho sob carícias mais intensas e mesmo quando

ele ergueu a cabeça, continuou a arfar delirante.

Patrick, os olhos sombreados pelo desejo, admirava-lhe agora o corpo, que parecia vibrar com mais vida sob a luz azulada da lua. Os seios macios, a cintura fina, os quadris arredondados, as pernas longas e esguias, a pele acetinada, o seduziam, provocando-lhe uma vontade intensa de tocá-los com todos os sentidos: mãos, boca, o corpo inteiro.

— Você é perfeita — murmurou. — Não existe uma falha sequer em sua beleza!

Kate entreabriu os olhos e vislumbrou a silhueta nua de Patrick delineada de encontro ao céu enluarado.

— Ah, meu querido, quanto tempo esperei para que você me desejasse — sussurrou ela.

Sem poder resistir à atração exercida pelo corpo másculo à sua frente, estendeu as mãos e puxou-lhe a cabeça para junto da sua. Patrick a beijou na curva do pescoço e depois escorregou os lábios quentes e úmidos por seus ombros até alcançar um dos seios.

Como o sol quente que a envolvera naquela tarde, o amor expandiu-se acariciante por seu corpo, despertando cada célula num anseio quase doloroso. Kate prendeu-se a Patrick e tocou os músculos fortes que se amoldavam à sua pele.

— Patrick — suplicou arqueando o corpo —, quero que me possua e me ame como tanto sonhei.

Exultante, ele a cobriu com o corpo e amparou-a nos braços, cheio de ternura. O calor e a intensidade crescente das carícias a fizeram suspirar de prazer e entregar-se ao beijo ardente e avassalador.

Os sentidos revoltaram-se assustados quando uma dor aguda atravessou-lhe o âmago, mas Kate resistiu apenas por um segundo para, em seguida, continuar a ofertar-se por inteiro.

Com os corações batendo como se fossem um só, eles iniciariam a procura do bem supremo, a comunhão plena de dois amantes. O que começara como um calor aconchegante transformou-se em paixão incandescente que os levou ao clímax.

E então, como a maré vazante, eles retrocederam à calma silenciosa do amor saciado.

Da mesma forma como fizera com o pai, O'Higgin orientou Conor na administração de Ballylee e o jovem demonstrou firmeza e determinação no desempenho da função de agricultor como as que exibira na de guerreiro.

Agosto foi um mês de paz instável e nebulosa. No sul, as forças do

Parlamento se mantinham aquarteladas, à espera do que aconteceria ao rei na Inglaterra. Depois da derrota decisiva em Naseby, o rei Charles havia se rendido aos escoceses presbiterianos, esperançoso de que as diferenças entre estes e os puritanos lhe facilitassem a organização de um novo exército. Mas, até então, ele continuava como prisioneiro.

Enquanto isso, a aliança com os irlandeses mostrava-se difícil de ser alcançada. O enviado do Papa à Irlanda, Rinuccini, e mais alguns líderes católicos teimosos negavam-se a aceitá-la. Outros discordavam e assim o impasse persistia.

Apesar da situação desvantajosa, Charles conseguiu interferir na política irlandesa através do lorde tenente Ormonde. Determinou-lhe que assinasse a aliança com os católicos a troco da garantia de liberdade religiosa e da devolução das terras e títulos confiscados. A paz foi proclamada enquanto se tentava firmar o acordo, todavia era uma estiagem sombria, já que os escoceses no norte negavam-se a abrir mão de seus ganhos e a permitir que os irlandeses se recuperassem das derrotas sofridas.

Apesar da instabilidade política, a vida em Ballylee prosseguia o seu curso normal. Fez-se a colheita no outono, embora a produtividade daquele ano houvesse sido deficiente, vários nascimentos foram registrados e realizaram-se os casamentos marcados. O culto religioso continuava a ser o da fé católica e os protestantes eram delatados.

Todas as manhãs, com ar circunspecto e acompanhado por O'Higgin, Conor fiscalizava o andamento das atividades de Ballylee. À tarde, entretanto, ele se descartava da responsabilidade e procurava Maggie.

— Vamos depressa — dizia ele impaciente. — Preciso sentir o vento no meu rosto para apagar o cheiro de bolor que ainda guardo no escritório de O'Higgin.

Cavalgavam pelos campos até os penhascos, onde se sentavam na relva para ouvir o estrondo das ondas bravias do mar lá embaixo e os gritos estridentes dos maçaricos. ---Maggie — perguntou ele um dia —, você me considera como irmão?

Maggie sorriu e olhou de soslaio para Conor, deitado ali na grama. Ele parecia crescer e encorpar a cada dia que passava. Os músculos das coxas sobressaíam-se com os calções justos e pêlos loiros surgiam na abertura no alto da camisa.

— Não, Conor. Por que quer saber isso?

— Porque não penso em você como se fosse minha irmã — respondeu ele, meio sem graça.

O sorriso de Maggie se alargou.

— Como pensa em mim então? — indagou curiosa. Conor não respondeu e o silêncio prolongado a fez procurar-lhe os olhos.

Pelo brilho deles, poderia ter adivinhado a resposta, que, finalmente, ouviu.

— Penso em você como a menina linda, de cabelos cor de cobre, que adora me provocar.

— Ah, é? Como eu faço isso?

De repente, Conor ficou muito interessado nas nuvens brancas que deslizavam no céu.

— Olhe lá — disse ele, apontando — parece um navio.

— Conor O'Hara! Você é quem me provoca!

— Eu?! — indagou ele com um ar fingido de surpresa. — Está enganada, é você quem faz isso comigo. Veja, por exemplo, esse seu vestido francês exagerado e pouco modesto.

— O quê?

— É isso mesmo — afirmou Conor, cobrindo os olhos com a mão num gesto cômico de pudor. — O velho O'Higgin diz que tudo que vem da França é impudente.

— Não diga! O pobre mal olhou para mim desde que voltei e, além disso, está tão velho que nem sabe mais o que vê — protestou Maggie.

Conor descobriu os olhos e deixou que eles a admirassem com ousadia. Maggie usava um costume para montaria de veludo creme e enfeites verdes que combinavam com o chapeuzinho moderno.

— Talvez você tenha razão, mas e eu, Maggie? Acho que já sei bem como olhar e ver uma mulher.

Conor estendeu a mão e tirou-lhe o chapéu. Sem ele, os cabelos soltaram-se e caíram em seus ombros como uma cascata cor de cobre.

No instante seguinte, ele a puxou de encontro ao peito e apoderou-se de sua boca numa exploração inesperada. Maggie ficou tensa e tentou escapar, porém o beijo suavizou-se e ela correspondeu à carícia. Quando os dedos dele, presos em seus cabelos, lhe levantaram o rosto, ela não se afastou.

— Você é linda, sabia, Maggie? Acho que foi Deus quem a trouxe de Ballyhara para mim.

— Será que foi mesmo? — perguntou ela, e soergue um pouco o busto.

— Tenho certeza. Não se mexa, Maggie-o, fique como está — pediu Conor.

Havia um brilho curioso nos olhos dele e Maggie seguiu-lhe a direção, à

procura do que fitavam. Soltou uma exclamação de surpresa ao ver, acima da renda do decote, os seios numa posição perigosa.

— Oh, seu atrevido — gritou ela e pôs-se de pé.

Conor riu alegre e divertido enquanto ela arrumava a blusa e recolocava o chapéu na cabeça.

— Não fique brava comigo, Maggie-o. É como The O'Hara costumava dizer a respeito de Patrick, sou um rapaz ardente!

— Pois não há de ser às minhas custas! Leve uma criada para o está-bulo e seja ardente com ela.

Virou-se e deu uns passos em direção ao cavalo, porém Conor a alcançou e a segurou pelos ombros.

— Já perdi a conta das vezes em que fiz isso — confessou ele, rindo.

— Incrível! — exclamou ela, furiosa com a arrogância dele e perdendo o domínio próprio.

— Pois é, mas resolvi que, quando ficar um pouco mais velho, é com você que quero me casar.

— Conor O'Hara — começou ela, rubra de raiva —, você não passa do rapaz mais convencido, arrogante...

— E atraente que você conhece — completou ele ao tomá-la nos braços e 'apertá-la com força.

Por um momento, Maggie relaxou e, enquanto ele a beijava, entreabriu os lábios e suspirou de prazer, como se não pudesse lhe resistir. E então, de propósito, mordeu o lábio dele.

Conor soltou um grito e a largou para levar a mão à boca, que sangrava.

— Puxa, você me machucou, menininha!

— Foi você mesmo quem disse que quando entra numa briga sabe que pode sair ferido!

Desta vez, ela conseguiu alcançar o cavalo antes que ele a impedisse. Montou, esporeou o animal e partiu a galope. O impulso atirou longe o seu chapéu, porém ela não parou para apanhá-lo e continuou com os cabelos soltos, esvoaçando. Sorrindo, Conor murmurou:

— Ah, Maggie-o, você cavalga, tem a língua e é determinada como um homem, porém é uma mulher completa. Sabe muito bem, minha querida, que, um dia, será minha.

Os dias corriam, laboriosos mas tranquilos ao mesmo tempo. Patrick abandonou o luto e passou a usar camisas de lã grossa e calções. Ao lado de Kate, ele revolia a terra com a mesma energia empregada contra o inimigo no campo de batalha. Rindo, ela comentou:

— O seu esforço é mais zeloso do que sutil.

— Assim ele faz o dia passar mais depressa.

— E pra quê?

— A noite chega logo e, com ela, você. As folhas das árvores começaram a cair no outono e logo chegaram os

ventos frios do norte. Patrick foi até a cabana nas montanhas e ajudou Timothy a conduzir as ovelhas e o gado para o curral ao lado da choupana.

Uma vez por mês, ele ia a Ballylee, onde ficava quatro dias. Se tinha notícias do mundo lá fora, não as contava, e Kate e Tim não o interrogavam. O rapazinho era um lavrador nato e nada além do trabalho lhe interessava. Kate, por sua vez, tinha Patrick e não desejava que nada interferisse na vida sossegada que levavam.

Só uma ocasião, durante os longos meses de inverno, aconteceu algo diferente, mas que não chegou a lhes roubar a tranqüilidade.

— Patrick, olhe lá na colina — disse Tim. Patrick obedeceu e viu seis cavaleiros que se aproximavam. Foi até a choupana e voltou com a espada, duas pistolas e uma carabina.

Os homens já estavam mais perto e pararam. Agora dava para ver as roupas velhas que vestiam.

— São assaltantes de estrada — explicou Patrick. — Devem ser uns pobres soldados que, terminada a guerra, não tinham terras para onde voltar.

Pouco depois, os cavaleiros viraram as montarias e se afastaram.

— Não há mais luta em lugar algum? — indagou Tim.

— Na região de Pale e no sul, em Munster.

— Você voltaria a lutar? — o rapaz quis saber.

— Sem dúvida — Patrick respondeu sem hesitação —, por você, sua irmã e Ballylee, porém só se eles vierem para o oeste e nos atacarem.

— Isso acontecerá?

Patrick levou algum tempo para responder.

— Sim, meu rapaz, um dia eles chegarão aqui, como já o fizeram no passado.

O Natal foi comemorado em Ballylee, numa região alegre e festiva do clã, durante a qual a guerra e a política se mantiveram esquecidas. A única nota triste era Aileen, cujo espírito alquebrado com a morte de O'Hara não se recuperara. Sua mente parecia ter perdido alguma lucidez e, à mesa, muitas vezes ela resmungava como se falasse sozinha.

Por causa disso, ocorreu um incidente muito constrangedor para Maggie e Conor. Aileen levantou-se da mesa e, aproximando-se dos dois jovens,

gritou pondo as mãos em suas cabeças:

— Casem! Casem logo e tenham filhos antes que os problemas recomecem!

Em seguida, caiu num pranto convulso e, amparada por Kate e Maggie, foi levada para a cama.

Quando os três deixaram a sala, Shanna dirigiu-se a Patrick e Conor:

— Ela tem razão e vocês lhe deviam dar ouvidos. Nos tempos de ameaça, os pequeninos devem nascer logo.

Na viagem de volta para a choupana dos O'Hanlon, Patrick refletiu sobre o conselho de sua mãe e sobre a promessa que fizera a O'Hara de cuidar de Ballylee.

— Kate, você acha que vivemos em pecado? — perguntou ele de repente. Ela levou apenas um segundo para responder.

— Não. O amor e a sua prática não são pecaminosos. E, caso fossem, não seriam umas poucas palavras ditas em latim na nossa frente que o purificariam.

Nessa noite, com Kate aninhada nos braços, Patrick indagou baixinho:

— Se eu pedisse, você se casaria comigo?

— Sim — replicou ela, sem hesitação.

— E deixaria este lugar e me acompanharia para Ballylee? — ele ainda quis saber.

— Com você, Patrick, eu iria até o inferno.

Tim, Kate e Patrick trabalharam exaustivamente na colheita da primavera e no cuidado dispensado aos bezerrinhos e carneirinhos recém-nascidos. Quando tudo terminou, entregaram-se a um período de poucas semanas de descanso que antecedia a ida do gado e das ovelhas para as pastagens nas montanhas.

Certa madrugada, Patrick acordou com o barulho de arreios no terreiro. Olhou em direção à cama de Tim e a viu vazia. Num salto, levantou-se e correu para fora, onde encontrou o rapazinho selando o cavalo.

— Bom dia, Tim. Pelo que vejo está levando até a sacola de roupas. Vai nos deixar?

— Não para sempre — respondeu o rapaz, com um sorriso alegre. — Vou ficar noivo — informou orgulhoso.

Atônito, Patrick o viu montar e partir.

— Ele cresceu e eu já esperava por isso — disse Kate, da porta de onde ouvira o diálogo.

Duas semanas depois, Timothy voltava com um sorriso mais feliz nas

feições jovens.

— Ela se chama Cathy e é linda — contou ele, entusiasmado. — Vocês irão ao casamento?

— Naturalmente, Tim, será uma honra — afirmou Patrick.

Os Dougherty constituíam uma família pobre com mais sete filhas além de Cathy e o casamento foi uma cerimônia simples e modesta.

A noiva era uma mocinha pequena, loira, de olhos azuis e dois anos mais velha do que Timothy.

O pai, um camponês de pele curtida, tomou a mão de Patrick quase com reverência.

— Nosso canto aqui é pequeno e as terras não são férteis. Tenho uma família grande que não consigo sustentar. O senhor falaria com The O'Hara para nos acolher?

— Sim — prometeu Patrick. — Ballylee é bem vasta e tem lugar para abrigar muita gente ainda.

— Deus o abençoe — replicou o homem, comovido. — Seria bom, Patrick Talbot, que pensasse também em dar filhos e filhas à sua terra.

Duas semanas mais tarde, os recém-casados partiram para a cabana nas montanhas, conduzindo o gado e as ovelhas.

Nessa noite, Patrick e Kate fizeram amor com intensidade apaixonada. Já saciados e nos braços um do outro, ele a beijou de leve e murmurou:

— Quando a temporada nas montanhas terminar, partiremos para Ballylee e, logo que chegarmos lá, nos casaremos.

— Está bem — concordou ela feliz.

CAPÍTULO XXV

AGOSTO DE 1647
DUBLIN — IRLANDA

Robert Hubbard revolveu o copo de cristal com clarete e sorriu. O olhar desviou-se da luva que o Príncipe de Gales lhe havia dado durante a batalha de Edgehill, em 1642, para a carta elogiosa de Cromwell, recebida da Inglaterra há uma hora apenas.

“Trabalho muito bem feito”, escrevera o comandante.

Robert concordava. Desanimado, Ormonde desistira de promover a aliança entre as forças irlandesas e o rei. Embora alguns líderes estivessem dispostos a aceitar a proposta de Charles, Owen Roe O'Neill e a Confederação em Kilkenny, em fevereiro, tinham apoiado a opinião de Rinuccini e rejeitado a aliança com a coroa. No mesmo mês, o rei havia sido vendido por seus captores escoceses aos puritanos. Fora então que Ormonde cessara seus esforços e se rendera às forças parlamentaristas em Dublin.

Robert não perdera tempo e aproveitara-se da situação promissora. Realizará várias incursões de sucesso em Munster e Leinster; em Dungan Hill, destroçara o regimento de Preston, composto dos antigos ingleses católicos, e estabelecera um acordo astucioso com Theobald Toaffe, o novo comandante rebelde de Munster. Este era um irlandês desonesto que embolsava o dinheiro recebido para manter suas tropas. Assim, ele as estava destruindo, para a satisfação de Hubbard, que não precisava desperdiçar suas forças para enfrentá-lo no campo de batalha.

O sorriso de Robert alargou-se e ele se reclinou confortavelmente na cadeira. De fato, estava tendo sucesso na Irlanda e faria muito mais ainda. Impiedoso e severo, ele era temido, e provavelmente odiado, não só pelo inimigo como também por seus comandados.

Seguindo o exemplo de Cromwell, Robert mantinha o controle sobre os soldados empregando um misto de terror e fé.

— Capitão?

A entrada de um guarda tirou-o do devaneio.

— O cronista irlandês, Maggus, está aí, senhor.

— Mande-o entrar.

Segundo depois, um homenzinho de ombros curvos, calvo e de olhar irrequieto, surgiu em sua presença. Em pé à frente da escrivaninha, ele retorcia o chapéu com as mãos e balançava o corpo de um lado para o outro.

— Estive no oeste, capitão, nas imediações de Ballylee — informou com timidez.

— E que novidades traz?

— Enterraram The O'Hara.

— Ora, isso já sei, velho idiota. Conte algo que eu desconheça.

— Patrick Talbot voltou para lá com uma moça. Eles se casaram.

— Vá para o inferno, Maggus! Quero notícias sobre O'More — gritou Hubbard, impaciente. — Você o viu por lá?

— Vi, sim. Ele estava com um inglês.

Por um momento, Robert avaliou a informação recebida: O'More e um inglês em Ballylee? Seus outros espiões haviam revelado a presença de ingleses em ambos os acampamentos de Phelim e Owen Roe O'Neill. Só podia existir uma explicação para o fato: Ormonde fazia um último esforço a fim de convencer os líderes irlandeses a esquecerem as divergências. Unidos entre si e a ele, podiam expulsar os parlamentaristas e os escoceses da Irlanda. Alcançada essa conclusão, Robert voltou a interrogar o homenzinho.

— O que mais, Maggus?

— É tudo, capitão.

Robert abriu uma gaveta da escrivaninha, de onde tirou uma sacolinha de dinheiro, que jogou ao espião.

— Obrigado, senhor — disse Maggus ao se afastar, de costas para a porta.

— Espere um pouco — ordenou Robert de repente.

— Sim, senhor — respondeu o outro, obediente.

— Fale sobre Ballylee — exigiu Hubbard, recostando-se na cadeira e fechando os olhos. — Diga como estão os campos e os rebanhos. O castelo está sendo bem mantido?

Maggus sacudiu a cabeça para o estranho capitão inglês. Embora o homem tivesse imposto a devastação a um terço das terras da Irlanda, cada vez que via Maggus indagava do bem-estar de Ballylee.

A exigência fugia à compreensão dele, porém, como sempre, passou a descrever a prosperidade de Ballylee. Enquanto falava, o sorriso cruel de Robert Hubbard se alargava e a sua expressão revelava satisfação profunda.

CAPÍTULO XXVI

JULHO DE 1648
BALLYLEE — IRLANDA

O barquinho a vela deslizou por entre as rochas. Na proa encontrava-se um homem baixo e atarracado, vestido com um gibão azul e uma capa preta. Suas feições demonstravam severidade e os olhos, desânimo.

Quando o bote embicou na areia, Conor e Patrick ajudaram o passageiro a descer.

— Você deve ser Conor O'Hara — observou o homem. — O ser porte lembra o do seu pai.

— Sou, sim, milorde Ormonde. Bem-vindo a Ballylee.

— Patrick Talbot, milorde — apresentou-se Patrick.

— Meus agradecimentos sinceros a ambos por me permitirem usar Ballylee para esta reunião.

— Os outros estão à sua espera, milorde — Patrick informou. — Por favor, siga-nos.

Conor e Patrick encabeçaram o grupo com James Butler, o conde de Ormonde, logo atrás e o velho O'Higgin em último lugar. Entraram no castelo pelo pouco usado portal dos prisioneiros e subiram vários lances de escadas, na torre redonda, até o escritório de O'Higgin. Lá, vários homens os esperavam com ansiedade.

— Cavalheiros, James Butler, o conde de Ormonde — apresentou Conor, formal.

Um a um, todos se aproximaram para cumprimentar o recém-chegado. *Sir Phelim O'Neill* parecia o mais constrangido e *Rory O'More*, que já conhecia Ormonde, o mais à vontade. *Connor Macguire* se apresentou num tom que não disfarçava sua desaprovação do encontro.

— Cavalheiros, eu agradeço muitíssimo por terem vindo me ouvir — começou Ormonde, mas parou enquanto o olhar percorria os rostos à volta. — E *Owen Roe* não veio? — indagou preocupado.

Diante do silêncio embaraçoso que se fez, Patrick resolveu ser o porta-voz do grupo.

— *The O'Neill* recusou-se a vir, milorde. Ele alega que esta reunião é

mais uma amostra da perfídia inglesa destinada a se apossar dos recursos irlandeses em benefício da coroa.

Pela primeira vez desde que entrara ali, Ormonde sorriu.

— De minha parte, creio que demos amplas razões para o general O'Neill pensar dessa forma. Todavia, cavalheiros, temo que o rei não possa mais se dar ao luxo de faltar à palavra empenhada. Vamos nos sentar?

Acomodaram-se e O'Higgin lhes serviu clarete. Conor sentia-se pouco à vontade entre os homens mais velhos, porém os olhares de Patrick e O'More o estimularam.

— Durante anos — recomeçou Ormonde — lutamos tanto em campos inimigos como lado a lado. Eu sou protestante e monarquista, enquanto os senhores são católicos e patriotas irlandeses. Contudo agora, cavalheiros, eu lhes digo, ou melhor, eu os previno de que devemos pôr de lado nossas diferenças.

Parou um segundo enquanto enxugava a transpiração da testa e depois prosseguiu:

— A causa do rei está perdida. O Parlamento prepara a mudança da corte do castelo de Carisbrook, onde Charles vem sendo mantido quase como prisioneiro há um ano, para o castelo de Hurst. Correm boatos de que o próximo passo será Windsor e um julgamento. Senhores, eu acredito nessas notícias.

O murmúrio de incredulidade foi interrompido pela voz calma de Rory O'More.

— milorde, é sabido que não simpatizo com o rei Charles e muito menos com seu governo. Todavia, não acredito que o Parlamento chegue a ponto de levá-lo a julgamento.

Ormonde sorriu pela segunda vez, porém com tristeza.

— O Parlamento, não, outros, sim. Depois de vencer a guerra, o Parlamento descobriu que não tem poder para governar, já que este se encontra nas mãos do exército.

— Cromwell? — indagou Patrick.

— Exatamente. Ele é um homem astuto e parece convencido de que apenas a morte do rei evitará e anarquia. Os ingleses são um povo respeitador das leis e, embora tenham derrotado o rei, continuam a considerá-lo um árbitro, de acordo com a lei. Eles o deixariam no trono, mas tendo poderes limitados. Se esse for o caso, segundo a Constituição, o Parlamento só poderá governar com o consentimento do rei. Com a morte de Charles, o Exército não teria dificuldade em dar um golpe e governar pela

força.

Ormonde ficou em pé e fitou cada um dos presentes.

— Se o exército puritano tomar as rédeas do governo nas mãos, virá para a Irlanda e, depois, à Escócia. Cromwell não terá outra escolha. Enquanto existir rebelião aqui, haverá o perigo do retorno da monarquia à Inglaterra, e isso ele não permitirá. Espero que os senhores reflitam e tomem a decisão acertada. Se agirmos separados, nenhum de nós poderá impedir o avanço de Cromwell. No entanto, unidos, talvez consigamos.

CAPÍTULO XXVII

FEVEREIRO DE 1649
BALLYLEE — IRLANDA

Apenas o farfalhar da saia anunciou a entrada de Maggie na sala. Fechou a porta devagar e encostou-se nela.

Conor estava sentado no vão da janela, com o queixo apoiado no joelho erguido e o olhar perdido na charneca pontilhada por fiapos de névoa. Na mão, encontrava-se a carta de Brian, chegada há pouco da Holanda. Maggie conhecia o conteúdo dela. Logo que a recebera, Conor havia reunido a família e lido a missiva.

A primeira parte dava notícias dos O'Hara na Europa. Maura juntara-se à diminuta corte da rainha Henrietta Maria na França e Brian se insinuara na do Príncipe de Gales, em Hague, na Holanda. O jovem herdeiro do trono da Inglaterra encontrava-se refugiado lá.

Seguia-se, então, a parte mais importante, as respostas de Brian às perguntas de Conor. No caso de Cromwell invadir a Irlanda, a família deveria fugir para a França. Quanto à aliança com as forças inglesas de Ormonde, Brian deixava a decisão a critério de Conor e Patrick.

Em silêncio, Maggie observava o jovem O'Hara e via nele a preocupação sentida ante a responsabilidade da resolução a ser tomada.

Conor sentiu a sua presença e virou-se.

— Maggie — disse ele baixinho.

Ela se aproximou e, curvando a cabeça, fitou-o ansiosa.

— Já chegou a uma conclusão? — perguntou temerosa.

— Já — respondeu ele depois de um suspiro profundo. — Conversei com Patrick e nós dois somos da mesma opinião: a aliança com Ormonde é a única saída. Se Cromwell vier para a Irlanda, será melhor combatê-lo no leste.

— E os outros, o que resolveram? — indagou ela.

As feições de Conor sombrearam-se com a raiva sentida.

— Phelim e Owen Roe negaram-se a uma união conosco, MacGuire defenderá apenas as próprias terras de O'More, mesmo que quisesse, não dispõe de tropas para nos ajudar.

— Por que a responsabilidade deve cair toda sobre você e Patrick?

— Ainda não nos esquecemos das palavras de meu pai. Ele dizia que, se Cromwell chegasse à Irlanda, iria acusar e culpar todos os católicos pelos excessos cometidos no início da rebelião, em 1641.

Maggie observou-lhe o perfil delineado de encontro ao cinzento do céu de fevereiro. Ele parecia mais velho a cada dia que passava e isso não era justo. Ambos eram muito novos ainda e já tinham vivido experiências dolorosas demais. Não haviam gozado de uma adolescência calma, durante a qual namorariam enquanto amadurecia o amor que os unia.

Conor levantou-se e tirou do pescoço uma corrente de ouro com uma pequenina cruz. Depois, removeu do dedo o anel do clã O'Hara e o colocou na corrente. Quanto fitou Maggie, seu rosto revelava determinação.

— Maggie-o — disse baixinho — não temos mais tempos para brincadeiras e provocações. Eu a amo. E você?

Com espontaneidade, Maggie enlaçou-o pelo pescoço. De repente, o desejava e queria dar a ele a mais bela coisa que uma mulher ofertava a um homem para revelar que lhe pertencia.

— Sim, O'Hara, eu o amo muitíssimo.

Com a respiração presa, ela viu Conor passar a corrente por sua cabeça e observar a cruz e o anel desaparecerem, pelo decote entre seus seios.

Ele a segurou pelos quadris e a puxou para junto de si. O calor das mãos atravessava o tecido do vestido e penetrava em sua pele. As pernas fraquejaram e ela se apoiou nele.

— Acredito que estejamos noivos — disse Conor, solene.

— Estamos, sim, e vamos selar o nosso compromisso com um beijo — Maggie respondeu e ergueu o rosto.

Os lábios se uniram com suavidade e meiguice que, aos poucos, foram se transformando em paixão. Era um beijo de jovens enamorados, incertos do que os esperava no futuro e que falava do amor de que sabiam há muito tempo, mas que só agora admitiam um para o outro.

— Conor? — chamou uma voz da porta.

Ainda com Maggie entre os braços, Conor levantou a cabeça e viu Patrick parado à entrada da sala, com ar preocupado.

— O que foi? — perguntou apreensivo.

— Chegou uma mensagem de Ormonde. O rei foi decapitado há duas semanas e Cromwell prepara-se para vir à Irlanda.

O vento cortante de março fazia a capa colar-se ao corpo de Shanna e soltava-lhe mechas de cabelo de sob o capuz. As mãos trêmulas e de veias azuis firmavam-se em duas bengalas.

— *Milady*, este vento vai lhe fazer mal. Seria melhor que voltasse lá para dentro e fosse se aquecer perto da lareira — aconselhou Dermott O'Higgin, aborrecido.

Shanna sorriu e argumentou:

— Depois de tudo o que passei, não há de ser um ventinho qualquer que irá diminuir os meus dias. Vou entrar logo, Dermott, apenas quero ver a última fileira desaparecer.

Na distância, a cavalaria, os lanceiros e as carroças começavam a perder a forma em meio à névoa. Em algum lugar à frente deles, ia a família O'Hara e os irmãos pequenos de Kate. Em duas semanas, chegariam a Drogheda e, um mês depois, velejariam para a segurança da França. Apenas Shanna se recusara a ir.

— Que teimosia, mamãe! — reclamara Patrick. — Eu a enrolarei numa manta e a carregarei à força.

— Não, meu filho, você não fará isso porque sabe que a minha decisão é tão acertada quanto aquela tomada por você e Conor. É muito bom que Kate tenha a criança na França, longe do rumor da guerra, e que os irmãozinhos dela cresçam num lugar seguro. Conor lutará melhor se souber que Maggie encontra-se lá, também a salvo, e a pobre Aileen, grande parte do tempo, não sabe mesmo onde está. Aqui, ela seria um problema na eventualidade de um cerco ao castelo. Agora, quanto a mim, Patrick, não. Estou muito velha e morreria mais depressa se não pudesse contemplar Ballylee todas as manhãs. Já vivi exilada uma vez e isso basta. Eu ficarei aqui.

E assim, Shanna se encontrava ali, na balaustrada do castelo, fitando a distância até ver o último cavaleiro desaparecer da visão.

— O'Higgin, com quantos homens contamos? — perguntou ela, enquanto caminhava com dificuldade para o interior do castelo.

— Perto de cento e cinquenta, *milady*.

— Use quantos você precisar para remover os ossos dos três O'Hara e de Tabolt para cripta sob a capela. Depois coloque pólvora nos quatro cantos dos alicerces da construção.

— Pólvora, *milady*. — perguntou o velho homem, surpreso com o pedido estranho.

— Isso mesmo — replicou Shanna com firmeza. — Você sabe tanto quanto eu que, se formos sitiados, não resistiremos. Quero que me dê a sua palavra de que antes de Ballylee cair em mãos inimigas, você explodirá a capela, soterrando a cripta. Certo, O'Higgin?

— *Milady* sabe que eu a obedecerei — o velho homem respondeu com

suspiro de tristeza. — Mas por quê?

Com os olhos brilhantes apesar da idade avançada, Shanna fitou o amigo de tantos anos.

— Se Ballylee vier a parar em mãos de estranhos, não quero que essas pessoas tenham a oportunidade de desrespeitar os ossos de meus pais, de meu irmão e de meu amado esposo. Desejo que fiquem bem escondidos e que ninguém jamais consiga tirá-los do seio da terra que tanto amaram.

SEGUNDA PARTE

CAPÍTULO XXVIII

AGOSTO DE 1649
DUBLIN — IRLANDA

O capitão Robert Hubbard foi o primeiro a saudar o general Oliver Cromwell quando este desembarcou do veleiro no porto de Dublin.

— Bem-vindo à Irlanda, senhor — disse o jovem oficial em tom respeitoso e comedido.

— É o chamado de Deus que me traz aqui, meu rapaz — declarou Cromwell com ar satisfeito. — Parabéns pelo seu trabalho, Hubbard. Sua liderança nos deu vitórias decisivas.

Robert observou o rosto do general, à procura de algum sinal de falta de sinceridade quanto ao elogio que lhe fizera. Satisfeito por não encontrar nenhum, resolveu que, aquela noite mesmo, faria o pedido de algo que fora seu objetivo primordial nesses últimos sete anos.

— O exército monarquista de Ormonde está aquartelado nas imediações de Trim — informou ao general. — Em nome da Irlanda, ele proclamou o Príncipe de Gales rei Charles II e está tentando reunir os rebeldes.

— Vem conseguindo êxito? — indagou Cromwell. Robert sorriu com desdém.

— Alguns se aliaram a ele, na maioria, os irlandeses ainda não se resolveram ao lado de quem lutar.

— Quando chegarem a uma conclusão, já estarão a caminho do inferno! — o general disse, a meio de uma gargalhada, porém ficou sério logo e perguntou: — E Drogheda?

— Ormonde mantém lá um regimento de dois mil e quinhentos homens a fim de defendê-la. Há ainda alguns civis sob o comando do governador, *sir* Arthur Ashton. Há semanas, bloqueamos a entrada da baía, por isso nenhum esforço pôde chegar pelo mar — Robert contou.

— Ótimo! Atacaremos Drogheda em primeiro lugar — disse Cromwell, resolutivo.

Durante as quatro horas seguintes, o próprio general fiscalizou o desembarque de suas tropas. Elas constavam de seis mil soldados de cavalaria e quatro mil desmontados.

— Não é um exército tão grande quanto o dos monarquistas e o dos irlandeses somados. Todavia, esses dois ainda não se juntaram e, mesmo que venham a fazê-lo, acredito que os venceremos. Nossos homens vieram lutar por um propósito. Daqui a dois anos, talvez menos, eles serão os novos cidadãos da Irlanda, pois será esta a recompensa que receberão.

A hospedaria Black Staff, perto da catedral de St. Patrick, fora reservada como alojamento de Cromwell. Quando o desembarque das tropas chegava ao fim, ele e os oficiais foram para lá a fim de jantarem.

A comida simples foi servida em pratos de madeira e a cerveja, em canecas de estanho. Durante a refeição toda, o general não falou em outra coisa a não ser na razão da presença deles na Irlanda e no mérito da missão.

— Não cometam enganos — recomendou ele. — Se os nossos termos não forem aceitos, não teremos piedade. O que fizermos nos próximos dois meses garantirá a nossa comunidade inglesa para sempre. A Irlanda é a chave e os ingleses sempre souberam disso. Esta maldita ilha é a porta de trás da Inglaterra e uma Irlanda católica nos atormentará por anos a fio. Naturalmente haveremos de vencer, pois os enviados de Deus jamais são derrotados.

Sério, Robert ouvia tudo com interesse fingido, já que não se importava que cada um interpretasse a vontade divina a seu modo. Os irlandeses também hasteavam a bandeira religiosa em suas guerras, contudo, todos, sem exceção alguma, lutavam pela mesma coisa: a posse da terra.

Uma hora após a refeição haver terminado, ele bateu na porta de Cromwell e entrou.

— Muito bem, rapaz, do que se trata? — o general indagou quando ele lhe disse que desejava pedir-lhe algo.

Durante sete longos anos, Robert esperara por esse momento e, talvez por isso, sentia-se nervoso a tal ponto de quase falar com humildade. Para grande alívio seu, Cromwell ouviu-o sem interrompê-lo e, no fim, sacudiu a cabeça em sinal de aprovação absoluta.

— Muito justo, capitão, considerando-se a excelência dos seus serviços. Justíssimo!

Ao sair da sala e fechar a porta, Robert mal podia conter a euforia provocada pelo êxito de seus esforços. Com o simples traçar da pena, Oliver Cromwell havia transferido a propriedade de Ballylee para o seu nome. A posse só se daria depois da conquista e, a preservação posterior, com a admissão do nome do clã. A primeira não o preocupava, pois a considerava garantida e, sobre a segunda, pensaria mais tarde.

CAPÍTULO XXIX

SETEMBRO DE 1649
DROGHEDA — IRLANDA

Através das aberturas estreitas e retangulares do campanário de St. Peter, o olhar atemorizado de Maggie percorria os telhados da cidade de Drogheda. Além do rio Boyne ficava South Quay, o porto, e as alamedas estreitas que iam até a igreja de St. Mary e o portal Duleek.

Em algum lugar das muralhas de Duleek, ou na alta torre da igreja, Conor e Patrick esperavam. Melhor do que ela, eles podiam ver as fogueiras do acampamento das tropas de Cromwell nos campos fora da cidade.

Há cinco dias que elas vinham chegando pelas colinas ao sul de Drogheda e ninguém conseguia descobrir de quantos milhares se compunham. A cada noite, o número de fogueiras aumentava no acampamento. Mesmo assim, não haviam enviado ainda a comitiva com os termos de rendição, ou atacado.

Maggie lembrava com nitidez as palavras de Patrick.

— Cromwell é de uma astúcia diabólica. Ele gostaria de ser atacado por Ormonde nos flancos, certo de derrotá-lo, e com isso nos tirar a esperança de reforço.

Um gemido que já se tornara familiar chamou a atenção de Maggie e ela se virou para o interior do pequeno cômodo onde Kate se encontrava. O aspecto da criança, sob a claridade de uma única vela, parecia irreal.

Maggie não chegou a se aproximar do catre de Kate porque Aillen o fez primeiro. O bebê havia nascido morto há três dias e, desde então, ambas se revezavam nos cuidados à pobre moça, cuja tristeza era imensa.

Patrick chegara às raias do desespero e todos tinham tentado acalmá-lo. O nascimento fora prematuro e ele culpava a situação crítica e a si mesmo pelo fato. Esforçaram-se por convencê-lo de que ninguém, muito menos ele, era responsável pelo fato de o navio contratado por Brian na França não ter podido deixar o porto de lá.

A exemplo do que acontecera na Inglaterra, o Parlamento de Paris, em agosto de 1648, havia finalmente se rebelado contra a tirania do cardeal Mazarin, que controlava o poder. Toda a França se tumultuara com a

chamada Fronde Rebellion e, como resultado, até agora Paris e todos os portos franceses continuavam bloqueados.

Mesmo que o navio tivesse partido da França, não teria conseguido chegar até ali por causa da armada de Cromwell, ancorada na foz do rio Boyne em Drogheda.

O temor de Maggie recrudescia só de pensar nesses navios. As palavras calmas e animadoras do governador de Drogheda, *sir* Arthur Ashton, de forma alguma a tinham sossegado.

— As muralhas de Drogheda têm perto de sete metros de altura e dois de largura. Elas são impenetráveis, ainda mais com os orifícios na torre da igreja de St. Mary e no portal Duleek, por onde atiraremos. Aquele que conquistar Drogheda poderá invadir o inferno.

Ali, no campanário úmido, com os gritos das crianças O'Hanlon, os gemidos de Kate e a visão das fogueiras no campo inimigo, Maggie tinha a impressão de já estar no inferno.

Naquele dia, ela havia atravessado o Boyne e feito o trajeto todo ao longo da rua Juleek até o portal. Os efeitos do cerco já começavam a aparecer. O lixo se acumulava do lado de fora das casas. Por trás das janelas, vislumbravam-se olhares assustados de crianças e, nos cantos das ruas, grupos de pessoas conversavam em tons abafados.

Maggie subira as escadas da muralha até a balaustrada, à procura de Conor. O que vira de lá fora alarmante. A névoa rodopiava, empurrada pelo vento frio por entre as barracas, e Maggie conjecturara quanto tempo mais o inimigo se sujeitaria a ficar exposto à intempérie quando o abrigo das casas de Drogheda encontrava-se tão perto.

Como desde a chegada deles ali, ela e Conor só puderam ficar juntos por uns poucos minutos. Mal trocaram um beijo, que apenas servira para lhes aumentar a frustração, e tiveram de se separar para que ele fosse cuidar de algo urgente.

Com calções cinza, botas pretas da cavalaria e o emblema verde-amarelo dos O'Hara na túnica, Conor apresentava uma elegância masculina que surpreendia e assustava Maggie ao mesmo tempo. Fora com relutância que o vira ir embora.

Agora de noite quase todo sinal de vida desaparecera da cidade para se esconder atrás de portas trancadas e janelas cerradas. Os únicos ruídos que se ouviam de vez em quando eram o chamado na hora de troca de sentinelas ou o marchar cadenciado de soldados.

O dia amanheceu mais úmido do que a noite. No alto da torre da igreja

de St. Mary, *sir* Arthur Ashton batia a perna de madeira nas pedras do chão, enquanto, frustrado, conferenciava com o tenente-coronel Boyle e *sir* Robert Hartlepoole, seus dois imediatos. Os oficiais de postos subalternos, entre eles Conor O'Hara e Patrick Talbot, mantinham-se à frente dos orifícios para tiroteio, observando a movimentação do inimigo. A chuva fria batia-lhes no rosto com um leve sabor de sal marinho imprimido pelo vento forte.

— Quantos você pode contar? — perguntou Conor.

— Daqui posso ver onze canhões de cerco e pelo menos doze de campo.

— E quantos homens?

— Demais para serem contados — murmurou Patrick.

— Vejam lá! Uma bandeira branca! — gritou alguém.

Todos firmaram o olhar na direção apontada. Um grupo de três cavaleiros, sob a proteção da flâmula branca, escalava a colina em direção ao portal Duleek.

— Cavalheiros, creio que o momento esperado chegou — Ashton anunciou, solene. — Coronel Boyle, o senhor os receberá no portal.

Ninguém desviou o olhar dos três cavaleiros que se aproximavam enquanto o barulho das botas de Boyle nos degraus de pedra ecoavam na torre.

— Sentinela da muralha! — gritou o líder dos três, completamente vestido de preto.

— Sim! — foi a resposta.

— Sou o capitão Robert Hubbard, do exército do Parlamento na Irlanda, enviado pelo tenente-general Oliver Cromwell, com o pedido de rendição da praça forte de Drogheda!

Em seguida, viram Boyle dar um passo à frente, bater continência e apanhar o documento das mãos do capitão. Este percorreu o olhar pela muralha e pela torre alta e depois declarou na voz ressonante de barítono: — Somos mais de dez mil soldados e contamos com pesados canhões de cerco. Sabemos que há menos de três mil homens aí dentro. Vocês têm duas horas para se decidirem. Se no prazo desse tempo não enviarem uma resposta, o ataque começará!

Boyle desapareceu nas sombras do portal e os três cavaleiros, depois de inclinarem a bandeira branca em direção à muralha e à torre, viraram as montadas e iniciaram o regresso ao acampamento.

Minutos mais tarde, Ashton quebrava o lacre do documento e começava a lê-lo em voz alta.

“Senhor, por causa da sua rebelião e da matança de almas protestantes

inocentes, o exército do Parlamento da Inglaterra se viu forçado a vir a este lugar. Como comandante de tal exército e soldado de Deus, considero meu dever ensinar a obediência aos moradores dessa cidade.

Tive a paciência de examinar com cuidado o seu comportamento e afirmo-lhe que ele me provoca desprezo. Para ser breve, afianço-lhe que serei clemente com os soldados e oficiais subalternos, poupando-lhes a vida e dando-lhes permissão de regressarem a suas casas, levando apenas as roupas do corpo. Eles terão de passar a viver em paz e jamais levantarem novamente armas contra o exército do Parlamento. Quanto aos oficiais do escalão mais alto, também terão as vidas poupadas, porém serão levados prisioneiros. Em relação aos habitantes, eu me empenharei para que não sofram violências e que os seus bens não sejam saqueados.

Espero sua resposta positiva de aceitação destes termos e o instruo para que me envie quatro oficiais superiores a fim de assinarem o documento de rendição. Proibirei, então, todo e qualquer ato de hostilidade.

Todavia, se estas condições não forem aceitas, lembre-se de que as leis de guerra e cerco são bem claras e não determinam a outorga de clemência. Portanto, o derramamento de sangue não poderá ser evitado e, perante Deus, a culpa não recairá sobre mim.

Seu servo, O. Cromwell.”

O silêncio que tomou conta do ambiente foi sepulcral, como se os sinos já comesçassem a dobrar anunciando a morte. Todos ali sabiam que, se não aceitassem os termos de rendição e a cidade fosse invadida, não só os soldados seriam mortos mas os civis também, em grande parte.

O rosto de *sir* Arthur estava lívido, porém o olhar revelava determinação.

— Os senhores conhecem já a minha decisão, porém ela não cabe só a mim. Vão ao alojamento de cada um e consultem seus oficiais subalternos. Voltem no prazo de uma hora.

À volta do meio-dia, os canhões iniciaram o bombardeio às muralhas de Drogheda. O ataque se concentrava abaixo da torre de St. Mary e nas duas laterais do portal Duleek. Quase de imediato, a pedra começou a lascar.

Durante cinco horas, os estrondos portentosos encheram o ar e, diante dos olhares atônitos dos defensores da cidade, as brechas nas muralhas foram se alargando.

Depois veio o silêncio, desolado e terrível, até que os homens encolhidos ao lado das fendas, pensaram em gritar a fim de interrompê-lo. Por sobre o entulho, Conor e Patrick trocaram um olhar tenso. Ambos sabiam da

necessidade de impedir os invasores de cruzarem o rio Boyne e chegarem ao norte da cidade. Se Cromwell pudesse ser detido por algum tempo no sul, ainda havia esperanças de Ormonde chegar com reforços.

— O que é isso? — perguntou Conor referindo-se a uma cantilena vinda do lado de fora das muralhas.

— Hinos — respondeu Patrick. — Eles os entoam enquanto marcham.

— Maldição, pior do que as gaitas escocesas!

Logo depois, eles os viram. Três mil soldados aproximando-se como um todo por entre a névoa úmida. O primeiro ataque repellido graças à resistência dos sitiados e como o segundo não pudesse ser preparado por já ser quase noite, ambos os lados retrocederam.

Cromwell recebeu o cômputo de mortos e feridos com fúria íntima, todavia falou com voz calma.

— As fendas nas muralhas não são largas o suficiente para os cavalos passarem. Amanhã, de madrugada, os canhões farão novo bombardeio e, com a ajuda de Deus, a cidade será nossa ao cair da noite.

— Uma vez abertas as passagens e nós consigamos entrar na cidade, não ofereceremos mesmo clemência? — perguntou um dos oficiais.

— Sabem muito bem como eu odeio esses irlandeses pagãos. Lamento que haja ingleses lá, porém foi por vontade própria que se juntaram aos ímpios. Não, nada de piedade — declarou Cromwell, irredutível.

Do lado interno das muralhas, os homens exaustos praticamente dormiam em pé. No campanário de St. Peter, Aileen, Kate e Maggie, sentadas em silêncio, fitavam-se estarecidas. As crianças haviam adormecido finalmente, depois de terem chorado de medo quase o dia todo.

Até então, Aileen e Kate só tinham travado conhecimento com a guerra através das baladas e histórias dos cronistas. Nenhuma das duas presenciara derramamento de sangue nem ouvira o ribombar de canhões ou o som metálico do choque de espadas. Apenas Maggie, quando pequenina experimentara o horror de um cerco. Os acontecimentos desse dia tinham trazido de volta à sua lembrança o sofrimento vivido quando os escoceses escalaram as muralhas de Ballyhara.

Agora, depois de terem testemunhado pelas aberturas estreitas do campanário a carnificina ocorrida, não se atreviam a falar, muito menos a expressar o medo com o que, talvez, pudesse ter acontecido a Conor e Patrick.

O ruído de passos pesados nas escadas pôs Maggie de sobreaviso. Apanhou o mosquete e apontou-o para a porta, pronta a se defender, e às

companheiras, contra saqueadores que costumavam tirar proveito de momentos como aqueles.

Ouviu-se uma batida leve na porta e uma voz.

— Sou eu, Conor.

— Conor! — exclamou ela aliviada, largando a arma e correndo para destravar a porta. Atiraram-se nos braços um do outro e, em prantos, Maggie murmurou:

— Graças a Deus, graças a Deus, Conor!

Com a ajuda de Aileen, Kate se levantou e, numa voz incerta, perguntou ao rapaz:

— E Patrick?

— Ele está bem, Kate. Nós dois sobrevivemos. Mas há muito para ser feito esta noite — afirmou ele.

Contra a vontade, separou-se de Maggie e saiu pela porta para voltar logo em seguida, com uma trouxa enorme.

— Aqui há mantas para enrolar as crianças e roupas de homem para vocês três.

— Para quê? — Maggie perguntou espantada.

— Patrick descobriu uma maneira de tirar vocês da cidade — respondeu Conor ao fitá-las com um sorriso animador.

As chamas das lanternas penduradas nas paredes abaixavam e quase se extinguíam ao menor sopro de vento. Entre cada uma havia uma boa distância onde reinava a mais profunda escuridão. Por essa razão, Conor os fazia caminhar ligados por uma cordinha. Ele ia na frente, seguido por Kate, Aileen e as crianças enquanto Maggie, em último lugar, mantinha o olhar atento para que ninguém se desviasse.

Eles se mantiveram afastados das ruas Ship e St. Peter e faziam o percurso através de becos e vielas, tendo como guia o cheiro que vinha do rio.

— Aqui — Conor sussurrou ao parar de repente sob a tabuleta de um fabricante de velas.

Ele bateu, de leve, três vezes na porta e ficou à espreita até ouvir outras tantas batidas vindas do interior. Logo a porta se abriu para revelar uma escuridão tão intensa como a da rua.

— Patrick? — chamou Kate baixinho.

— Sim, sou eu, minha doçura. Entrem todos depressa e tomem cuidado porque há três degraus.

Um a um, eles passaram pela abertura da porta e desceram a pequena escada. Foram dar num aposento grande, de teto alto, com vigas à mostra.

Pelos cantos, viam-se fôrmas e tachos de cera, além de outros utensílios usados na fabricação de velas.

— Este é o grupo todo? — perguntou um homem de voz vigorosa e faces quase tão vermelhas quanto os cabelos.

— E, sim senhor — respondeu Patrick, e depois o apresentou aos outros: — O Sr. Colin Dougherty.

Kate fitou o homem surpresa.

— Não está me reconhecendo, menina? Sou tio da pequenina Cathy, a mulher de Timothy.

— Ele resolveu nos ajudar a tirar vocês de Drogheda — explicou Patrick.

— É o mínimo que eu poderia fazer pela família que recebeu meu irmão, a mulher e as filhas em Ballylee. Além do mais, quando os rapazes me encontraram, eu já ia mesmo fugir.

— Vamos por aqui — orientou Patrick em resposta aos olhares indagadores de Kate, Maggie e Aileen.

Depois de acender na tocha da parede uma outra, ele conduziu todos ao cômodo ao lado. Lá, Dougherty afastou uma mesa rústica e duas cadeiras e depois enrolou um tapete que ficava sob elas. Com isso ficou exposta a argola de ferro de um alçapão que ele puxou.

— É uma saída clandestina que vai dar no rio — explicou Dougherty, desaparecendo na escuridão. — Tomem cuidado com os degraus estreitos e escorregadios.

Com uma tocha na frente e outra atrás, as três mulheres desceram; depois foi a vez das duas crianças e, finalmente, de Conor e Patrick.

Em fila, caminharam até um ponto em que o barulho do correnteza do rio se tornou bem forte. Dougherty os fez parar e explicou:

— Temos de apagar as tochas agora, pois, depois desta curva, poderemos ser vistos.

Continuaram no escuro, mas não por muito tempo. Logo saíram na margem rochosa do rio Boyne. Podiam ver as luzes das casas ao longo do porto na outra margem.

— Aqui, rapazes — chamou Dougherty. Os três homens puxaram uma balsa estreita de uma gruta nas pedras e conseguiram arrastá-la até a água.

— Pelo que vejo, Dougherty, você fez muito contrabando por aqui — comentou Patrick, com um sorriso.

— Fiz mesmo, porém nunca com uma carga tão preciosa como a desta noite! Agora vamos acomodá-las na balsa.

As crianças, depois de subirem, receberam ordem de se deitarem e

segurarem numas alças de couro. Kate deveria se acomodar entre elas e assumir a responsabilidade de dirigir Dougherty, que, com o corpo dentro da água atrás da balsa, serviria de leme.

— Não! — protestou Kate, ao afastar-se da margem. — O que deu em você, Kate? — gritou Patrick.

— Eu não quero ir!

— Nem eu — Maggie declarou.

— Ficaram loucas, as duas? — indagou ele, exasperado. Kate o abraçou em prantos.

— Esperei tanto tempo para ficar ao seu lado que não suporto a idéia de me separar agora — disse aos soluços.

— Você deve ir, Kate. Pense nas crianças e em Aileen. Dougherty não poderá cuidar delas quando alcançarem a correnteza no centro do rio.

Maggie, também chorando e abraçada a Conor, reclamou:

— Não tivemos a oportunidade de passar uma única noite juntos e eu queria ficar para podermos fazer isso.

— Ora, Maggie-o, parece que você não tem confiança na vida! Entre logo na água. Quando chegar o tempo certo, nós faremos muitos filhos — disse Conor com firmeza.

— Não! — gritou ela, teimosa.

— Venham já, as duas!

A ordem enérgica chegou de trás de Kate e Maggie. Ambas viraram-se ao mesmo tempo e não puderam esconder a surpresa. Aileen, dentro do rio, com água até as coxas e as mãos na cintura, as fitava de modo autoritário. Pela primeira vez em muitos meses, havia vida em seu olhar.

— Será que não me ouviram? — questionou ela. — Venham logo! Se eles estão empenhados numa guerra, não poderão lutar por detrás de nossas saias. Se morrerem, nós não teremos a oportunidade de chorar por eles se também estivermos mortas — argumentou em voz cortante.

A antiga Aileen havia retornado e, na ausência de Shanna, era ela a matriarca do clã. Kate e Maggie, humildes, encaminharam-se para a água. A primeira tomou o seu lugar entre as crianças enquanto a segunda postava-se ao lado de Dougherty dentro da água. Junto a eles iria a própria Aileen.

— Isso mesmo — disse o homem. — Batam as pernas como sapos e quando alcançarmos a correnteza forte do meio do rio, façam apenas o que eu mandar.

Patrick e Conor ajudaram a empurrar a pequena embarcação até o ponto em que a água lhes batia no peito. Pararam, então, e ficaram onde estavam

até ver o barco desaparecer no nevoeiro mais abaixo.

— Deus os acompanhe — murmurou Conor.

— E fique também conosco, meu rapaz — disse Patrick com um suspiro ao mesmo tempo em que punha o braço sobre os ombros do sobrinho. —, Tenho medo de que amanhã vejamos o nosso último alvorecer.

A água estava fria, porém o instinto de sobrevivência os mantinha parcialmente aquecidos. Mais de uma vez, quando a balsa rodopiava insegura, Kate teve de acalmar as crianças. A correnteza no meio do rio era fortíssima e exigia um esforço sobre-humano de Aileen e Maggie a fim de baterem as pernas no mesmo ritmo. Depois de algum tempo, as de Maggie perderam a sensibilidade e ela não sabia mais se as movimentava ou não. Aileen gemeu alto e murmurou:

— Acho que não agüento mais. Meus braços...

— Pode, sim — estimulou Kate, alarmada com os períodos cada vez >. mais longos em que a cabeça dela ficava sob a água.

Esticou o braço por sobre as crianças e enlaçou os dedos nos cabelos loiros de Aileen, puxando-lhe o rosto para a superfície. Ela a fitou agradecida e, de alguma forma, encontrou energia para continuar batendo as pernas.

— Ei, estou ouvindo um barulho — sussurrou Maggie.

— Estamos nos aproximando de uma curva — explicou Dougherty. — Com certeza há sentinelas lá. A correnteza nos levará para bem longe da margem. É aqui...

Ele não terminou a frase. Uma rajada forte de vento, logo após a curva, dispersou o nevoeiro que os escondia. Forças do Parlamento surgiram, iluminadas por tochas em postes altos. Uma sentinela na margem direita gritou:

— Uma balsa!

Imediatamente ouviu-se uma rajada de tiros.

— Batam as pernas com força e depressa! — ordenou Dougherty, alarmado.

A menos de cinqüenta metros mais abaixo o nevoeiro aparecia de novo e, se pudessem alcançá-lo, estariam em segurança.

Kate! Ecoou o grito de uma das crianças. Através da água que lhe escorria pelo rosto, Maggie viu uma mancha rubra espalhar-se nas costas da menininha.

No instante seguinte, Kate pedia socorro a Maggie. Havia deixado a balsa rodopiar de lado e ela agora passava sobre o corpo de Aileen.

— Maggie, Maggie, não consegui segurá-la. Ela deslizou para baixo da

balsa.

Desvairada, Maggie procurou pelos cabelos loiros de Aileen, mas não os via de lado algum. Nesse momento, um movimento mais forte e repentino da correnteza arrancou-lhe a balsa das mãos.

— Maggie! — gritou Kate outra vez, enquanto a embarcação, desgobernada, sumia no nevoeiro.

Desesperada, Maggie debatia-se na água. Ouvia uma voz chamando por Aileen e levou alguns segundos para perceber que era a sua própria.

A correnteza parecia diminuir, porém não conseguia encontrar Aileen. Gritou-lhe o nome várias vezes, numa voz desvairada, mas a resposta não veio.

“Aileen se foi”, pensou triste. “Todos se foram e eu estou tão cansada. Minhas pernas parecem de chumbo e não posso mais mexer meu braços. O corpo... está... tão pesado. Estranho como tudo parece quente.”

Sentiu um relaxamento gostoso, uma paz bem-aventurada enquanto a água se achava sobre ela. Não havia mais ruído algum, apenas um vazio escuro que a engolfava ao mesmo tempo em que começava a rezar: “Santa Mãe de Deus. Venho ao teu...”

De repente, seu corpo foi arrancado do entorpecimento aconchegante em que se encontrava e o ar frio o envolveu.

— É uma moça! — exclamou uma voz surpresa de homem.

— Está morta? — perguntou outra, com indiferença. Ela sentiu o toque grosseiro de uma mão em seu peito.

— Não, está viva.

Maggie entreabriu os olhos e viu os elmos negros e arredondados dos soldados do Novo Exército de Cromwell.

— Avante! *Avante* — gritou Robert Hubbard ao mesmo tempo em que brandia a espada a tudo que se movimentava a frente dele.

Impetuoso, ele instigou o garanhão branco por sobre o entulho do que fora inexpugnável muralha, na opinião de *sir* Arthur Aston, de Drogheda. À frente dele, lanceiros moviam-se como uma cunha de aço, forçando os defensores a recuarem. Se um caía, imediatamente era substituído.

As brechas de ambos os lados do portal Dullek tinham dobrado de largura durante o bombardeio da manhã. A cavalaria agora passava por ela atrás de Hubbard. Tudo se transformou num verdadeiro caos. Ordens e contra-ordens se intercalavam enquanto o invasor forçava os defensores da cidade a recuarem. Estes, mantendo um mínimo de ordem, afastavam-se da rua Dullek, rumo à fortificação secundária de Mill Mount. Mal se instalaram

lá, dispostos a enfrentar o capitão Hubbard que os seguia, quando foram atacados no flanco pelo general Cromwell, no comando de mil homens.

— Coronel Ewer, capitão Tolins! — rugiu o general.

— A postos, senhor!

— Levem suas tropas ao porto e à ponte levadiça. Impeçam qualquer retirada através do rio. Capitão Hubbard, como está a situação aqui?

— Boyle defende a muralha sul e Ashton a do norte. Requisitei a rendição de Boyle e ele quer saber os termos.

— *Termos*, capitão? Todos foram unânimes na resolução de perecer em vez de entregar a cidade. Pois que pereçam!

— Sim, senhor — replicou Robert, indiferente, já que a ele não importava se o inimigo morresse, ou não.

No comando de mil homens, entre os da cavalaria e os que marchavam a pé, Cromwell atacou a fortificação de Mill Mount e o capitão Robert Hubbard, com o mesmo número de homens, concentrou-se nas muralhas. Mais da metade dos oitocentos soldados de Ashton e Boyle pereceram no primeiro assalto.

Hubbard feriu o tenente-coronel Boyle e foi o primeiro a atravessar o círculo de defensores à volta de *sir* Arthur Ashton. Já esporeava o cavalo em direção ao comandante das forças da cidade quando três soldados das tropas de Cromwell passaram por ele a galope. Ao chegar perto de Ashton, eles já lhe haviam arrancado a perna de madeira e o golpeado com ela até o matarem.

Com duzentos homens, Patrick e Conor defenderam a ponte levadiça sobre o rio Boyne por mais tempo que puderam. Finalmente, dominados pela superioridade numérica do inimigo, tiveram de abandoná-la, sem tempo, contudo, de levantá-la.

Metro a metro, em luta ferrenha e com grandes perdas, foram subindo pela Ship Street. De todos os lados, constataavam a carnificina impiedosa não só de seus soldados como também de civis que, porventura, se encontrassem no caminho.

— Deus amantíssimo! — gritou Conor, revoltado.

— E verdade mesmo que eles não pretendem demonstrar clemência. Parece que têm sede de sangue — respondeu Patrick.

— Ei, rapazes, vamos para a igreja de St. Peter.

Reduzidos a trinta homens, eles conseguiram se refugiar no templo e colocar barricadas nas portas. Por algum tempo, houve uma trégua na luta que se reiniciava logo depois.

De olhos arregalados pela fúria, o inimigo, numa massa humana e sem se importar com a segurança, arrombou as portas. Fileira atrás de fileira, eles caíam, vítimas da pontaria dos mosquetes irlandeses entrincheirados na igreja. Mesmo assim, eles continuaram a avançar até que as escadarias de entrada ficassem entulhadas de corpos.

— Afastem-se para as extremidades da praça! — soou uma enérgica voz de comando.

Os capitães Edward Tomlins e Robert Hubbard acabavam de chegar ao local.

— Eles poderão manter a posição por horas — declarou o primeiro.

— De fato — concordou o outro. — Sargento!

— Sim, capitão.

— Expulse para a rua todas as pessoas que estão nas casas à volta da praça — ordenou Hubbard.

— Uma proteção humana? — indagou Tomlins!

— Exatamente. Você não lê a sua Bíblia, Tomlins? Está lá no Salmo 137: “Feliz aquele que pegar em teus filhos e der com eles nas pedras”. O sacrifício de mulheres e crianças deve ser permitido como direito de guerra.

O sargento desapareceu em cumprimento da ordem e não demorou a retornar com a informação de que todos já se encontravam fora das casas. Os dois capitães se entreolharam e depois sacudiram os ombros, numa demonstração de indiferença.

— Sargento, invada a igreja — comandou Hubbard.

Patrick, Conor e os companheiros já haviam recarregado os mosquetes e avaliavam a situação.

— Fique aqui nas laterais das portas com a metade dos homens, Conor. Eu vou para o campanário com o resto — determinou Patrick e depois acrescentou: — Não há dúvida de que estamos perdidos, mas vamos fazer o possível para agüentar até o anoitecer. Então será cada um por si mesmo. Livrem-se das túnicas e tentem alcançar o rio. É nossa única saída.

Eles mal haviam subido ao campanário quando um soldado em frente a uma das aberturas, gritou:

— Tenente, venha ver!

Patrick correu e ficou horrorizado ao ver a primeira fileira que avançava para a igreja.

— Deus do céu! — murmurou ele.

Ao alcançar a muralha leste, Conor sentia os pulmões a ponto de explodir. Os olhos estavam vermelhos e o rosto enegrecido pela fumaça. A

uns cento e oitenta metros a oeste, as chamas da igreja de St. Peter subiam ao céu.

Tudo estava terminado e eles tinham sido derrotados de maneira irreversível, além da grande maioria haver perecido. Lágrimas amargas encheram-lhe os olhos e ele os fechou na tentativa de apagar da memória as lembranças terríveis do que haviam testemunhado.

Isso parecia impossível, pois as imagens continuavam a desfilar ante seus olhos, como se tudo estivesse acontecendo de novo. O diabo astuto, no garanhão branco, seguia as densas fileiras de mosqueteiros e lanceiros que, por sua vez, marchavam precedidos por velhos, mulheres e crianças.

Ao vê-los, Conor não fora capaz de ordenar a seus homens que atirassem e nem eles o teriam obedecido. Patrick devia ter tido a mesma reação, já que nenhum tiro partira do alto do campanário.

Apenas quando as forças do Parlamento começaram a atirar por cima de seus ombros e cabeças, os civis debandaram. Com o caminho livre, lá da igreja tentaram responder ao ataque, porém era tarde demais. Em questão de minutos, o átrio fora invadido por um contingente enorme.

A última coisa de que Conor se lembrava era da coroa de um mosquete baixando-se em sua direção. Depois, tudo escurecera. Ao recobrar os sentidos, vira-se sob uma pilha de corpos, com a cabeça latejando e sangue escorrendo de um corte no couro cabeludo. Pelo menos estava vivo, o que não acontecia com os outros à sua volta.

Em seguida, ouvira gritos vindos do campanário e se dera conta de que a fumaça enchia a igreja. Cheio de cautela, Conor afastara a perna de alguém que lhe bloqueava a visão e descobrira o plano do inimigo.

Os bancos de madeira da igreja tinham sido amontoados no pequeno vestíbulo das escadas para o campanário e depois incendiados.

Em pouco tempo, a fumaça ficara tão densa que Conor mal podia respirar ou enxergar. Cauteloso, ele deslizara por entre os corpos, ao longo da nave, e saíra pela porta da sacristia sem que ninguém o visse.

Teria sido ele o único sobrevivente?, refletia agora enquanto respirava arquejante. Essa era uma possibilidade bem real, conscientizou-se, e as lágrimas de pesar começaram a abrir uma trilha no rosto enegrecido pela fumaça.

“Patrick!” pensou angustiado. “Estaria o primo e camarada querido no meio das chamas daquela pira?”

“Será cada um por si mesmo. Livrem-se das túnicas e tentem alcançar o rio.”

O conselho de Patrick soou com clareza em sua mente. Embora exausto e com todos os músculos doloridos, Conor arrancou a túnica, já em frangalhos, e o colete de couro. Ficou apenas com os calções e a camisa de cambraia, que não o identificariam como soldado.

Colado à sombra da muralha, iniciou o trajeto na direção sul rumo ao rio. A certa altura, teve de se esconder num buraco até que alguns soldados conduzindo um grupo de mulheres e crianças passassem e sumissem de vista.

Levou muito tempo para chegar às proximidades do porto e encontrou a região toda cheia de patrulhas. Resolveu retroceder e já ia entrar numa viela escura, quando uma voz o interpelou:

— Ei, rapazinho, está querendo escapular da cidade? Conor levou a mão à adaga no cinto.

— Saia de onde está escondido para que eu possa vê-lo — disse ele.

Um velho encurvado e calvo apareceu sob a pouca luz reinante e explicou:

— Não precisa ter medo de mim. Você é irlandês, não é? Eu também.

— Certo — concordou Conor.

— E então, não quer deixar a cidade? — insistiu ele.

— Sabe de algum caminho livre, meu velho? — Conor perguntou, com uma sombra de esperança.

— Sei, sim. Não terá uma moedinha para me dar?

— Não tenho nada — replicou Conor triste.

— Não faz mal, rapaz, afinal você é irlandês. Venha comigo, sem medo. Conor seguiu o velho por um emaranhado de becos e ruazinhas escuras até perder completamente o senso de direção. Finalmente, ouviu o som familiar da corrente de água.

— Desça por aqui — orientou o guia, apontando para um canto imerso na mais absoluta escuridão. — Cuidado com os degraus, são altos e escorregadios.

Conor não podia ver nada. Deu um passo na direção indicada e a bota pisou no vazio. Com um grito, ele caiu de uma boa altura e atingiu o solo com um baque surdo.

Pouco depois, acendeu-se uma tocha e Conor viu-se no meio de um círculo de soldados com as espadas desembainhadas.

— Aí vai mais um, sargento — gritou o velho lá de cima. — Se me pagar depressa, vou caçar outro que esteja tentando fugir.

— O que disse, capitão? — Cromwell indagou enquanto continuava a

massagear as têmporas com a ponta dos dedos.

— Já temos uma estimativa das perdas do inimigo, general — informou Hubbard.

— Muito bem, qual é?

Robert desenrolou um pergaminho e pôs-se a ler com voz monótona e insensível.

— Oficiais superiores mortos: *sir* Arthur Ashton, *sir* Robert Hartlepoole, lordes Garson, Harrison e Mclean além de dezessete lordes de clãs irlandeses, quatro coronéis, quarenta e dois capitães, quarenta e quatro tenentes-coronéis e majores. Entre oficiais subalternos contam-se quarenta e quatro tenente se duzentos e vinte cadetes. Há ainda todos os componentes de quarenta e quatro companhias, o que dá um total de dois mil, trezentos e trinta e dois mortos.

Hubbard terminou a leitura e manteve-se em posição de sentido até Cromwell, depois de algum tempo, erguer o olhar.

— O senhor deseja que se faça também a contagem do civis mortos? — inquiriu o capitão.

— Não. Há algum sobrevivente da guarnição?

— Sim, senhor, dois tenentes, Moore e Patrick Talbot. O primeiro é inglês e o segundo, irlandês. Talbot está ferido, quebrou uma perna ao saltar do campanário de St. Peter quando incendiámos a igreja.

Cromwell franziu a testa com ar de incredulidade.

— Pulou do *campanário*!!

— Isso mesmo — Robert confirmou com voz indiferente — e com as roupas em chamas.

O general sacudiu a cabeça, admirado da proeza praticada por um homem disposto a viver.

— Bem, são os únicos?

— Não, senhor. O tenente-coronel Boyle também está vivo. Eu o feri em Mill Mount. Ele se encontra agora em prisão domiciliar, na companhia da viúva de lorde Garson.

— Quanto aos dois tenentes, mande acorrentá-los como prisioneiros — instruiu Cromwell. — Vamos usá-los como exemplo do que acontece àquele que desafiam os enviados de Deus.

— E o oficial superior Boyle? — indagou Hubbard.

— A ele, aplique-se o castigo por não haver aceitado nossos termos de rendição — ordenou o general.

Meia hora mais tarde, o capitão Hubbard entrava na sala de jantar da

casa de lorde Garson, em Drogheda. O tenente-coronel Boyle, com o braço esquerdo numa tipóia, e *lady* Jane Garson acabavam de sentar à mesa.

— Com a sua licença, senhor — disse Hubbard ao se aproximar de Boyle e dizer-lhe algo ao ouvido.

— Muito bem, capitão — replicou o tenente-coronel. — Ele esperou até que Hubbard deixasse a sala e, então, ergueu o copo de vinho em direção à senhora que estava à sua frente. — Meus agradecimentos pela refeição, *lady* Jane, porém lamento não ter tempo para apreciá-la.

Boyle levantou-se e apanhou o elegante chapéu de plumas de um móvel ao lado.

— Coronel, aonde vai a uma hora dessa? — indagou *lady* Garson, sem esconder a surpresa.

— Tenho um encontro, madame, com a morte — declarou ele com formalidade.

Reconheceram-se no mesmo instante em que se avistaram a distância e através da massa humana que se comprimia. Gritando o nome dele, Maggie atirou-se nos braços de Conor enquanto lágrimas de alegria lhe escorriam pelas faces. Ele enterrou o rosto nos cabelos cor de cobre, tão emaranhados agora, ao mesmo tempo em que lhes comprimia as costas com as mãos numa ansiedade de comprovar que não estava sonhando.

— Ai, Conor, Conor — dizia ela ao beijá-lo no rosto, no pescoço e nos ombros. — Eles informaram que a guarnição toda havia morrido!

Isso significava que Patrick não tinha escapado, pensou ele angustiado, entregue mais uma vez às lágrimas.

— Conor, meu querido, foi como se eu estivesse morta e ressuscitasse ao ver você — confessou Maggie entre soluços.

Durante muito tempo ficaram nos braços um do outro, temerosos de se separarem e se perderem naquela confusão. Finalmente, Conor a levou pela mão até um canto, onde se sentaram no chão para poder conversarem.

Numa voz entrecortada, Maggie contou-lhe o que acontecera no rio. No fim da história, Conor tinha os olhos perdidos num ponto qualquer.

— Mamãe — murmurou ele baixinho.

— É quase certo, Conor — disse ela triste. — Os outros, não sei. Queira, Deus que estejam salvos.

— Maggie, será que restamos só nós dois?

A voz dele não passava de um murmúrio, mas causou um impacto como se fosse um grito doloroso partido do fundo do coração. Um arrepio perspassou o corpo febril de Maggie e toda a angústia e sofrimento do

mundo pareceram invadir-lhe a alma. Ela soluçou baixinho e em pouco tempo encontrava-se entregue a um pranto convulso e desesperador.

— Maggie, Maggie-o — sussurrava Conor, numa tentativa vã de consolá-la.

— O que fizemos, Conor, para merecer tanta desgraça, para que tamanha ira se desencadeasse sobre nós? — perguntou ela com voz rouca e amedrontada.

— Não sei, minha querida, não sei — respondeu Conor tomando-a nos braços e acalentando-a.

Ele ficou com a impressão de passar horas naquela tentativa de acalmá-la antes que a exaustão os fizesse cair num sono agitado. Durante a noite, uma velha o sacudiu pelo ombro.

— Pegue isto, rapaz — disse ela, entregando-lhe um cobertor velho e rasgado. — Vai ajudar a menina a se aquecer um pouco.

— Obrigado, vovozinha — Conor agradeceu comovido.

Cobriu Maggie e esta aninhou-se mais entre seus braços, o que o fez sorrir. “Minha doce Maggie, com o seus cabelos cor de cobre, lábios cheios, nariz arrebitado, covinhas nas faces e olhar brejeiro, quem pode resistir a você?”

Mesmo agora, vestida com calções e camisa velhas de rapaz, envolta no cobertor esgarçado, ela era de uma beleza sem par. Com os cabelos emaranhados e as faces sujas de lama ressecada, apenas clareadas em alguns lugares onde as lágrimas haviam corrido, ela continuava sendo, para Conor, a mulher mais linda e desejável do mundo.

— Só Deus sabe como eu amo você, Maggie-o — murmurou ele e beijou-a na testa. — E só Deus sabe o que será de nós.

Foram despertados ao alvorecer, quando cada um recebeu uma ração de papa de aveia em vasilhas de madeira. Quase em seguida, viram-se obrigados a formar uma fila e caminhar ao longo da muralha até o portal Dullek.

Um sargento alto e atarracado subiu em uma mesa do lado interno do portal e gritou-lhes num gaélico arrevesado:

— Agora vamos fichar vocês, seus renegados pagãos, antes de determinar para onde vão. Não saiam da fila e venham, um a um, até a mesa. Terão de declarar nome, idade, lugar de nascimento e religião.

O sargento fez uma pausa enquanto percorria o olhar severo pelo mar de rostos erguidos para ele, depois acrescentou:

— Qualquer suspeito de ser padre ou frade será executado a tiro e se

alguma mulher desobedecer nossas ordens, irá para a forca.

Desceu da mesa em seguida e sentou-se a ela. Depois de abrir um enorme livro de capa preta, deu início a um processo vagaroso que parecia não ter fim.

A manhã toda, Maggie e Conor esperaram em meio ao frio úmido, movendo-se apenas um ou dois passos de cada vez.

— Conor, o que ele quis dizer com determinar para onde vamos? — Maggie perguntou.

— Não faço a mínima idéia — respondeu ele, desanimado.

A única coisa que quebrava a monotonia era a passagem de carroças com cadáveres para serem enterrados na vala comum fora das muralhas. Maggie virava o rosto ou cobria-o com as mãos para não ver nada. Conor, embora desejasse fazer o mesmo, forçava-se a olhar para o maior número possível de mortos. Ainda nutria uma remota esperança de que Patrick estivesse vivo e o fato de não reconhecer nenhuma das feições nas carroças o estimulava a crer na vaga possibilidade de o primo não ter morrido.

— Nome! Você aí, rapaz, dê um passo à frente! Nome! — rugiu o sargento.

Preocupado em observar as carroças, Conor não se dera conta de que chegara sua vez. O sargento o fitava impaciente e, sem prestar muita atenção, ele respondeu:

— Conor O'Hara. No mesmo instante, praguejou mentalmente por ter sido tão idiota a ponto de revelar a identidade. Tanto o seu primeiro nome como o do clã eram bem conhecidos, embora as feições não o fossem. Todos tinham ouvido histórias a respeito do jovem guerreiro corajoso que se destacara na batalha de Benburb em 1646 e em outras tantas posteriormente. O sargento pareceu não se impressionar.

— Lugar de nascimento? — resmungou ele. “Agora que já revelei o meu nome, o melhor é dizer o resto”, refletiu Conor. “Que vá tudo para o inferno!”

— Ballylee! — respondeu com orgulho.

— Idade?

— Dezessete.

— Religião?

— Sou irlandês.

— Irlandês o quê?

Com toda a arrogância de que era capaz, Conor replicou de cabeça erguida e num tom de voz alto e insolente:

— Irlandês homem livre!

O sargento levantou-se e, por sobre a mesa, esbofeteou Conor com tal rapidez que ele não teve tempo de se desviar. O golpe atingiu-o em cheio no lado da cabeça, de modo que não conseguiu manter o equilíbrio e caiu.

— Conor! — gritou Maggie assustada. — Está machucado? — indagou ajoelhada perto dele.

— Não — respondeu ele, ao mesmo tempo em que um soldado puxava Maggie e outros dois o forçavam a se levantar.

Conor respirou fundo e, com um movimento brusco dos ombros e braços, soltou-se. No mesmo instante, avançou para o sargento com as mãos estendidas em direção ao pescoço dele. Foi uma tentativa tola e inútil, pois o homem esquivou-se e golpeou-o com o cotovelo na nuca. Rápido, sacou da adaga e ergueu-a no ar, disposta a silenciar para sempre o insolente rapaz irlandês.

— Sargento! — soou uma voz imperiosa.

O soldado imobilizou-se como se uma mão invisível lhe segurasse o braço e o impedisse de dar o golpe mortal.

O chamado viera do alto e todos, inclusive Maggie, ergueram os olhos para a balaustrada acima do portal. O homem que de lá observava a cena vestia-se totalmente de preto e portava a insígnia de patente de oficial. Era alto, de ombros e peito largos, e o rosto, encimado pelo elmo, mostrava-se severo e sombrio. Os olhos escuros também refletiam austeridade e intransigência.

O homem desviou a atenção para Maggie e, por um breve momento, ela teve a impressão de fixar o demônio.

— Qual é o seu nome? — indagou ele. Amedrontada, ou não, Maggie não tinha a mínima intenção de revelar seus sentimentos para esse assassino puritano inglês. De cabeça erguida, respondeu com voz calma:

— Margaret O'Hara.

— É irmã do rapaz?

— Não, primos distantes e noivos. Sou do clã Antrim O'Hara, de Ballyhara.

Um sorriso cruel curvou os lábios do oficial, o que provocou um arrepio de medo em Maggie.

— Esse rapaz, Conor, é filho de Rory O'Hara de Ballylee?

— É, sim — respondeu ela, intrigada.

Todavia, a curiosidade cedeu logo lugar ao desespero ao ouvir a ordem do oficial.

— Sargento, ponha o rapaz a ferros e leve a menina ao meu alojamento.

— Espere, por favor — gritou Maggie, aflita com a idéia de separar-se novamente de Conor, porém o oficial já desaparecia da balaustrada e dois soldados a forçavam a andar.

Maggie tinha consciência de sua aparência horrível, especialmente na presença do oficial elegante e bem cuidado. Os calções de rapaz que vestia eram justos demais e a camisa rasgada não lhe cobria totalmente os seios.

Já fazia alguns minutos que se encontrava à frente da escrivaninha e ele se mantinha calado enquanto os olhos negros examinavam cada centímetro de seu corpo. A expressão dele exprimia um misto de atrevimento e desinteresse e lhe provocava asco.

— Não quer sentar-se? — perguntou ele finalmente.

— Não — foi a resposta curta.

Ele sacudiu os ombros e recostou-se na cadeira, com a cabeça apoiada contra as mãos cruzadas na nuca.

— Meu nome é Robert Hubbard. Significa algo para você?

— Não, e por que deveria?

Ele sorriu satisfeito com a resposta e inclinou-se para a frente.

— Você é a mocinha que as sentinelas pescaram do rio Boyne, não é? Quem mais estava naquela balsa?

Maggie sentiu uma ponta de esperança. A pergunta significava que Kate e Dougherty não tinham sido achados pelos ingleses e talvez estivessem vivos e a salvo. Naturalmente não ia traí-los, por isso, com um leve ar de surpresa, indagou:

— Que balsa? Eu tinha ido nadar sozinha e me perdi. Hubbard riu, porém sem bom humor.

— Você é espirituosa e inteligente. Ótimo.

Levantando-se, Robert deu a volta pela escrivaninha e postou-se à sua frente. Por causa da altura dele, foi preciso erguer a cabeça a fim de fitá-lo. Assustou-se com a aparência amedrontadora e com algo que não conseguia definir e que lhe parecia curiosamente familiar.

De repente, ele sorriu quase com simpatia e a estranha impressão acentuou-se muito mais. Era como se já o conhecesse, ou pelo menos, o tivesse visto em algum lugar. '

— Seus olhos denotam curiosidade, Maggie O'Hara. O que vê em mim?

— O demônio — respondeu ela, sem preâmbulos. Hubbard riu divertido.

— Talvez eu o seja mesmo, menina. Para os meus homens sou um santo

e para o inimigo, o diabo em pessoa. Gosto de que seja assim.

Até então, ele a havia observado com desinteresse, todavia agora o olhar pensativo percorria-lhe as curvas dos seios, da cintura e dos quadris. Voltou a fixar-se no rosto. Não havia dúvida, aquela era a moça mais atraente que já vira, pensou ele. Isto é, corrigiu-se, assim que tomar um bom banho e vestir roupas decentes.

— Aposto, como você é uma criatura linda em outras circunstâncias, Maggie O'Hara.

Com uma exclamação de surpresa, ela deu um passo para trás e baixou o olhar, sem conseguir continuar a fitá-lo.

— Deus do céu, menina, pensa que eu a violentaria?

— Penso, sim — Maggie respondeu, outra vez com franqueza e sem hesitação.

— Legalmente, eu poderia, sabe? — perguntou ele, e sorriu maldoso.

— Você é católica?

— Naturalmente!

— Sabe quais são as sanções penais aprovadas pelo Parlamento para os irlandeses católicos? — perguntou Hubbard. Maggie olhou-o, atônita com o rumo tomado pela conversa.

— Sei, sim — admitiu indiferente.

— Você faria muito bem se as estudasse com cuidado — recomendou ele, áspero. — Especialmente a que diz respeito à sedução de uma mulher católica por um protestante. É uma lei fácil de ser lembrada, já que nega à mulher o direito a desagravo nessas circunstâncias.

— Isso é bárbaro! — exclamou Maggie.

— Contudo, é a lei.

— Inglesa.

— Do conquistador, tendo em vista os rebeldes irlandeses — Hubbard replicou arrogante.

— Não é sem razão que odiamos vocês! — declarou ela incapaz de esconder a revolta sentida.

Como se não a tivesse ouvido, ele continuou:

— O general Cromwell determinou uma redistribuição de todos os irlandeses rebeldes e católicos. As terras foram confiscadas e em troca serão dados lotes nas regiões áridas de Connaught e Clare.

— Todos os irlandeses?! — indagou ela, incrédula.

— Foi o que você ouviu. Os outros três quartos da Irlanda serão repartidos entre os bravos soldados do Novo Exército Modelo. A questão

entre mim e você está relacionada a isso, Maggie O'Hara.

— Não compreendo o que quer dizer com isso.

— Era o que eu pensava. Eu quero Ballylee, Maggie O'Hara, a propriedade inteira.

Por um momento, ela o fitou consternada e depois, sem conseguir outras palavras que expressassem melhor sua revolta, gritou:

— Não!

— Sim! — ele a contradisse com firmeza. — E é por isso que a estou mandando para o oeste com uma escolta. Não quero chegar a Ballylee e encontrar apenas cinzas. Pelo que sei a respeito de Shanna Talbot, acredito que seja capaz de destruir o castelo se tiver de abrir mão dele.

— Sem dúvida, ela fará isso — Maggie declarou ao se lembrar da mulher de tempera mais forte do clã O'Hara.

— Não se ela souber que a vida dos dois membros mais jovens e a perpetuação do nome do clã dependem da cooperação dela.

— Conor? — murmurou Maggie.

— Exato. O general Cromwell determinou a execução de todos os combatentes e, embora O'Hara tenha sido apanhado em roupas de civil, não é segredo quem é ele na verdade. Eu poderia mandá-lo matar já.

Hubbart fez uma pausa a fim de que suas palavras fossem bem compreendidas por Maggie. Satisfeito ao ver o terror estampar-se em seus olhos, continuou:

— Assim que terminarmos a conquista da Irlanda, o general Cromwell estará disposto a oferecer clemência e exílio aos que abandonarem as armas e se renderem. Terei meios de conseguir isso para Conor O'Hara.

O coração de Maggie disparou com as possibilidades que se apresentavam e ela tentou raciocinar depressa. Perder Ballylee e ir para o exílio, talvez na França, mas, pelo menos, ela e Conor estariam juntos.

— Isso quer dizer que o senhor pouparia a vida de Conor e nós dois poderíamos ir para a França? — indagou nervosa.

— O'Hara, sim, mas a família, não. Por enquanto, vocês teriam de ficar aqui como garantia de que esses rebeldes de cabeça quente não organizariam outros exércitos no exílio para nos atacar. Os homens terão licença para ir, porém as famílias ficarão aqui até que esteja terminada a nova colonização.

— Para morrerem de fome — sibilou ela.

— É o preço da rebelião — contestou ele com frieza.

Maggie percebeu que existia alguma coisa obscura em tudo aquilo, contudo não atinava com o que pudesse ser.

— Por que Ballylee? É estranho que deseje essa região — conjecturou ela em voz alta.

— Tenho minhas razões. Então, o que me diz, Maggie O'Hara? — insistiu ele de maneira incisiva.

Maggie respirou fundo e fechou os olhos. Reconhecia que essa era a única saída. Pelo menos, com Conor vivo na França, ainda havia alguma esperança para eles. Paciente, aguardaria até poderem se encontrar.

— Eu tentarei — disse por fim. — Mas Shanna é teimosa e até mesmo a vida de Conor poderá não significar muito para ela em comparação a Ballylee.

— Aumente então o suborno com mais uma vida: a do filho dela, Patrick Talbot — Hubbard sugeriu.

— Patrick está vivo?! — exclamou ela, exultante e com um sorriso de alegria.

“De fato, essa menina serviria muito bem”, pensou Hubbard satisfeito ao constatar-lhe a beleza pura ressaltada pelo sorriso. Com ele, as covinhas se acentuavam nas faces e os olhos verdes brilhavam.

— Está vivo, sim, acorrentado.

— Irei a Ballylee — disse ela mais animada —, porém primeiro preciso contar a Conor que Patrick não morreu.

— Lamento, mas isso é impossível. Não há tempo a perder e por isso você deve partir logo. Sargento? — chamou ele apressado.

O homem devia estar colado à porta do lado de fora porque abriu no mesmo instante.

— Capitão?

— Algumas das mulheres da cidade já foram designadas como serviçais?

— Várias, senhor.

— Ótimo. Leve esta moça a elas e ordene-lhes que a ajudem a tomar banho, lavar e pentear os cabelos, enfim, a se tornar apresentável. Arranje-lhe roupas também, uma capa pesada, botas para montaria e tudo de que ela precisar. Tenho certeza de que, ao saquearem a cidade, vocês encontraram essas coisas. Venha me avisar assim que der andamento às minhas ordens, sargento.

O soldado franziu a testa, perplexo. As senhoras de Drogheda, inglesas, tinham sido transformadas em criadas e o capitão desejava que essa mocinha irlandesa imunda virasse uma grande dama. Jamais entenderia os oficiais.

Maggie sentia-se atordoada. Antes de poder protestar ou fazer mais

algumas perguntas, viu-se sendo levada embora. Apenas a lembrança de que Conor e Patrick estavam a salvo e iriam para o exílio na França a ajudou a manter a serenidade.

Poucos minutos depois, o sargento voltava à presença de Hubbard.

— Capitão, a moça já está tomando banho.

— Muito bem, agora quero que faça o seguinte:

O sargento ficou mais confuso ainda enquanto ouvia as instruções do capitão, todavia não as questionou. Sabia que o homem era astuto e por essa razão ele, o sargento Garner Croft, havia se ligado ao jovem oficial. Tinha certeza de que, quando essa confusão irlandesa terminasse, ele também lucraria com os planos secretos e particulares do capitão Hubbard.

— Mais uma coisa, sargento.

— Sim, capitão — respondeu o homem, já da porta.

— É a respeito dos prisioneiros Patrick Talbot e o tal Conor O'Hara. Quero que os coloque na primeira lista de escravos para Barbados.

CAPÍTULO XXX

NOVEMBRO DE 1649

NORTE DA IRLANDA

Mulheres e crianças amedrontadas, e em fuga do invasor, corriam pelo campo. Soldados que haviam perdido seus líderes também procuravam refúgio em algum canto e os que continuavam armados iam para as montanhas, ou pântanos, para se tornarem assaltantes.

Colin Dougherty manteve a palavra dada a Patrick. Continuava ao lado de Kate e esforçava-se para levá-la a Ballylee. Havia sido quase um milagre o fato de haverem se salvado através do rio e, assim que pisaram em terra, esconderam-se numa caverna de contrabandistas na costa norte e rochosa de Boyne. Durante quase duas semanas, Kate em estado de choque, tremera sem parar. As duas crianças tinham perecido na tentativa de escape e, tanto quanto soubesse, apenas ela e Dougherty haviam sobrevivido. Dias a fio, ela chorara com as lembranças dos dias felizes passados ao lado de Patrick, na sua pequena choupana ou no castelo de Ballylee.

— Foram-se — murmurava ela. — Santa Mãe de Deus, terão todos morrido?

Nessas ocasiões, Dougherty saía à procura de alimento e de lenha para a pequena fogueira que mantinham acesa. Ele não tinha muito jeito para lidar com mulheres e se sentia constrangido ao lado de uma que chorava sem parar.

Dos camponeses que encontrava, ele recebia informações sobre os últimos acontecimentos. Os escoceses presbiterianos controlavam o norte e não se dispunham a ceder terreno a Cromwell embora não ousassem atacá-lo. Por causa do extermínio de até o último soldado em Drogheda, as guarnições de Dundalk e Trim tinham se rendido antes de lutarem. Ormonde fugia para o sul em Cromwell ao seu encalço e uma nova tropa do Parlamento, depois da captura de Carrickfergus, marchava para o oeste.

— Mataram até o último soldado em Drogheda? — balbuciou Kate, desolada. — Isso quer dizer que Patrick e Conor...

Não terminou as palavras, abalada de novo por soluços. Meio acanhado, Dougherty passou-lhe o braço pelos ombros e disse com suavidade:

— Se vamos para o oeste, é melhor partirmos logo a fim de seguirmos à frente do invasor.

Descalços, sem dinheiro e com apenas uma adaga para a defesa de ambos, puseram-se a caminho de Ballylee.

As chuvas do outono haviam destruído as estradas, transformando-as em lodaçais intransitáveis. Colin e Kate subiram às colinas e seguiram as trilhas usadas pelos carneiros no verão. Em pouco tempo, os pés dos dois ficaram esfolados, sangrando com a maior facilidade, o que lhes retardava o avanço. Só muito de vez em quando, encontravam alguém disposto a ajudá-los e lhes dar abrigo por uma noite. A maioria das pessoas com quem cruzavam era de fugitivos como eles.

Levaram quase duas semanas para chegarem a Lough Oughter, perto de Cavan. Dougherty pretendia entrar na vila à procura de alimento e roupa, porém um padre, vestido de mercador, o desaconselhou. — O lugar está cheio de patrulhas inglesas, filho. O nome do padre era Hurly e vinha de Clogher. Por ele ficaram sabendo que Owen Roe O'Neill morrera e que a cabeça do padre Heber MacHaon, depois deste ter sido preso e enforcado, fora colocada num posto no portal de Derry, como um aviso a outros sacerdotes.

O padre Hurly se juntou a Kate e Colin e conseguiu arranjar-lhes borzeguins e capas pesadas que os protegessem contra o frio rigoroso do inverno. Seguiram rumo noroeste para Enniskille, ao sul de Lough Erne. Essa era a região de O'Neill e Macguire, todavia os clãs não possuíam mais suas terras. Ao avançarem, viam outros irlandeses católicos sendo expulsos de suas propriedades, o que fazia Kate se desesperar. O que poderia ter acontecido a Timothy e aos que tinham ficado em Ballylee? O que ela e Colin encontrariam em Donegal e na costa oeste?

Uma outra preocupação lhes foi acrescentada pelo padre Hurly. Todas as noites, quando paravam, ele tirava da sacola suas vestimentas de sacerdote. Sem saber de onde, pessoas se materializavam à volta dele, que rezava a missa. — Ele é um irresponsável — reclamou Dougherty. — Qualquer dia destes, uma dessas pessoas ainda vai entregá-lo aos ingleses a troco de uma recompensa. Menos de uma semana depois, a previsão de Dougherty se tornou realidade. Encontravam-se a apenas dois dias de viagem da choupana dos O'Hanlon, onde Kate esperava encontrar Timothy e abrigo seguro. Por várias noites seguidas, Colin notara a presença de um cronista na missa. Como cada dia caminhassem vários quilômetros, o grupo de pessoas era sempre diferente e o aparecimento do mesmo homem por várias noites

provocou a suspeita em Dougherty. Descobriu que o nome do cronista era Maggus e jurou que, se o visse novamente, se esforçaria para saber mais coisas sobre ele.

A oportunidade não se apresentou. Na noite seguinte, Maggus veio outra vez, mas não sozinho. Acompanhavam-no quinze soldados ingleses sob o comando do sargento Garner Croft. Eles rodearam o grupo e, sem aviso, atacaram logo que o padre Hurly começou a falar. Uma mulher e dois homens morreram ao tentar fugir, três outros ficaram feridos e todos os demais foram capturados.

Ligados ao resto do grupo por correntes, Colin e Kate foram obrigados a caminhar a noite inteira sob uma chuva torrencial. De madrugada, chegaram perto da costa a um posto de comando temporário do exército puritano no oeste: as ruínas do castelo de Claymore.

Esse foi o último golpe para Kate. Numa angústia profunda, ela vislumbrou por entre a neblina de inverno o telhado de sapé da choupana. Tão perto e ao mesmo tempo inacessível, pensava, desolada.

Durante uma semana, foram todos mantidos nos currais de Claymore, como o gado que antes ficava ali. Constantemente, chegavam novas pessoas e outros sacerdotes foram descobertos entre elas. Como o padre Hurly, ficaram separados do resto dos prisioneiros.

Por fim, num dia gelado e chuvoso, receberam ordem para irem ao vasto pátio do castelo. Trôpega, de cabeça baixa e ombros curvados, Kate obedeceu; assustou-se ao ouvir os gritos de horror dos que iam na frente. Ergueu a cabeça e também não conseguiu reter uma exclamação de pavor. Balançando pendurados em caibros nas balaustradas da muralha, estavam os corpos do padre Hurly e de outros quatro sacerdotes. Durante as duas horas seguintes, ela se moveu como uma sonâmbula, amparada por Dougherty. Numa fila vagarosa, apresentaram-se todos, um a um, ao soldado encarregado de anotar seus dados num livro. Terminado o processo moroso, ele se levantou e os avisou:

— Serão todos eivados para o oeste do rio Shannon, na província de Connaught. Uma vez lá, receberão implementos para cultivarem o solo da melhor maneira que puderem.

Gritos de protesto receberam essas palavras. Todos sabiam que a região tinha sido queimada depois da passagem do invasor e que seria quase impossível tirarem o sustento daquela terra desolada e destruída. Insensível às reclamações, o soldado ainda os avisou:

— Depois de chegarem a Connaught, estão proibidos de cruzarem o

Shannon de volta. Os que desobedecerem estarão sujeitos à pena de morte.

Uma hora mais tarde, iniciavam a longa caminhada rumo ao sul, para o exílio na sua própria pátria.

CAPÍTULO XXXI

FEVEREIRO DE 1650
WEXFORD — IRLANDA

De Drogheda, Patrick foi levado a Dublin, de onde ele tentou fugir quatro vezes. Sempre apanhado, voltava à prisão, onde aumentavam o peso de suas correntes.

Transferido para Wexford, fez nova tentativa de fuga e conseguiu iludir seus perseguidores por dois dias. Finalmente, foi delatado por um camponês e recapturado.

Na masmorra de Waterside, na cidade de Wexford, levaram-no para uma minúscula cela no subterrâneo, onde deveria esperar até a partida do próximo navio para Barbados, nas índias Ocidentais.

Sozinho no ambiente restrito, Patrick não conseguir fazer outra coisa a não ser pensar no seu destino. Apenas uma vez, em cada vinte quatro horas, aparecia o carcereiro para trazer-lhe meio quilo de pão e uma vasilha de água, o mínimo para que não morresse de fome.

No início, passou grande parte do tempo imaginando uma nova fuga, porém, ao perceber a inutilidade do esforço, começou, pouco a pouco, a pensar no que ocorria do outro lado das quatro paredes de pedra que o confinavam. Nos breves períodos de fuga, descobrira que os irlandeses e monarquistas perdiam a guerra. Depois do massacre de Drogheda, outro semelhante se dera ali, em Wexford, onde dois mil soldados tinham sido exterminados à espada, ou na forca.

O que teria acontecido a Connor, Maggie e Aileen? E a sua amada Kate, estaria viva? Onde? E quanto ao castelo de Ballylee, os puritanos o teriam arrasado, ou Shanna continuava lá, ao lado do fiel O'Higgin? Essas perguntas o atormentavam tanto que já nem mais notava as dores provocadas pelas pesadas correntes que o prendiam à cela úmida e mal cheirosa. Com frequência, acordava atormentado por um pesadelo no qual se via envolto em chamas no castelo de Ballylee.

Não deixou de ser um grande alívio quando o tiraram da solitária e o levaram a uma cela maior, onde se encontravam outros vinte prisioneiros. Pelo menos agora, tinha com quem conversar. Logo foi informado das

novidades.

Cinco navios já haviam partido com rebeldes para Barbados e outro para a Jamaica, também nas índias Ocidentais. Eles seguiriam na manhã seguinte numa fragata chamada *vbra^/m ***. A viagem deveria demorar perto de cinco meses, já que parariam na costa africana a fim de apanhar escravos negros.

Patrick logo vislumbrou a oportunidade dourada de fuga. Assim que os prisioneiros estivessem nos porões do navio, haveria poucos guardas para vigiá-los, pois todos estariam ocupados com os preparativos da partida. Além do mais, as correntes não eram tão pesadas. Olhou para os companheiros de infortúnio e imaginou quantos estariam resolvidos a arriscar a vida num motim. Talvez o mais importante fosse descobrir quantos delatores haveria ali, dispostos a revelar às autoridades qualquer suspeita de insurreição a troco de algum favor. Só havia uma maneira para saber disso.

— Companheiros — começou ele, fitando-os com firmeza. — Sei que são soldados, mas já pensaram em ser marinheiros?

Era apenas uma leve sugestão, nada mais. Sabia que a maioria precisava refletir sobre a sua insinuação antes de se manifestarem. Quando isso acontecesse, seria possível descobrir os traidores em potencial. Só então, prepararia um plano detalhado que lhes apresentaria.

O dia todo foi gasto no carregamento do *Nora Ann* com provisões e prisioneiros. O total deles era de cento e trinta e dois homens e rapazes e quarenta e duas mulheres, das quais quinze não passavam de meninas de uns doze anos. Estas, os guardas chamavam de “procriadoras”, já que se destinavam a divertir os trabalhadores nas plantações de cana-de-açúcar das ilhas.

Já embarcados e como ninguém respondesse à insinuação feita, Patrick resolveu lançar mão da sorte. Encontravam-se tão amontoados no porão do navio que não foi preciso elevar a voz para ser ouvido por todos.

— Somos irlandeses livres e não escravos, embora muitos de você já tenham enfrentado essa situação na nossa própria terra. Desejam apenas curvar a cabeça e se submeterem a um exílio a milhares de quilômetros de distância, onde serão entregues a uma servidão muito pior?

Ouviram-se resmungos de protestos e quando perceberam aonde Patrick queria chegar, muitos empalideceram de medo. Contudo, a grande maioria concordou que seria melhor morrer do que se entregar à sorte determinada por seus captores. Foi a esses homens e mulheres a quem Patrick dirigiu um apelo.

— Não possuímos nada, mas nesse lugar chamado Barbados teremos

menos ainda, pois não gozaremos mais de nossa liberdade. Quanto a mim, prefiro me tornar um pirata renegado à mercê da sorte nos mares que circundam a Irlanda do que velejar como um cão para o seio da servidão.

Durante mais de uma hora, ele continuou a falar, intercalando a zombaria, a lisonja e a súplica em suas palavras. Quando terminou, mais da metade dos prisioneiros mostrava-se decidida a lutar pela última oportunidade de se tornar livre. Os que continuaram a ter medo de se arriscarem, deram a palavra de se manterem calados. Mesmo assim, Patrick designou alguns homens que lhe inspiravam confiança para vigiá-los.

O Afora *Ann* levantaria âncora ao amanhecer a fim de aproveitar a maré vazante. Com ventos favoráveis desapareceria da visão de qualquer ponto em terra antes do meio-dia. Às custas de braços fortes e de coragem, os prisioneiros esperavam logo depois, se apossarem do navio.

Para satisfação de Patrick, conseguiram reunir trinta facas, alguns espetos e várias limas. As mulheres apresentaram cinco pistolas e uma espada curta, que traziam escondidas sob as saias.

A noite toda limaram sem cessar. De vez em quando, ouvia-se um risinho abafado, sinal de que mais um elo de corrente se soltara. Ao alvorecer, ouviram o barulho da corrente da âncora sendo puxada e o aproveitaram para encobrir o ruído que faziam ao soltar, das argolas nas paredes, os próprios grilhões que prendiam. Alguns pulsos, os tornozelos, ainda tinham algemas, porém soltas das correntes. Como Patrick previra, a tripulação do *Nora Ann* encontrava-se muito ocupada com a partida da fragata para notar algo de anormal nos porões.

O sol já ia alto quando três tripulantes aproximaram-se de três alçapões na proa, a meia-nau e na popa, com as rações de comida e água. Do lado interno deles, grupos de homens esperavam num silêncio tenso. As instruções de Patrick tinham sido claras e sucintas: — A surpresa será a nossa grande arma e aliada. Para cada um deles que sucumbir, um dos nossos estará armado. Sejam rápidos e, como Cromwell, impiedosos. Eles podem ter nos tomado a terra, porém jamais nos

tirarão o mar.

Os três alçapões foram abertos ao mesmo tempo e, sem suspeitar de nada, os tripulantes começaram a descer as escadas que os levavam ao porão escuro. Guardas armados mantinham-se no tombadilho, porém, como não esperassem problema algum, conservavam as espadas embainhadas e recostavam-se nos mosquetes desembalados.

Empunhando a espada curta, Patrick respirou fundo e subiu os degraus

que o levaram para fora do alçapão, ao mesmo tempo em que soltava um berro ensurdecedor. Outros ressoaram em resposta enquanto homens invadiam o tombadilho inferior, saídos atrás dele e dos outros dois alçapões. Tomados de surpresa, os tripulantes foram caindo depressa e suas armas passando para as mãos dos prisioneiros, entre os quais encontravam-se também algumas mulheres. Segundos depois, avançavam pelos passadiços a bombordo e estibordo a fim de alcançar a popa e eliminavam toda a resistência encontrada. Alguns já haviam atingido o tombadilho superior e enfrentavam os oficiais.

Gritos e pragas, intercalados por explosões de mosquetes, enchiam o ar e o cheiro acre de pólvora queimada tornava-se cada vez mais forte.

A grande superioridade numérica os fez tomar o tombadilho superior em pouco tempo. Encontraram vazia a cabina do oficial encarregado da defesa do barco e, assim, puderam se apossar de uma boa quantidade de armas.

Já dominavam a situação, contudo a luta prosseguia. Empunhando uma pistola e uma espada curta, Patrick procurou o capitão. Achou-o entre dois oficiais, na popa, defendendo-se com valentia. Ágil, ele subiu num canhão, de onde deu ordem aos prisioneiros para se afastarem. Depois gritou:

— Capitão, o seu navio está perdido. Metade de seus tripulantes está morta ou ferida. Sugiro que mande parar a resistência antes que morram mais homens.

— E se eu não fizer isso? — perguntou o capitão. Patrick apontou a pistola à cabeça dele.

— Primeiro, estourarei seus miolos e depois não terei clemência dos tripulantes.

Relutante, o capitão deu ordens para que se entregassem e meia hora depois a fragata toda era deles. Patrick determinou a rota a ser seguida e que os levaria de volta à Irlanda, ao sul, perto do castelo Dunboy, na baía de Bantry. Ele esperava que as tropas do Parlamento não houvessem chegado ainda ao extremo sudoeste. Na manhã seguinte, ele já controlava completamente o navio e a situação.

Cinquenta e dois dos prisioneiros homens resolveram tentar a sorte ao lado de Patrick. Este ficou animado ao descobrir que onze deles tinham conhecimento sobre barcos e o mar e todos eram ótimos lutadores. Nessas condições, o risco da nova aventura diminuía bem.

Nem Patrick nem os homens se importaram quando quatro mulheres decidiram ficar a bordo também. Elas tinham esperança de chegar à França.

Três delas haviam trabalhado na confecção de velas para barcos em Drogheda.

Ao anoitecer, Patrick ancorou o *Nora Ann* perto de uma das extremidades, da baía de Bantry. O mar não estava muito agitado e o nevoeiro devia esconder a localização do barco.

Os escaleres levaram para a terra primeiro os irlandeses prisioneiros dispostos a enfrentar a vida na pátria. Patrick deu-lhes três horas de vantagem a fim de que tivessem tempo de se esconderem antes do capitão dar o alarme sobre a volta deles à Irlanda. A este, ele recomendou:

— Diga a Cromwell, ou a quem quiser, que tomei o *Nora Ann* em nome de Charles II. Com isso, pretendo receber uma recomendação do rei para poder fazer parte da armada do príncipe Rubert e atacar os navios do Parlamento.

O capitão praguejou e depois respondeu aos gritos:

— Você nunca há de passar de um maldito pirata!

— Pode ser, capitão, mas prefiro ser um pirata irlandês do que um desgraçado escravo inglês! — Patrick respondeu rindo e, após uma pausa, dirigiu-se aos antigos tripulantes do navio: — Se algum de vocês preferir velejar com um renegado irlandês e compartilhar das pilhagens dele em vez de viver sob o domínio puritano, na Inglaterra ou na Irlanda, dê um passo à frente.

Sem hesitação, nove homens se apresentaram. Um deles, alto, rosto largo, ombros, peito e braços fortes, chegou-se mais perto de Patrick.

— Meu nome é Hooker e era o contra-mestre. Puxa, pensamos que não nos ia convidar!

— Muito bem, Hooker! — exclamou Patrick, alargando o sorriso. — Você acaba de ser promovido a oficial. Leve suas coisas para a cabina do primeiro piloto.

O capitão não pôde esconder a fúria que o acometeu ao ouvir essas palavras e, numa torrente de pragas, desceu ao escaler que o levaria para a terra. No último momento, gritou para Patrick, que o observava da amurada do veleiro:

— E quem, devo eu contar, é o pirata que me tomou a fragata?

— Tenente... — Patrick começou a responder, porém interrompeu a frase e virou-se para o tombadilho. — Hooker, haverá entre vocês um entalhador de madeira que possa esculpir o novo nome do barco?

— Há, sim senhor.

— Ótimo — disse Patrick, e voltou-se novamente para o capitão. — Eu

era tenente, mas acabo de me promover. Pode contar a quem quiser que o novo comandante do *Nora Ann* é o almirante Patrick O'Hara Talbot. E, quanto ao barco, deverão procurá-lo sob o nome de *Bonny Kate*.

CAPÍTULO XXXII

JULHO DE 1650
BALLYLEE — IRLANDA

De Sligo cavalgavam para o norte, com o mar à esquerda e a silhueta imponente de Ben Bulbin à direita na distância. À frente da longa coluna, num trote cadenciado, ia o tenente-coronel Robert Hubbard. De porte ereto, e com uniforme elegante ele atraía tanta atenção quanto o magnífico garanhão branco que montava. Ambos transmitiam a imagem desejada do conquistador na busca da posse do que julgava seu.

Tudo estava quase terminado agora. Em março, Kilkenny tinha se rendido e a Confederação Católica fora dissolvida. Apenas em Clonmel surgiram problemas, porém Carlow caíra com facilidade. Cromwell sentira-se tão satisfeito com a situação da Irlanda que voltara para a Inglaterra deixando o genro, general Henry Ireton, no comando das operações.

Mais da metade da população irlandesa já havia sido enviada para as regiões áridas de Connaught e Clare e, a cada dia chegavam mais pessoas lá. Dentro de um ano, o resto das terras da Irlanda seria dividido entre as tropas do Parlamento e outros ingleses que não iriam para lá. Desta vez não haveria oportunidade para uma nova rebelião.

Para Robert Hubbard, na verdade, tudo estava terminado. Cumprira todas as suas obrigações e caminhava agora em direção ao seu alvo: Ballylee. Havia pretendido cavalgar numa marcha calma, porém, ao se aproximar mais e mais do seu objetivo, mal conseguia conter o impulso de esporear o animal para terminar o trajeto a galope.

Robert não era um homem do campo, mas, há muito tempo, sua avó o havia ensinado a conhecer a terra. Não restava dúvida de que a que percorria agora era muito boa. Planos para usá-la da melhor maneira possível já se formavam em sua mente. Uma vez terminada essa maldita guerra e o Parlamento tivesse o poder seguro em suas mãos, o comércio refloresceria. Os dois produtos mais importantes e rendosos, pensou Robert, seriam a lã e o linho. Ele pretendia acabar com os sítios que O'Hara permitira em Ballylee e formar pastagens enormes para os seus propósitos. Teria rebanhos incontáveis, não só de carneiros como de gado de corte também.

— Senhor! — chamou um de seus homens ao apontar para um castelo que se erguia na distância, adiante deles.

— Ballylee... — murmurou Hubbard.

Durante meses, Maggie manteve-se num estado emocional quase incontrolável. A calma de Shanna não lhe diminuía a tensão. Achava estranho que a mãe de Patrick pudesse conservar a serenidade quando cada dia poderia ser o último no seu amado Ballylee.

No dia de sua chegada ao castelo, Shanna a abraçara com força e de pois passara a questioná-la sobre Drogheda. Ela desejava saber todos os detalhes e acabara conhecendo tanto quanto Maggie sobre a tragédia. Ao ouvir o relato da morte de Aileen e do desaparecimento de Kate, ela se persignara e fizera uma prece rápida para, em seguida, exigir mais fatos.

Chorosa, Maggie não omitira nada e, ao contar-lhe as intenções de Robert Hubbard, surpreendera-se com o sorriso no rosto da velha senhora.

— Sonhei muitas vezes com a vinda dele — Shanna confessara com ar misterioso. — Todavia, jamais imaginei que fosse dessa forma.

— Conhece o tal Robert Hubbard? — indagara Maggie.

— Sei coisas a respeito dele, menina — Shanna havia respondido e não dera mais explicações.

Desde então, a curiosidade aguçada, Maggie não se cansava de fazer perguntas à mãe de Patrick, que as ignorava ou mudava sutilmente de assunto.

No começo de junho, ficaram sabendo que quase todas as cidades já haviam caído nas mãos do invasor e que uma tropa do exército parlamentarista marchava para o norte, vinda de Connaught. O'Higgin passara a enviar, diariamente, homens para descobrirem o avanço dos soldados e cada um voltava com a notícia do progresso seguro deles.

Há uma semana, Maggie acordara de manhãzinha, com o barulho de várias explosões. O inferno vivido em Drogheda voltara à sua lembrança no mesmo instante e a fizera gritar apavorada. Um momento depois o barulho cessara e um silêncio profundo envolvera o castelo.

Maggie abandonara a cama às pressas e, ainda vestindo um robe, saíra pelos corredores ansiosa por descobrir o que estava acontecendo. Os criados, de cabeças baixas e olhos lacrimejantes, não lhe responderam às indagações. Fora encontrar Shanna na balaustrada da muralha, contemplando os jardins e um monte de entulho no lugar onde antes ficava a capela.

— Por que, Shanna? *Por quê!* — balbuciava Maggie.

— Porque, minha menina — explicara a velha senhora com paciência —,

se nós, os vivos, formos arrancados de nossa terra, quero que os mortos descansem em paz no seio dela para sempre.

Em silêncio, as duas haviam observado um grupo grande de homens começar a limpeza do local e, à noitinha, apenas uma pequena elevação de terra lembrava, para os que a conheceram, a existência da capela.

Agora, ambas encontravam-se de novo na balaustrada, assistindo à aproximação do que motivara a demolição. Nas colinas, além da charneca, uma longa fila de soldados aumentava de tamanho a cada segundo.

Ouviram passos e a voz de O'Higgin quebrou o silêncio:

— Vejo dois canhões de cerco, dois de campo e perto de oitenta soldados, *milady*.

— Apenas oitenta?! Deus meu, o rapaz parece não ter medo de nós — disse Shanna com um riso seco.

— Vamos lutar, *milady* — indagou O'Higgin.

— Quanto tempo agüentaríamos?

Ele não respondeu.

Shanna suspirou e, bem devagar, fez um círculo completo enquanto o olhar percorria o seu amado castelo.

— Quando *sir* David, Rory e eu reconstruímos tudo isto aqui juramos que seria para sempre. Na noite anterior à da partida de meu marido para a França em busca de The O'Hara, ele ficou exatamente neste lugar aqui, com o braço em meus ombros. Disse-me, então, que a única coisa importante era que sempre existisse um O'Hara em Ballylee.

— Quer dizer que lutamos? — insistiu o velho meirinho.

— Não, O'Higgin, seria um desperdício reduzir tudo isto a ruínas outra vez.

Ela fez uma pausa e correu o olhar novamente pelo castelo, sem conseguir impedir as lágrimas de correrem-lhe pelas faces. Depois acrescentou baixinho:

— Além do mais, haverá, sim, um O'Hara aqui.

Maggie e O'Higgin trocaram olhares surpresos, porém, antes de poderem questioná-la, Shanna já se afastava e dizia:

— Venha comigo, Maggie, para ajudar a me vestir. Quero estar bem elegante para recepcionar o bastardo. O'Higgin?

— *Sim, milady*.

— Vou recebê-lo no grande salão, sob o brasão do clã. E sozinha — acrescentou com firmeza.

Robert atravessou as pesadas portas de carvalho e O'Higgin as fechou

em seguida. Ereto, com uma das mãos no cabo da espada e a outra segurando o elmo de encontro ao peito, aproximou-se da velha senhora que o esperava. Os saltos das botas pretas e brilhantes faziam um ruído sinistro, bem de acordo com a impressão provocada pelo aspecto geral dele.

Shanna, sentada perto da lareira sobre a qual ficava o brasão dos O'Hara, sorria amargurada com a ironia daquele encontro.

Enquanto Hubbard atravessava o salão, ela lhe examinou as feições e o físico. Era bem mais alto e menos musculoso do que Rory, o pai. A agilidade e a graça de movimentos, ele havia herdado da mãe, Brenna Coke Hubbard. Todavia, o rosto de queixo angular, pele morena e olhos pretos era uma réplica do de Rory O'Hara. Shanna surpreendia-se com o fato de Maggie não ter notado a semelhança, mas lembrou-se de que quando a menina chegara ali, vinda de Ballyhara, boa parte do rosto de The O'Hara já se escondia sob uma densa barba.

— Madame — disse ele com uma leve curvatura.

“Até a voz é a do pai, profunda e sonora”, reconheceu ela enquanto respondia ao cumprimento com um aceno de cabeça.

— Sou o tenente-coronel Robert Hubbard...

— Sei muito bem quem é, rapaz — ela o interrompeu com frieza. — Seria uma cega se não o soubesse.

— Então está a par de tudo?

— Naturalmente. E quanto a você?

— Também. Minha mãe manteve um diário e, quando ela morreu, minha avó o passou para mim

— Ah, sim, *lady* Hatton.

— Faleceu há alguns anos — informou ele com indiferença, o que provocou um arrepio em Shanna.

Robert colocou o elmo numa mesa ao lado e desenrolou um pergaminho que apresentou com formalidade.

— Madame, estas são as minhas credenciais como governador de Sligo e Donegal, nomeado pelo Parlamento.

Shanna mal olhou o documento e voltou a observar o rosto moreno, de expressão fria e calculista, à sua frente.

— Por que está aqui, Robert Hubbard? Acredito que não seja como o governador de Sligo, ou Donegal.

— Encontro-me aqui, *lady* Talbot, para tomar o que é meu — respondeu ele, com voz cortante.

— Por que, ao se apossar de Ballylee, se sentirá vingado? Não vejo razão

para isso. The O'Hara amava sua mãe e você foi concebido por amor.

— Isso pode ser verdade, madame, porém esse afeto não me foi transmitido — declarou ele, com um sorriso mordaz.

— Percebo bem — admitiu ela, seca.

— Minha mãe escreveu no diário que existia uma semelhança marcante entre ela e a senhora. Noto agora a veracidade disso. *Milady* deve ter sido lindíssima quando jovem.

O elogio inesperado a deixou nervosa e ele percebeu a surpresa em seu rosto. Riu e explicou:

— Fiz um grande estudo sobre os O'Hara, de todos vocês, ou melhor, de todos *nós*, do passado e do presente. Creio que ficaria satisfeita ao saber que prefiro bem mais a minha herança O'Hara do que a Hubbard.

— Então essa é a razão pela qual está aqui? Por isso que saqueou a Irlanda e agora deseja se apossar de Ballylee? Por ter sido negado o nome de seu pai, sente ódio e desejo de vingança imensos?

— Exatamente, madame — replicou ele, ao demonstrar emoção pela primeira vez.

— Contudo, foi Brenna, sua mãe, quem resolveu lhe dar o nome de Hubbard. Por que deseja se vingar naqueles que não têm responsabilidade alguma no caso?

As feições de Robert voltaram a demonstrar calma e indiferença. Senhor de si novamente, declarou:

— As decisões feitas no passado por minha mãe não têm mais relevância, e sim as minhas de agora sobre o futuro.

— E a sua resolução é ser o senhor de Ballylee?

— Senhor absoluto. O quanto pude, mantive o meu lado do acordo. Conor está vivo no exílio e o seu filho Patrick escapou de nossas mãos.

— Como assim? — perguntou Shanna.

— Ele e outros prisioneiros apossaram-se da fragata *Nora Ann*, que os levava para Barbados.

— Barbados?! Você ia fazer um escravo de Patrick?

— Madame, como a senhora, eles são rebeldes, o que lhes tira o direito à propriedade de terras. Salvei Conor e Patrick da morte e foi o máximo que pude fazer.

Durante uns segundos, ele se manteve calado e depois abordou um outro assunto.

— Quando entrei pelos portais, notei que a senhora mantém homens armados nas muralhas. Pretende me obrigar a tomar Ballylee pela força?

— Você faria isso? — perguntou Shanna.

— Com toda a certeza, madame. Se, ao anoitecer, eu não for o senhor do castelo, não existirá mais Ballylee.

Enquanto lia a proclamação a Maggie e O'Higgin, Shanna conseguiu impedir as lágrimas, mas não o tremor das mãos.

“Saibam todos que os abaixo-assinados aceitaram os termos deste Acordo entre o clã O'Hara e o tenente-coronel Robert Hubbard em referência à rendição do castelo e das terras de Ballylee.

Em primeiro lugar, o referido clã deverá entregar as terras, rebanhos, castelo e seus móveis dentro de vinte e quatro horas após a assinatura deste documento. Em contra-partida, o tenente-coronel Robert Hubbard permitirá que todos os soldados, arrendatários e camponeses da propriedade partam com seus pertences, desde que eles não incluam armas.

Em segundo lugar, os membros do clã O'Hara terão o direito a arrendarem uma porção de terra na propriedade, caso estejam dispostos a pagarem o aluguel estipulado pelo tenente-coronel Robert Hubbard e...”

— Maldição, chega! — protestou O'Higgin. — Ele quer transformá-lo numa arrendatária de suas próprias terras?

— Certo — concordou Shanna com amargura. — Ou aceitamos isso ou vamos para Connaught.

Maggie não conseguia acreditar que aquilo estivesse mesmo acontecendo. Quando menininha, vira a família ser despedaçada e o castelo de Ballyhara passar para as mãos do inimigo. Contudo, encontrara um novo lar em Ballylee, que agora também lhe era tirado.

Desesperada, pensava em Conor, que, embora vivo, devia estar em Barbados fazendo trabalho escravo, já que este tinha sido o destino do qual Patrick escapara. O fato deste estar livre constituía a única réstia de esperança. Viria ele tentar salvar a mãe? Caso viesse, Hubbard não o aniquilaria?

— Maggie? — chamou Shanna com suavidade. — Vamos arrumar nossas coisas. Devemos deixar o castelo ao meio-dia.

Com o coração prestes a explodir de angústia, Maggie sentiu vontade de se entregar ao pranto, mas descobriu que os olhos secos não eram mais capazes de chorar.

TERCEIRA PARTE

CAPÍTULO XXXIII

AGOSTO DE 1650
BARBADOS — ÍNDIAS OCIDENTAIS

Elana Redding aplicou mais pó na face esquerda sob o olho e depois fitou-se mais de perto no espelho. Gemeu baixinho ao ver que não podia disfarçar completamente a equimose.

— Maldito! Ele, a bebedeira e esta vida desgraçada! — exclamou depois, num esforço para não chorar. — Nervosa, escovou depressa os cabelos, que já não tinham mais tanto brilho, e levantou-se para alisar o vestido. Este, de musselina verde, ressaltava-lhe a cor dos olhos, e a renda à volta do pescoço e dos punhos dava um toque de juventude e inocência à aparência geral. “Bobagem”, pensou ela, “nunca fui inocente e já estou ficando velha.”

Triste, observou as rugas ao redor da boca e na testa e a expressão de cansaço e desânimo que os olhos, outrora vivos e brilhantes, tinham adquirido nos últimos seis anos e meio. A simples idéia de ter vivido essa eternidade na companhia de um homem bêbado e louco provocou-lhe um arrepio. Frustrada, sacudiu os ombros e deixou o quarto.

No corredor, já a bolsinha e o guarda-sol nas mãos, foi surpreendida por um grito agudo vindo da direção da outra ala da casa de fazenda. Não era a primeira vez que Elana se assustava com barulho semelhante proveniente dos aposentos de *sir* John Redding, mesmo assim dirigiu-se às pressas para lá. No meio do caminho, encontrou-se com uma mocinha preta, em prantos e com a blusa rasgada.

— Onee, o que foi? — perguntou, segurando-a.

— Sinhô John me bateu — explicou a escrava em prantos. — Primeiro puxou minha roupa e depois me chicoteou.

“Ó Deus do céu, não outra vez”, pensou Elana.

— Está bem, Onee, sossegue agora. Por que ele bateu?

— Ele queria rum e sinhá disse para não dar de manhã — respondeu a menina, com ar acusador.

— Desgraçado! Vou dar um jeito nisso. Agora, vá até o terreiro do estábulo e avise Tall Boy para atrelar a charrete. Depois procure Granny e peça-lhe para pôr unguento de sálvia nesse vergão. Não volte para a casa,

fique por lá.

— Tá doendo muito; sinhô John muito malvado — reclamou a menina, ainda em soluços.

Elana sentiu-se atordoada e fechou os olhos. A transpiração já começava a escorrer-lhe pelas costas e ela não sabia se era provocada pelo calor abafante logo cedo, ou pelo medo de ter de enfrentar John. Fez um esforço e disse à escrava:

— Vá depressa fazer o que eu mandei.

A menina não se fez de rogada e desapareceu logo. Elana dirigiu-se à sala, onde tirou de um armário uma garrafa de rum e uma canequinha. Ombros eretos, ela foi ao quarto de *sir* John, que gritou ao vê-la.

— Ainda bem! Traga isso aqui, mulher.

— Entregue o chicote primeiro — disse ela, mantendo-se longe da cama onde John se esforçava para sentar.

— Dou nada! Quero o rum!

— Primeiro o chicote — insistiu Elana. — Você não tinha razão para bater na menina.

— Tinha sim! A estúpida não queria me dar rum.

— Fui eu quem a proibiu de dar.

— Então é você quem merece apanhar — gritou ele, erguendo o chicote no ar.

Elana não demonstrou reação alguma e aproximou-se da cama.

— Vamos lá — desafiou ela.

John, ainda com o braço levantado, fitou-a.

— Você também me bateria, não é, sua bruxa?

— Já lhe avisei que, se tornar a me bater, meto-lhe uma bala de pistola entre os olhos, John Redding — Elana declarou em voz calma, mas com o coração disparado. — Agora me dê esse chicote.

— Não, primeiro o rum.

— De jeito nenhum! O chicote — insistiu ela.

Com um resmungo, ele o atirou no chão. Elana encheu a canequinha de rum pela metade e a entregou a John. Sôfrego, ele sorveu quase tudo de uma vez e exigiu:

— Deixe a garrafa aqui.

Como Elana hesitasse, ele repetiu:

— Deixe a garrafa aqui, desgraçada!

— Muito bem, beba até morrer que eu não me incomodo — concordou ela, ao mesmo tempo em que punha a garrafa na mesinha de cabeceira.

— Sei disso — John admitiu, servindo-se de mais rum.

Elana apanhou o chicote e foi até a janela, de onde o atirou bem longe, no meio da vegetação.

— Já que temos um feitor, não preciso de sua ajuda para controlar os escravos. Suas chicotadas não servem de nada.

— Você conseguiria mais coisas neste lugar se também batesse um pouco nesses idiotas — argumentou ele.

Depois de mais um longo gole de bebida, John a observou bem devagar.

— Vestida para sair?

— Preciso ir a Bridgetown — respondeu ela com frieza.

— Não diga! Quem é o infeliz que vai levá-la para a cama desta vez?

— Como você me provoca nojo — retrucou Elana, sem esconder o desprezo na voz.

— Não mais do que você a mim. Entretanto, estamos ambos presos neste lugar esquecido por Deus. Até que não podemos nos queixar, não é, minha cara?

Elana não respondeu e caminhou em direção à porta, porem, ao passar perto da cama, ele a agarrou por um dos pulsos.

— Acho melhor não andar mostrando os seios em Bridgetown. Se eu ficar sabendo que fez isso, ou que foi para a cama com outro holandês desgraçado...

— Eu nunca fui! — protestou ela furiosa. — Largue o meu braço!

— Tome cuidado, doçura, porque eu não vou dar o meu nome a outro bastardo seu!

Elana agora transpirava em profusão e a pele do pulso sob os dedos dele ardia, irritada. Ultimamente, nem conseguia mais fitá-lo. John nunca fora bonito, porém as feições um tanto sinistras haviam tido um certo encanto. Agora, porém, as olheiras profundas, as faces encovadas, a barba e os cabelos totalmente grisalhos e a pele enrugada sobre o corpo, tão viril no passado, davam-lhe um aspecto nojento e decadente.

— Nesta ilha não existe um único homem que eu aceitaria como amante — afirmou ela, colérica.

— Nem eu? — perguntou ele com um sorriso mau.

— Muito menos você! Agora largue o meu braço antes que eu corte o seu cotovelo ao punho — ameaçou Elana.

Ele a largou quando a viu levar a mão livre à faixa do vestido na cintura. John sabia que a mulher carregava um pequeno punhal lá. Já há três semanas que Elana vinha fazendo isso, ou desde o dia em que ele, bêbado, a agarrara

ao passar perto da cama e a espancara sem piedade. Se não fosse por Tall Boy e Onee, que acorreram aos seus chamados de socorro, John a teria matado.

Na manhã seguinte, ela voltara ao quarto com o rosto inchado e cheio de hematomas. Mostrara-lhe então o punhal e a pistola e o avisara de que o mataria, caso lhe batesse outra vez. Bêbado, ou sóbrio, John Redding não se esquecia da ameaça, pois tinha certeza de que Elana cumpriria o prometido.

Elana já saía do quarto, quando ele gritou:

- Mande aquela escravinha de volta aqui.
- Não, eu a dispensei do trabalho pelo resto do dia.
- Que inferno! Quero tomar banho e fazer a barba.

Elana sorriu e disse:

- Vou dar ordem a Tall Boy que venha, então.

No mesmo instante, John empalideceu e murmurou:

- Não, pode deixar.

Ela se afastou pelo corredor, ainda sorrindo, John Redding não gostava e morria de medo de Tall Boy.

Depois de determinar os serviços a serem feitos durante os dois dias seguintes por todos os escravos encarregados das tarefas, tanto dentro como fora da casa, ela saiu para o jardim e seguiu por um caminho de pedregulhos. Passou pelo açude e continuou até diante dos estábulos.

As magnólias e outras árvores já perdiam suas flores, entretanto outras plantas tropicais de florescência perene enchiam o ar com perfumes fortes. O céu não tinha uma nuvem sequer e Elana não esperava uma mudança de tempo antes de seu retorno de Bridgetown.

Na distância, ela podia ver os escravos trabalhando à volta de seus casebres. Como era dia de feira, eles tinham um tempo livre para trabalhar nas próprias plantações, ou descansar, se preferissem. À noite, muitos deles procurariam uma mulher *Obeah* que a troco de rum roubado lhes faria feitiços com búzios, ossos e terra de cemitério. Outros permaneceriam sentados à porta das palhoças, bebendo e sonhando com a liberdade perdida.

“Livre!”, pensou Elana com amargura, “como seria bom sentir-se livre outra vez!” Na verdade, ela se considerava tão escravizada quanto os negros a seu serviço.

Passou pelo engenho de açúcar e mal começava a atravessar a ponte sobre o riacho que dava vazão às águas do açude, quando foi avistada.

- Mamãe, mamãe!

Com os cachos loiros balançando e um brilho de alegria nos olhos cinzentos, Elizabeth atirou-se nos braços da mãe. Atrás dela, na sombra de

uma palmeira, do outro lado da ponte, uma escrava velha e gorda, com olhar impassível, observava o encontro de mãe e filha.

— Bom dia, minha queridinha — disse Elana, erguendo-a no colo e levando-a de volta para a babá.

— Você vai a Bridgetown, mamãe?

— Vou, sim, mas só por dois dias. Granny?

— O que é, sinhá?

— Não deixe que ela se esqueça de fazer as lições enquanto eu estiver fora.

— Está bem, sinhá.

— Como Granny vai descobrir se eu fiz, ou não, as lições, se não sabe ler nem escrever? — perguntou Elizabeth ao ouvido da mãe.

— Isso não tem importância, Granny é muito esperta.

— Tall Boy pode me levar a andar a cavalo hoje? — pediu a criança, com olhar suplicante.

— Vou dizer a ele que faça isso. Agora, me dê um abraço e um beijo porque preciso ir.

Despediram-se com carinho. De volta à ponte, Elana virou-se para um último olhar em direção à filha, que já voltara a brincar. Era uma cena tranqüila num lugar lindo.

“Imagino que isto aqui poderia se transformar num paraíso”, refletiu ela. Devagar, estou ficando rica e tenho uma propriedade que logo será maior do que Claymore. Contudo não tenho um homem”, lembrou-se amargurada, “e isso faz uma grande diferença. Seria, sem dúvida, um paraíso se pudesse ser compartilhado com ele. Mas Patrick está morto e eu terei de viver para sempre com a culpa de ser responsável por isso.”

O olhar de Elana prendeu-se na figurinha irrequieta da menina. “Terei de recompensá-lo dando uma vida feliz para a filha dele”, ponderou, triste. Era tão óbvio de quem Elizabeth era filha que Elana se surpreendera com o tempo enorme que John Redding levava para desconfiar da verdade. Na viagem deles para Barbados, ao descobrirem que ela estava grávida, John se tornara quase gentil e atencioso. Isso, de certa forma, aliviara um pouco a tristeza de Elana por estar sendo forçada ao exílio.

Elizabeth nascera e John ficara eufórico. Ele não via o que Elana constataria assim que colocaram o bebezinho entre seus braços. Sentia-se feliz por ter uma parte de Patrick pelo resto da vida, mas também amedrontada ao pensar na reação do marido quando se inteirasse da verdade.

Quando desembarcaram e verificaram que a fazenda não só era bonita,

como também rendosa e civilizada, Elana havia resolvido enfrentar o casamento com John da melhor maneira possível. Naturalmente, ela fora forçada a essa união e não existia outra saída senão aceitar o fato consumado.

No entanto, tinha sido difícilimo. Elana continuava sendo uma mulher temperamental e independente, e John, amargurado com o exílio, achara muito mais difícil do que ela se adaptar à vida na ilha. Contudo, no início, ambos tinham conseguido viver numa paz relativa. Embora não se amassem, tentaram aceitar as diferenças mútuas estimulados pelo afeto que dedicavam ao bebezinho.

Sob os cuidados do capataz, um jovem holandês chamado Jon Van Horne, a fazenda continuava a progredir. O comércio de rum e melado florescia e por isso grande parte da plantação de tabaco fora destruída a fim de dar lugar à de cana-de-açúcar. Compraram mais escravos e aumentaram a casa grande, além de importarem móveis da Europa.

A vida tornara-se mais fácil e aceitável. A moça voluntariosa e mimada que Elana fora desaparecia aos poucos, para ser substituída pela jovem senhora, ambiciosa e inteligente, de uma fazenda próspera e pela mãe amorosa.

Porém, com o desenvolvimento da criança, John começara a duvidar da paternidade dele e, em menos de um ano, tinha certeza disso. Como consequência, a frágil harmonia da vida conjugal ruíra completamente.

Sem sucesso, Elana esforçara-se por fazê-lo raciocinar. A cada dia que se passava, John tornava-se mais amargo e começara a beber em excesso. Nos momentos de embriagues, ele a insultava e fazia ameaças veladas à sua vida e à da menina.

Elana não conseguia compreender que esse homem, que um dia a incentivara a usar o próprio corpo para alcançar fins escusos de espionagem, que beneficiavam aos dois agora se mostrasse ciumento. Entretanto, era essa a reação dele, que fora aumentando até chegar às raias da loucura.

Sua vida tornara-se um inferno. Redding mudara-se para a nova ala da casa, criando uma nova barreira entre eles.

Não muito contra a sua vontade, Elana começara a se sentir atraída pelo capataz Jon Van Home. Talvez isso fosse natural, já que o holandês, de mente e corpo jovens, amava o tipo de vida alegre e despreocupado do qual ela sentia falta.

O relacionamento amoroso entre eles, bem como a descoberta do caso por John, foram inevitáveis. Ele convidara o holandês para um duelo e este morrera, mas não sem antes atirar também. A bala alojara-se na espinha

dorsal de John, deixando-o paralisado, da cintura para baixo, para o resto da vida. Elana percebera depressa que a vida anterior fora maravilhosa se comparada à atual.

Apesar dos muitos defeitos, John havia sido enérgico e de grande vitalidade física. Agora, confinado à cama e dependente dos outros para servi-lo e levá-lo aonde quisesse ir, depressa ele se transformara num homem raivoso e alcoólatra.

Mais do que nunca, Elana passara a temer pela própria vida e pela da filha. Defendia-se da melhor maneira possível, porém, para a proteção de Elizabeth, adquirira Tall Boy. Como o nome dizia, o escravo era de uma altura respeitável. Agora, ao admirar a filhinha, cujos cabelos loiros e olhos cinzentos lembravam-lhe tanto o pai, sentia-se feliz por ter feito a compra.

— O que aconteceu, mamãe? — perguntou a menina, admirada por vê-la ainda parada na ponte.

— Nada, minha queridinha — respondeu Elana. Acenou-lhe e reencetou a caminhada.

Depois de percorrer o caminho de pedregulhos e passar pelos vários edifícios da fazenda, ela saiu por um portãozinho e olhou à volta.

— A charrete está pronta, sinhá.

Depressa, Elana virou-se em direção à voz. Como sempre, Tall Boy havia se materializado atrás dela sem que fosse possível saber de onde surgira. Descalço e sem camisa, ele mantinha-se imóvel, porém os músculos bem formados davam a impressão de se ondularem ligeiramente.

Elana dera-lhe o nome de Tall Boy por ter a altura de quase dois metros. A largura dos ombros e do peito também chamavam a atenção das pessoas.

— Será que você precisa sempre aparecer assim de repente, Tall Boy?

— Desculpe, sinhá. — E seu único olho faiscou como um farol solitário nas feições desoladas.

Durante os anos de escravidão, o ódio de Tall Boy pela raça branca, que o arrancara de suas terras, não diminuía nem um pouco; ao contrário, só aumentara.

O que Elana não soubera sobre ele antes de comprá-lo, descobrira depois através de Granny, a única confidente do escravo na fazenda. Como a maioria dos negros destinados à servidão, Tall Boy teria preferido morrer a deixar a sua terra. Ele pulara ao mar do navio negreiro que o trazia da África, numa tentativa de suicídio, mas havia sido recapturado. Momentos depois, os seus salvadores arrependiam-se por não tê-lo deixado morrer. Ao tentar acorrentá-lo, um feitor e dois marinheiros foram esmagados com os punhos

poderosos do escravo.

Isso poderia ter provocado a sua execução imediata, porém o capitão do navio era de opinião que o tamanho formidável do negro alcançaria um preço altíssimo em Barbados, o que compensaria a morte dos homens. Mais duas vezes, durante a travessia marítima, ele se revoltara e matara outras pessoas que tentavam controlá-lo.

Na ilha, sua índole violenta continuara e logo os mercadores de escravos perceberam que a força do negro perdia o seu valor. Nada poderia ser feito com um escravo que possuía “a crença”.

Firmemente arraigada na mente dos escravos, existia a crença de que voltariam a suas terras assim que morressem. Apenas a morte lhes devolveria a liberdade e a ânsia de Tall Boy por ela era bem maior do que seu desejo de viver como servo do homem branco.

Fazia parte do conhecimento geral que um escravo sem temor da morte, e sim atraído por ela, era um elemento perigoso. Resolveu-se, então, enforcá-lo.

Elana, depois de ouvir essas histórias, ficara curiosa e fora a Bridgetown levando Granny em sua companhia. A velha escrava serviria de intérprete, já que Tall Boy ainda não falava a língua dos brancos. Após uma demorada conversa entre ambos, ela explicara:

— É verdade, sinhá, esse aí tem a crença, mas pode melhorar se for bem tratado. Os feitores não sabem fazer isso.

Ela descobrira ainda que Tall Boy tinha uma mulher e que alimentava sérias intenções de matá-la e depois se suicidar, caso fossem vendidos separados.

Elana comprara os dois, Tall Boy e Nabob, a mulher. Ele ficara como chefe dos escravos que trabalhavam nas plantações e ela encarregada de todos os que serviam na casa grande. As duas posições eram de autoridade e deveriam consolá-los um pouco.

Assim que Granny ensinara um pouco de inglês para Tall Boy, Elana, com muita paciência, explicara-lhe a verdadeira razão pela qual o havia comprado.

— Meu marido é um homem mau e cruel. Não tenho medo do que ele possa fazer a mim, e sim à minha filha. Por isso, Tall Boy, de hoje em diante, o seu trabalho mais importante é proteger Elizabeth. Quando não existir mais perigo, prometo mandar você e Nabob de volta para a sua terra. Você me garante que vai fazer isso?

— Garanto, sinhá.

Elana não perdera tempo em avisar Redding.

— Tall Boy agora é o guardião de Elizabeth. Ele jurou que, se alguma coisa acontecer à menina, o julgará responsável e o fará pagar por isso.

Algumas vezes John tentara verificar a veracidade das palavras de Elana provocando o escravo. Percebera logo que o negro o mataria com a mesma facilidade com que o faria a uma mosca, caso cometesse um erro. O fato de ter de pagar a vida do seu senhor com a dele própria não importava, pois ele continuava a ter “a crença” e a morte significaria a liberdade.

Com o passar do tempo, Elana foi ficando mais aliviada. Tall Boy ainda exibia um ódio ferrenho pelos brancos, com a única exceção de Elizabeth. A seu lado, ele se tornava meigo e dócil e chegava até a sorrir. Por isso não se preocupava em passar dois dias fora.

Tall Boy ajudou Elana a subir na charrete e lhe entregou as rédeas, ao mesmo tempo em que dizia numa voz surda:

— Sinhô chicoteou Onee e machucou muito. Não presta bater à toa. Um dia, escravo bate de volta.

— Eu sei, mas isso não vai acontecer de novo. Tome conta de Elizabeth enquanto eu estiver fora, Tall Boy.

— Tomo, sim, sinhá — prometeu ele.

Elana sorriu, certa de que seria atendida, e instigou o cavalo a partir.

A fazenda dos Redding ficava a menos de dez quilômetros de Bridgetown, na paróquia de St. George. A estrada estreita seguia entre florestas naturais e morros ondulantes. Era um trajeto agradável, muito apreciado por Elana. .

A bem da verdade, o panorama havia mudado muito desde a sua chegada a Barbados. Grandes matas estavam sendo derrubadas para dar lugar a novas plantações de cana-de-açúcar.

Isso a fez lembrar-se da fazendeira em que havia se tornado. Elana riu alto. Depois da morte de Jon Van Horne, continuara a executar os planos dele de reduzir não só os campos de tabaco bem como os de algodão e gengibre a fim de aumentar os de cana-de-açúcar. Ela também se surpreendera com sua habilidade em supervisionar a construção de mais engenhos.

Elana percebera logo um outro ponto importante para o bom andamento da fazenda: gastava-se muito tempo, dinheiro e trabalho com a falta de alimentação, moradia e atendimento médico adequados para os escravos. Começara logo a corrigir a situação e o marido a ridicularizava por “mimar os animais”. Sem levá-lo em consideração, ela dera prosseguimento aos planos elaborados nesse sentido. Não fora preciso esperar muito tempo para

reconhecer os resultados positivos de seus esforços. A morte de seus escravos reduzira-se a um décimo das ocorridas nas fazendas vizinhas.

Quando Elana chegou a Bridgetown, já era de tarde e o período de calor mais intenso havia passado. Deixou a charrete no estábulo público e foi a pé até o porto.

Como fosse dia de feira, o lugar estava cheio de gente. Escravos tentavam vender o produto de suas próprias hortas, brancos, também submetidos ao cativeiro, acompanhavam seus senhores e outros, já alforriados, faziam suas compras.

Um soldado armado de espada, pistolas e mosquete passou por Elana conduzindo duas fileiras de escravos. Uma era de negros vindos da África e a outra de brancos, na maioria irlandeses, destinados a trabalhos forçados por dez anos.

Elana já ia virar o rosto para a cena degradante quando algo lhe chamou a atenção. Um rapaz branco, de ombros largos, braços musculosos e cabelos ruivos vinha em último lugar da fila, ladeado por dois soldados fortemente armados. Ele estava preso por correntes, cinturão e colar de ferro e tinha grossas algemas nos pulsos e tornozelos.

Curioso, pensou Elana enquanto se afastava em direção às lojas na praça. Raramente acorrentavam um branco e a última vez em que vira um homem mantido sob tanta segurança fora no dia em que encontrara Tall Boy.

Às nove horas da manhã, Elana deixou a Widow Lessing's, o lugar onde sempre se hospedava quando ia a Bridgetown. Havia feito a maior parte das compras na véspera e estas seriam mandadas de carroça para a fazenda. Agora ia procurar tecidos, sapatos e um chapéu. Como não eram artigos volumosos, ela mesma os levaria na charrete e por isso foi primeiro buscá-la no estábulo.

Logo depois, a caminho das lojas, notou que no tablado da praça o leilão de escravos estava prestes a se iniciar. Instigou o cavalo para andar mais depressa, já que não gostava de presenciar aquilo. Fez as compras bem devagar e ainda manteve conversas longas com as esposas de dois fazendeiros conhecidos.

Para grande alívio seu, o leilão chegava ao fim quando alcançou de novo a praça do mercado. Infelizmente, o grande movimento de pessoas obrigou-a a parar a charrete. Já se preparava para pedir licença em alto e bom som, quando a voz estridente do leiloeiro prendeu-lhe a atenção.

— Vendem-se os contratos de três servos brancos da fazenda de *sir* Thomas Rawlings, que está de mudança para a colônia de Virgínia.

Elana espichou o pescoço e viu uma mocinha de uns dezesseis anos, um homem de cerca de trinta e o rapaz ruivo e forte, acorrentado, que observara na véspera. Na ocasião ela não tivera a oportunidade de ver o rosto dele como agora, sob a luz clara do sol. Os olhos, de um azul profundo, destacavam-se na pele bronzeada de sol, e o queixo largo erguia-se numa posição de soberba e desafio. A facilidade com que mantinha o corpo ereto, apesar das correntes pesadas, demonstrava a força física dele.

“Muito estranho”, raciocinou Elana. “Há algo extremamente familiar nessa criatura!”

Os contratos da mocinha e do outro homem foram vendidos depressa e, então, o rapaz foi levado à frente do tablado. Um murmúrio percorreu a multidão. A curiosidade de Elana se aguçou e ela bateu no ombro de um homem ao lado da charrete.

— Desculpe, senhor, por que ele está acorrentado?

— Porque é perigosíssimo! Duvido que façam um lance sequer por esse desgraçado.

— O que fez ele?

— Seria melhor perguntar o que não fez. No navio para cá, tentou incitar os outros prisioneiros a se rebelarem e, mais tarde, na fazenda de Lewis, repetiu a façanha. Quando foi chicoteado em represália, fugiu. Eles aí o venderam para Rawlings.

— Isso não justifica o fato de acorrentá-lo.

— Não, ele está preso assim pelo que fez na fazenda de *sir* Thomas. Primeiro, estrangulou o capataz que o chicoteava e depois avançou para o próprio Rawlings, que também teria matado se não fosse a interferência de uma mocinha que conseguiu acalmá-lo. Desde então, tiveram de mantê-lo preso.

Pensativa, Elana recostou-se na charrete enquanto o leiloeiro apregoava o valor da mercadoria.

— Aqui está um jovem de dezoito anos, segundo os documentos dele, forte como um touro, o que poderia ser comprovado por *sir* Thomas, caso estivesse presente.

Essas palavras provocaram o riso da audiência e um sorriso alvar do rapaz ruivo.

— Tenho certeza de que poderiam achar alguma utilidade para ele, cavalheiros, mesmo que fosse apenas com fins esportivos. Para tanto, bastaria colocá-lo numa arena com outro escravo forte para um confronto de luta livre.

— Não quero que nenhum dos meus escravos valiosos seja morto por esse imbecil — gritou um homem.

— Suba até aqui, cavalheiro — desafiou o rapaz, alargando o sorriso —, e eu lutarei com o senhor, e não por espírito esportivo.

O convite provocou uma gargalhada do povo, que se aquietou, em seguida, ao ver a mão levantada do leiloeiro.

— Muito bem. Quem faz o primeiro lance por Conor O'Hara? — perguntou ele.

Elana soltou uma exclamação alta de choque. Pálida, começou a tremer.

— Está se sentindo mal, milady? — indagou o homem ao lado da charrete.

— O quê? Ah, sim... Não, estou bem.

— Não parece, está mais branca do que a minha camisa.

— Sim, quer dizer, sinto-me bem — garantiu ela, com a respiração ofegante.

“Conor, Conor O'Hara!”

Mentalmente, Elana podia rever o rosto redondo fitando-a com ar matreiro da porta de seu quarto, no castelo de Claymore. Lembrou-se do olhar atrevido e da resposta inteligente.

Conor O'Hara, filho de Rory, The O'Hara, um servo contratado quase no mesmo nível dos escravos negros! As palavras ditas um dia por Patrick vieram-lhe à mente:

— Conor? Ele é um ótimo menino e vai dar um homem melhor ainda. Quero-o como o irmão que nunca tive.

Elana sentiu os olhos encherem-se de lágrimas. Mesmo assim, voltou a fitá-lo e viu que ele, com um sorriso arrogante, desafiava o povo a fazer lances por seu corpo.

— Vamos lá, cavalheiros, um lance qualquer por este rapaz que ainda tem nove anos e meio de servidão.

Elana olhou à volta e sentiu que ninguém estava disposto a adquiri-lo. Novamente, bateu no ombro do homem.

— O que acontecerá ao rapaz se ninguém comprar o contrato dele? — perguntou ela.

— Com toda a certeza, irá para o cárcere.

Ela sentiu um enorme peso no coração. “Não”, pensou desesperada, “não o filho de Rory O'Hara!”

Elana já vira por fora, e ouvira falar da prisão de Breakwater, perto do Cais, onde os ratos superavam os detentos numa porcentagem de vinte para

um e os enfrentavam à caça de comida. Ao final de apenas seis meses lá, os homens mais fortes ficavam reduzidos a verdadeiras sombras ambulantes.

“Não, é impossível permitir que isso aconteça ao filho de Rory O’Hara!”

Resoluta, levantou a mão.

— Muito bem, temos um lance lá — gritou o leiloeiro.

— *Milady* — disse o homem ao lado da charrete —, desculpe, mas a senhora ficou louca? O rapaz é um assassino!

— Sei o que estou fazendo, senhor — Elana replicou erguendo mais a mão.

O sorriso desaparecera do rosto de Conor e ele apertava os olhos contra a luz do sol a fim de descobrir quem era a mulher louca que fizera um lance por ele.

— Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe três! Vendido para a senhora na charrete — anunciou o encarregado da venda. — Qual é a fazenda?

Como ele viesse em sua direção, Elana esperou até que chegasse bem perto para responder em voz baixa:

— Redding. Aqui está a sua moeda.

— Certo, *milady* — disse ele satisfeito. — Venha até aqui, rapaz.

Obediente, Conor desceu os degraus retinindo as correntes e o povo apartou-se respeitoso para lhe dar caminho. Ao chegar perto da charrete, o leiloeiro fez menção de prendê-lo na barra de ferro atrás do veículo. Com o rosto virado para não ser reconhecida ainda, Elana determinou:

— Solte todos os grilhões.

— *Milady*...

— Tire tudo!

— Ele é perigoso e forte!

— Para o inferno, homem! Será que terei eu mesma de soltá-lo? — perguntou ela, impaciente.

Relutante, o homem a obedeceu. Assim que tudo foi removido, Conor bateu palmas e o leiloeiro, com um grito de medo, fugiu correndo. Até o povo recuou atemorizado.

— *Milady*, tem certeza de que poderá controlá-lo?

Quem lhe fazia a pergunta era Hiram Coffey, capataz da fazenda Drax Hall, que segurava o cavalo pelo freio.

— Tenho, sim — respondeu ela, e depois ordenou a Conor: — Sente-se aí atrás e segure-se bem.

Com um aceno de cabeça para Coffey soltar o cavalo, Elana chicoteou o animal e partiu. Assim que saiu da cidade, parou sob a fronde de uma

magnólia.

— Daqui em diante, você dirige a charrete — disse ela, mudando-se para o assento ao lado. — Eu mostro o caminho.

— E se eu resolver fugir? — Conor indagou, dando a volta no veículo.

— Tente, se quiser. Terá de roubar para comer e, se o pegarem, será enforcado. Esta é uma ilha e a única saída é por mar. Nenhum capitão o receberá a bordo sem documentos. Sugiro que suba aqui e dirija como lhe mandei, pois estará muito melhor na fazenda Redding.

— Redding? — Conor repetiu, pensativo.

Em silêncio, Elana tirou o chapéu e virou-se para ele. Depois do que lhe pareceu uma eternidade, viu a expressão de surpresa dele ao reconhecê-la.

— *Milady* Claymore — murmurou Conor, atônito.

— Não mais. Agora sou *lady* Elana Redding. Vamos, suba logo aqui.

De repente, as feições bonitas abriram-se no sorriso matreiro de que ela se lembrava tão bem. Os olhos azuis brilharam com a malícia conhecida enquanto a cabeça se inclinava para trás e o riso sonoro enchia o ar. Elana sorriu também, mas corou, um tanto constrangida.

— Desculpe, porém eu me lembrava...

— Eu sei, da última vez em que nos vimos. Suba já!

— Exato — admitiu ele. — Que experiência reveladora para um rapazinho foi aquela! Diga uma coisa, Elana Redding, você ainda tem seios lindos?

O rubor de suas faces se acentuou e Elana virou o rosto para escondê-lo. Todavia, sentiu-se tomada por uma sensação muito gratificante.

Depois de um momento, já que Conor não subia na charrete, tornou a fitá-lo. Surpreendeu-se ao vê-lo sério e com uma expressão fria, quase de ódio, no olhar.

— O que foi? — perguntou preocupada.

— Acabo de me lembrar do que você fez a Patrick.

Elana baixou o olhar e mordeu o lábio enquanto procurava nervosa, as palavras certas para dizer. Finalmente suspirou e ergueu a cabeça a fim de fitá-lo novamente.

— Tem sido muito difícil para mim viver todos estes anos sabendo que provoquei a morte de Patrick. Acredite, Conor, o preço que venho pagando é bem alto.

— A morte dele?! Do que está falando? — indagou ele.

— Como assim?

— Patrick curou-se do ferimento feito por sir John. Pensei que ele tivesse

morrido no cerco de Drogheda, porém antes de ser mandado para cá, fiquei sabendo...

Elana já não o ouvia mais.

— Patrick está vivo? — perguntou, incrédula.

— Está, sim, e provavelmente a caminho desta maldita ilha — replicou Conor.

— Patrick está vivo — sussurrou Elana —, está vivo!

CAPÍTULO XXXIV

FEVEREIRO DE 1651
BALLYLEE — IRLANDA

Depois de espalhar o junco recém-cortado pelo chão de terra batida, Maggie endireitou o corpo e inspecionou o trabalho feito nessa tarde. Admitia que não estava muito bom, porém era o melhor que podia fazer e, pelo menos, ficara limpo.

O serviço exaustivo de arrastar para fora o junco velho havia lhe provocado uma forte dor nas costas mas servira para lhe afastar da mente a tarefa deprimente enfrentada de manhãzinha. Agora, novas lágrimas enchiam-lhe os olhos ao lembrar do corpo pequenino e sem vida da criança que enterrara na cova irregular feita por ela mesma.

Anoitecia depressa e o vento já soprava com força. Por ter interrompido o trabalho físico, Maggie sentia o frio agudo penetrar-lhe os ossos. Enrolou uma capa pesada sobre as várias camadas de roupa que já vestia: três saias velhas em lugar de anáguas, uma de lã por cima e um suéter de tricô.

Como a vida do camponês era diferente da que levavam os senhores no solar! pensou ela, cansada. Reconhecia, entretanto, que sua morte era bem melhor do que a que tivera a maioria dos irlandeses que vagavam a esmo, sem agasalho, esmolando comida. Graças a Deus, ela e Shanna tinham um telhado sobre a cabeça.

Ao pensar em Shanna, afastou a cortina de pano grosso e rústico que separava os dois cômodos do casebre. Aliviada, viu que a pobre senhora dormia no único móvel do quarto: uma cama de tábuas. “Ainda bem que não respira ofegante. O caldo de carne fez-lhe bem”, pensou enquanto suspirava.

Já há várias semanas, desde que os ventos frios começaram a penetrar pelas frestas das paredes e telhado, que Shanna vinha enfraquecendo. Tudo sé iniciara com uma irritação de garganta que se transformara numa tosse forte e assustadora.

Maggie fechou a cortina e atravessou o outro cômodo em direção à lareira que, como tudo ali, era bem rudimentar, embora tivesse uma chaminé. Graças a isso, boa parte da fumaça escapava para fora. Sobre o fogo, e preso por uma argola de ferro à parede, havia um caldeirão onde fervia um

ensopado de carneiro.

Criada em Ballyhara primeiro e depois em Ballylee, Maggie nunca imaginara a maneira como os pobres e arrendatários viviam. Só agora, durante os últimos sete meses, se inteirara da verdade dolorosa.

Sete meses! Tinha a impressão de que haviam se passado muitos anos desde que ela e Shanna, precedidas por O'Higgin, transpuseram os portais de Ballylee. Ele as guiara pela charneca e através de pântanos, até chegarem a um rincão da propriedade que Maggie poucas vezes visitara antes. O lugar era montanhoso e, na distância, podiam-se ver as escarpas de Ben Bulben.

— Este era o meu sítio antes de The O'Hara me levar para a mansão e me fazer meirinho — O'Higgin explicara.

O lugar não passava de um casebre minúsculo, construído de encontro a um barranco, com um cercadinho de pedras para animais de um dos lados e algum espaço do outro para uma horta. Shanna aceitara a casa com estoicismo, Maggie, porém, desesperara-se, especialmente ao ver o chão de terra batida e a lareira no centro do único cômodo existente.

— Sei que é horrível em comparação com o castelo, mas juro que vou melhorar tudo — prometera O'Higgin.

Apesar da idade avançada, ele logo se pusera a trabalhar. Construíra um novo cômodo e uma outra lareira, com chaminé, de encontro à parede. Depois cortara árvores e fizera móveis para a sala e a cama do quarto. Fora preciso reabrir o velho poço e O'Higgin elaborara um sistema pelo qual a água podia ser tirada com a ajuda de animais.

Na época, começaram a chegar os antigos arrendatários de The O'Hara. Uns pretendiam partir e outros continuar nas terras sob as ordens de Hubbard. Todos, porém, vinham a fim de apresentarem condolências a *lady* Shanna. Cada um trazia algum presente tirado do pouco que possuía: comida, roupas, ferramentas e até animais.

Essa grande manifestação de respeito e generosidade havia quebrado a resistência de Shanna. Em lágrimas, ela aceitara os cumprimentos e as oferendas. Dormindo ao relento, O'Higgin ficara ao lado de Maggie e Shanna até os ventos de inverno começarem a soprar do norte. Então se despedira, solene, e partira sem dizer para onde. Elas, porém, não ignoravam o destino do velho amigo. O'Higgin fora se juntar aos salteadores nas montanhas. Havia um novo grupo deles agora, formado por católicos e monarquistas foragidos e que eram chamados de Tories. Eles se escondiam durante o dia e à noite assaltavam as propriedades que os ingleses haviam lhes tomado. Essas incursões noturnas tinham tanto sucesso que logo eles ficaram famosos

e o número de grupos fora aumentando.

Assustado com os problemas causados pelos Tories, o governo de Dublin expedira uma ordem classificando-os na mesma categoria de padres e lobos e, como tais, deveriam ser caçados. Havia um prêmio estipulado para cada tipo dessas “bestas onerosas”: cinco libras por um lobo, seis se fosse fêmea, dez por um padre e vinte por um Tory.

Era uma soma convidativa nesses tempos de miséria e muitos irlandeses entregavam seus compatriotas para recebê-la. Até amizades antigas e parentesco eram esquecidos diante da oportunidade de ganho financeiro. De duas em duas semanas, O’Higgin aparecia no casebre. Trazia sempre alguma coisa com ele, ou um carneiro sem ferrete, ou uma saca de cereal ou carne fresca. Todas as vezes, Maggie instava com ele para que não voltasse às montanhas. Brava, argumentava que ele era velho demais para essa vida.

— Por isso mesmo, menina — respondia ele, com uma sombra de sorriso —, que não me sujeitaria outra vez a viver sob o calcanhar dos malditos.

Foi Robert Hubbard quem, numa tempestuosa manhã de janeiro, lhes trouxe o corpo sem vida de O’Higgin.

— Esse velho foi um tolo — disse ele ao colocá-lo na cama, ao mesmo tempo em que olhava à volta.

— Concordo — respondeu Maggie, esforçando-se para não chorar na frente de Hubbard. — Mas, pelo menos, ele não tinha de lhe pagar imposto sobre o que roubava.

Robert apenas sacudiu os ombros e chamou Shanna a um canto, onde conversaram em tom abafado.

Ele mal sumira de vista quando um grupo de mulheres surgiu sem que se soubesse de onde, trazendo lençóis e mortalha. Como se fossem uma só, puseram-se a trabalhar ao mesmo tempo em que entoavam lamentações fúnebres. Depois de preparado, colocaram o corpo num ataúde rústico e o levaram para trás das colinas. Por causa das circunstâncias, a cerimônia foi a mais breve possível.

No caminho de volta ao casebre, Maggie revelou a sua surpresa ante o fato de tantas mulheres terem vindo de longe para enterrar o velho homem.

— Isso não me provoca a mínima admiração — disse Shanna. — Ele era o braço direito de The O’Hara em Ballylee e cuidava de todos os arrendatários e camponeses como se fossem seus filhos. Jamais se descuidou dessa tarefa, nem mesmo no fim. Você pensa que O’Higgin roubava alimentos só para nós, minha menina?

Assim que chegaram a casa, Maggie se lembrou da conversa baixa

mantida entre o inglês e Shanna, quando ele trouxera o corpo de O'Higgin. Curiosa, indagou sobre o assunto.

— Hubbard queria saber como estávamos vivendo — respondeu Shanna com simplicidade.

— Você afirmou que estamos bem, não é?

— Sim, porém ele olhou à volta e soube que eu mentia. Então, nos convidou a voltar a Ballylee.

— Não diga! — exclamou Maggie, sem esconder a alegria.

— Não se entusiasme, ele impôs uma condição.

— Qual?

— Que você se case com ele — respondeu Shanna. Entre atônita e incrédula, Maggie a fitou.

— Casar com ele?! O homem ficou louco!

— De jeito nenhum, é até bem esperto.

— Como Hubbard pôde imaginar que eu aceitaria isso? E por que ele haveria de querer se casar comigo?

— Ele já tem Ballylee e gostaria de ter o nome do clã — Shanna explicou com um sorriso enigmático.

Maggie sabia da existência de uma lei inglesa que permitia ao marido passar a assinar o nome da esposa. Sabia ainda que ela era usada na preservação de títulos e, por isso mesmo, não atinava por que o nome irlandês O'Hara podia interessar a um inglês. Isso, Shanna se negou a esclarecer. Foi para o quarto descansar.

— Maggie, Maggie? — chamou mais tarde.

— O que foi? Estou aqui.

— Está tão frio, menina. Dá para pôr mais brasas na panela? — pediu a pobre mulher.

— Naturalmente — respondeu Maggie.

Abaixou-se ao lado da cama e apanhou a panela pelo cabo. Já ia explicar que voltaria logo, mas notou que Shanna adormecera outra vez.

No outro cômodo, devolveu à lareira as brasas apagadas e substituiu-as por outras bem acesas. Ao recolocar a vasilha sob a cama, ouviu de novo a voz fraca de Shanna:

— Maggie, e a criancinha? Ela suspirou e desviou o olhar.

— Morreu — respondeu com tristeza. — Eu a amortalhei direitinho e a enterrei perto da mãe.

— Talvez tenha sido melhor — murmurou Shanna, com os olhos cheios de lágrimas, e depois voltou a dormir.

“Tem razão”, Maggie concordou em silêncio enquanto se dirigia de novo para junto do calor da lareira.

Elas haviam achado a criancinha numa valeta, uma semana atrás. A pequena chorava desesperada e tentava se aconchegar ao corpo frio da mãe, morta já há algumas horas.

Maggie não ignorava que isso acontecia agora com muita frequência na Irlanda. As estradas estavam cheias de órfãos cujos pais tinham, sido enviados para o exílio forçado e cujas mães morreram de frio e fome. Maggie levava a criancinha para o casebre e enterrara a mãe. Durante uma semana, fizera de tudo a fim de preservar-lhe a vida. Até Shanna, tão doente, levantara-se da cama para ajudar.

Os esforços tinham sido inúteis e, essa manhã, ela cavara uma nova sepultura. Se continuasse assim, um dia a Irlanda seria um enorme cemitério, pensara desolada.

Fazia seis semanas que a criança morreria quando Hubbard apareceu no casebre. Ao ouvir o trote de um cavalo, Maggie, sem mesmo ver de quem se tratava, tirou do esconderijo as duas pistolas que O'Higgin lhe havia dado. A situação daqueles lados mostrava-se cada vez pior. Ladrões e assassinos vagavam por ali à procura de comida. Há uma semana, ela apanhara dois malandros roubando um carneiro do cercadinho. Eram irlandeses e um deles era vizinho. Ela tivera de apontar-lhes as armas para que largassem o animal e fugissem.

— Você teria atirado neles? — Shanna indagava, curiosa.

— Sem dúvida — respondera com sinceridade. A única coisa que lhe importava agora era a sobrevivência de ambas. .

Maggie abriu a porta e saiu com as duas pistolas erguidas.

— É contra a lei irlandeses portarem armas — Hubbard avisou-lhe.

Vestido de preto, com uma capa pesada sobre os ombros, ele parecia mais alto ainda sobre o garanhão branco. Não mudara nada, desde o dia em que Maggie o vira pela primeira vez sobre a balaustrada do portal Duleek, em Drogheda. E agora, por conhecê-lo melhor e por saber das intenções dele, achava-o mais temível ainda. A firmeza dos olhos negros a fez baixar as armas, contudo não a impediu de responder.

— As leis que você cita são inglesas.

— Irlandesas também, já que a Irlanda tornou-se de novo colônia da Inglaterra. Maggie manteve-se calada e ele continuou:

— Creio que os governadores vão se reunir logo para a assinatura de um tratado de paz.

— Entre vocês mesmos — comentou ela, mordaz.

— Bem, não restam mais muitos irlandeses para assiná-lo. Estão todos em Connaught ou Clare.

— Ou em Barbados como escravos — Maggie acrescentou.

— Servos contratados, o que é bem diferente.

Maggie sentiu uma onda de ódio atingi-la. Hubbard demonstrava a mesma calma com a qual a enganara a respeito de Conor. Muitas vezes refletira na conversa tida naquela ocasião, à procura de algum indício que lhe revelasse que Hubbard mentia. Não descobrira nada, a não ser que esse inglês era um mestre da fraude.

Robert desmontou e tirou duas cestas presas à sela.

— Comida — disse, entrando no casebre.

Em silêncio, Maggie o seguiu e bateu a porta com o pé. Depois de colocar as cestas na mesa, ele lhe tomou as armas.

— Onde você as esconde?

— Não vai confiscá-las?

— Não. Duas mulheres neste canto deserto precisam de alguma proteção contra seus compatriotas irlandeses.

O ódio de Maggie aumentou. Como não se atrevesse a falar, com medo de explodir, apontou para uma pedra solta no lado da chaminé. Hubbard guardou as pistolas e depois, encostado na parede, examinou-a da cabeça aos pés, com olhar arrogante e constrangedor.

— Como vai *milady* Talbot? — indagou ele de repente.

— Repousando adormecida — replicou ela.

— Isso eu concluí quando não a ouvi perguntando quem estava aqui. Quero saber do estado de saúde de *milady*.

— Pior, muito pior — Maggie admitiu.

Nervosa, massageou as têmporas com a ponta dos dedos. Não lhe importava mais que Hubbard soubesse a verdade sobre a situação miserável em que se encontravam e das condições precárias de Shanna.

— Acredito. Este lugar é úmido como um túmulo.

— Ela melhoraria muito e talvez até ficasse completamente boa se você permitisse o seu retorno a Ballylee.

— Minha cara menina, não sou eu quem a está impedindo de voltar para lá — retrucou ele com voz mansa.

— Está insinuando que sou eu? — Maggie replicou sem conseguir esconder o desânimo.

— Ah, então ela lhe contou — comentou Hubbard ao mesmo tempo em

que tirava a capa e a jogava numa cadeira.

Sem a peça larga à volta do corpo, ele pareceu crescer e a aura imponente e dominadora que o envolvia tomou conta do ambiente acanhado.

— Contou, sim. Em nome de Deus, por que você me quer como esposa?
— perguntou ela, sem conter a curiosidade.

Hubbard aproximou-se um pouco e a fitou com mais intensidade.

— Naturalmente ela também lhe explicou isso — disse ele, surpreso.

— Shanna apenas contou que você quer o meu nome. *Por quê?* Já possuo Ballylee e um exército para defendê-lo. Você e a sua raça conseguiram o que a Inglaterra vem tentando fazer há quase duzentos anos, isto é, nos reduzir a pó, será que ter-me como esposa lhe proporcionaria uma vitória final?

Dono de um temperamento estranho e volúvel, Hubbard derrubou a máscara de indiferença. Atônita, Maggie viu um turbilhão de emoções substituir-lhe o autodomínio. Mais uma vez, foi tomada pela sensação misteriosa e amedrontadora de que conhecera este homem bem antes do horror vivido em Drogheda.

— Curioso — murmurou ele, quase com meiguice. — Imagino por que ela não lhe contou tudo.

— Tudo *o quê?* — exclamou Maggie impaciente e depois baixou a voz para não acordar Shanna. — Quem é você, Robert Hubbard? O que existe de tão estranho e misterioso a seu respeito que ela sabe e não me conta?

Hubbard reassumiu a expressão de impassividade e fez que não ouvira as perguntas,.

— Embora eu as ignore, tenho certeza de que *milady* Talbot tem suas razões e eu não desejo interferir.

— Deus do céu, homem, deixe a pobre mulher voltar para o castelo e morrer em paz! Será que não existe um pinga de misericórdia no seu coração?

— Não, nenhum — replicou ele, vestindo de novo a capa.

— Tente compreender — Maggie insistiu desesperada. — Eu não amo você, Robert Hubbard, eu o desprezo! Todo o amor do meu coração é dedicado a Conor.

Robert riu com sarcasmo e se aproximou mais.

— O contrato de servidão dele é por dez anos — lembrou-lhe com crueldade. — Quando terminar, Conor será um homem acabado e você uma velha.

— Pois que seja assim — replicou ela irritada, e virou-lhe as costas. Hubbard a segurou pelos ombros e a fez voltar-se para ele. Os olhos negros a

atraíram e ela se viu afundar naquele abismo escuro e tenebroso.

— Eu a terei, Maggie O'Hara — Robert declarou numa voz calma, reveladora de sua enorme autoconfiança.

— Não e não! — protestou Maggie, num esforço para escapar da estranha atração que parecia emanar dele.

— Comprei a parte de muitos ingleses que receberam terras por aqui. Ballylee nunca será tão magnífica como no passado, mas prometo que voltará a ser grande.

Mais surpresa ainda, Maggie percebeu a aura de virilidade que Hubbard emanava semelhante à que notara tantas vezes em Conor. Contudo, existia uma diferença sutil que ela não conseguia decifrar.

Hubbard irritou-se com a sua falta de receptividade e puxou-a com força de encontro ao peito.

— Você fala de amor, Maggie O'Hara — começou, raivoso. — E como pensa que ele a consolará quando o seu ventre continuar vazio? O amor subsistirá quando essa velha mulher morrer no quartinho frio e úmido? Esse sentimento é para poetas e sonhadores, não para soldados e sobreviventes, e é isso que eu e você somos.

De repente, Maggie descobriu a diferença existente entre o homem que amava e o que a queria forçar a uma vida desprezível, embora fácil. Robert Hubbard não tinha coração e levava uma existência sem significado. Por isso, era incapaz de lhe provocar qualquer emoção gratificante.

“Deus do céu, como eu poderia me entregar a um homem a quem temo?”, raciocinou ela com lucidez. “O medo é o único sentimento que Robert Hubbard consegue despertar em mim!”

Uma raiva repentina ante o poder arrogante de Robert a dominou e extravasou sem que pudesse impedir.

— Se é uma senhora para Ballylee que deseja, então compre uma meretriz inglesa para o lugar, pois eu prefiro me matar a ser obrigada me tornar a sua mulher!

Robert apertou-a com mais força e Maggie pôde sentir a fúria que o fazia estremecer.

— Não, menina, não quero uma leitora de Bíblia dos condados da Inglaterra nem uma mulher requintada de Londres. Quanto ao seu corpo, Maggie O'Hara, eu o tomaria apenas para consumir o casamento, já que não é ele que me interessa, e sim o seu nome.

Num movimento brusco, Robert a largou e caminhou até a porta, que abriu. De lá, virou-se para Maggie com o vento agitando-lhe a capa e os

cabelos negros à volta do rosto bonito.

— Você sabe muito bem que, um dia, eu o terei.

CAPÍTULO XXXV

JULHO DE 1951
BARBADOS — ÍNDIAS OCIDENTAIS

O quarto estava quase às escuras e a parca claridade provinha de uma vela e da luz que se filtrava pela fresta da janela. Elana despiu o vestido, que colocou na guarda de uma cadeira, e, apenas com a camisa, aproximou-se da janela.

No terreiro dos escravos, sob a luz da lua que já ia alta no céu e ao som de tambores, várias mulheres dançavam em círculo. Estavam seminuas, usando apenas um pedaço de pano amarrado nos quadris. Elana invejava a desinibição das escravas.

O calor estava insuportável. Nem os ventos alísios que costumavam soprar depois do pôr-do-sol haviam aparecido esta noite. Porém existia algo mais, além da falta dos ventos, que a diferenciava das outras e ela imaginava o que poderia ser. Naturalmente, não se esquecia de que aquela era a primeira noite depois de terminada a estação da colheita.

Satisfeita, Elana suspirou. Sabia já que seus lucros seriam enormes. Quando terminasse a venda dos produtos, teria o suficiente para satisfazer a *sir* John e outro tanto para suas reservas particulares. Estas, ela chamava de “fuga dourada”, e seriam usadas quando o marido enlouquecesse de vez.

Para os escravos, o fim da colheita significava uma semana inteira de descanso. Durante sete dias, eles poderiam fazer o que bem entendessem. Com a ajuda de Conor, Elana lhes tinha levado cestas de doces, carne e rum. No papel duplo de senhora e senhor da fazenda Redding, ela havia sido enérgica ao chamar a atenção daqueles que tinham negligenciado o trabalho nos últimos seis meses. Por outro lado, elogiara os que haviam demonstrado esforço e diligência. Fizera ainda brindes aos escravos e passara a mão na testa dos bebezinhos. Embora todos os brancos da ilha a criticassem, Elana cumprimentara também a mulher *Obeah* e não recuara quando ela lançara búzios e ossos a seus pés. Depois havia voltado para casa, deixando-os entregues aos festejos.

Conor, entretanto, ficara no terreiro dos escravos. Dali ela podia vê-lo, sentado ao lado de Tall Boy. Achava muito estranho o relacionamento entre

os dois. A princípio, ficara com medo de que Tall Boy se ressentisse do fato de ela ter escolhido um jovem branco para ser o novo capataz. Conor, porém, lhe conquistara a simpatia logo no início. Aliás, ele fizera isso com todos e sem esforço algum.

Elana sabia que o irlandês bonitão se considerava tão escravo quanto os negros, mas não restava dúvida de que ele tinha mais resistência física do que os companheiros de servidão. Apesar da falta de liberdade e de se encontrar numa terra estranha contra a vontade, Conor mantinha sempre o sorriso cativante. Um dia, ela lhe perguntara se se sentia tão feliz como aparentava.

— Não é felicidade que me faz sorrir e sim a vida — respondera ele. — Sou muito grato por estar vivo e aprecio cada dia da melhor maneira possível. Se vivesse triste e amargurado, o tempo passaria muito devagar.

— Quer dizer que esqueceu a Irlanda?

A resposta sincera fora rápida:

— Jamais esquecerei Eire!

Elana reconhecia que essa maneira de pensar fazia sentido. Dez anos de servidão poderiam transformá-lo num velho antes do tempo, ao passo que, se encarasse os dias com bom humor, conservaria a juventude. Mesmo assim, admirava-se de que um guerreiro, com título de nobreza do clã, aceitasse o trabalho forçado sem lutar. Todavia, Conor também tivera uma resposta adequada para isso.

— O fato de eu apreciar a vida, *lady* Elana, não quer dizer que tenha desistido de lutar. Não me resta outra escolha a não ser esperar o tempo certo para isso. Não pretendo servir os dez anos e depois continuar por aqui como um pobretão. Quando surgir a oportunidade, fugirei para a Irlanda.

— Creio que aqui, Conor, você estaria mais seguro. Cada navio que chega traz notícias da desolação que graça na sua terra.

— Pode ser, mas é lá que ficou Maggie-o.

Elana não havia tido a intenção de caçoar dele, porém não fora possível conter o riso.

— Pensa mesmo, Conor O'Hara, que essa menina estará esperando por você?

— Tenho a mais absoluta certeza disso — replicara ele.

Tanta segurança só podia ser fruto de um amor profundo e correspondido, reconhecera Elana com uma ponta de tristeza.

Nessa noite, ela acordou soluçando por causa de algum sonho de que não conseguia se lembrar. Angustiado, forçou a mente até que, aos poucos, tudo foi clareando e ela percebeu que estivera sonhando com Conor. Durante

um mês inteiro, obcecada pelas emoções sentidas, tentou se convencer do absurdo representado por sua paixão, afinal, era uma senhora de vinte e sete anos, ao passo que Conor não passava de um rapazinho de dezenove, cheio de ilusões e idéias ingênuas.

Contudo, o que havia de errado nisso? “Pelo sangue de Cristo!”, pensou ela, exaltada, “por sermos dois proscritos, que mal haveria se nos consolássemos?”.

Devagar, Elana começou a passar mais e mais tempo ao lado de Conor, o que não era difícil, já que Elizabeth o adorava. A menina quase não o largava e o seguia enquanto ele cumpria o trabalho pela fazenda. Era como se a criança visse em Conor um substituto da figura do pai. Quanto mais fortes se tornavam os laços de afeto entre Elizabeth e Conor, mais Elana se sentia ligada a ele. *Sir John* percebeu o fato mesmo antes da esposa se conscientizar dele. Um dia, com o sarcasmo habitual, ele a interrogou:

— Quer dizer que você comprou outro amante?

— Não seja ridículo! Ele não passa de um rapazinho — respondeu ela, com voz calma.

— Não diga! Esse capataz é forte como um touro e pode dar conta de umas dez iguais a você!

— Não quero mais saber dessa conversa — Elana declarou enérgica ao se afastar de perto da cama.

— Nem eu, mulher! Posso ser um inválido preso nesta cama, mas tenho olhos que a vigiam noite e dia, sua bruxa.

Elana não se esqueceu da ameaça subentendida por essas palavras. Se cedesse novamente à tentação, *sir John* teria a desculpa desejada para matá-la e a Elizabeth. Mesmo contando com a proteção de Tall Boy e Conor, seu medo era grande.

Apesar disso, Elana se via incapaz de tomar algumas atitudes que impedisse o que parecia inevitável, o sonho, repetido muitas vezes, deixou de ser uma manifestação da mente adormecida para se tornar uma emoção mais real. Ela ansiava por sentir as carícias das mãos e por aninhar o corpo nu entre os braços dele.

Sua luta íntima era imensa. Por um lado acha que o desejo ardente passaria com o tempo, através do convívio, e por outro estava certa de que ele só cessaria se fosse plenamente saciado.

Ainda observando a festa dos escravos pela janela do quarto, Elana percebeu, de repente, o que parecia diferente essa noite. Tudo se tornava tão claro que se indagava como não havia se dado conta disso antes, já que o

elemento novo surgira com a chegada de Conor à fazenda.

Sabia agora que, durante todo esse tempo, estivera vendo Patrick, e não Conor. Naturalmente não atentava para a aparência física, mas pelas manifestações de temperamento. Para ela, o riso contagiante, o brilho malicioso do olhar, a alegria despreocupada da juventude e a atitude em relação à vida não eram de Conor, mas de Patrick.

A descoberta repentina provocou-lhe tal impacto que não foi possível negá-la. Sentia-a no calor abafado, no perfume das flores misturado ao cheiro de mar trazido pela brisa.

Quando Conor lhe contara que Patrick estava vivo, ela exultara e fizera o trajeto de volta à fazenda em estado de pura euforia. A alegria apenas diminuía um pouco ao saber de Kate. Patrick havia encontrado o amor e a felicidade no casamento.

Conor narrara-lhe ainda o massacre de Drogheda e a perigosa tentativa de fuga pelo rio, feita por Kate. Não sabia se a moça se encontrava morta ou viva, porém, no segundo caso, tinha certeza de que Patrick a encontraria em algum canto da Irlanda. O contentamento e o alívio de Elana por não se sentir mais culpada em relação a Patrick foram tão grandes que ela chegou a rezar pela vida de Kate. Pelo menos essa moça proporcionaria a ele a felicidade que o seu egoísmo e imaturidade lhe haviam negado.

“Patrick, Kate e Maggie”, Elana pensou com um suspiro. Eles estavam a milhares de quilômetros do outro lado do oceano, na Irlanda devastada pela guerra. Enquanto isso, ela e Conor encontravam-se em Barbados, onde as noites quentes e perfumadas acendiam o desejo de qualquer mortal.

O som de risos e vozes alegres chamou-lhe a atenção para o terreiro dos escravos. Conor despedia-se com alvoroço e logo depois seguia pelo caminho de pedregulhos. Com o luar, Elana podia ver-lhe o peito largo e nu e os ombros musculosos. Imaginava os lábios entreabertos num sorriso que mostrava os dentes brancos e regulares.

Um espasmo percorreu-lhe o corpo e deixou suas pernas trêmulas. Os seios excitados roçavam o tecido fino da camisa.

“Você é uma irresponsável!” — repreendeu-se aflita.

Porém o ar, o calor da noite, os pequenos ruídos e os odores, de repente, ficaram mais pungentes e penetrantes. Elana viu Conor desaparecer sob as árvores que cercavam a pequena casa do capataz e seu coração disparou.

Uma vez, há alguns anos, ela entrara naquela palhoça e o resultado havia sido desastroso. Deveria arriscar de novo?

Elana foi até o guarda-roupa e apanhou um vestido caseiro de cambraia

azul-anil. O tecido leve e o decote exagerado o tornavam impróprio para o uso lá fora, porém ela poderia usar o calor como desculpa, caso precisasse se explicar para alguém, coisa pouco provável.

Em frente ao espelho, Elana escovou os cabelos. Seria imaginação sua, ou o antigo brilho que pensara perdido para sempre havia voltado? Aproximou-se mais do reflexo e examinou o rosto e os olhos, que também davam a impressão de terem readquirido o viço antigo. Há quanto tempo não punha os ombros para trás a fim de realçar os seios?

Sem querer, lembrou-se da franqueza de Conor na charrete e começou a rir.

— Diga uma coisa, Elana Redding, você ainda tem seios lindos?

Tinha enrubescido e ficado emocionada ao mesmo tempo e agora, ao recordar as palavras, a sensação de prazer aumentava. Ele ainda apreciaria os seus seios? Caso apreciasse, o que aconteceria?, indagou-se.

Curiosa por tê-lo visto várias vezes ao lado de escravas, Elana havia questionado Granny a respeito dele.

— Cabelo de Fogo é *naquedamah* — a velha escrava explicara, com ar de pena.

Através de perguntas pacientes, Elana descobrira que *naquedamah* queria dizer impotente. Havia oferecido a Conor várias mocinhas, inclusive a graciosa Onee, porém ele recusara a todas. Daí a fama de impotente que corria a respeito dele entre os escravos.

Impossível, pensara Elana, com aquele corpo másculo e na flor da juventude, Conor não podia ser impotente. Mais de uma vez, o apanhara percorrendo-lhe o corpo com o olhar de admiração. Não, Conor O'Hara era um homem de verdade e, como tal, possuía todos os desejos normais do sexo. Por isso que os dela, há tanto tempo adormecidos, haviam despertado novamente.

Elana abriu as portas de vidro do quarto que davam para o jardim, e saiu sem fazer o mínimo barulho. Seguiu ao longo da casa e depois correu para a segurança das árvores que ficavam logo atrás. Parou e ficou esperando pelo ruído de passos, ou respiração, que indicassem a presença de alguém a espioná-la. Sabia que o marido mantinha uma pessoa para vigiá-la o tempo todo.

Tranqüilizada por não ouvir nada, ela continuou sob as árvores até chegar à palhoça.

Durante alguns momentos, ficou parada à porta, esperando que o coração disparado se acalmasse. Só então, depois de respirar fundo, abriu-a

depressa, entrou e a fechou em seguida, encostando-se nela.

Com a luz do luar que entrava por uma fresta da janela, Elana viu Conor deitado no catre, sem camisa e usando apenas uns calções justos de algodão.

Assim que a porta se fechou, ele enfiou a mão sob o colchão, de onde tirou uma faca.

— Quem está aí? — perguntou. Não podia vê-la naquele canto escuro em que o luar não batia.

— Sou eu, Conor, Elana — respondeu ela num murmúrio, enquanto começava a tremer.

— Elana?! — exclamou ele, sem poder conter a surpresa.

— Eu... eu vim...

Um nó formou-se em sua garganta e ela não conseguiu dizer mais nada. Bem devagar, aproximou-se da cama.

— O que aconteceu, *milady*?

— Pelo amor de Deus, Conor, não me chame de *milady*, apenas de Elana — suplicou ela, ao lado da cama.

O luar dava um brilho diferente aos cabelos cor de cobre e à pele bronzeada de Conor. Os olhos azuis, de repente, revelaram que ele compreendia a razão de sua vinda.

Elana inclinou-se e tomou-lhe as mãos. As palmas tinham calos e as juntas dos dedos haviam engrossado com o trabalho árduo do campo. Ela deu um passo para trás e o puxou a fim de que se levantasse.

— Elana...

— Por favor, não fale.

Tocou-o nos braços e estremeceu ao sentir os músculos reagirem ao contato. Puxou-os, então, devagar para envolverem-na, e suspirou aliviada quando eles a estreitaram. O tamanho e o poder latente daquele corpo magnífico pareceram engolfar o seu e dominar-lhe todos os sentidos.

— Pelo amor de Deus, Conor, não pense mal de mim — suplicou ela. — Não existe certo ou errado nisto, somos apenas um homem e uma mulher. Não me considere uma despudorada, mas sim uma criatura muito solitária. E, acima de tudo, não me odeie.

— Eu não poderia odiá-la, não mais agora — respondeu ele com suavidade. — Você mudou muito e eu amadureci, porém continuo a achá-la lindíssima.

— Quero que me beije.

Ao vê-lo imóvel, ela correu-lhe as mãos ao longo dos braços e ombros até alcançarem-lhe a cabeça, que puxou de encontro à sua.

A insegurança e os temores desapareceram e foram substituídas por alegria e desejo quando os lábios de Conor tomaram os seus. O corpo relaxou e, maleável, amoldou-se ao dele enquanto uma carência apaixonante se expandia e o beijo se aprofundava. Elana movia os quadris à procura de um contato mais íntimo, sentindo-se estimulada ao ouvir-lhe a respiração ofegante.

As bocas continuaram unidas numa exploração arrebatadora de línguas e lábios que os corpos acompanhavam, num entrelaçamento de coxas, seios e mãos. Elana exultava delirante ao perceber que Conor a desejava com intensidade igual à sua.

Com dedos firmes, soltou o vestido e o fez escorregar dos ombros para o chão. Um momento depois, fazia o mesmo com a camisa, ficando nua em frente a Conor. A claridade do luar envolvia cada curva e ondulação do seu corpo perfeito.

O olhar de Conor demorou-se sobre as formas bem feitas dos seios firmes e depois desceu para os quadris e coxas.

— Você é linda, linda! — sussurrou.

Elana achegou-se a ele e, enquanto as mãos espalmadas afagavam-lhe as costas, os seios comprimiam-se nos pêlos macios do peito. Todavia, Conor manteve-se impassível e não a tomou nos braços, provocando-lhe um frio no coração. Quase em pânico, ela tomou-lhe as mãos e as trouxe aos seios.

— Conor, me ame! — suplicou. — Por favor, me faça amor para que eu me sinta mulher novamente!

Lágrimas quentes começaram a rolar por suas faces. Ao fitar os olhos azuis, viu-os sombreados por uma grande tristeza e comiseração.

— Eu... eu sinto... muito — gaguejou Elana enquanto se afastava. — Você deve me considerar vulgar, ou pior, uma louca! Talvez eu tenha mesmo perdido o juízo — acrescentou apanhando as roupas do chão.

Com gestos nervosos pôs-se a vesti-las ao mesmo tempo em que continuava a falar, numa tentativa de disfarçar com palavras o imenso constrangimento.

— Vulgar e louca! Perdoe-me, porém não consegui evitar isso e ainda mal posso me dominar. Deus me ajude, mas eu não quero fugir ao meu desejo. Sei que me humilhei, mas queria apenas um momento... Um momento do quê? Tudo parece...

Cada vez mais confusa, Elana foi elevando a voz até quase chegar aos gritos. Rápido, Conor segurou-a pela cintura e tapou-lhe a boca com a mão. A pressão forte a impedia de respirar bem, mesmo assim ela lutou para se

libertar até que, atordoada, o corpo amoleceu. Só então, ele permitiu-lhe respirar melhor. Após uns momentos, Elana balbuciou:

— Estou bem agora.

Com esforço e movimentos inseguros, separou-se dele e caminhou rumo à porta. Já ia abri-la, porém Conor a impediu e a aconchegou nos braços.

— Lamento muitíssimo, Elana — murmurou ele.

Uma avalanche de emoções, como as águas revoltas de um dique rompido, a dominou de maneira incontrollável. Novas lágrimas inundaram-lhe as faces e soluços sacudiram seu corpo. Conor a ergueu no colo e a levou até a cama, onde a deitou com cuidado. Acomodou-se a seu lado e, como se acalmasse uma criança assustada, começou a murmurar palavras de conforto.

Da mesma maneira brusca com que se elevara, a paixão de Elana amainou e deu lugar a uma sensação de tranqüilidade. Abraçada a Conor, deixou que o pranto se esgotasse e lhe desse o alívio que ansiava. Só então falou:

— Amei Patrick do fundo do coração, mas descobri isso tarde demais.

— Sei disso agora — garantiu-lhe Conor.

Conversaram sobre a Inglaterra e a Irlanda. Em murmúrios abafados, comentaram o passado e o presente. O coração de Elana enterneceu-se por Conor, ao mesmo tempo em que o invejava.

“Que grande felicidade deve ser poder amar alguém e uma terra com tanta intensidade”, reconheceu ela. No fundo do coração, sabia que jamais teria essa alegria. Sentia-se triste por si mesma, mas feliz por Conor. Ele ainda era jovem o suficiente para realizar os sonhos arquitetados.

A luz do alvorecer avisou-os de que deviam se separar. Elana desvencilhou-se dos braços dele e se levantou da cama. Fitou o corpo de Conor, que continuava a achar lindo, porém que não lhe despertava mais o desejo insano. Havia recebido do amigo tudo o que ele poderia ter lhe dado e, de alguma forma, isso era o suficiente.

— A sua Maggie é uma mulher de muita sorte. Espero que ela o ame da mesma forma que você a ela.

— Pode ter certeza de que sim — Conor respondeu, com um sorriso radiante.

Elana sorriu também e disse:

— Amanhã irei a Bridgetown falar com meu advogado. Não deverá levar mais de um mês para preparar os papéis.

— A que está se referindo?

— Ao cancelamento do seu contrato. Naturalmente, você não poderá

voltar para a Irlanda, mas na França estará bem mais perto de Maggie.

— Entre!

Elana estremeceu. Pelo tom de voz, percebia que *sir* John estava embriagado, contudo não podia evitar por mais tempo o encontro indesejado. Ele a mandara chamar de manhã cedo e a tarde já ia avançada agora.

— Muito bem, John, o que deseja? — perguntou ela ao entrar no quarto, mantendo distância da cama.

— Boas notícias, sua bruxa — respondeu Redding, sacudindo uns papéis no ar.

— Não diga — comentou ela, desinteressada.

— Sabe, você não foi a única a visitar o advogado.

No mesmo instante, Elana alarmou-se. Por duas vezes, durante as últimas semanas, o marido pedira para ser levado a Bridgetown e ela não se dera ao trabalho de descobrir as razões das viagens. Mas agora o sarcasmo na voz e a antiga maneira arrogante a amedrontavam.

— Se você achava que eu não fazia a escrituração dos livros com honestidade, John, era só pedir para examiná-los — disse ela com calma aparente.

— Qual nada, não estou falando de livros. Sei o que planejou e não vou deixar que me escape. Já lhe disse que tenho olhos.

— Se vai continuar a dizer coisas sem sentido, pode ficar aí falando sozinho — Elana declarou, já da porta.

— Espere, sua despudorada! — ordenou ele. — Sei que foi à palhoça do capataz como uma rameira qualquer e que está providenciando a liberdade dele.

Elana gelou de medo.

— Não faço a mínima idéia do que...

— Deixe de ser mentirosa! Disse que ele se chamava O'Connor e era de Munster. Pelo sangue de Cristo, Elana, pensou que sou algum idiota? Não foi difícil descobrir que o rapaz é Conor O'Hara, de Ballylee. Não alegue que desconhecia isso.

Ela fitou o marido com expressão de desafio.

— Eu sabia muito bem de quem se tratava, mas resolvi mentir para não reavivar sua memória e deixá-lo mais louco do que já é!

— Talvez eu seja louco mesmo, porém não cego ou idiota. Calculo bem os seus planos, sua desgraçada. Aposto como o rapaz trouxe a notícia de que Patrick está vivo e agora você pretende usá-lo para levá-la de volta ao pai de

sua filha bastarda.

— Não, John, eu juro...

— Jure o que quiser, porém eu não lhe darei ouvidos. Já interceptei os seus planos. O general Cromwell comanda o Parlamento agora e não se esqueceu dos serviços que lhe prestei. Seremos muito bem recebidos na Inglaterra, e é para lá que vamos.

— Não! — protestou Elana, desesperada.

Um brilho de triunfo surgiu nos olhos de John, que prosseguiu contando sobre os planos elaborados.

— Eu, você e sua filha iremos embora. Já contratei um novo capataz e esta maldita fazenda continuará a nos enriquecer, mesmo que moremos na Inglaterra.

O pavor de Elana agora não tinha limites. Pelo menos em Barbados ela e Elizabeth gozavam de uma certa segurança contra os acessos de fúria de sir John, ao passo que na Inglaterra estariam à mercê deles.

— Eu não vou! — declarou ela, com ar de desafio.

— Irá, sim, sua bruxa. Eu posso ser um aleijado, mas ainda sou o chefe desta família perante a lei. É melhor começar a se preparar. Partiremos depois da época das tempestades, no dia vinte e dois de fevereiro, a bordo do *Bold Venture*.

Elana esperou até depois da meia-noite para deixar o quarto. Sabia que estava correndo um risco muito grande, porém o perigo do momento era insignificante comparado ao que *sir* John lhe preparava e à pequena Elizabeth. Sendo ou não vigiada, precisava ver Conor a sós.

O pânico provocado pelas notícias dadas pelo marido havia cedido lugar à calma. Não deixava de ser irônico que um plano de fuga jamais ocorrido lhe fosse dado por John. Depressa, caminhou sob a proteção das árvores e, ao chegar à palhoça, entrou logo.

— Elana! — exclamou Conor, surpreso.

Da maneira mais rápida possível, ela contou que Redding havia descoberto a verdadeira identidade dele e feito graves acusações a ambos. Explicou-lhe ainda sobre os planos do marido quanto à mudança da família para a Inglaterra.

— Você precisa me ajudar, Conor. A princípio, com uma certa razão, ele tinha ciúmes terríveis de mim, depois...

— Vou procurá-lo já — Conor declarou, levantando-se.

— De jeito nenhum. Agora não se trata mais de ciúmes, mas de loucura verdadeira. Ele me culpa e a Elizabeth por tudo que lhe aconteceu, pois o

único prazer que tem é nos atormentar. Na Inglaterra, *sir* John poderá nos infringir os sofrimentos que bem desejar.

— Você me devolveu a liberdade e ainda me ajudou financeiramente. Farei tudo que puder para tirá-la dessa situação, Elana — prometeu Conor.

— Tinha certeza de poder contar com você. Obrigada, meu amigo — disse ela, comovida. — Meu plano vai lhe parecer estranho, mas creio que dará certo.

— Tem de ser muito bom para conseguir enganar aquele desgraçado. Vamos lá, conte logo.

— Você terá de passar por John Redding.

— O *quê!* — exclamou ele, atônito.

— Preste atenção. Meu marido está com toda a documentação pronta e as passagens para embarcarmos no dia vinte e dois do mês que vem para a Inglaterra, a bordo do *Bold Venture*.

Conor não pôde esconder a decepção. A liberdade duraria muito pouco se ele fosse para a Inglaterra. Tão logo a sua identidade fosse reconhecida lá, seria enforcado. Elana percebeu-lhe a reação e a causa dela e apressou-se em acalmá-lo.

— Não, Conor, não se preocupe, não iremos para a Inglaterra. Há um veleiro alemão, o *Graf Klammer*, com partida marcada para a França no dia nove. Pretendo roubar a preciosa documentação de meu marido e alterá-la. Você, Elizabeth e eu sairemos de Barbados, no *Graf Klammer*.

Pensativo, Conor guardou silêncio por algum tempo, avaliando as probabilidades de êxito do plano. Disse, então:

— É bem arriscado. O capitão de um navio alemão...

— Tenho muita moeda estrangeira escondida — interrompeu Elana —, o suficiente para fazer qualquer capitão fechar os olhos para certas irregularidades. Você me ajudará?

Mais uma vez, Conor manteve-se calado por uns momentos. Finalmente o sorriso matreiro espalhou-se no rosto dele.

— Naturalmente! E vamos rezar para que as tempestades passem mais cedo este ano, a fim de que bons ventos nos levem.

— Deus o abençoe, Conor O'Hara! — Elana murmurou ao beijá-lo de leve na face.

Cheia de esperança, deixou a palhoça em seguida. A França e a nova vida pareciam agora bem ao seu alcance.

— Sinhá?

Com uma exclamação de surpresa, Elana estacou ao ver à sua frente a

silhueta gigantesca surgida das sombras.

— Tall Boy! O que...

— Venha por aqui, sinhá — disse o escravo, antes de sumir por entre o arvoredo.

Cautelosa, ela o acompanhou, os sentidos alerta ao menor sinal de perigo. O escravo jamais lhe dera razão para temê-lo, porém a estatura avantajada sempre a deixava nervosa. Ele parou perto do corpo de um negro caído junto a uma palmeira. Elana empalideceu ao constatar, pelo ângulo grotesco da cabeça, que o homem fora morto com o pescoço quebrado.

— Nacondo — murmurou ela, chocada.

— Nacondo seguiu sinhá — Tall Boy começou a explicar, ansioso para que sua dona o compreendesse. — Quando peguei ele, Nacondo tentou me cortar.

Profundamente triste, Elana percebeu o que se passara e ficou muito grata a Tall Boy por ter descoberto a presença do outro escravo antes que ele relatasse seus atos ao senhor da fazenda. Sabia que o pobre coitado não havia tido outra escolha senão obedecer às ordens de *sir* John. Ele não passava de mais uma vítima das guerras e desavenças que grassavam pelo mundo afora.

— Não quis matar ele — desculpou-se Tall Boy.

— Sei disso — garantiu-lhe ela, suspirando. — Estou muito aliviada com a sua ajuda, Tall Boy. Muito obrigada.

Satisfeito por ter agido bem, o escravo adentrou-se pela vegetação e desapareceu de vista. Mais uma vez, Elana admirou-se da maneira como aquela criatura tão grande podia se movimentar sem fazer ruído algum. Frustrada, reencetou a caminhada para o quarto, com a alegria pela perspectiva de fuga sombreada pelo preço alto que já começava a ser cobrado.

Elana apertou entre as mãos a bolsinha enquanto o mestiço do estábulo a ajudava a subir na charrete.

Tudo terminado, pensou aliviada. Havia custado um bom dinheiro para mudar a documentação e mais ainda para tudo ser mantido em segredo.

Na bolsa estavam os papéis que a levariam, bem como a Elizabeth e Conor, para a liberdade. Na fazenda, entregaria tudo ao jovem irlandês, que os esconderia junto com o dinheiro que ela há lhe havia dado. Partiriam daí a uma semana.

— Tempestade, sinhá — disse o mestiço apontando para o mar. — Vento muito forte lá.

Elana olhou para o ponto indicado. Na linha do horizonte, onde o azul do mar e o do céu sem nuvens se encontravam, ela podia ver nuvens escuras. As águas revoltas do oceano assumiam uma forma obscura e indeterminada. Enquanto ela observava, a montanha de água parecia crescer e rolar inexoravelmente em direção às praias da ilha. Poderosa e amedrontadora, a vaga provocou-lhe um pavor incontornável, todavia, como que hipnotizada, não conseguia desviar os olhos dela. De repente, a avalanche gigantesca desapareceu e o que, pouco depois, chegava à costa, não passava de uma onda calma.

— Foi apenas o vento lá fora — comentou ela, soltando a respiração que, sem perceber, havia prendido.

Impaciente para ir embora, virou-se para o mestiço que, assustado, ainda tinha os olhos pregados no mar. Sem ao menos receber o pagamento, que sempre reclamava ser pouco, o homem desapareceu correndo no interior do estábulo.

Embora achasse tal atitude intrigante, Elana não lhe deu muita importância e instigou o cavalo a fim de partirem.

No trajeto para a fazenda ao longo da costa, cada vez que olhava para o mar, ela via outro daqueles vagalhões escuros mover-se em direção à ilha, porém era sempre uma ondulação normal que atingia a praia.

“Estranho”, ponderou, “é o dia mais calmo que já passei nesta ilha, sem a mais leve brisa no ar ou a mais tênue nuvem no céu. O que poderia estar provocando as ondas imensas lá no mar?”

Outras preocupações mais prementes ocuparam a sua mente e ela se esqueceu das manifestações curiosas da natureza até parar a charrete em frente ao estábulo da fazenda. Só então deu-se conta de que o vento, antes aparentemente agindo no oceano distante, soprava agora na ilha e crescia de intensidade com o passar dos minutos. As árvores retorciam-se agitadas e a poeira erguia-se do chão em forma de funil.

— Granny disse que vem tempestade — avisou Tall Boy ao ajudá-la a descer da charrete.

— É bem provável. Mande os homens colocarem mais lonas de proteção sobre os telheiros de depósito de cana.

— Está bem, sinhá.

Com a precaução necessária para não ser vista da casa grande, Elana foi primeiro ao engenho. Conor a esperava na entrada. Sem dizer nada, passou-lhe os papéis e ambos sorriram nervosos como duas crianças prestes a fazerem uma traquinagem que não desejavam ver descoberta pelos adultos.

Então dirigiu-se para casa e, como o coração agitado, subiu os degraus em frente da varanda. Nesse instante, percebeu que o céu azul havia desaparecido. Nuvens escuras revolviam-se agitadas sobre a sua cabeça. No lado oeste, mal podia discernir o sol que se punha.

Era um ocaso como nunca vira antes. Numa brecha entre nuvens cinza-esverdeadas, via-se uma bola cor de sangue, que logo foi encoberta, levando consigo quase toda a luz. Era como se o sol, feito uma vela vermelha, houvesse sido apagado pela fúria do vento e lançado a terra na semi-escuridão.

Instintivamente, Elana pensou em Elizabeth, que devia estar com medo da tempestade; só então notou que a filha não tinha vindo ao seu encontro, como o fazia todas as vezes em que voltava de Bridgetown. Correu para dentro de casa e atravessou o salão em direção à cozinha e à copa, ao mesmo tempo em que chamava os criados e a filha pelos nomes:

— Granny, Nabob, Onee, Elizabeth, onde estão vocês?

— Elana! Venha até aqui — rugiu a voz de John, vinda dos aposentos dele.

— Espere um pouco — respondeu impaciente. — Nabob?

— Venha já aqui! — repetiu ele, aos berros.

Elana encontrou tanto a copa como a cozinha vazias. Gritando pelo nome da filha, voltou ao salão.

— Estou aqui no quarto de papai — respondeu a filha, com voz trêmula e acompanhada por uma gargalhada de Redding.

Com o coração nas mãos, Elana correu até lá e só parou quando chegou ao centro do aposento. Um olhar rápido à volta foi o suficiente para gelar-lhe o sangue nas veias.

Nabob e Onee, como duas estátuas, sentavam-se de encontro à parede mais afastada da porta. Entre elas, encontrava-se Elizabeth, com os olhos arregalados de medo e lágrimas correndo pelas faces. O rostinho da menina mostrava-se arroxeadado, o que só podia ter sido provocado por tapas.

Vestido como se fosse sair, John estava sentado no meio da cama, rodeado por todas as armas da casa. Ante o olhar apavorado de Elana, ele gargalhou.

— Levei horas me arrastando por aí, impulsionado pela força dos meus braços, até reunir tudo isto aqui.

Ela deu um passo em direção à cama e, no mesmo instante, John levantou duas pistolas, uma apontada para ela e outra para Elizabeth.

— Estão carregadas e engatilhadas, por isso é melhor me obedecer —

avisou ele.

— Você enlouqueceu de vez — declarou ela, e depois virou-se para as escravas: — Quantas vezes eu as avisei para não trazerem a menina aqui sem a minha companhia?

— Sinhô disse que tava muito doente e queria vê a fia — choramingou Onee. — Chamei Nabob e...

— A culpa foi minha, mamãe, eu insisti em vir — sussurrou Elizabeth.

— Uma filha muito amorosa. É uma pena que você também não seja assim, minha querida esposa — ironizou John.

— Por que está fazendo isso? — Elana perguntou num esforço para manter a calma e não revelar o medo sentido.

Uma expressão de ódio dominou as feições de Redding.

— Quero os meus documentos, sua bruxa, o meu passaporte. Só você os poderia ter pegado. Onde estão eles?

Elana foi tomada por um grande desânimo. Esperava que o marido não desse pelo roubo durante sua ausência e na volta pretendia mantê-lo constantemente vigiado. Infelizmente, sua previsão falhara e de nada lhe adiantaria negar o feito.

— Certo, John, eu os peguei.

— Vá buscá-los já, e acho bom ir depressa.

— E quanto a Elizabeth?

— Vai ficar aqui com o pai queridinho. As escravas também. Se está pensando em voltar acompanhada por Tall Boy, acho bom avisá-lo de que, caso se atreva a entrar aqui, matarei a mulher dele em primeiro lugar.

Elana hesitou, na esperança de ainda encontrar alguma solução não prevista, John porém, impaciente gritou:

— Mexa-se, vá logo! Aproveite para mandar atrelar o carroção. Vamos esta noite mesmo para Bridgetown, onde esperaremos pela saída do navio.

— Por quê?

— Você devia saber a resposta. Lá existem leis que estão do meu lado — vociferou o marido.

A aflição e o desengano de Elana eram completos. John Redding vencia e não existia nada que ela pudesse fazer. Olhou a figura grotesca, rodeada pela luz de velas, e teve a sensação de que vislumbrava o inferno. Num assomo de desespero, virou-se e saiu correndo do quarto.

Lá fora havia escurecido mais ainda e o som do vendaval transformara-se num rugir ensurdecido e ininterrupto. Ao abrir a porta, o vento tirou-lhe o fôlego e ela foi no mesmo instante atingida por pesadas gotas de chuva.

Sentiu um gosto estranho e uma textura arenosa na água.

Com um grande esforço, tentou atravessar o jardim e caminhar em direção ao engenho. Por duas vezes, o vento levantou-lhe a saia à altura da cabeça e a derrubou no chão como se não passasse de uma boneca de pano. Toda esfolada e quase sem poder respirar, conseguiu pôr-se de pé outra vez. Sem se importar com o pudor, arrancou fora as anáguas e amarrou a saia à volta da cintura.

Vagarosamente, prosseguiu e, ao fazer uma curva, parou estarrecida dando um grito de horror. Os casebres dos escravos tinham sumido completamente. Um pouco mais adiante, os telheiros do depósito também haviam sido arrasados e a cana estocada voava pelos ares.

De repente, como se viesse de muito longe, chegou o som de uma voz chamando por seu nome. Era Conor, que, da porta do engenho, gesticulava para que fosse até lá. Elana tentou, porém viu-se arrastada para trás pelo vento. Ao perceber o perigo que a moça corria, Conor foi ao seu encontro e conseguiu ampará-la com os braços fortes.

— Granny está lá no engenho e diz que estamos tendo um *hurakan*. O que é isso?

Elana foi tomada por um pavor maior ainda. Desde que chegara a Barbados, presenciara inúmeras tempestades, mas nunca o *hurakan*, o furacão do demônio, como o chamavam ali na ilha, que destruía tudo que encontrasse no caminho. Agora sabia por que sentira um gosto estranho e textura arenosa na água da chuva. O vento poderoso misturava nela areia da praia e água do mar, sugadas pela força.

— Elizabeth está na casa grande — gritou ela, aflita.

— Está mais segura lá do que nós aqui.

— Não, você não sabe...

— Vamos para o açude que é mais perto — gritou Conor começando a arrastá-la na direção oposta da casa. — Lá conseguiremos escapar.

Acima deles, nuvens negras revolviam-se e se apartavam um pouco, deixando ver uma nesga de céu azul sereno. Todavia ali a destruição continuava implacável. Árvores vergavam e muitas eram arrancadas. Juntavam-se aos escombros de casas enquanto pelo ar voava toda sorte de entulho.

A superfície do açude espumava agitada e não dava a impressão de oferecer abrigo seguro. Mesmo assim, Elana compreendeu a razão da escolha de Conor. Mais no fundo, a água mantinha uma calma relativa, especialmente no canto escolhido por ele, ao lado de uma margem sem

árvores ou casas que pudessem cair sobre eles.

Enquanto entrava na água morna, amparada por Conor, ela viu o prédio do engenho desabar, contudo o barulho da queda, abafado pelo rugir do vento, não chegou até eles.

O tempo pareceu deixar de correr. No silêncio, a escuridão reinantes no seio das águas, Elana e Conor esperaram que o caos acima chegasse ao fim. Subiam regularmente à superfície a fim de respirar e, nessas ocasiões, ela procurava a casa grande com o olhar, mas não podia ver nada.

Depois de um tempo infinito, que jamais eles poderiam calcular, uma paz estranha baixou sobre a terra. Exaustos, arrastaram-se para fora do açude e, deitados no chão, foram recobrando a energia até conseguirem sentar-se. Mal podiam acreditar na destruição que viam e tinham a impressão *dê* estarem surdos, tal o silêncio lúgubre que os envolvia.

Só quando ouviu o som da própria voz, Elana teve certeza de que se encontrava viva e bem.

— Estamos no centro da tempestade — explicou ela, em voz baixa. — Ela virá de novo da direção oposta.

O ambiente não podia ser comparado a nada que já tivesse visto. Sobre a devastação provocada pela tempestade, o ar tinha algo de sobrenatural e uma coloração acobreada. Tornava-se difícil até respirar.

Entretanto, eles não tiveram tempo para analisar a situação, pois, através do silêncio opressivo, ouviram o crepitar de chamas. Num instante, puseram-se de pé e olharam na direção de onde vinha o barulho.

— Conor, a casa grande! — gritou Elana.

De um salto, ela saiu correndo, acompanhada por Conor, esquecida da fadiga diante do perigo de vida que a filha corria. Ofegantes e aos tropeços, venceram os escombros dos telheiros e do engenho e pararam na frente da casa.

O que restava do telhado crepitava em chamas que também escapavam por várias janelas. Assomada pelo medo, Elana mal se deu conta da chegada de Tall Boy ao seu lado.

— Elizabeth, Nabobo e Onee estão lá — gritou ela.

— Fique aqui — ordenou-lhe Conor, afastando-se depressa rumo à entrada da casa.

Sem lhe dar atenção, ela o seguiu, acompanhada por Tall Boy. O salão já estava cheio de fumaça, mas sem fogo ainda.

— Estão todas lá no quarto de John — avisou aflita, apontando para os aposentos do marido. — Ele está armado!

— Tall Boy, corra à cozinha e apanhe baldes com água — ordenou Conor, que, em seguida, começou a arrancar as cortinas das janelas.

Enquanto o escravo apressava-se em obedecer a ordem, Elana, em pânico, não conseguiu esperar mais. Correu até a porta do quarto do marido, cujos batentes já estavam tomados pelo fogo. Num gesto rápido, levantou a saia molhada e enrolou-a à volta da cabeça. Protegida assim, atravessou as chamas.

Dentro do quarto, descobriu os olhos, mas conservou a boca e a o nariz protegidos para respirar.

— Elizabeth, minha querida, onde está você?

— Aqui, mamãe — ouviu a vozinha fraca da menina responder-lhe, de um dos cantos do aposento.

Aliviada, Elana procurou-a através da fumaça e viu as mãozinhas que lhe acenavam. Aproximou-se rápida e não pôde reter uma exclamação de horror. O corpo de Elizabeth estava, em parte, preso sob o de Nabob, cuja blusa tinha uma enorme mancha de sangue.

— Papai matou Nabob — contou a menina, com voz chorosa.

— Eu sei, minha queridinha — Elana respondeu enquanto tentava soltá-la.

Conor e Tall Boy apareceram nesse momento, com o torso e a cabeça enrolados em cortinas molhadas.

— Papai obrigou Onee a ajudá-lo a sair pela janela e a pular atrás dele. Disse que, se ela não fizesse isso, a mataria também — explicou Elizabeth.

Tall Boy livrou-se da cortina que o protegia, ajoelhou-se ao lado de sua mulher e a tocou de leve na face. Depois, com um olhar significativo para Elana, ergueu-se, afagou os cabelos de Elizabeth e, dando um grito, pulou a janela.

Quase ao mesmo tempo, o teto do outro lado do quarto ruiu com um barulho surdo.

— Pelo sangue de Cristo! — exclamou Conor, tirando a cortina em que se enrolava e dando-a para Elana. — Depressa, temos de escapar daqui!

Com a cortina deixada por Tall Boy, ele envolveu Elizabeth e tirou-a dos braços da mãe. Bem juntos, ele e Elana passaram pela porta e correram até a varanda. Um grande estrondo chegou até eles, de dentro da casa.

— Pulem! — ordenou Conor pondo Elizabeth no chão e segurando-a pela mão.

Os três saltaram da varanda uma fração de segundo antes do que restava do teto desabar. Sem parar para ver se estavam feridas, Conor arrastou

Elizabeth e Elana, forçando-as a se afastarem da casa. Só parou quando atingiram uma distância segura.

Além de esfoladuras, as duas não tinham outros ferimentos, todavia encontravam-se exaustas. Com a respiração entrecortada e sem forças para darem nem mais um passo sequer', atiraram-se ao chão. Levaram algum tempo para notarem que a chuva e o vento haviam recomeçado.

— A tempestade está voltando — murmurou Elana. — Dizem que, muitas vezes, a segunda fase é pior do que a primeira. Onde vamos nos abrigar?

— Só nos resta o açude — respondeu Conor, erguendo Elizabeth nos braços. — Vamos, pequenina.

Mal deram uns passos quando Elizabeth exclamou:

— Papai!

Alarmada, Elana virou-se para a direção em que a filha olhava. *Sir John*, deitado de bruços entre a vegetação destrocada pelo vento, segurava duas pistolas, uma em cada mão. O olhar desvairado adquiriu um brilho esquisito quando apontou uma das armas para Elizabeth, no colo de Conor.

— Vou matar vocês duas, mas primeiro a diabinha.

Instintivamente, Elana atirou-se entre ele e a filha. Tarde demais, Conor gritou-lhe para que se afastasse ao mesmo tempo em que tirava a criança do alvo e se abaixava. Nesse instante, *sir John* atirou e o jovem irlandês, horrorizado, viu Elana levar a mão ao peito. Uma expressão de surpresa estampou-se em seu rosto e ela dobrou os joelhos.

Conor pôs Elizabeth no chão a tempo de amparar Elana. Pelo canto dos olhos, ele viu a silhueta gigantesca de Tall Boy surgir das árvores, atrás de *sir John*. Este devia ter pressentido a aproximação do escravo porque virou-se depressa e atirou com a segunda pistola. A bala atingiu o alvo, mas Tall Boy não diminuiu o passo. Quando as enormes mãos dele enlaçaram o pescoço de Redding, Conor voltou a atenção para Elana. Assim que a fitou, percebeu que não restava esperança. O tiro acertara na altura do coração e já um filete de sangue escorria-lhe por entre os lábios.

— Mamãe, mamãe — soluçou Elizabeth junto a Elana.

O corpo sem vida de John Redding escorregou das mãos de Tall Boy. Como que hipnotizado, Conor viu o escravo, cambaleante, caminhar até a casa incendiada. Lá, sem hesitação, entrou por entre as chamas para se juntar, na morte, a Nabob, a mulher querida.

Triste com o fim infeliz do amigo, Conor voltou o olhar para Elana, em cujos braços Elizabeth se aninhara. Agonizante, ela dizia algo baixinho e foi

preciso chegar o ouvido a seus lábios para entendê-la.

— Cuide dela, Conor. Leve-a para Patrick. Entregue-a para o pai.

Lado a lado, de mãos dadas, Conor e Elizabeth encontravam-se no tombadilho do *Graf Klammer*. Incrédulos, contemplavam os destroços de Bridgetown. Poucos edifícios haviam permanecido em pé e, mesmo esses, não contavam com todas as paredes ou o telhado.

— Her Redding?

— Pois não, capitão — respondeu Conor.

— Seus papéis estão em ordem. E a sua senhora?

— Faleceu durante o *hurakan* — explicou ele, sucinto, e depois indagou, apontando para a bolsinha nas mãos do capitão: — A quantia foi suficiente?

— Sim, e muito generosa. O imediato irá mostrar-lhes o camarote.

Ao deixarem o convés, ouviram o barulho da âncora sendo levantada.

Mal entravam no camarote, sentiram o navio pôr-se em movimento. Conor ergueu Elizabeth nos braços para que ela pudesse ver, pela escotilha, a terra que se afastava.

— Acho que um dia voltarei — murmurou ela.

— Talvez, pequenina.

— A França é um lugar bonito?

— Muito!

— Mas você não vai ficar lá comigo. Por quê?

— Preciso ir à Irlanda, procurar uma moça linda.

— Promete levá-la à França para me conhecer?

— Farei tudo o que puder para satisfazê-la.

— Agora sou órfã, não é, Conor?

Ele não respondeu.

“Não”, pensou ele. “Você não será órfã se eu conseguir encontrar Patrick”.

CAPÍTULO XXXVI

DEZEMBRO DE 1651
CONNAUGHT — IRLANDA

Embora jamais houvesse passado um dia sequer num cárcere, Kate Talbot conhecia o horror da prisão. A vida nas terras rochosas de Connaught, onde as florestas foram destruídas, nada havia de diferente da vida levada entre as quatro paredes de uma masmorra. Ali, o que restara do povo irlandês lutava para conseguir a subsistência de cada dia.

A oeste ficava o mar, a leste o rio Shannon e ao sul a região de Clare, tão desolada quanto Connaught. Soldados ingleses patrulhavam o norte a fim de evitar que alguém fugisse. Mesmo ali, a polícia militar de Cromwell não os deixava em paz. Os ingleses já lhes haviam tomado a terra e agora desejavam destruir-lhes o corpo e a alma.

Os longos meses passados em Connaught haviam endurecido Kate. Não muito depois de haver chegado ali, ela dispensara o uso de vestidos, saias e anáguas para dar preferência a calções, camisas grossas, coletes e pedaços de pano que pudessem fazer as vezes de uma capa e protegê-la contra o frio. Juntara-se a Colin Dougherty e outros homens, em incursões noturnas ao outro lado do Shannon, onde assaltavam os currais dos ingleses. Com outras mulheres, tramara esconder padres que ali chegavam disfarçados de pescadores. Enfim, Kate havia feito de tudo para se tornar um espinho na vida dos homens que, agora, governavam e exploravam sua terra.

Há dois anos nessa atividade clandestina de resistência, perdera seu temperamento dócil e bem-humorado. Não ria mais e a preocupação constante, somada ao ódio e à revolta, haviam provocado pequeninas rugas à volta dos olhos e transformado seus lábios numa linha dura. Uma única coisa a incentivava a continuar lutando e mantinha intata sua esperança de um dia voltar a ser livre: o fato de Patrick estar vivo.

As poucas notícias que entravam, ou saíam, de Connaught vinham dos padres disfarçados. Por eles, os irlandeses tinham ficado sabendo das façanhas arrojadas do *Bonny Kate* e do seu capitão, Patrick Talbot.

Os cancioneiros e cronistas haviam enriquecido as histórias de modo que Patrick se tornou famoso ao longo da costa. Duas vezes, ele havia tentado

atacar Ballylee, porém fora rechaçado. Isso indicara a Kate que, pelo menos, um O'Hara continuava vivo no castelo, provavelmente como prisioneiro.

Ela já perdera o número de vezes em que mandara mensagens a Patrick, através dos padres, informando-o de onde se encontrava e de que não perdia a esperança de reencontrá-lo. Há mais de um ano fazia isso e até agora não obtivera resposta. Todavia, a desolação continuava à sua volta e clamava por sua ajuda. Havia bebês necessitados de mãos firmes para virem à luz, mortos a serem enterrados e meninas órfãs que precisavam de um esconderijo a fim de não acabarem nas mãos de mercadores ingleses de açúcar, que as mandariam a Barbados como procriadoras.

Por uma fresta na porta, Kate olhou a trilha que subia do mar até a cabana rústica de pedra. Um soldado gordo e ofegante subia por ela, ladeado por dois lanceiros.

A um canto do único cômodo existente no casebre, duas meninas de doze e treze anos, irmãs, choravam abraçadas.

— Estou ouvindo; eles vêm vindo — gemeu uma delas.

— Quietinhas — aconselhou Kate enquanto tirava uma escada escondida num buraco da parede de pedra. — Subam aqui depressa. Há uma abertura onde o sapé se junta à pedra. Fiquem lá e não façam barulho.

Mal acabavam de sumir de vista e Kate guardava a escada no buraco da parede quando bateram à porta. Ela a escancarou e perguntou, em tom de desafio:

— O que querem de mim? Não tenho do que pagar imposto, já que nem comida consigo arranjar.

Sem esperar para ser convidado, o soldado gordo entrou e sentou-se na única cadeira existente. Os dois lanceiros postaram-se a cada lado da porta.

— Viemos a serviço de Deus — informou o intruso.

— Não diga! Aposto como, se eu desse um bom dinheiro, o mensageiro de Deus iria cantar em outra freguesia.

— Cuidado com a língua, mulher! Kate Dougherty, seu nome consta deste rol como viúva de Colin Dougherty.

— Viúva?! — exclamou Kate, dando um passo para trás.

— Foi o que ouviu. Viúva há três dias do assaltante enforcado Colin . Dougherty — informou o soldado, com maldade.

Lágrimas inundaram os olhos de Kate. Sabia que isso acabaria acontecendo, como a muitos outros que já tinham sido apanhados ao cruzarem o Shannon, mesmo assim ficava tristíssima. Colin fora um amigo dedicado e cumprira a palavra dada a Patrick de protegê-la. Sozinho, havia

construído o casebre e os móveis que ali estavam. Muitas vezes, arriscara a vida ao ajudá-la a contrabandear padres para fora de Connaught a fim de que levasse suas mensagens a Patrick.

— Ou será que não é?

— O quê? — perguntou Kate alarmada ao ver o soldado fitando-a com impaciência.

— Será mesmo a viúva de Dougherty?

— Não sei o que quer dizer com isso.

— Creio que sabe sim, Sra. Talbot! — afirmou o soldado, pondo-se em pé. — Apanhamos um padre. Não deixa de ser espantoso o que um homem conta quando tem os pés descalços metidos no óleo fervendo. Peguem-na!

Obedientes, os dois lanceiros a seguraram firmemente pelos braços e a arrastaram para fora do casebre enquanto ela gritava bem alto:

— Tenham piedade! Tenham piedade!

Com os olhos fixos no ponto onde o sapé se juntava à pedra, Kate esperava que as meninas entendessem o seu aviso.

CAPÍTULO XXXVII

JANEIRO DE 1652
BALLYLEE — IRLANDA

O coração de Maggie batia agitado enquanto ela percorria os aposentos de Ballylee. Aparentemente, eles não indicavam mudança alguma, porém existia uma diferença palpável. As tapeçarias nas paredes estavam tortas, os forros do chão das salas não eram trocados há muito tempo e o ar cheirava a bolor e umidade.

“Robert Hubbard pode ser o senhor de Ballylee”, ponderou ela, “mas não consegue fazer com que os serviçais cuidem dele”. Em todos os lugares havia sinais de negligência e Maggie sabia que essa era a maneira dos criados irlandeses dizerem ao novo dono do castelo que ele não passava de um intruso.

— Estou aqui — ele a chamou do antigo escritório de O’Higgin, cujas portas estavam abertas.

Maggie entrou e, na semi claridade, viu Robert sentado à ponta da escrivaninha.

— Sente-se — disse ele, apontando para uma cadeira de encosto alto. Obediente, ela se acomodou e, de maneira disfarçada, percorreu o olhar à volta. Ali, a negligência dos criados era bem mais evidente.

— Aceita vinho?

— Não, obrigada. Faz tanto tempo que não tomo que ele não atrai mais o meu paladar — respondeu ela.

Robert sacudiu os ombros com indiferença e levou o copo aos lábios.

Sob a capa grossa, o vestido e as várias anáguas que se habituara a usar a fim de se manter aquecida, Maggie começava a transpirar profundamente. Sua curiosidade por ser chamada de Ballylee tão repentinamente era tão grande que gostaria de exigir uma explicação imediata, porém seu orgulho a forçava a se manter calada.

— O meu homem Croft me disse que *lady* Shanna está passando bem — falou Robert.

— Ela melhora e piora a espaços intercalados — informou Maggie, e depois voltou a guardar silêncio.

Passado algum tempo, quando pensava não poder agüentar mais o ambiente constrangedor, viu-o erguer-se de mansinho e ficar à sua frente. A proximidade e a altura imponente provocaram-lhe um arrepio na espinha. Ao senti-lo tocar seu queixo com a ponta do indicador, afastou-lhe a mão com um tapa brusco.

— Sou-lhe ainda tão desprezível, Maggie O'Hara? — perguntou Robert com uma suavidade estranha.

Surpresa, ela o fitou com uma ponta de incerteza, antes de responder com sinceridade.

— Não é mais uma questão de desdém, nem mesmo de ódio. Eu... — Parou hesitante, à procura de palavras para expressar os sentimentos que não provocassem o sarcasmo de Robert. Desistiu da busca inútil e confessou relutante: — Tenho medo de você, Robert Hubbard.

Admirada, viu Robert encará-la com seriedade, sem a mais leve sombra de ironia. Ele a tomou pelas mãos e a fez levantar para chegar-se mais perto. Em silêncio, fitou-lhe o rosto, e numa descoberta repentina, conscientizou-se de que esta era a mulher que procurava há tanto tempo. Em vez de diminuir-lhe a beleza, o trabalho árduo dos últimos tempos a haviam intensificado. No lugar da mocinha que vira em Drogheda, ajoelhada ao lado do rapaz caído, era uma mulher que tinha agora à sua frente. Podia calcular, quase sentir, a paixão do seu corpo rivalizar-se com os cabelos chamejantes e as labaredas de desafio que os olhos verdes lançavam com tanta frequência.

— Será que, depois de todos estes meses, você acreditaria se eu lhe dissesse que é a única pessoa no mundo que não desejo que tenha medo de mim? — perguntou ele baixinho.

Sem saber por que, Maggie não foi capaz de responder. Fitou-lhe com o olhar firme e, como nas vezes anteriores, viu-se hipnotizada pelo dele. Contudo, nas profundezas dos olhos negros, vislumbrou algo diferente, um sinal verdadeiro de emoção, e isso a deixou nervosa.

Ao notar a sua inquietação, Robert soltou-lhe as mãos e virou-se um pouco de lado.

— Você e *lady* Shanna conversaram mais sobre a minha proposta, depois da última visita que fiz? — indagou ele,

— Conversamos, sim.

— E nada ficou resolvido?

— Não, nada.

— Por que é tão inflexível, Maggie O'Hara? — Robert quis saber ao pôr-se à sua frente. — Será que a vida comigo aqui em Ballylee seria

insuportável?

Havia uma tristeza estampada no rosto dele que, por alguma razão estranha, a comoveu. Por uns momentos, não teve coragem de falar.

“Não”, pensou amargurada, “a vida em Ballylee, não importava ao lado de quem, jamais seria intolerável. Também a sua bondade para comigo e Shanna nestes últimos meses não passou despercebida, mesmo assim, não confio em você. Sei que mudou, pelo menos em relação a mim, e talvez fosse melhor me tornar senhora deste castelo a continuar a vida rude de camponesa. Mas será que não percebe...”

— Será que não percebe, Robert Hubbard? — indagou ela, em tom de súplica. — Não pode compreender... — Parou, incapaz de completar o pensamento em voz alta.

“Como fazê-lo entender que a vida não teria sentido algum para mim sem Conor?”

Por um momento ainda o fitou e depois cobriu o rosto com as mãos, tomada por profundo desalento. Hubbard jamais a compreenderia. Isso seria impossível, já que ele desconhecia o verdadeiro amor.

Robert não lhe notou a angústia. Pela primeira vez na vida havia admirado, antes de Maggie esconder o rosto, a curva graciosa do pescoço de uma mulher, a beleza das faces e a linha dos lábios.

— Você é lindíssima! — murmurou ele, tirando-lhe as mãos do rosto e erguendo-o com a ponta do dedo sob o queixo.

Devagar, Robert curvou a cabeça e sua boca fechou-se na dela. Com as mãos em seus quadris, puxou-a até que a tivesse apertada de encontro ao corpo forte e rijo. Fazia tanto tempo que Maggie não sentia o calor de um homem e a suavidade insistente dos lábios que, por um instante, entregou-se a ele. O coração, a mente, o corpo todo, naquele momento fugaz, foram, inundados pela maré atordoante do desejo.

Uma imagem surgiu em sua lembrança, a de um rapaz de cabelos cor de ferrugem, revoltos pela brisa do mar, os lábios entreabertos num sorriso matreiro e os olhos azuis brilhando com expressão de malícia.

“Eu amo você, Maggie-o”, sussurrou uma voz no fundo de sua memória, “sempre amarei!”

Tensa, os lábios perderam toda a receptividade. Sentindo a mudança, Robert levantou a cabeça e a fitou com olhar perspicaz. Largou-a num movimento abrupto, deu um passo para trás e assumiu novamente o ar de indiferença.

— Vou mandar Croft buscar *lady* Shanna. De hoje em diante, ambas

ficarão em Ballylee — informou ele, ríspido.

— Shanna prefere morrer de frio e de fome a me forçar a ceder — replicou Maggie, com ar de desafio.

— Talvez *lady* Shanna não venha a ter nada com isso e a decisão seja só sua. Venha comigo.

Maggie teve praticamente de correr a fim de acompanhá-lo através dos imensos cômodos de Ballylee. Enquanto caminhavam, ele não parava de falar numa voz firme e clara.

— Tenho certeza de que recebeu informações através dos seus queridos padres, porém quero que saiba de tudo a respeito do filho de *lady* Shanna, Patrick Talbot. Ele se apossou de mais duas canhoneiras, de vinte peças cada uma, que acrescentou à sua frota de navios. Isso o transformou num inimigo, formidável. O número de navios ingleses que ele já mandou para o fundo do mar é embaraçoso. O mais preocupante é o fato de ele enviar somas vultuosíssimas ao jovem Charles, no exílio, a fim de ajudá-lo na tentativa fútil de reconquistar o trono. Em resumo, Patrick Talbot tornou-se um problema que chamou a atenção de Cromwell. A soma principesca de quinhentas mil libras foi oferecida pela captura dele, vivo, ou morto. — Fez uma pausa por um instante de depois acrescentou: — Acredito que seria preferível morto.

Após essa afirmativa, parou em frente a uma porta e virou-se para encará-la. Todos os vestígios de emoção que ela vislumbrava haviam desaparecido por completo.

— Penso que encontrei a maneira segura de forçar Patrick Talbot a se render — afirmou Robert com frieza. — Apenas você tem nas mãos o poder de impedir que ele seja enforcado, podendo terminar seus dias na Espanha.

Com um gesto brusco, Hubbard abriu a porta.

— Kate! — exclamou Maggie.

CAPÍTULO XXXVIII

MARÇO DE 1652
CHAILLOT — FRANÇA

A chegada de Conor e Elizabeth ao chalé onde Maura e Brian moravam foi rodeada de muita emotividade. Maura cativou a menina quase de imediato e agora passeava com ela pelas alamedas do jardim. Brian e Conor encontravam-se na pequena biblioteca da casa, conversando.

— Maura reconheceu logo a semelhança de ambos, não foi? — comentou Brian ao servi-los de conhaque.

— É verdade, ao passo que eu, não. Foi preciso que Elana me contasse. Eu tinha muitas preocupações na mente.

Brian estendeu-lhe o copo e, por algum tempo, os dois irmãos apenas se fitaram. Brian, Conor pensou, tinha ficado bem mais alto do que ele, embora não tão corpulento.

Enquanto se observavam em silêncio, o amor que os unira na infância fluiu de volta e pareceu apagar os muitos anos de separação.

— Você ficou um touro, como nosso pai — disse Brian, em tom de aprovação.

— E você é muito parecido com mamãe!

— Aos O'Hara! — brindou Brian com um sorriso.

— Aos O'Hara! — ecoou Conor. — Que os mortos descansem em paz.

— E os vivos tenham uma longa existência!

Beberam e sentaram-se na frente um do outro. Tantos anos haviam se passado e uma infinidade de coisas ocorrido desde o dia da separação que eles achavam difícil saber por onde começar a narrativa dos fatos mais importantes. Conor levou mais de uma hora para dar uma idéia geral ao irmão da derrota da Irlanda e falar sobre o que a sua vida tinha sido nesse tempo todo. Quando terminou, os olhos de Brian brilhavam, cheios de lágrimas.

— Deus do céu, irmão, eu me sinto tão culpado!

— Pois não deveria, Brian. Quem escolheu fugir do navio para não perder a guerra fui eu, certo?

Com um leve sorriso ao lembrar-se de como o irmão havia descido pela

corrente da âncora, Brian sacudiu a cabeça, num gesto meio relutante de quem concordava.

— Bem, pelo menos fui de alguma utilidade aqui na França — disse ele ao levantar-se e ir até uma escrivaninha.

Voltou para o lado do irmão com um maço de papéis que lhe entregou e que passou a explicar.

— Nosso pai foi um homem muito previdente. Tanto antes como durante a guerra enviou somas vultuosas de dinheiro para a França.

— É o que estou vendo — disse Conor, admirado. — Percebe ainda que você geriu nossas finanças muito bem.

— Obrigado. Você e eu podemos nos considerar homens ricos. Aliás, cada membro do clã O'Hara, vivo, receberá uma parte da fortuna. Essa é a notícia boa.

— Há uma ruim também?

— Infelizmente. Embora tenhamos mais do que o bastante, não poderemos comprar Ballylee.

— Então, eu o reconquistarei — afirmou Conor sorrindo.

— Não, Conor. Por mais que eu odeie admitir, acabou. Não existe mais a Irlanda para nós, acredite. Se Charles II voltar ao trono do pai, terá de pagá-lo com as terras irlandesas. Os ingleses que receberam propriedades distribuídas por Cromwell terão o direito de ficar com elas. Essa foi a única maneira encontrada por Charles de apaziguar os protestantes.

O rosto de Brian estava sombreado pela raiva. Cheio de amargura, ele prosseguiu:

— Ajudei Charles no exílio, especialmente na corte que possuía nos Países Baixos antes que assinasse aquele maldito acordo com os escoceses. Eles o persuadiram a voltar para a Inglaterra depois da morte do pai e a lutar pelo trono. Quando, depois de derrotado por Cromwell na batalha de Worcester, em 1651, voltou para a corte insignificante de sua mãe, na França, eu lhe prestei solidariedade. Patrick tem lhe dado somas vultosas a fim de auxiliá-lo.

Embora estranhasse a amargura na voz de Brian, Conor manteve-se em silêncio e o deixou desabafar.

— Eu e muitos outros achamos que a Commonwealth, a república de Cromwell, tem seus dias contados. O homem já fala em derrubar o Parlamento e se proclamar Lorde Protetor, o que o igualaria ao monarca que decapitou. Inteirado disso, procurei Charles e lhe supliquei alguma garantia de que nossos esforços não tinham sido em vão, e que, se ele voltasse para o trono,

Ballylee seria nosso.

— E o que, meu querido irmão, respondeu o Stuart? — indagou Conor, sabendo a resposta de antemão.

— Acredito que Charles tenha, realmente, se sentido envergonhado ao me negar o pedido.

— Que explicação lhe deu?

— Nenhuma. Depois de mandar todos se retirarem da sala e me pedir absoluto segredo, apenas me mostrou uma luva com o desenho do brasão do príncipe de Gales. Então, declarou que a preservação voluntária da vida de um homem por outro valia mais do que todo o dinheiro do reino.

Durante duas semanas, Conor ficou à espera de Patrick no chalé em Chaillot. O *Bonny Kate* e outros dois navios que sempre o acompanhavam eram esperados no porto de Rochelle para pequenos consertos, rearmamento e novas provisões.

Nesse período, ele descobriu muitas novidades não mencionadas por Brian. Talvez a mais importante fosse a existência de um barão austríaco de nome Eric Von Wahnfried e da irmã dele, Charlotte. Aliás não ouvira referência alguma ao barão até que ele mesmo aparecesse no chalé.

Os dois há muito tinham negócios e Von Wahnfried sentira-se cada vez mais cativo pela beleza, meiguice e simpatia de Maura. Já estavam sendo elaborados planos para um grande casamento num futuro próximo.

— Pelo amor de Deus, Conor, não tenha raiva de mim — Maura suplicou, depois de lhe contar sobre o noivado.

— Que bobagem! Você acha que eu ficaria bravo só porque o homem é austríaco e não irlandês?

— Isso mesmo e também estava com medo de que você achasse uma traição à memória de Donal.

— Não, Maura, de jeito nenhum — Conor garantiu-lhe ao passar o braço sobre seus ombros. — Você está sendo muito ajuizada. Não seria justo, e Donal concordaria com isso, que a mulher mais linda do clã O'Hara não desse filhos ao mundo para a alegria de todos nós.

Uns dois dias depois, Charlotte Von Wahnfried também chegou ao chalé e Conor surpreendeu-se ao verificar que Maura não era a única da família a ter se apaixonado.

— Foi uma ótima escolha, Brian. A moça é adorável. Acho que você será muito feliz ao lado dela. Existe apenas um senão.

— O quê? — perguntou Brian, apreensivo.

— A sua língua austríaca — Conor replicou, com o habitual sorriso brejeiro. — Ela jamais conseguirá adaptá-la ao nosso gaélico!

Nesse período de espera por Patrick, Conor também teve a oportunidade de conhecer a mãe de Charles II, a rainha Henrietta Maria, que o chamara para uma audiência.

Embora avisado por Brian, ele ficou chocado ao ser admitido na presença de uma criatura envelhecida, de aparecia desagradável e extremamente amargurada.

Quando Conor recebeu permissão para deixar a sala de audiências, sentia-se infeliz. Cromwell, pensou deprimido, executaria os católicos e, a rainha, os protestantes. Seria provável quê os poucos que escapassem ao massacre maciço fossem hereges que, imediatamente, tomariam partidos opostos e iniciariam o extermínio mútuo.

Mais alguns dias se passaram até que finalmente, Patrick apareceu montado num belo garanhão baio.

— Conor! — gritou ele ao ver o jovem vir ao seu encontro. — Pelo sangue de Cristo, rapaz, é mesmo verdade que esteja vivo!

Pulou do cavalo e os dois estreitaram-se num abraço.

— Homem de Deus! — exclamou Patrick, afastando-se um pouco para admirá-lo. — Eu não poderia mais enfrentá-lo com arma alguma!

Diante do primo, Conor sentia-se outra vez um menininho e o quanto podia ver, não havia grandes mudanças nele.

No interior do chalé, juntaram-se a Brian, conversaram, e beberam por algum tempo. Depois Conor levou Patrick até a janela e apontou para uma menininha linda, a quem Maura e Charlotte ensinavam a bordar.

— O nome dela é Elizabeth, Patrick. Sente-se que vou lhe contar tudo.

Quando Conor terminou a narrativa, Patrick tinha os olhos úmidos e pediu, com voz comovida:

— Brian, promete tomar conta dela até que eu possa levá-la comigo?

— Naturalmente — foi a resposta imediata e sincera.

— Obrigado. E agora, rapazes, é a minha vez de surpreendê-los.

De fato, Conor e Brian ficaram admirados e exultantes ao saberem que Shanna, Maggie e Kate estavam vivas em Ballylee e decepcionados quando Patrick lhes contou a mensagem recebida de Hubbard.

— Se eu render meus navios e suas tripulações, eu e Kate receberemos permissão para irmos para a Espanha em segurança — explicou Patrick.

— E caso se negue a se entregar? — Brian quis saber.

— Kate será mandada para Barbados.

Conor soltou uma exclamação de horror;

— Não, meu rapaz, não permitirei tal coisa. Graças a Deus, os ingleses não são os únicos mestres no jogo da trapaça!

CAPÍTULO XXXIX

ABRIL DE 1652
BALLYLEE — IRLANDA

A tensão à volta da mesa no grande salão de Ballylee era intensa. À cabeceira, sentava-se Robert Hubbard, que fitava um dos muitos convidados ingleses acomodados ao longo de ambos os lados. Todos eram senhores de propriedades e alguns tinham sido oficiais sob o comando dele. Por isso encontravam-se ali, a fim de assistirem ao casamento do ex-comandante com Maggie O'Hara, a ser realizado daí a dois dias.

Na outra extremidade da mesa, sentavam-se Maggie e Kate. Obrigadas contra a vontade a estarem presentes, observavam em silêncio e com desinteresse a cena que se desenrolava à sua frente. A tensão aumentou quando o anfitrião, sem desviar os olhos do jovem aristocrata inglês, levou a mão à espada.

O nome do convidado era Jonathan Conroy. Ex-capitão, possuía agora grande parte das terras de Claymore, ao norte de Ballylee. Todos tinham estado bebendo e Conroy com um certo exagero. Momentos antes, durante a conversa sobre o casamento, ele elevara a voz acima da dos outros a fim de expressar a opinião que tinha sobre os irlandeses em geral e a respeito da escolha de Hubbard para mulher em particular.

— Pela salvação de minha alma, Hubbard! — exclamara ele, em alto e bom som. — Com tantas irlandesas devassas por aí, que poderia levar para a cama quando bem entendesse, em nome de Deus, por que se casar com uma?

Um pesado silêncio envolvera o ambiente e o rosto de Hubbard sombreara-se de ódio enquanto ele se punha de pé e encarava o rosto ainda sorridente de Conroy.

— Lamento que seja um idiota maior do que imaginei, Conroy. Exijo que se levante e peça desculpas à senhora — disse ele, em voz clara e pausada.

— Pedir desculpas?! Eu, a uma irlandesa...

O ex-capitão parou antes de repetir a palavra ofensiva. Dez centímetros de aço surgiram acima da bainha de Hubbard.

— Você se desculpará, Conroy — insistiu ele, calmo — ou enfrentará a minha espada.

— Ficou louco? — o homem exclamou, incrédulo. — Naturalmente não pretende me desafiar por causa dela!

— Pretendo, sim — afirmou Hubbard, categórico.

Edward Tomlins levantou-se da mesa e pôs a mão no ombro dele.

— Conroy tem razão, Robert, não faz sentido lutar em duelo.

— Isso quem resolve sou eu.

— Além do mais, é ilegal.

— Eu represento a lei aqui — disse Hubbard, com frieza. — Conroy?

— Para o inferno se pedirei desculpas — replicou o outro ao levantar-se e desembainhar a espada.

— Então você é um homem morto!

O desinteresse de Maggie transformou-se em horror. Gostaria de deixar a sala, porém algo naquela cena a mantinha presa à cadeira. Como se fosse uma escrava, estava sendo usada como resgate através do casamento. Hubbard comprava sua mão com o poder que possuía de garantir anistia e exílio e afastar a morte. No entanto, agora mostrava-se disposto a enfrentar um duelo para defender sua honra. A não ser, pensou, que a preocupação fosse apenas com a honra dele.

O salão encheu-se com o ruído estridente do choque das espadas, assim que os dois homens se defrontaram. Em poucos minutos ficou claro que Hubbard era um mestre na arte de espadachim. Ele se movia com a graça e a leveza de um dançarino, os pés mal tocando o chão, forçando o oponente a recuar. Não era uma luta equilibrada, todos perceberam, inclusive Maggie.

Fitou o rosto de Hubbard e a expressão dele a deixou gelada. Um sorriso de escárnio curvava-lhe os lábios e os olhos negros brilhavam cruéis. Deu-se conta, então, de que o futuro marido desejava satisfazer a própria honra não apenas ferindo o adversário, mas matando-o também.

Ergueu-se com uma exclamação de horror, todavia sua voz perdeu-se entre os gritos emitidos por todos no salão. Hubbard acabava de cravar a espada no coração de Conroy.

— Quem é? — perguntou Maggie.

— Robert. Gostaria de lhe falar por um momento.

Ela atravessou o quarto e abriu a porta.

— Minhas profundas desculpas, Margaret, pela grosseria de meus convidados — disse ele ao entrar no aposento.

O medo que Maggie sentia por Robert, depois de constatar a maneira fria com que ele praticamente assassinara Conroy, tornou-se absoluto. A

desumanidade dele também não passara despercebida aos convidados. Um a um, dirigiram-se ao estábulo e partiram de Ballylee. O casamento se realizaria sem a presença deles.

— A sua atitude parece ter alienado seus amigos ingleses, do mesmo jeito com que você já se indispôs com os irlandeses — observou ela, desdenhosa.

— Pode ser, mas eu não me importo.

— *O que* lhe interessa, Robert Hubbard? — indagou, desejosa de resolver o enigma que esse homem representava.

Ele se aproximou tão depressa que Maggie não conseguiu se esquivar. Tomou-a nos braços e a apertou com força de encontro ao peito.

— Será que é cega, mulher? — perguntou, ríspido. — Eu a quero!

— Você mesmo disse que deseja apenas o meu *nome*! — gritou ela, numa luta inútil para se desvencilhar.

— No início era só isso, porém nestas últimas semanas passei a querer mais. Como não percebe, Maggie O'Hara? Nós seremos os O'Hara de Ballylee, em cujas veias corre o sangue dos príncipes gaélicos!

Atônita com o fervor da voz, ela ergueu o rosto e o fitou. Nos olhos negros teve a certeza de ver um laivo de loucura estranha.

— Você e eu formaremos um casal O'Hara ideal! — continuou Robert. — Administraremos Ballylee e teremos um herdeiro que o passará aos filhos, todos O'Hara!

— Por favor, me solte — implorou ela. — Você está me machucando.

Em resposta, ele a apertou mais.

— Maldição, eu a quero — afirmou em tom fervoroso —, mas não à força ou em troca de um favor. Será que não entende? Eu a desejo por inteiro.

— Nunca, desgraçado! Você pode comprar o meu corpo, porém jamais terá a minha alma!

Com um gemido rouco de ódio, Robert afastou-se um pouco e segurou-lhe a blusa pelo decote, que puxou com força.

A consternação e o horror foram tão grandes que Maggie não conseguiu gritar ou se mover. Contemplou os seios expostos, e, paralisada, viu-o rasgar-lhe o vestido todo e deixá-la completamente nua.

A transpiração pontilhava o rosto de Robert e os olhos negros brilhavam com selvageria enquanto admirava-lhe a perfeição do corpo.

— Você é a criatura mais linda deste mundo! — murmurou ele, rodeando-lhe a cintura com as mãos.

Inflexível, começou a empurrá-la em direção à cama e Maggie, em

pânico, voltou a reagir. Com os punhos cerrados, esmurrou-o no peito e no rosto, porém de nada adiantou. Recorreu então às unhas e arranhou-o o mais que pôde, chegando a tirar-lhe sangue.

Como se nada sentisse, Robert a levou até a cama, onde a deitou e a prendeu sob seu peso superior.

Vencida pela exaustão, Maggie desistiu da luta inútil.

— Ai, meu Deus, *por quê!* Que loucura é essa que se apodera de você?

Robert a fitou. Seus olhos pareceram levar algum tempo para focalizá-la.

— Você significa muito! É parte integrante do que nos rodeia — murmurou ele, com um gesto curvo do braço em direção às paredes e ao teto. — ao possuí-la, estará tudo completo.

— Então aposse-se de mim — replicou ela, furiosa. — Fique com a concha, Robert Hubbard, porque é só o que terá!

Maggie fechou os olhos e ficou à espera. Percebeu que ele ficava tenso e, logo depois, se levantava. Foi com um alívio imenso que ouviu a porta do quarto abrir e fechar e o som de passos se afastando pelo corredor.

“Afinal, não faz diferença”, pensou, angustiada, “apenas o inevitável foi adiado”.

Por algum tempo continuou deitada; imóvel e com os olhos fechados. Então ouviu os passos dele outra vez e o barulho da porta. Abriu os olhos e viu Robert ao lado da cama, com um grosso volume encadernado a couro entre as mãos.

Sem dizer nada, ele o colocou na mesinha de cabeceira e deixou o quarto novamente.

Várias horas depois, com o volume encadernado a couro, Maggie entrou de mansinho no quarto de Shanna e sentou-se na beirada da cama. A velha senhora dormia, contudo abriu logo os olhos ao sentir o movimento no colchão.

— Shanna, por que não me contou tudo? — perguntou Maggie, com voz delicada.

— Contou o quê? — a outra quis saber, sentando-se.

— Já sei quem Robert Hubbard é — explicou Maggie, ao mesmo tempo em que lhe entregava o diário.

Shanna começou a folheá-lo devagar. Cada página provocava ou um sorriso, ou uma lágrima ou um comentário.

— Brenna querida — murmurou a certa altura. — Era uma criatura tão meiga e boa. Custa a acreditar que ela e meu irmão Rory possam ter gerado tal demônio.

Depois de algum tempo, fechou o livro com um suspiro.

— Deus meu, parece que revivi nossas existências inteiras outra vez.

— Com frequência, perto de Robert, senti algo curioso, como se o conhecesse há muito tempo — confessou Maggie. — Agora sei o que era. De fato, ele lembra o pai.

— Tem razão — concordou Shanna.

— Por que não me contou antes? — insistiu Maggie. Shanna tomou-lhe a mão e apertou-a carinhosamente.

— Ele é um homem dividido e atormentado. Temo que não conheça o amor e nem venha a experimentá-lo. Contudo, ele e eu temos uma coisa em comum: o amor por Ballylee.

A voz era triste e os olhos que fitavam Maggie estavam cheios de lágrimas. Após uma pausa, ela prosseguiu baixinho:

— Eu tinha medo de que, ciente de meus sentimentos por estas terras e da necessidade de sempre existir um O'Hara sobre elas, você cedesse ao saber que ele também pertencia ao clã. Afinal, não ignoro o seu grande amor por Conor.

Mais uma vez Shanna parou e conteve um soluço, antes de prosseguir, quase num murmúrio:

— Mesmo agora, estou perdida. Tenho medo de que a nossa família e seu nome sejam apagados. Conor foi embora e Brian jamais poderá voltar. Quero que me perdoe, Maggie, mas, bem no fundo do coração, eu cheguei a desejar que esse casamento se realizasse porque você é a única O'Hara com futuro certo em Ballylee.

Maggie inclinou-se e beijou-a nas faces úmidas de lágrimas. Em silêncio, deixou o quarto sentindo-se completamente vazia por dentro. Sabia que teria de se casar com Robert Hubbard, não só por causa da felicidade futura de Kate e Patrick, como também pela de Shanna.

— Ótimo, rapaz, você está um noivo muito elegante — exclamou Patrick, com um riso alegre.

Conor sacudiu a cabeça e olhou para as roupas. Vestia gibão azul-claro com o emblema dos O'Hara, calções da mesma cor, uma meia-capta dourada presa aos ombros e botas espanholas de couro preto brilhante e cano alto.

— Noivo! É difícil de acreditar!

Ex-soldados e camponeses haviam enchido a cabana na floresta para receber The O'Hara. Agora, juntos com a tripulação dos navios de Patrick, erguiam canecas de bebida em brindes alvoroçados na direção de

Conor.

Comovido, ele fitou os compatriotas irlandeses que lhe sorriam e lembrou-se das palavras do pai.

— “Cuide dos seus, meu rapaz, porque, um dia, eles cuidarão de você.”

Esse dia chegara e Conor dava-se conta de que a profecia do pai se realizava. Uma semana antes, ele e Patrick, vestidos com calções maltrapilhos e camisas de camponeses, calçando borzeguins, haviam desembarcado, às escondidas e à noite, ao norte de Ballylee.

Durante meses, Patrick planejava uma incursão saída da antiga cabana nas montanhas, onde morara por algum tempo. Ele conhecia os camponeses sem quem podia confiar e que ainda se mantinham fiéis ao clã. Tinham recebido a notícia do casamento iminente e forçado de Maggie com Robert Hubbard logo após a chegada. Fora de si, Conor queria ir ao castelo sozinho e libertar a moça. Foi preciso um grande esforço de Patrick para acalmá-lo e convencê-lo a esperar.

— Não, primo, isso seria suicídio. Esse casamento me proporciona um novo plano para entrar em Ballylee, melhor do que o anterior.

Depois de arrancar a promessa de Conor de manter paciência, ele explicou o que iriam fazer:

— Entraremos no castelo pelos portais abertos, como criados e cavaleiros para os festejos do casamento. Com sorte, conseguiremos sobrepujar os homens de Hubbard na proporção de vinte para um. Na hora da cerimônia, já estarão desarmados e presos por correntes na torre sul. Aí é que chega a sua vez, Conor — informou Patrick, com ar malicioso.

— Não estou entendendo — confessou Conor, perplexo.

— Ora, primo, esse tal Hubbard providenciou todos os quesitos para um casamento. Só nos falta descobrir um padre. Seria um desperdício não aproveitar tudo.

Num vestido vaporoso de seda e renda bancas, Maggie sabia ser uma noiva linda, embora odiasse o noivo. Mesmo assim, encontrava-se determinada a enfrentar com dignidade a cerimônia ridícula que Hubbard providenciara. Sob o véu de renda, seus olhos estavam secos, pois não lhe restavam mais lágrimas. A batalha terminara, e com ela a sua vida. Forçara o coração e a mente a aceitarem o fato de que nunca mais veria Conor e que, portanto, seria melhor esquecer as recordações e enfrentar o futuro com resignação e indiferença.

Na manhã seguinte, Patrick chegaria à baía, na costa sul de Ballylee, e

entregaria os navios a Robert Hubbard. Ele e Kate teriam de ir para a Espanha, mas estariam juntos e felizes. Daí a pouco, ela se casaria com um homem, também um O'Hara em parte, deixando Shanna contente e aliviada. E quanto a ela mesma? Seria senhora de Ballylee, nem triste, nem feliz.

— Você está bem, Maggie?

As palavras de Kate interromperam-lhe o pensamento e Maggie se deu conta de que parara no penúltimo degrau da escadaria.

— Estou, sim. Vamos acabar logo com isso.

Ombros erguidos, ela desceu o degrau e encaminhou-se para o arco de entrada do grande salão. Atravessou-o em direção ao outro extremo, mantendo os olhos baixos, e levou um susto ao chegar à pequena plataforma improvisada. Havia um padre católico ali.

“Não”, protestou mentalmente, “Isso eu não aceito! Um casamento protestante, sim, mas não um católico. Jamais me casarei com Robert Hubbard perante as leis de minha igreja!”

Virou-se bruscamente para o local onde Robert deveria estar e quase desmaiou. No lugar dele, encontrava-se um jovem de cabelos cor de cobre, olhos azuis maliciosos e sorriso brejeiro.

— Maggie-o, você é a noiva mais linda que já houve!

— Conor?! O que...

As emoções tumultuadas que a envolveram a impediram de continuar. Sentiu as pernas trêmulas e cambaleou de encontro a Conor, que a amparou depressa. Levantou-lhe o véu e a beijou nos lábios.

Tão poderosa foi a alegria despertada em seu âmago que Maggie pensou estar sonhando. Afinal, depois de tanto sofrimento, essa felicidade não podia ser real.

— Conor, ai Conor — murmurou, entre soluços de puro êxtase.

— Maggie-o, tive de cruzar um oceano para vir buscá-la. Eu amo você, Maggie-o!

— Eu também amo você, meu amor, muitíssimo! Mas como...

— Nós tomamos o castelo — explicou ele, com o habitual sorriso despreocupado. — Não foi tão difícil como esperávamos. Hubbard não conta com muito amigos, nem mesmo entre os compatriotas, a julgar pela ausência de convidados e dos guardas deles. Os próprios homens de Hubbard, ao constatarem o nosso número, não ofereceram resistência. Estão todos presos na torre sul e bem vigiados. Todavia, isso não pode durar muito tempo. Vamos, Maggie-o, o casamento nos espera.

Robert Hubbard encontrava-se no alto da torre, com a capa ondulada pela brisa leve. No parapeito à sua frente, havia uma garrafa de cristal com conhaque e um copo mal cheio.

Ele o levou aos lábios e depois dirigiu o olhar para o oceano, onde três veleiros desapareciam na linha do horizonte. Quando não conseguia mais vê-los, apanhou a garrafa e o copo e caminhou até o lado da torre que dava para a terra. Na distância, sobre as colinas além da charneca, vislumbrou as carroças e os cavalos que deixavam Ballylee.

Ainda com a garrafa e o copo nas mãos, entrou no castelo e desceu as escadas de pedra da torre. Percorreu, então, corredores e salas desertos e imersos no mais profundo silêncio, exceto pelo ecoar de seus passos.

Havia dado ordem para seus guardas se retirarem, pois não vira razão alguma para detê-los ali. Não existia nem mais uma única criatura contra a qual eles precisassem defendê-lo. Todos tinham ido embora. Esse fora o preço exigido por The O'Hara por sua vida e pela de seus homens. Os irlandeses a serviço de Ballylee teriam o direito à escolha de permanecerem ali ou de partirem com seus pertences. Ninguém quisera ficar.

Finalmente, Robert chegou ao grande salão, onde ainda crepitava o fogo aceso na imensa lareira para o casamento. Acomodou-se numa cadeira em frente a ele, esticou as pernas e ergueu os olhos para o brasão verde e dourado dos O'Hara. Passou um longo tempo observando-o e bebendo. Já escurecia quando ouviu passos leves aproximando-se.

Shanna, com um grosso xale nos ombros frágeis, apareceu a sua frente e o fitou em silêncio.

— Eu poderia mandar enforcá-la por tê-los ajudado, minha velha senhora — disse ele.

— É verdade — concordou ela, calma —, mas não o faria, tenho certeza.

— Todos foram embora, criados e arrendatários.

— Eu sei.

— Os idiotas devem ignorar que não existe um lugar para irem, além de Connaught e Clare, e que estariam bem melhor em Ballylee — Robert comentou e riu sarcástico.

— A escolha foi deles.

— De fato, mas não de se arrepender.

— É bem provável — concordou Shanna.

Robert sorveu um gole de conhaque e depois comentou:

— Não ficou nem um irlandês.

— Só nós dois. Somos os últimos O'Hara em Ballylee.

— Pensei que tivesse ido com a sua família. Por que ficou? Eu não entendo.

— Tinha que ficar. Este é o meu lar — Shanna replicou ao mesmo tempo em que se sentava ao lado dele. — Eu o compartilharei com você.

Os quatro irlandeses formavam um grupo de aspecto melancólico e solene. Do tombadilho do navio, contemplavam silentes a costa verde da Irlanda e a silhueta do castelo de Ballylee sumindo na distância. Os únicos ruídos resumiam-se no bater das águas no casco do navio, o grito ocasional de uma gaivota e as vozes abafadas da tripulação de Patrick.

O silêncio foi quebrado pelos soluços de Maggie, que desviou o olhar da terra e encostou a cabeça no peito de Conor.

— Não chore, Maggie-o. Brian tem razão, não existe mais a Irlanda para nós — consolou-a Conor.

— Não é tanto a Irlanda que sinto deixar, mas Ballylee — declarou Maggie.

— Eu sei, porém isso também nos foi tirado. Você gostaria de que nossos filhos crescessem na pobreza, como arrendatários dos ingleses? Admitiria que eles, um dia, fossem escavadores de carvão, como resultado de nossa permanência em Ballylee? — indagou ele, com uma nota de amargura na voz.

— Não, de modo algum, e você sabe disso! — Maggie protestou, a indignação mais forte do que a tristeza.

— Eu também não, embora a perspectiva de morar na França não me anime muito. O lugar não me atrai — Conor confessou, satisfeito de ver a mulher reagir à depressão.

— A mim também não — Patrick aparteou. Pôs a mão no ombro do primo. — O que me diz, Conor, do Novo Mundo? Talvez Virgínia ou Carolinas. Poderemos construir um outro Ballylee. Que acha da idéia.

— O Novo Mundo e uma nova vida — murmurou Kate, com os olhos cheios de lágrimas perdidos na terra que recuava.

Esperava que, em algum lugar daquela ilha conturbada, o irmão Timothy e a esposa Cathy continuassem vivos. Jurava voltar um dia para procurá-los e conduzi-los a uma vida melhor.

— Um novo Ballylee — murmurou Conor, e olhou para Maggie. — O que você me diz?

— Que eu o amo e o amarei sempre, onde quer que estivermos, Conor O'Hara.

— E você, Kate? — Patrick quis saber, consciente de sua preocupação

com Timothy.

— Está tudo bem — concordou ela, desviando por fim o olhar da terra e aconchegando-se entre os braços do marido. — Já não existe mais nada para nós na Irlanda.

— Senhor?

Patrick virou-se para o marinheiro que o procurava.

— O que foi?

— Sua mãe, senhor.

— O que aconteceu a ela? — Patrick indagou, preocupado.

— Não está no camarote ou em lugar algum do navio.

Os quatro volveram o olhar para a terra, as torres e balaustradas de Ballylee, que se dissolviam no horizonte.

— Eu deveria saber que ela jamais partiria — disse Patrick, com um suspiro.

Maggie apertou a mão de Conor e murmurou:

— Haverá sempre um O'Hara em Ballylee!



Próximo lançamento:

Clássicos da Literatura Romântica

A ROSA DO ÁRTICO

Claire Harrison

Momentos mágicos para conhecer o amor...

O pequeno avião partiu-se em dois e mergulhou no lago. Guy e Rebeca, únicos sobreviventes, sentiram que a fatalidade fora apenas adiada. Quem os encontraria na floresta de pinheiros do Canadá? Quem os livraria de um destino trágico em meio a uma natureza bela, mas hostil?

Dias e noites de medo, pesadelos, fome.. Desejos camuflados emergindo à flor da pele.

Como saber o instante sublime em que se deu o despertar violento da paixão?

Condenados à solidão do Ártico, entregaram-se um ao outro numa escalada delirante de volúpia, para esquecer o sofrimento e celebrar a vida. Se a salvação chegasse, que futuro aguardaria aquele sentimento poderoso, nascido na adversidade?